UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

RODRIGO ACCIOLI ALMEIDA

**Entre muretas e *matches*: disputas e narrativas
hegemônicas na produção simbólica da paisagem
através do Santos FC**

São Paulo

2021

Rodrigo Accioli Almeida

Entre muretas e *matches*: disputas e narrativas hegemônicas na produção simbólica da paisagem através do Santos FC

Dissertação para obtenção do título de mestrado pelo
Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do
Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Filippe
Valverde

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A447e Almeida, Rodrigo Accioli
Entre muretas e matches: disputas e narrativas
hegemônicas na produção simbólica da paisagem através
do Santos FC / Rodrigo Accioli Almeida; orientador
Rodrigo Ramos Hospodar Filipe Valverde - São Paulo,
2021.
219 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Geografia. Área de
concentração: Geografia Humana.

1. Paisagem. 2. Formação Socioespacial . 3. Santos
FC. 4. Futebol. 5. Santos (SP) . I. Valverde, Rodrigo
Ramos Hospodar Filipe, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): ___Rodrigo Accioli Almeida_____

Data da defesa: _11_/_01_/_2021___

Nome do Prof. (a) orientador (a): ___Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde___

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, _10___/_03___/_2021_____

(Assinatura do (a) orientador (a))

Banca Examinadora

Prof. (a) Dr. (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. (a) Dr. (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. (a) Dr. (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicado a meu avô Milton Luiz Appezzato,
que viu o início dessa empreitada
e nos alenta, embora de longe, nesse momento final.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a meu pai Evaristo por todo o amparo, ajuda e conselhos desde o lançamento do projeto passando por todas as alegrias, incertezas e pequenos infortúnios que ocorreram durante todo o processo. Da mesma forma, é impossível aqui esquecer todo o suporte e ajuda dado por minha família, especialmente minha avó Floripes, minha madrinha Edna, meus tios Diogo, Zezinho, minha tia Maria e meus primos Matheus, Sarah e Maria Rita durante o período no qual eu não tive qualquer auxílio financeiro à pesquisa e tinha meu avô para cuidar também. Agradeço também a todos os meus familiares pelas palavras de incentivo, pelo carinho, amor e acolhimento, sendo aqui impossível dizer o nome de todos, mas que se sintam representados nos sobrenomes dos Almeida, Accioli e Prates. Envio a partir dessas palavras também um abraço ao meu avô Floristo e aos meus tios Valdenito e Carlinhos, por me darem suporte no alento ao alvinegro praiano.

Não há palavras para descrever o apoio de meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Valverde. Guardo com carinho toda a compreensão, conselhos e ajuda em todas as fases desse estudo. Há muito trabalho e esforço dele em tudo o que aprendi durante essa caminhada e por conta disso serei eternamente grato. Agradeço também a todos os professores do Departamento de Geografia da FFLCH-USP pelas aulas e eventos, fundamentais no meu desenvolvimento como pesquisador desde os tempos de graduação. Registro aqui meus muito sinceros agradecimentos ao LABOPLAN-USP – Laboratório de Geografia Política, Planejamento Ambiental e Territorial, especialmente Aninha, pela acolhida e por ser um pedaço de casa dentro da universidade; e ao LUDENS-USP – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas, por todas as portas abertas nessa área de pesquisa, especialmente a Willian e ao Prof. Flávio de Campos.

Agradeço a Sarah Lima por todo apoio, conversas, amizade, carinho e suporte, especialmente durante o trabalho de campo, que não teria ocorrido sem sua ajuda providencial. Muitas vezes, precisamos de apoio para além daquilo que iremos ler ou escrever e nisso ela tem sido a melhor pessoa do mundo. Agradeço também a Bruno Cândido por toda a revisão, parceria e pela confecção dos três mapas apresentados nessa dissertação. A sua contribuição foi primordial e tornou o trabalho melhor. Outras contribuições formidáveis nessa caminhada foram dos grandes amigos Gabriel Bom, responsável por muitos auxílios

sobre Santos, e André SAP, parceiro com quem muito “cornetei” e refleti sobre o Santos FC. Agradecimentos também aos parceiros de laboratório Lúcio Cerri, Pedro Mesgravis, Bianca Almeida, Wagner Nabarro, Wemerson Pereira, dentre tantos outros queridos colegas e amigos do cotidiano pré-pandêmico por toda a ajuda e companheirismo.

Agradeço aos amigos de sempre Caio Ardenghe, Doni Silva, Leon Rios, Marcus Ecclissi, Júlio César, Aléf Rodrigues, Thiago Rodrigues da talvez melhor mesa redonda de futebol do Whatsapp. A Witalo Penaforte, que desfilava comigo nas canchas do longínquo Ensino Fundamental II, a minha maninha Melissa Guzella e ao seu companheiro Celso, assim como Mari Menezes, Maristela Aiko, Bruna Lidiane, Bruna Toni, Felipe Guaré, Felipe Mireu, Filipe Maciel, Flaviston Pires, Gullit Torres, Igor Martins, Juliana Leal, Juliana Zanezi, Henrique Gil, Lara Luccas, Leonardo Cardeal, Marcos Takeishi, Renan Guedes e Vinicius Conrado. Aos companheiros de grupo de estudos, obrigado por todas as conversas e companheirismo: Alessandro Fagundes, Bianca Bortolin e Leandro Santos. Assim como, muito obrigado a todos os amigos e amigas que acompanharam a gente em todo esse tempo e os camaradas que há pouco chegaram. Vocês me deram muito. De verdade.

Tenho que agradecer também a todos os meus colegas e alunos, pois a prática de lecionar sempre me lembra das inúmeras formas de aprender e de como o conhecimento não é propriedade privada e deve ser compartilhado entre todos. Meu muito obrigado também a todos os que comigo somam no dia-a-dia, seja em um auxílio, um trabalho em parceria, uma conversa, um café. Todo momento conta e a pesquisa as vezes precisa desses momentos para caminhar. Agradeço também a João, Jeferson, Aline, Gabriele, Eloiza e a todos os funcionários e crianças da Tenda di Cristo.

Agradeço muito a Guilherme Nascimento e aos membros da ASSOPHIS – Associação de Pesquisadores e Historiadores do Santos FC pelo suporte quando necessitado. O trabalho também tem um pouco do esforço individual de vocês no amor e carinho com o nosso Peixe. Assim como, agradeço a Vila Iza, meu primeiro lar em Carapicuíba-SP, onde entendi o poder, as delícias e a magia que um escudo de futebol devidamente atrelado ao peito pode trazer. Agradeço ao Santos FC e ao futebol, pois essa pesquisa não seria possível sem a paixão louca que esse esporte é capaz de proporcionar e por todos esses anos vivendo sob seu Sol e suas sombras.

Por fim, agradeço ao povo trabalhador do Brasil e da América Latina, pois é a força da nossa classe que cria as condições materiais de uma sociedade melhor.

“Você já entrou, alguma vez, em um estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo, e escute. Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém.”

Eduardo Galeano – Futebol ao Sol e à sombra

RESUMO

ALMEIDA, Rodrigo. **Entre muretas e matches: a produção simbólica da paisagem através do Santos FC**. 2020. 219f. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

O estádio de futebol é um lugar de grande relevância cultural, sendo seu entorno ser local de socialização e de alteridade entre distintos grupos de torcedores. Dentro da Geografia, podemos dizer que o estádio de futebol é um local capaz de evocar memórias afetivas e criar topofilia aos torcedores cujas experiências de espetação se dão ali. *Locus* de ritualizações, de sociabilidade e de alteridade, o entorno do estádio tem uma paisagem que é produzida. Nessa paisagem produzida, estão expressos símbolos materiais e símbolos imateriais, discursos e narrativas, que são de domínio da elite econômica. Assim, a hegemonia da produção simbólica da paisagem é dada pelos agentes com maiores recursos financeiros e influência política naquele lugar, apontando que os meios de produção simbólicos estão com quem detém os meios de produção das mercadorias. Esse trabalho visa elucidar o processo de produção simbólico hegemônico que utiliza o Santos FC para ser expresso. Para tal, através dos preceitos da Nova Geografia Cultural, analisamos o sistema de símbolos para além do entorno do estádio Urbano Caldeira, a “Vila Belmiro”, abarcando toda a cidade de Santos-SP. Em boa medida, o trabalho entende o Santos FC e seu estádio como símbolos dentro de um sistema maior, metonímico, cuja extensão abarca toda a área urbana de seu município sede, com intencionalidades relacionadas à formação identitária do morador à cidade. De forma a investigar qual o negativo do discurso hegemônico, é apresentada na dissertação a formação socioespacial da cidade, visando elencar episódios e personagens históricos capazes de apontar outras narrativas, assim como o embasamento ao discurso elitista. Por conta do contingente de torcedores maior em São Paulo, o trabalho também analisa as dificuldades de deslocamento da paisagem por parte da torcida do Santos FC na capital, suas territorialidades intermitentes, espaços de sociabilidade e encontros em meio a uma realidade distinta à vivenciada na cidade litorânea. Por fim, o trabalho também faz uma defesa do futebol como objeto de estudo da Geografia dada a sua relevância no cotidiano da população de Santos e de qualquer outro município brasileiro onde haja duas metas, um campo e uma bola.

Palavras-chave: Paisagem, Formação Socioespacial, Produção Simbólica, Lugar, Futebol, Santos FC.

ABSTRACT

ALMEIDA, Rodrigo. **Among small walls and matches: disputes and hegemonic narratives in the landscape symbolic production through Santos FC.** 2019. 229 sheets. Dissertation for the master's degree in Human Geography title acquisition at the Human Geography Post-Graduation Programme of the Department of Geography of the Faculty of Philosophy, Letters and Social Sciences of the University of Sao Paulo, 2021.

The football stadium is a place which a great cultural relevance, besides of its surroundings as a place of socialization and otherness among different football fans' groups. Thinking about Geography, it's possible to say that football stadium is a place capable to evoke affective memories and make some topophilia for football fans whose attendance experiences happen in this place. *Locus* of ritualizations, sociability and otherness, the football stadium surroundings have got a landscape that has been produced. At this produced landscape are expressed material and immaterial symbols, speeches and narratives, which are economical elites' domain. Thus, the hegemonic symbolic production of the landscape is given by highly finance resources and political influence groups, pointing that the means of symbolic production are with means of goods' production owners. This work means to elucidate the hegemonic symbolic production process that uses Santos FC to be expressed. For that, through the New Cultural Geography precepts, this dissertation means to analyze the symbol system apart from Urbano Caldeira stadium – 'Vila Belmiro' - surroundings covering all the city of Santos-SP. To a large exchange, this work studies Santos and its stadium as symbols inside a greater system, metonymic, which extension covers all the urban area of its municipality with intentionalities related to the resident's identity formation with the city. In way to investigate the hegemonic negative speech, it's presented here the city's sociospatial formation, aiming to list historical characters and episodes capable to show different narratives so as the elite speech background. Due the greater football fans' numbers in Sao Paulo, this text analyzes all difficulties in landscape shifting by Santos FC fans in the capital city, their intermittent territorialities, sociability and meeting spaces in the middle of a distinct reality than the coastal city lived one. Finally, this work defends football as Geography study's object by its Santos' population daily relevance as any other Brazilian city with two goalposts and a ball.

Keywords: Landscape, Sociospatial Formation, Symbolic Production, Place, Football, Santos FC.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 . SANTOS – Imagem de satélite com os limites municipais de Santos e a escarpa separando a Baixada Santista da RMSP	55
Figura 2. SANTOS - Vista ao Porto de Santos e à escarpa da Serra do Mar a partir do Monte Serrat.....	55
Figura 3. SANTOS: Maciço de Santos visto da Vila Belmiro.	56
Figura 4. SANTOS - Vista do Monte Serrat e do Centro de Santos a partir do Estuário.....	56
Figura 5. SANTOS – Imagem aérea da Ilha de São Vicente a partir do Estuário de Santos em posição SE-NE.....	57
Figura 6. SANTOS – Terraços sedimentares a partir do Monte Serrat sentido N-S	57
Figura 7. SANTOS – Uso do solo	76
Figura 8. SANTOS – Renda salarial familiar por bairro	77
Figura 9. BAIXADA SANTISTA – Empregos totais na RMBS	78
Figura 10. SANTOS – Visão da orla a partir da Ponta da Praia.....	96
Figura 11. SANTOS – Visão da orla a partir do Quebra Mar.	96
Figura 12. SANTOS – A paisagem da Zona Noroeste.....	97
Figura 13. SANTOS – Prédio da Alfândega da Receita Federal no Porto de Santos.	97
Figura 14. SANTOS – Cais do Porto de Santos – Próximo ao embarque de passageiros da DERSA (Departamento de Estradas e Rodagem do Estado de S. Paulo).	98
Figura 15. SANTOS – Rua Xavier Silveira, principal via de circulação do Porto de Santos. Ao lado, modal ferroviário pertencente ao Grupo COSAN.	98
Figura 16. SANTOS – Rua Xavier Silveira e os trilhos do bonde	99
Figura 17. SANTOS – Mosaico de obras artísticas referente às muretas no Jardim da Orla.	100
Figura 18. SANTOS – Compilados de usos distintos do símbolo “mureta”	101
Figura 19. Santos - Vestiário da Vila Belmiro com camiseta de jogo do Santos apresentando uma homenagem à cidade	102
Figura 20. SANTOS – Embalagem de marca local de papel sulfite A4	102
Figura 21. SANTOS – Cercado da área de recreação infantil no Quebra-Mar.	103
Figura 22. SANTOS – Escola de surfe municipal.....	103
Figura 23. SANTOS – Mosaico de fotos de diferentes formas do uso do poder público da mureta	104
Figura 24. SANTOS – Mosaico de fotos – Mureta no Canal 3, na Praça Mauá no ponto de ônibus e no chão e como decoração no Morro Nova Sintra.....	105
Figura 25. SANTOS – Mureta como souvenir em loja na Avenida Ana Costa.....	106
Figura 26. SANTOS – Mureta original na Ponta da Praia, com vista para o Estuário e à Ilha de Santo Amaro.....	106
Figura 27. SANTOS – Visão lateral da estátua em homenagem a Cristóvão Colombo	107
Figura 28. SANTOS – Foto da estátua do “pescador” caiçara.....	107
Figura 29. SANTOS – Padre Anchieta, em primeiro plano, pregando a uma onça e a um índio, ambos em segundo plano.....	108
Figura 30. SANTOS – Bonde turístico no Centro da cidade.....	108
Figura 31. SANTOS – Monumento na Praça da República em homenagem a abertura da Santa Casa de Santos.....	109
Figura 32. SANTOS – Vitral do Museu do Café	110

Figura 33. SANTOS – Santos Dumont e Jesus Cristo	111
Figura 34. Santos - Monumento ao imigrante japonês.....	111
Figura 35. SANTOS – Escultura de Tomie Ohtake	112
Figura 36. SANTOS – Setores e ruas ao redor da Vila Belmiro	145
Figura 37. SANTOS – Estátua da camisa de Pelé.....	145
Figura 38. SANTOS – Estátua do Peixe na Via Anchieta (SP-150)	146
Figura 39. SANTOS – Estátua de Pelé de frente a padaria “A Santista”	146
Figura 40. SANTOS – Padaria “A Santista”	147
Figura 41. SANTOS – Barraca de praia do Santos FC	147
Figura 42. SANTOS – Bandeira em barraca de praia	148
Figura 43. SANTOS – Loja oficial do Museu Pelé.....	148
Figura 44. SANTOS – Muro grafitado com o símbolo do Santos e a sigla da Sangue Jovem.....	149
Figura 45. SANTOS – Grafite na Caneleira com o símbolo da Sangue Jovem.....	149
Figura 46. SANTOS – Jovino’s Restaurante, Zona Noroeste	150
Figura 47. SANTOS – Sub-sede Baixada da Torcida Jovem do Santos FC	150
Figura 48. SANTOS – Moradora de frente ao portão principal da Vila Belmiro	151
Figura 49. SANTOS – Ritualizações no momento da passagem do ônibus da equipe	151
Figura 50. SANTOS – Faixa em frente à residência	152
Figura 51. SANTOS – A sociabilidade no entorno do estádio.....	152
Figura 52. SANTOS – A sociabilidade no entorno do estádio (2).....	153
Figura 53. SANTOS – Estátua de Zito	153
Figura 56. SANTOS – A Vila e as cercas	155
Figura 57. SANTOS – Cavalaria da PMESP no entorno da Vila.....	156
Figura 58. SANTOS – Projeto de renovação da Vila Belmiro.....	190
Figura 59. SANTOS – Fachada da Rua Princesa Isabel do projeto de reconstrução da Vila Belmiro	190
Figura 60. SANTOS – Dia da votação do impeachment: fachada da Rua Princesa Isabel....	191
Figura 61. SANTOS – Faixa da oposição (1).....	191
Figura 62. SANTOS – Faixa da oposição (2).....	192
Figura 63. SANTOS – Torcedores da oposição concentrados no Bar da Social durante a apuração do impeachment.	192
Figura 64. SANTOS – Torcedores da situação concentrados na Confraria do Alemão durante a apuração do impeachment.	193
Figura 65. SANTOS – Seguranças do clube e da oposição na Rua Princesa Isabel durante a primeira assembléia de impedimento de José Carlos Peres	193
Figura 66. SANTOS – “Santinho” do candidato a deputado estadual Augusto Duarte (PSDB)	194
Figura 67. SÃO PAULO – Bandeiras de torcedores da Zona Sul durante aniversário do clube no Estádio do Pacaembu.....	194
Figura 68. SÃO PAULO – Placa em homenagem a todos os gols marcados por Pelé no estádio	195
Figura 69. SÃO PAULO – Exposição da Embaixada do Santos na capital e da ASSOPHIS.....	195
Figura 70. SÃO PAULO – Única propaganda de clube em frente ao estádio do Pacaembu.....	196
Figura 71. SÃO PAULO – Bandeira da Torcida Jovem do Santos no Estádio do Pacaembu.....	196

Figura 72. SÃO PAULO – Fachada do Estádio do Pacaembu.....	197
Figura 73. SÃO PAULO – Faixas de torcedores no Estádio do Pacaembu	197
Figura 74. SÃO PAULO – Estação Santos-Imigrantes da Linha 2-Verde do Metrô	198
Figura 75. SÃO PAULO – Busto Pelé – Estádio Conde Rodolfo Crespi (Rua Javari)	198
Figura 76. SÃO PAULO – Desfile da Torcida Jovem do Santos no Anhembi.....	199
Figura 77. SÃO PAULO – Quadra da Torcida Jovem do Santos	199
Figura 78. SÃO PAULO – Prefeito de São Paulo, Bruno Covas e membro da Embaixada do Santos FC em São Paulo e atual candidato a presidente do clube, Ricardo Agostinho.	200
Figura 79. SÃO PAULO – Santos Business Center.....	200

LISTA DE MAPAS

Mapa 1.SANTOS – Trajeto do trabalho de campo realizado em 07/03/2020.....	23
Mapa 2. SANTOS – O entorno da Vila Belmiro.....	144
Mapa 3. SÃO PAULO – O entorno analisado do Estádio do Pacaembu em São Paulo-SP ..	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. SANTOS - Evolução da população na área Insular de Santos: (1950-2010).....	64
Tabela 2. EST. SÃO PAULO – Comparação de renda, pobreza e desigualdade entre RMBS, São Paulo e Santos.....	72
Tabela 3. EST. SÃO PAULO – Domícios em Santos: rendimento nominal per capita (%) .	72
Tabela 4. EST. SÃO PAULO – Quadro comparativo sobre vulnerabilidade social entre a RMBS, São Paulo e Santos	73
Tabela 5. EST. SÃO PAULO – Quadro comparativo de vulnerabilidade (família, trabalho e renda) entre RMBS, São Paulo e Santos	73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. SANTOS - Evolução da população na área insular: (1950-2010)	70
Gráfico 2. EST. SÃO PAULO – IDHM – Expectativa de vida (em anos)	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – O W.O., OU A OMISSÃO DA GEOGRAFIA BRASILEIRA EM UM DEBATE SOBRE O FUTEBOL	24
1.1– A Nova Geografia Cultural entra em campo.....	26
1.2 – Signos, Símbolos e a Paisagem.....	39
1.3 – O estádio: identidade, normatização e espaço cultural	44
1.4 – Escalação e tática: discussão metodológica.....	48
CAPÍTULO 2 – A COMPOSIÇÃO PAISAGÍSTICA: A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA SOBRE SANTOS.....	51
2.1 – A estética do isolamento: aspectos geomorfológicos da Baixada Santista	52
2.2 – “Somos todos santistas”: elementos da formação socioespacial	58
2.3 – “Cidade maravilhosa para se viver”: Santos enquanto discurso de uma elite	79
2.3.1- As onipresentes muretas.....	86
2.3.2 – As boas vindas santistas: o Peixe e a camiseta de Pelé	88
2.3.3 – Os bondes	90
2.3.4 - O Jardim de Orla	91
2.4 – Parada técnica: algumas considerações	94
CAPÍTULO 3 – O SANTOS É DE SANTOS: O CLUBE COMO OBJETO SIMBÓLICO DA ELITE DA CIDADE	113
3.1 – “O time dos céus”: agentes de reificação da paisagem.....	114
3.2 –A cidade, a Vila e o Santos.....	119
3.3 – A tradição, o clube e seus donos: a paisagem da elite santista.....	124
3.4 – Os outros Meninos da Vila: símbolos e ritualizações nos arredores da Vila Belmiro em dias de jogos.....	133
CAPÍTULO 4 – O DIFÍCIL DESLOCAMENTO DA PAISAGEM: USOS DA TORCIDA SANTISTA NA CIDADE DE SÃO PAULO	157
4.1– Os locais de sociabilidade santista em São Paulo.....	159
4.2- Discursos e mobilizações da paisagem na crise institucional durante a gestão José Carlos Peres	166
4.2.1 – Os Antecedentes	169
4.2.2 O esquema tático: como ler o teor simbólico da paisagem em campo?	171
4.2.3 – Desdobramentos e a aproximação simbólica da diretoria com a cidade	178
4.3 –Dicotomia nos discursos, interesses iguais	180
4.4 – A privatização da administração do Estádio do Pacaembu.....	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	210

INTRODUÇÃO

Diz um ditado popular que durante a vida um sujeito “troca de partido político e de religião, mas nunca de time de futebol”. Talvez um tanto exagerado, o ditado aponta a ligação passional entre indivíduos e seus clubes de futebol. O esporte nascido nas escolas inglesas como forma didática de ensino dos valores burgueses nos séculos XVIII e XIX (ELIAS, 1996), tornou-se uma prática global, uma linguagem comum entre todos os povos. Os motivos aos quais a população brasileira tornou-se assídua praticante e espectadora de suas partidas com públicos chegando a casa dos milhares desde a década de 1910 foi explorado por pesquisadores como o antropólogo Roberto DaMatta, cujo olhar sobre o futebol inspira muitas reflexões e debates atuais.

Pensou o grande antropólogo sobre as semelhanças entre os papéis de torcedor e de cidadão no Brasil, pois sua preocupação era entender a relação identitária forjada a partir do futebol. A DaMatta, o cidadão desde a Proclamação da República foi um mero e barulhento espectador diante das adversidades apresentadas pela vida econômica e política do país, o que poderia ser relacionado ao papel de torcedor perpassando as fases boas e fases ruins de sua própria equipe. O saudoso geógrafo e botafoguense, Gilmar Mascarenhas, conta na abertura de seu livro “Entradas e Bandeiras” como a adoção de um clube de futebol pode inserir um indivíduo no cotidiano de sua cidade e aproximá-lo das pessoas a quem antes não tinha qualquer tipo de contato social. Essa territorialização através do futebol descrita por Mascarenhas foi um fenômeno que ocorreu em meados do século XX na cidade do Rio de Janeiro e também no bairro de Vila Iza em Carapicuíba-SP na última década do referido século. Na realidade, em todos os municípios brasileiros em maior ou menor grau desde que a bola cá aportou. Portanto, a primeira grande identidade que um indivíduo obtém, para além do ato de batismo em alguma religião, é o seu clube de futebol.

Em um país onde o analfabetismo estava acima dos 10% até 2017 e em 2015 em 8% (IBGE, 2017), é imaginável que muito do universo simbólico relacionado a partidos, movimentos sociais e até mesmo algumas correntes religiosas não sejam de pronto entendidos por parte da população. Entretanto, o símbolo de qualquer grande clube brasileiro não passa despercebido em meio à multidão da metrópole (TOLEDO, 2010).

O símbolo do clube de futebol tem tamanho reconhecimento devido à inúmera repetição de sua imagem no cotidiano citadino. Torcedores rumo ao estádio, o uso casual de adereços do clube, a transmissão de jogos em TV aberta, a exposição em todos os meios de comunicação através dos “cadernos de esporte” ajudam a entender esse entendimento direto dos símbolos futebolísticos por parte da população brasileira. Além disso, o futebol é um elemento presente em músicas, novelas e filmes, embora não com a frequência a qual esse elemento cultural poderia ter utilizado em uma sociedade por ele tão permeada.

Dessa forma, o futebol apresenta-se no cotidiano no Brasil em diversas situações, tratando-se de um objeto de interesse investigativo por diversas metodologias e campos do saber. Estando no cotidiano brasileiro de tantas maneiras, é indispensável o esforço para entender sua construção socioespacial. Como diria Milton Santos, o espaço geográfico é o conjunto das relações entre os sistemas de objetos e o sistema de ações, com toda a vida e a dinâmica que o animam. Nesse sentido, o conceito de espaço de Santos nos apresenta um convite a olhar o futebol através de seu teor espacial, dado que o futebol envolve sistemas de ação e sistemas de objetos territorializados no Brasil nas suas mais distintas escalas.

Esse foi o convite que aguçou a curiosidade para o desenvolvimento dessa dissertação. Em momento pretérito, estudamos a configuração territorial do futebol brasileiro através das relações entre dirigentes, federações e a Ditadura Militar. Naquele momento, constatou-se que a criação do Campeonato Brasileiro e a construção de estádios entre 1968-1979 estiveram dentro do projeto “Brasil Grande Potência” e da integração nacional através da inserção de clubes de cidades médias do interior ao certame nacional. A atual configuração territorial do futebol brasileiro passou pelo fortalecimento dos clubes das capitais do Sul e Sudeste do país, assim como a centralização de capital nessas duas regiões, o que se traduz em mais títulos e preponderância esportiva em relação aos clubes do Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

No entanto, essa primeira investigação não abarcava as relações entre os torcedores dentro das grandes cidades em suas ruas, praças, campos e transportes públicos. O contato com obras das disciplinas da Antropologia, História e Sociologia, em especial de Gilberto Agostino, Hilário Franco Jr. e Flávio de Campos, Roberto DaMatta, Richard Giulianotti, Norbert Elias e Eric Dunning, foi fundamental no

entendimento dessas relações sociais cotidianas que abarcam o futebol e na necessidade de investigar geograficamente essas relações entre os torcedores e os lugares. Dentro da Geografia brasileira, podemos elencar Glauco Gonçalves e Gilmar Mascarenhas como autores cujas obras mais contribuíram ao todo, sendo também inegável a influência de autores do exterior como Bale, Augustin e Gaffney.

As leituras nas Ciências Sociais e na História apontam que há várias possibilidades investigativas diferentes sobre o futebol. Por exemplo, a modalidade pode ser vista através das categorias: a amadora, a profissional feminina, a profissional masculina. Outra possibilidade de estudo se dá a partir do futebol como prática de resistência, seja por um viés de classe ou entre as mais diversas minorias. Devido ao interesse em entender a construção simbólica e identitária de um clube e suas possíveis apropriações deste por parte da elite econômica local, optou-se aqui por centralizar a discussão em torno da categoria de futebol profissional masculina. Devido à proibição da prática do futebol por mulheres pelo governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e a tardia legalização na década de 1970 (AGOSTINO, 2012), o Brasil não possui uma filiação clubística que contemple tanto a categoria masculina quanto a feminina de cada agremiação. Aliás, o futebol feminino profissional está em seu estágio inicial de desenvolvimento no país, sendo que o Campeonato Brasileiro de clubes não completou sua primeira década de existência.

O entendimento sobre o espaço como um conjunto de sistemas de ações e sistemas de objetos (SANTOS, 2014[1996]), uma totalidade onde o lugar é dotado de unicidade por conta de suas características próprias, porém também relacionado a essa totalidade geográfica, contribuiu em suscitar questões sobre as relações entre a totalidade e o lugar em termos das torcidas e clubes de futebol. A questão chave que norteou o trabalho em um primeiro momento foi como a produção simbólica ou uma territorialidade são construídas através das torcidas de futebol em. Destarte, o lugar escolhido para análise foi o estádio de futebol e seu entorno, por conta de toda sua carga afetiva e identitária que essa estrutura é dotada pelo torcedor.

Supondo que o trabalho abarcasse somente a territorialidade das torcidas *per se*, o recorte do objeto seria encerrado somente na categoria do lugar, sem levar em conta elementos sociais, políticos e econômicos em escalas maiores que pudessem influenciar essas territorialidades. De modo a elucidar as relações que vão além das ruas do entorno

do estádio, foi buscado entender qual conteúdo simbólico carrega um clube, no caso o Santos FC, e quais os agentes responsáveis por essa construção simbólica e suas relações com os torcedores tanto organizados quanto comuns. Assim, a metodologia buscada tratou de realizar as conexões entre o conceito de territorialidade e a construção simbólica, o que foi possibilitado através da mobilização do conceito de paisagem junto a autores da Nova Geografia Cultural inglesa como Denis Cosgrove, Peter Jackson, James Duncan e Nancy Duncan. É entendido nessa dissertação que as estratégias de comunicação de uma elite econômica passa pela produção da paisagem como um discurso.

Nesse sentido, o trabalho não parte do olhar somente às torcidas organizadas e suas estratégias territoriais tal qual Valverde (2004) e tampouco entende apenas as relações de alteridade e sociabilidade dos torcedores, como feito por Toledo (1996, 2010). Na realidade, trata-se de uma investigação que visa primeiramente desmistificar a construção simbólica de um clube como algo feito somente por torcedores abnegados e apaixonados sem qualquer vínculo com os interesses de classe.

Dessa maneira, em todo o momento a investigação aponta como as elites econômicas, a classe dominante nas palavras de Engels e Marx, se fazem presentes na construção simbólica de uma cidade, de uma torcida e seu estádio de futebol. Inclusive, o Santos FC tem sua fundação ligada aos interesses dessa classe e isso tem que ser levado em consideração, muito embora haja sempre espaço para contra-narrativas e novas apropriações. Assim, não se positiva o clube e a torcida como forças transformadoras, da mesma forma como não se essencializa o estádio como um templo ou algo que instigue subjetividades. O lugar, embora visto como simbólico, aqui é entendido dentro de uma perspectiva materialista, sendo então a paisagem fundamental a elucidar as intencionalidades dos atores hegemônicos sobre a produção simbólica no entorno do estádio da Vila Belmiro, do Santos FC.

Seguindo a metodologia da Nova Geografia Cultural, a investigação reforça a necessidade e a importância dos trabalhos de campo como forma objetiva na obtenção de dados. No total, foram feitos sete trabalhos de campo a Santos, cidade sede do clube, sendo os cinco primeiros diretamente nas ruas do entorno do estádio, em dias comuns e em dias de partidas do clube. Foi evidente a necessidade da ampliação do recorte do trabalho de campo, pois não havia como entender a produção simbólica no entorno da

Vila Belmiro fora do conjunto simbólico maior que compreende a cidade como um todo. Por conta disso, o trabalho de observação da paisagem foi realizado de maneira mais ampla, especialmente quando fora dos momentos de jogo, incluindo toda a cidade nos roteiros. Ao se deparar com uma dicotomia discursiva envolvendo torcedores da cidade de Santos e torcedores de São Paulo, foi necessário também investigar as possibilidades de construção simbólica dos torcedores do Santos FC na paisagem da capital.

Em São Paulo, os trabalhos de campo ocorreram no entorno do Estádio do Pacaembu, embora com passagens rápidas nos estádios dos clubes grandes rivais do Santos FC. Dentro da discussão do trabalho, o único lugar onde não houve visita foi a quadra da Torcida Jovem do Santos, por conta da pandemia causada pela Covid-19. No entanto, o grosso das ritualizações, faixas e cânticos estiveram presentes durante todos os demais trabalhos de campo, acarretando em prejuízo mínimo ao trabalho. Houve apenas duas entrevistas: uma formal com Odir Cunha, diretor do clube, realizada durante o trabalho de campo de 27 de setembro de 2018; e outra informal, com Guilherme Nascimento, autor de livros e pesquisas sobre o Santos FC.

É importante também elucidar o contexto histórico da confecção desse trabalho diante dos cortes sofridos pelas agências de fomento à pesquisa em todo o país, especialmente na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Afinal, não seria possível a realização dessa dissertação sem a bolsa oferecida pelo CNPq, pois o trabalho intelectual, como diria Lefebvre em “A Revolução Urbana”, necessita do tempo lento de modo a tornar possível a reflexão e o entendimento sobre o processo histórico estudado. Ademais, no contexto da pandemia se reforçou exponencialmente a importância da pesquisa e da divulgação científica concomitantes à luta por reconhecimento e por melhores condições de pesquisa aos pesquisadores e pesquisadoras de graduação e pós-graduação do Brasil.

Em termos de divisão textual, a dissertação está dividida em quatro capítulos abarcando uma definição metodológica precisa do trabalho, o processo de formação socioespacial da cidade de Santos, as relações dessa formação com os símbolos existentes na paisagem santista, as relações políticas entre a elite econômica citadina e o

Santos FC, a inserção do clube dentro do sistema de símbolos existente na cidade, e o Santos FC na paisagem de São Paulo.

No primeiro capítulo, é apresentada a discussão metodológica que embasa todo o trabalho. Há uma localização da Nova Geografia Cultural epistemologicamente na Geografia e sua importância, assim como de toda a dimensão cultural, à dissertação. Além disso, o capítulo também apresenta aproximações da investigação da paisagem com a semiótica através da discussão sobre signos, índices, ícones e símbolos a partir da obra “Semiótica” de Charles S. Peirce. Após a caracterização de símbolo dentro da discussão do trabalho, a dissertação discute como a paisagem pode trazer toda uma narrativa e uma associação ao seu observador através de seu caráter metonímico ou de sua intensa repetição.

O segundo capítulo parte de uma observação locacional sobre a cidade, pois Santos apresenta um afastamento geomorfológico em relação à capital, ao restante da Baixada Santista e à periferia do município. Isso ocorre por conta de três elementos geomorfológicos distintos do litoral paulista: (I) a escarpa da Serra do Mar como um grande separador entre a capital planaltina e a cidade na planície litorânea; (II) o estuário e os canais separando Santos, município insular do restante da Baixada Santista; (III) e o Maciço de Santos como forma de separar paisagisticamente o centro e área praiana da periferia. A partir da investigação através da formação socioespacial da cidade de Santos, observamos o grande conjunto simbólico construído: suas estátuas, seus pontos de referência, seus prédios históricos, seus clubes de futebol. Essa construção narrativa através desse sistema de símbolos permitiu elucidar quais personagens históricos são valorizados, quais os valores morais e cívicos hegemônicos, o papel do Santos FC e as intencionalidades na produção da paisagem presente no município.

O terceiro capítulo visa elucidar como o Santos FC se insere dentro do conjunto simbólico presente na cidade, tanto em termos imateriais quanto a materialidade do estádio e de estátuas. Além disso, foi buscado desvendar as estratégias e intencionalidades da elite econômica santista no clube, seus discursos e seus projetos centralizados através do mesmo. Esses discursos mostraram-se capazes de mobilizar elementos simbólicos, assim como construí-los no entorno do estádio nos momentos de crise política do clube, inclusive apelando inevitavelmente a outros símbolos da cidade,

retratados no capítulo anterior. Por fim, nesse capítulo também se discute a produção literária, cinematográfica e musical sobre o clube, assim como se detalham os ritos, mitos e símbolos totêmicos do clube, de modo a entender a construção simbólica do Santos FC pelo seu próprio torcedor e a propagação da narrativa hegemônica mesmo quando esta não se apresenta objetivamente.

O último capítulo tem como objetivo a observação da mobilidade da paisagem pela torcida do Santos FC em São Paulo. Através de seus deslocamentos pela metrópole e locais de sociabilidade, a quarta maior torcida da cidade de São Paulo modifica o cotidiano da capital com suas cores, totens, cânticos e encontros. Embora não seja da capital, o clube faz parte da paisagem paulistana em lugares específicos, como o Santos Business Center, a sede da Torcida Jovem do Santos e a estação “Santos-Imigrantes” da Companhia do Metropolitano de São Paulo- Metrô. Além disso, o trabalho aborda as intencionalidades da diretoria do clube em relação ao estádio do Pacaembu, espaço público agora com administração privada, assim como os atores da privatização e suas intencionalidades. A “segunda casa do Peixe”, como Santos FC se refere a São Paulo, sobretudo é lar dos seus rivais, resultando na alteridade costumeira ao torcedor do alvinegro praiano. Aproveitou-se a discussão da mobilidade da paisagem para se observar, mesmo que em visitas rápidas, o entorno dos estádios de Corinthians, Palmeiras e São Paulo FC. Em seus últimos tópicos, o capítulo se apresenta a falsa dicotomia entre Baixada Santista e capital, responsável por dividir os torcedores do clube em diversos momentos e pautar o primeiro processo de *impeachment* contra o presidente José Carlos Peres. Falsa dicotomia, pois os diferentes discursos dos grupos políticos apresentam distintas narrativas, porém com as intencionalidades políticas e econômicas comuns.

Por fim, é necessário apresentar um panorama dos trabalhos de campo, divididos entre Santos e São Paulo. Ao todo foram 10 trabalhos de campo, constando principalmente visitas ao entorno dos estádios da Vila Belmiro e do Pacaembu, mapeamento e observação de estátuas e símbolos em vias de grande circulação de Santos, conversas livres com munícipes. Alguns dos trabalhos de campo destacam-se em relação aos demais: o primeiro foi realizado durante a votação de impedimento do presidente santista José Carlos Peres no entorno da Vila Belmiro e o segundo foi realizado durante as comemorações do aniversário do clube no estádio do Pacaembu em evento realizado pela Embaixada do Santos em São Paulo e pela ASSOPHIS –

Associação de Pesquisadores e Historiadores do Santos FC. Com todo o sistema simbólico de Santos mapeado, foi necessário um último trabalho de campo de modo a acompanhar as diferenças encontradas em diferentes bairros e ambientes da cidade tais como a orla, as principais avenidas e a periferia. Desse trabalho de campo surge o mapa 1 apresentado abaixo. Houve também duas entrevistas com perguntas sistematizadas realizadas com Odir Cunha, diretor do Santos FC até dezembro de 2020, e com Guilherme Nascimento, autor do Almanaque do Santos FC e uma das referências em relação ao passado do clube.

Mapa 1. SANTOS – Trajeto do trabalho de campo realizado em 07/03/2020

CAPÍTULO 1 – O W.O., OU A OMISSÃO DA GEOGRAFIA BRASILEIRA EM UM DEBATE SOBRE O FUTEBOL

Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais. – Eduardo Galeano.

Futebol é um dos grandes fenômenos culturais brasileiros, capaz de mobilizar emoções e experiências nos mais profundos rincões desse país. O único, talvez, a fazer um indivíduo deslocar-se durante seu momento de lazer por toda a área urbana da cidade para ver um empate sem gols de sua agremiação no estádio, mesmo em dias de insistente chuva ou de temperaturas baixas. Campos (2010) afirma que o futebol é o maior fenômeno cultural do século XX, sendo um pensamento respaldado por Hobsbawn (1985), a quem futebol é religião laica da classe trabalhadora.

No entanto, embora o número de adeptos desse esporte no Brasil esteja na casa dos milhões entre torcedores e praticantes amadores, é surpreendente notar que existam poucas obras de referência na Geografia brasileira com essa temática. Sem rodeios, é notável que as maiores contribuições sobre futebol na seara geográfica foram realizadas pelas obras do professor Gilmar Mascarenhas desde seu doutorado intitulado “A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul” até obras como o livro “Entradas e Bandeiras”, referência aos estudos sobre o futebol em várias frentes de discussão no território brasileiro. Para além de Mascarenhas, há uma carência de investigações sistemáticas sobre a espacialização de um fenômeno com características propícias para tal. O próprio autor (2001) apontou isso ao descrever as dificuldades e desafios em fazer uma Geografia Histórica nessa temática na introdução de sua tese de doutorado, onde buscou interpretar as formas de espraiamento do futebol no Brasil do final do século XIX com enfoque no Rio Grande do Sul.

O exemplo acima dado por Mascarenhas (2001) não é a única forma de espacialização possível do futebol, sendo que o esporte oferece uma gama ainda não explorada de temáticas de interesse geográfico. Abaixo discutiremos algumas dessas formas, assim como a escolha do objeto e da metodologia que permeiam a discussão trazida nessa dissertação. De todo modo, é necessário apontar a pouca inserção da Geografia brasileira no debate sobre futebol, ao contrário de áreas como a Antropologia

onde desde pelo menos os anos 1970 os trabalhos de Roberto DaMatta e Simone Guedes surgiram trazendo metodologias e dando força às discussões, ou mesmo na disciplina da História, especialmente após o lançamento do livro “A Dança dos Deuses” Hilário Franco Jr. Dentre os estudos das demais áreas do conhecimento, ressaltam-se aqui as contribuições das discussões sobre torcidas organizadas e a influência que exercem no cotidiano das cidades. Em boa medida, essa pesquisa é tributária dessas discussões para além da Geografia, como os trabalhos dos professores Bernardo Buarque de Hollanda (2009)(2010) e Henrique Toledo (1996)(2010)(2012), que enriquecem o debate geográfico. De modo a exemplificar, ao estudar como se forma a identidade dos torcedores de clubes de futebol, Toledo contribuiu às discussões sobre o cotidiano em meio urbano ao apontar que a alteridade entre diversos torcedores está relacionada com a urbanização.

Ainda no campo da Geografia, Glauco Gonçalves traz uma contribuição importante sobre fenômenos relacionados ao futebol é a discussão relacionada à construção de novos estádios como instrumento de gentrificação e exclusão social. No Brasil, a Copa do Mundo de 2014 trouxe essa temática à tona (GONÇALVES, 2016), com as remoções e desapropriações no entorno das novas arenas, assim como o aumento do valor dos aluguéis e do m² nesses lugares. Essas ações resultaram na expulsão de milhares de pessoas em nome de uma suposta modernização de equipamentos públicos e da atração de turistas e de investimentos, o “legado da Copa” nunca concretizado. Assim, há uma relação entre a construção de novos estádios com processos urbanos, sendo essa outra possibilidade de aproximação com o futebol. Cabe ainda citar trabalhos que busquem discutir territorialidades através das torcidas organizadas de futebol.

Embora tangencie o debate da territorialidade (SACK, 1986), esse trabalho busca outro enfoque, no qual as torcidas organizadas não desempenham sozinhas as ações de controle ou influência de outros sobre determinada área. Propomos uma abordagem de análise da construção simbólica da paisagem no entorno do estádio da Vila Belmiro em Santos, levando em consideração as intencionalidades uma elite local interessada em associar os símbolos da cidade de Santos ao patrimônio simbólico do clube. Como resultado, destacamos que essa abordagem depende de uma transição de um debate estrito dos controles físicos microescalares para uma disputa simbólica

envolvendo política e estética. O conceito de paisagem nos parece mais adequado para realizar este movimento, como foi abordado a seguir.

O entorno aqui pensado é o conjunto de ruas e prédios nos arredores da Vila Belmiro. Embora seja tratado mais detalhadamente no corpo do capítulo, adiantamos que a escolha se deu por conta do encontro entre torcedores do Santos FC durante os momentos de visita ao estádio, deliberações políticas e, claro, partidas oficiais do clube. Porém, há temporalidades intermitentes nos exemplos aqui dados, sendo então necessário pensar em um entorno que abarque os momentos em que não há jogos ou eventos no estádio. Através da metodologia de análise da paisagem de Duncan *et. al* (2004), foi pensado também combinar os resultados obtidos nas observação com o estudo da formação socioespacial da cidade de Santos-SP, dando subsídios a considerar o entorno não somente do estádio, porém a área urbana do município.

A análise dos dados recolhidos em campo pela referida teoria foi esclarecendo as ações dos grupos sociais estudados. Foi assim que o recorte do objeto se delimitou a entender as forças exercidas pela elite santista no entorno do Estádio Urbano Caldeira, conhecido como Vila Belmiro, em Santos-SP. Desde o princípio, partimos do pressuposto que a produção simbólica da paisagem está submetida aos detentores dos meios de produção de mercadoria (COSGROVE, 1983), corroborando na decisão de um estudo sobre como a burguesia santista comunica sua influência também no entorno da Vila Belmiro. Assim, ao contrário dos trabalhos sobre territorialidade de torcidas organizadas, cujo recorte são os grupos de torcedores, essa dissertação tem como objetivo observar como a elite econômica de Santos exerce e comunica domínio com capacidade de mobilização de pessoas. A discussão desse capítulo aborda a discussão de cunho conceitual basilar ao trabalho. Não se trata de um capítulo puramente teórico seguido de outros empíricos, pois a discussão teórica não se encerra nesse capítulo. Aqui basicamente se apontam os percursos da investigação teórica fazendo acenos e apontamentos sobre o tema central.

1.1– A Nova Geografia Cultural entra em campo

Uma vez que o trabalho visa observar a comunicação de domínio sobre um lugar através de símbolos presentes na paisagem, foi preciso entender primeiro como se dá o processo de reconhecimento desses signos pela comunidade urbana (BALE, 2000) e como essa informação se faz entendida pelos indivíduos. Para tal tarefa, fizemos o uso

das abordagens metodológicas da Nova Geografia Cultural (NGC), desenvolvida originalmente no contexto da Grã-Bretanha no final dos anos 1970. Suas contribuições se inspiram em diferentes bases do que aquilo que era observado no contexto da Geografia Cultural Tradicional, que tinha as contribuições de Sauer ao centro, e também das formas pelas quais os estudos da Geografia Humanística eram realizados, com a figura de Tuan como líder de suas proposições. Do ponto de vista dos fundamentos filosóficos, a NGC buscava um diverso conjunto de autores revisionistas do marxismo e de suas implicações culturais para o desenvolvimento de suas contribuições geográficas. Autores como Gramsci, Adorno, Habermas, Foucault, Deleuze, Guattari, de Certeau, Geertz, Hall, Raymond Williams, entre diversos outros, permitiam o desenvolvimento de novos estudos no contexto da Geografia, nos quais os símbolos e práticas comunicativas servissem ao nosso entendimento das relações de poder.

De acordo com Cosgrove e Jackson (2003, p.136):

Uma possível definição dessa ‘nova’ geografia cultural seria: contemporânea e histórica (mas sempre contextualizada e apoiada na teoria); social e espacial (mas não reduzida a aspectos da paisagem definidos de forma restrita); urbana e rural; atenta à natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e às formas de resistência. Para essa ‘nova’ geografia a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída. Para desenvolver essa questão de forma mais detalhada, será necessário retornar às raízes americanas da geografia cultural contemporânea.

As paisagens enfocadas nesses estudos da NGC possuíam uma clara pretensão de expressar conteúdo crítico e radical, refutando sentidos e objetos que pudessem ser confundidos com manifestações dissociadas de práticas econômicas ou políticas e que pudessem ser classificadas como banais. Tampouco suas proposições podem ser confundidas com um conjunto de contribuições aleatórias e de sentido absoluto subjetivo acerca de um fenômeno que se manifesta no mundo, tal qual estudos pós-modernos que se desenrolam a partir da década seguinte, mais concentrado nos EUA. Para Cosgrove, Jackson, Duncan, entre outros nomes relevantes da NGC, as geografias interpretadas em seus trabalhos compunham um quadro de representações da cultura que teria consequências para o mundo material. A longo termo, a ideia geral é que estas contribuições a partir da cultura pudessem ser reconhecidas como partes de um sistema complexo, lado a lado aos sistemas econômico e político.

Essa escolha se deu por entendermos o entorno do estádio como um lugar rico em simbologias, ritos e mitos que são apreendidos através de um olhar cultural da Geografia que não perca de vista as relações sociais de produção e de dominação. Mais

do que uma análise em si do esporte e dos seus sentidos espaciais, de um estudo de cunho etnográfico dos torcedores ou de uma apologia das instituições que realizam cotidianamente o mundo do futebol, o filtro da NGC nos permite sugerir os usos que possuem a base estética, organizacional e comunicativa do futebol a partir de um discurso geográfico. Os modos pelos quais o que se desenvolve em torno do estádio é mobilizado para influenciar, controlar e conferir valores a formas de dominação é um fato muitas vezes reconhecido em plano jornalístico, mas poucas vezes tomado como matéria geográfica. Segundo Cosgrove e Jackson (2003, p.131), os estudos de NGC:

rejeitam aquilo que rotulam de preferências elitistas e antiquadas dos estudos culturais tradicionais, e exploram uma vasta gama de subculturas populares, interpretando seus significados contemporâneos em termos dos contextos materiais específicos. Os símbolos usados por rastafáris, amantes do punk rock ou skinheads, não são considerados temas culturais autônomos, mas processos de apropriação de certos artefatos e significados da cultura dominante (...), transformados em formas simbólicas que incorporam novos sentidos e significados para aqueles que adotam esses estilos. (...) a cultura é o meio pelo qual o fenômeno cotidiano do mundo material num mundo de símbolos significativos, ao qual dão sentido e atrelam valores.

Com isso, afirmamos que não há qualquer tentativa nossa de essencializar o espaço, ou de situar a discussão fora do materialismo histórico-dialético. Pelo contrário, o que buscamos apresentar aqui é uma visão de cultura cujo caráter seja elucidativo de seu processo social e suas relações de poder. Não há nenhuma expectativa que a produção simbólica esteja em nível acima do nível social, uma espécie de “mão-invisível”, superorgânica, que definiria os limites da Geografia Cultural Tradicional Saueriana. Nesse intuito, os conceitos que dão maior sustentação ao trabalho estão relacionados à tradição da NGC que entende, segundo Cosgrove (1983, p.1), que a reprodução da vida material está em contato com a lógica da mercadoria, mas que não pode ser totalmente explicada por esta, tendo então uma reprodução da vida simbólica a ser discutida como parte da construção de um discurso geográfico.

Os estudos culturais contemporâneos nos ensinaram a reconhecer (...) que as culturas são contestadas politicamente. A visão unitária da Cultura dá lugar à pluralidade de culturas, cada uma com suas especificidades de tempo e lugar. A cultura pode sempre ser representada como uma construção social e politicamente contestada (...) a geografia das formas culturais é muito mais do que mero reflexo passível das forças históricas que a moldaram; a estrutura espacial é parte ativa da constituição histórica das formas culturais (COSGROVE & JACKSON, 2003, p. 142).

A visão de cultura dos autores da NGC é entendida como um sistema de significados e a análise desse sistema, de forma que a cultura está em todos os níveis de comunicação, sendo que se assim não fosse, gestos e símbolos não seriam entendidos ou teriam qualquer valor a um determinado grupo social (GEERTZ, 1989). O autor

exemplifica esse sistema de significados através da piscadela e suas diferentes interpretações conforme contextos diversos: “contrair as pálpebras de propósito, quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório é “*piscar*” (GEERTZ, 1989, p.5, grifo do autor). Na ocasião descrita por Geertz, o ato de piscar tem uma mensagem clara a um interlocutor que, por sua vez, necessita da informação prévia sobre aquele gesto para o completo entendimento desse código. Portanto, o gesto vai ter significados diferentes nos contextos de um flerte, um jogo de cartas ou uma coceira nos olhos. Nos dois primeiros contextos, seu entendimento está condicionado à existência de uma base cultural comum entre orador e interlocutor.

Geertz (1989) continua seu raciocínio sobre cultura apontando que esta é pública e pensada como desprovida da posse de um grupo ou de uma instituição pelo fato de ser uma construção coletiva e dinâmica. Essa construção coletiva forma símbolos interpretáveis, não sendo então a cultura um poder ou algo supraorgânico, como uma categoria acima das relações sociais dotada de força explicativa totalizante. A cultura é um contexto (GEERTZ, 1989), algo no qual acontecimentos, instituições e processos podem ser descritos com densidade. É curioso pensar que, além dos símbolos falados ou gesticulados, há uma gama de símbolos que são criados em uma determinada paisagem, nos dando certa leitura sobre essa área (DUNCAN, 2004) – o que será abordado mais à frente. Pensando nos grupos de torcedores de futebol, a importância de entender cultura é justamente saber o contexto e analisá-lo a fim de entender como esses grupos comunicam suas histórias, suas tradições e mobilizam com isso certos espaços no entorno espaço, gerando assim paisagem e territorialidades. Boa parte daquilo que é criado simbolicamente, se fosse posto em uma base cultural outra, esvaziaria de significado.

Williams (1992) reforça o argumento de cultura como sistema de significados ao apontar que através dessa que “uma ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada”. O autor entende cultura da seguinte maneira:

Modo de vida global distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um sistema de significações bem definido não só como essencial mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social e o sentido mais especializado (...) de cultura como atividades artísticas e intelectuais, embora estas, devido à ênfase em sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla (...) desde a linguagem, passando pelas artes e pela filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade (WILLIAMS, 1992, p.13)

Em um dos pontos mais caros a esse trabalho, Williams afirma que entender ideologia dentro da cultura pode ser deveras redutor, correndo o risco de retornar ao caráter essencialista, ou de dotá-la de um “espírito formador”, como o autor descreve. Por outro lado, uma análise precisa de ideologia, como um olhar sobre as classes, pode diminuir uma “falsa generalidade de um modo de vida global” (WILLIAMS, 1992, p.27), ou seja, que pode haver intenções e estratégias de determinado grupo ou classe na produção cultural. Além disso, o autor vai reforçar o argumento de cultura como sistema de significados ao apontar que através dessa que “uma ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada”.

O termo cultura, segundo Williams (1992), foi usado no sentido produtivo para denominar uma atividade do ramo agropecuarista, como a piscicultura ou o cultivo de algum cereal. Em meados do século XVIII, o termo cultura passou a ser empregado como o modo de vida de determinada sociedade, seu conjunto de costumes e tradições. A palavra cultura também foi usada como forma de expressar determinado estado mental, ou seja, uma pessoa culta é aquela que dispõe de determinado conhecimento ou determinada experiência. Por fim, foi cunhado o conceito de cultura como conjunto de significações intelectuais, artísticas e “todas as práticas significativas” (WILLIAMS, 1992, p.12).

Eagleton (2011) pondera as palavras de Williams ao afirmar que nem sempre o simples conhecimento linguístico é o suficiente para ter a mesma base cultural. Como exemplo, ele cita que a cultura inglesa não é predominante em outras áreas do mundo onde o idioma inglês é predominante. Eagleton (2011, p.54) diz que “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem um modo de vida de um grupo específico”, sendo que sistemas sociais lhe dão significação. Assim, exemplifica o autor, comer um sanduíche é totalmente diferente de uma refeição no hotel Ritz, uma vez que “ninguém janta no Ritz só porque está com fome” (Eagleton, 2011, p.54). De toda forma, o autor concorda com Williams no que tange a questão da construção de significados através da mesma base cultural. A comunicação, assim, ainda é um fator importante como conteúdo de um determinado modo de vida.

Geertz, Williams, Eagleton apontam um modo de investigar a cultura através da comunicação de uma determinação informação, seja sua estrutura dada pela oralidade ou pela construção de um ato simbólico como a piscadela. A partir disso, a cultura é

base a análise do processo de uma informação que está para além das esferas econômicas e políticas. Em termos de consumo, trabalho, orientação política, divisão social do trabalho, pode haver clivagens e separações sensíveis entre torcedores da mesma agremiação, porém o conjunto simbólico, as histórias e experiências em comum fazem com que indivíduos se identifiquem com os mesmos símbolos (FRANCO JR., 2007). Portanto, o traço cultural em comum, esse consenso simbólico entre pessoas de classes sociais distintas, só é notado quando a cultura é entendida como sistemas de comunicação ou, pelo menos, como um amplo conjunto comum entre indivíduos.

De modo a explicitar o que seria a visão supraorgânica de cultura, define-se esta como a visão paradigmática no início do século XX, estando “acima do homem, não redutível às ações dos indivíduos e misteriosamente respondendo às leis próprias” (DUNCAN, 2002, p.8). O que Duncan aponta é uma estrutura acima das ações individuais, cuja existência possibilitaria o entendimento de qualquer evento cultural. Dessa forma, símbolos conversam com símbolos, como se o corpo da informação fosse dado sem qualquer interferência notável do indivíduo. Na Geografia, aponta o autor, essa visão de cultura levou a pensamentos como de White e Sauer, pensadores que partilhavam da visão que a cultura gera suas próprias formas, independente dos homens e aqueles que não forem úteis aos seus propósitos são descartados. Pensando no conceito de cultura dentro das discussões da NGC, Cosgrove (1983) afirma que não há necessidade de definir precisamente cultura, pois seria uma redução objetiva negando sua subjetividade essencial. No processo de produção e reprodução material, os grupos humanos não pensam o que estão realizando como “cultura”, sendo esta uma definição do mundo vivido dada pela burguesia ocidental.

A chave do entendimento de cultura ao autor, assim como a outros geógrafos vinculados à NGC como Peter Jackson e James Duncan, passa pela análise marxista da produção e reprodução da vida material de forma a pensar que a cultura, como um sistema de códigos de comunicação, não é extrínseca ao trabalho ou à economia como um conjunto à parte de crenças e símbolos. Pelo contrário, uma vez que na concepção materialista da história nos tornamos verdadeiramente humanos ao produzir nossos meios de subsistência, sendo toda atividade humana, “ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação” (COSGROVE, 1983, p.1).

Essas atividades humanas criam, para Cosgrove, um modo de vida com estilos de vida e paisagens distintas, sendo possível entender como cada população se apropria

do espaço e, ao produzir, cria símbolos e objetos técnicos (SANTOS, 2014), influenciando e sendo influenciadas pelos símbolos e objetos técnicos produzidos. O modo de vida, então, é fruto da mediação entre natureza e cultura, sendo esta mediação feita pela produção humana, que reproduz a natureza enquanto ambiente humano e os seres humanos como seres sociais (COSGROVE, 1983). Dessa forma, não há um desacoplamento entre sociedade e natureza, ou entre cultura e natureza, como Gonçalves (2007) aponta que ocorreu durante boa parte do pensamento racional europeu cuja influência do Iluminismo levou à idealização da natureza e, no século XIX, a ideia da vitória da técnica sobre essa natureza.

Nesse trabalho, a ideia de identidade está intrinsicamente relacionada ao que já definimos como cultura. A relação dialética entre a produção da mercadoria e a produção simbólica da vida se dá através da maneira como ambas se influenciam. A influência na produção de mercadorias, por exemplo, é possível pensar em quais mercadorias têm mais valor dentro de determinada sociedade, a escolha de gostos, a questão da publicidade. A produção de mercadorias também influencia na produção simbólica da vida, pois os símbolos são modificados, destruídos ou construídos conforme os interesses e as necessidades do grupo que detém o domínio do espaço (COSGROVE, 1983). Como exemplo, podemos citar as formas como o espaço urbano é modificado pelo capital conforme suas necessidades de reprodução (LEFEBVRE, 2016)¹, possibilitando assim alterações expressivas na paisagem. Pensando no caso do futebol, Mascarenhas (2014) mostra que a estrutura das novas arenas de futebol remete ao consumo em oposição ao ambiente de expectativa das massas dos estádios das décadas de 1960 e 1970.

Uma vez que o modo de vida é essencial na produção e reprodução da vida material de qualquer grupo, na sociedade de classes a cultura é o produto da experiência de classes, havendo assim uma hegemonia cultural da classe dominante. Antonio Gramsci, no Caderno 11 de “Cadernos do Cárcere”, explica que a cultura tem um período especulativo ou religioso coincidente ao período de hegemonia de um grupo social do qual é expressão, “tornando-se uma fé transcendental” (GRAMSCI, 1999,

¹ Sobre essas modificações no espaço urbano, Lefebvre (2016) argumenta que a cidade antes da Revolução Industrial tinha o sentido de obra, ou seja, dispunham de uma única centralidade e suas construções visavam um significado social a todos os membros daquela sociedade. A negação disso, a cidade industrial, destruiu o sentido de obra, segundo o autor, e lhe foi imputado um sentido de facilitador na produção e circulação de capital e mercadorias. Uma vez que esse modelo de cidade tenha sido superado, por outro cuja reprodução do capital se dá no próprio espaço, o sentido da cidade como obra ainda não foi recuperado.

p.199). Nesse ponto, é interessante observar a fala de Cosgrove (1983) apontando que “produção material é, em si, tanto instrumento de atividade ideológica como vice-versa”, sendo então que cultura e ideologia não têm existência uma sem a outra. A cultura hegemônica cumpre um papel de estruturar conhecimento e comunicação, senso comum e a base da ordem moral – no caso do capitalismo, claramente a cultura burguesa é a dominante. De modo a terminar o raciocínio de Cosgrove sobre cultura, apontamos que:

Se toda a produção humana é simbolicamente constituída, podemos reafirmar os modos de produção como modos de produção simbólica. Cada um é um modo de vida diferenciado por relações características de produção que estruturam forças produtivas. Mas estas relações de produção são culturalmente diferenciadas através do foco da produção simbólica do qual o significado é mapeado através de todos os níveis estruturais (COSGROVE, 1983, p.6)

Dessa forma, o modo de produção capitalista também é um modo de produção simbólico com formas de comunicação, moral e normas de acordo com sua cultura hegemônica da classe dominante. Nesse contexto, a burguesia se apropria do espaço e o reproduz para legitimar e sustentar a dominação de classes (COSGROVE, 1983). A forma com que o espaço é construído tem uma intencionalidade de um grupo social, sendo formado um objeto dotado de informação (SANTOS, 2014). Cultura e identidade são relacionáveis no ponto em que para que haja a identidade é necessário que símbolos, memórias e uma certa *topofilia* sejam entendíveis em uma base cultural comum. A identidade aqui pode ser entendida por dois vieses: o primeiro, a identidade forjada no conceito da cidadania, nascido no século XIX (DOS SANTOS, 2006); o segundo, como formas de reforçar a existência em meio ao processo da crescente urbanização e da Modernidade, que chegam ao Brasil no fim do século XIX e início do século XX.

No final do século XIX, houve a tentativa dos Estados nacionais de minimizarem as diferenças e colocarem todos os habitantes sob a homogeneização da cidadania, entendida como pertencimento a uma determinada nação com direitos e deveres respaldados na lei do país (DOS SANTOS, 2006). Essa noção de cidadania gerou uma sensação de pertencimento e a necessidade de exaltá-lo e demonstrá-lo cotidianamente, mesmo em cidades como o Rio de Janeiro de poucos anos após a Abolição da Escravidão. Obviamente, a homogeneização através da cidadania não se deu sem contradições que relativizavam o próprio caráter de ser cidadão, com recortes raciais e de classe sensíveis.

Junto à cidadania, a Modernidade trouxe novas perspectivas sobre a sociedade e o pertencimento (DOS SANTOS, 2006). O século XIX é o período onde surge a noção de pertencimento, especialmente nas grandes cidades que crescem graças à industrialização (ELIAS, 1996). Agostino (2012) aponta que em parte o futebol teve seu espraio dado pelo mimetismo da classe trabalhadora de hábitos da burguesia inglesa. Esses hábitos, pontuou o autor, estão intrinsecamente ligados à criação da noção de lazer e desenvolvimento corporal, ambos vistos como salutar na sociedade industrial inglesa (DUNNING *et al.*, 2005). Aliás, o desenvolvimento corporal foi um elemento valorizado pela burguesia desde o século XVIII, sendo que a noção atual de esporte surgiu em escolas como forma de disciplinar a corpos e mentes através dos exemplos do campo de jogo (ELIAS, 1996).

É notável que os esportes saíssem das escolas burguesas e fossem mimetizados nos portos, pátios de fábricas e ruas da Inglaterra e, *a posteriori*, do mundo. Isso foi possibilitado por conta do surgimento da noção de lazer (AGOSTINO, 2012), usado pela burguesia como forma de nortear o tempo livre através da distinção social. Tratava-se de uma contração com a ideia de uma única identidade dada pela cidadania e o pertencimento à cidade, pois o intuito era a distinção social através das possibilidades de uso do tempo de lazer (DOS SANTOS, 2006). Por conta disso, podemos entender que o futebol ganhou relevância entre a classe trabalhadora na Inglaterra por uma tradição de jogos desde a Idade Média (FRANCO JR., 2007) aliado a ânsia de pertencimento das camadas mais pobres em relação aos abastados.

Sobre esse processo de massificação do futebol, Mascarenhas (2014) nos apresenta um panorama da participação da elite dentro do futebol como esporte no Brasil. Em um primeiro momento, aponta Mascarenhas, houve o domínio das elites tanto dentro do campo de jogo quanto na expectativa, tornando o jogo de futebol um evento de prestígio entre as camadas altas da sociedade. Após a profissionalização do futebol, as elites deixam o campo de jogo em definitivo, uma vez que a busca por resultados leva a procura de jogadores cada vez mais aptos ao jogo, dando oportunidades de salários aos jogadores oriundos de bairros pobres com maior rendimento esportivo. A partir da adoção da prática torcedora pela classe trabalhadora, as elites vão perdendo espaço também na expectativa, surgindo os primeiros estádios com ingressos pagos, setores segregados e públicos de mais de 20 mil pessoas. O único

lugar nunca renunciado pelas elites é a presidência de clubes e federações devido às possibilidades de negócios e de reafirmação de poder.

Com isso, podemos entender que em parte a identidade criada através do futebol se dá na homogeneização da cidadania e também pela necessidade do sentimento de pertencimento criado no século XIX. No caso brasileiro, DaMatta (1982) argumenta que a identificação e a popularização do futebol se deram pela capacidade que o esporte tem para ritualizar elementos sociais sem que de fato haja mudança significativa dentro da sociedade. Portanto, o que o autor explica é que a ritualização simbólica que os indivíduos experimentam através do futebol é um elemento gerador de identidade. Um exemplo de ritualização apontado pelo autor é a correlação entre uma partida de futebol e o destino político-econômico do país na visão de um indivíduo comum. Em ambos os casos, a impressão ao indivíduo é a de impossibilidade de ação, uma vez que tanto um jogo de futebol quanto os eventos econômicos não podem por ele serem controlados. Portanto, o destino inevitável de uma partida é comparável ao destino inevitável perante uma crise ou um período de crescimento econômico.

Além desse fato, segue DaMatta (1982), o futebol ritualiza e dramatiza situações difíceis de ocorrerem no cotidiano como um embate entre os times de um bairro rico e um bairro pobre², o time dos operários de uma indústria contra os de outra indústria. Embora o resultado só tenha significado aos espectadores e aos jogadores, o resultado simbólico da partida é capaz de fazer os indivíduos criarem laços com determinada agremiação. Sobre a filiação da população ao clube local e refletindo sobre a violência no futebol na perspectiva da psicologia social, Finn (1994, p.100-101) diz que:

Na exploração da importância da cidade à população local, Worpole (1992) argumenta que o senso da identidade local é uma das ligações emocionais mais fortes na vida secular, sendo talvez o símbolo mais potente de uma “comunidade imaginária”. Muitos indivíduos expressam fortes emoções positivas através de “suas” próprias comunidades locais. Os clubes de futebol locais têm representado e cristalizado há tempos o senso de comunidade (...), que tem aumentado a significância emocional investida em um clube de futebol. Para alguns torcedores, o time de futebol se tornou o mais corpo mais substancial da comunidade local (...).

Dessa forma, a identidade abordada pelo autor vai à contramão ao que se discutia acima sobre uma identidade homogenizadora cidadã, especialmente entre o todo territorial e a cidade ou um bairro. O senso de comunidade, para Finn, se dá através de relações afetivas e simbólicas cristalizadas no clube. Assim como DaMatta (1982),

² Pierre Augustin (1988) mostra que na França esse embate também se deu do rúgbi, com a identificação dos clubes conforme a classe social majoritária nos entornos.

esse autor aponta que a expectativa é importante na experiência do indivíduo, pois ao se sentir parte do jogo com seus cânticos e vibrações, sente-se parte das vitórias e do clube (FINN, 1994, p.101).

Toledo (2012) diz que a identidade do torcedor é reforçada ao diferenciá-lo e torná-lo parte de um grupo social distinto ao mundo do trabalho e ao cotidiano urbano, onde as identidades são apagadas. Aliás, a cidade é o meio onde se marca alteridade entre os torcedores de forma a reafirmar as identidades clubísticas e, em determinados momentos, a vivência e as regras cotidianas são alteradas conforme torcidas se dirigem aos estádios com “exposição de cores exuberantes e contrastivas, símbolos e marcas, rostos pintados com as cores de preferência alusivas aos clubes; cantos e gritos de guerra que ecoam pelas ruas e bares, nos ônibus e estações do metrô” (TOLEDO, 1996, p.39). Assim, sem que houvesse o encontro de pessoas na pela metrópole, o torcedor não teria a mesma capacidade de reafirmação de seus símbolos e valores identitários, uma vez que senão no estádio não haveria o encontro com as demais pessoas dos mais diferentes grupos sociais em circulação. Sobre isso, são interessantes os apontamentos de Milton Santos, que diz:

A cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros. A anarquia atual da cidade grande lhe assegura um maior número de deslocamentos, enquanto a geração de relações interpessoais é ainda mais intensa. O movimento é potencializado nos países subdesenvolvidos, graças à enorme gama de situações pessoais de renda, ao tamanho desmesurado das metrópoles e ao menor coeficiente de “racionalidade” na operação da máquina urbana. (SANTOS, M. 2014, p.339)

A identidade clubística passa da simples evocação de uma cidade para algo de um grupo, uma vez que as grandes metrópoles, como ressaltado por Santos, têm tamanho desmensurado e surgem várias agremiações locais. Portanto, é possível dizer que a “comunidade imaginária” de fim não seja o desenho perfeito de uma cidade senão um grupo específico que encontra e se reafirma diante de outros grupos locais. É o caso dos dias de jogos entre os clubes de São Paulo (TOLEDO, 1996, p.39), no qual o que vai diferenciar torcedores com a mesma base simbólica e adeptos do mesmo jogo, será o conteúdo dos cânticos, das bandeiras, dos adereços usados nas vestimentas e no corpo.

De forma a melhor elucidar como se dá a relação entre símbolos, torcedores e identidade, Franco Jr. (2007) argumenta que o futebol é possível de ser entendido como metáfora antropológica, religiosa, linguística e política. Dentre esses, as duas primeiras discussões são bastante frutíferas no debate sobre identidade, pois revelam em quais termos indivíduos se sentem representados pela mesma agremiação e ajuda a elucidar o

motivo de torcedores de clubes diferentes terem elementos em comum (o tipo de traje, a expectativa, a ida ao estádio) e mesmo assim se diferenciarem a ponto de não se identificarem pela mesma prática social.

Em termos antropológicos, o autor vê no futebol um espírito de clãs, criados a partir das identidades próprias do momento em que a sociedade industrial e o surgimento da cidadania substituem os sentimentos de pertencimento, de grupo ou de lugar, existentes anteriormente. Para Franco Jr. (2007), essas identidades estão postas entre os adeptos de um mesmo clube através de elementos como o seu passado lendário comum, o nome, o brasão, as cores e o totem. Através da experiência de indivíduos diferentes no mesmo espaço de espectação, formam-se identidades conforme emoções e socialidades vivenciadas ali. Dessa forma, o clube de futebol representa um grupo social e todos os signos a si relacionados acabam por construir uma imagem clânica tanto aos seus membros quanto aos torcedores dos demais clubes. Esse é o ponto onde há a diferenciação entre torcedores de diversas agremiações, embora cânticos, totens e cores se pareçam. Aliás, o pressuposto de uma base cultural comum é importante, pois a partir do entendimento e a ciência sobre o conjunto simbólico criado pelos torcedores que se torna possível a comunicação e a reafirmação identitária entre torcidas distintas.³

Ao pensar no futebol como metáfora religiosa, Franco Jr. (2007) vê nesse esporte um caráter de alternativa sagrada dentro de uma sociedade que as lógicas naturais foram totalmente tomadas pela lógica científica e da produção. Ao autor, a religião perdeu agência dentro da sociedade industrial, sendo substituída pelo futebol em seu caráter ritualístico. Como forma de exemplificar seu pensamento, Franco Jr. (2007) argumenta que terminologia do futebol expressa seu sentido religioso ao ter termos utilizados pelos torcedores equiparando ambos: o estádio é o “templo”, a camisa o “manto sagrado”, o grande jogador comparado a um “deus”, as defesas de um goleiro “milagres”. Como mitologia, o autor argumenta que o futebol coloca o rito em um segundo plano, pois a cada rito (partida) reforçam-se os mitos através de todos os fatores que ocorrem nos 90 minutos de jogo.

³ É interessante notar que a construção do totem, sinal, marca ou figura que representa um grupo pode ser feita através da ligação com as cores do clube, caso de Manchester United e Deportivo Cali sendo Diabos Vermelhos por conta do uniforme, ou por uma conotação pejorativa ressignificada de um rival, caso de muitos times brasileiros onde uma adjetivação pejorativa como “porco” dada pelos rivais foi apropriada e ressignificada como identidade dos torcedores do Palmeiras.

O rito futebolístico, como os demais, ocorre em espaço específico, independente de sua condição material. A missa é a mesma na Notre-Dame de Paris ou na igreja paroquial de uma pequena cidade do interior de Honduras – embora, é claro, objetos litúrgicos utilizados no primeiro caso sejam muito mais ricos que no segundo. O futebol é o mesmo, jogado no Maracanã ou no campinho de um time amador de qualquer canto do mundo. Ainda que, obviamente, a qualidade dos equipamentos usados pelos jogadores nos dois locais e a diferença técnica entre eles sejam abissais. A dimensão social e estética do rito pode variar sem deixar de ser estruturalmente rito. (FRANCO Jr., 2007, p.271).

Além de totens em comum, os torcedores de um mesmo clube possuem ritos e mitos compartilhados e ritualizados a cada partida do clube. Esses elementos em conjunto estruturam a identidade clubística e o sentimento de pertencimento ao clube. Sendo a rua o lugar do encontro entre os torcedores, é certo que esses grupos vão exercer domínio sobre parte do espaço urbano, muito embora em temporalidades intermitentes. Esses domínios darão origem a territorialidades definidas aqui como “tentativa de um grupo ou indivíduo de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, por delimitar e estabelecer controle sobre uma área geográfica” (SACK, 1986, p.19), e serão passíveis de comunicação. No entanto, acreditamos que pela efemeridade de suas conquistas e pela subordinação via mundo do trabalho e via simbologias do clube e do Estado, a territorialidade das torcidas organizadas não se aplica aos limites do caso que desejamos estudar.

No caso do Santos FC, as territorialidades são mais simples de serem espreiadas uma vez que não há rivais ao clube na cidade. Pensando em outras cidades onde existam clubes nas grandes divisões do campeonato nacional, o comum é que pelo menos dois clubes disputem simbolicamente a cidade: Porto Alegre com Grêmio e Internacional; Belo Horizonte com Cruzeiro, América Mineiro e Atlético Mineiro; Salvador com Bahia e Vitória; Rio de Janeiro com Flamengo, Botafogo, Vasco da Gama e Fluminense; São Paulo com São Paulo, Corinthians, Palmeiras e Portuguesa⁴. Embora em Santos existam dois outros clubes de futebol profissional, a Portuguesa Santista e o Jabaquara, ambos nunca estiveram em patamar tanto nacional e quanto internacional, como é o caso do Peixe. Inclusive, é comum o repasse de jogadores não utilizados no Santos FC aos demais clubes da região, evidenciando assim a centralidade do Alvinegro Praiano na Baixada Santista.

⁴ Lembrando que a torcida do Santos é majoritariamente de São Paulo, assim como sua principal torcida organizada a Torcida Jovem, hoje localizada no bairro de Aricanduva na Zona Leste. Dessa forma, a torcida do Santos, em especial quando joga na capital, exerce influência no cotidiano da cidade.

1.2 – Signos, Símbolos e a Paisagem

As territorialidades exercidas pelos dirigentes de clubes têm conteúdos comunicados, uma vez que há produção de discursos e narrativas em torno de seu grupo político tanto no período eleitoral do clube quanto nos dias comuns. Esses conteúdos mobilizam uma série de símbolos possíveis de serem entendidos através da paisagem no lugar onde se localiza o clube – dentro e fora do estádio.

A primeira parte aqui apresentada passa por elucidar o que entendemos como símbolo. Para tal, foi necessário buscar nas discussões sobre semiótica o significado dessa palavra e como utilizá-la de modo a fazer sentido com o entendimento de paisagem que apresentamos a seguir. Peirce (2010) aponta que símbolos constituem uma classe de signos, assim como ícones e índices. Ao autor, signo só existe em uma relação triádica na qual se torna o Representâmen de um Objeto em relação a um Interpretante. Assim, tanto símbolos, quanto ícones quanto índices são representações de um objeto a partir de algo que os interprete, não havendo possibilidade de qualquer relação diática entre os membros (PEIRCE, 2010, p.63).

O autor continua seu raciocínio definindo ícones como signos de relação por semelhança ou estabelecimento de uma ordem de proporção entre Objeto e Representâmen de modo a poder existir de outra forma sem que haja o Interpretante. O exemplo dado pelo autor é o risco de lápis que, como signo pode representar uma reta, porém não perde seu caráter de risco sem que haja a interpretação de reta (PEIRCE, 2010). Em termos de índice, Peirce diz que o índice é um Representâmen que indica algo ao Interpretante, ou seja, o Objeto está em posição de indicação:

Um catavento é um índice da direção do vento dado que, em primeiro lugar, ele realmente assume a mesma direção do vento, de modo tal que há uma conexão real entre ambos, e, em segundo lugar, somos constituídos de tal forma que, quando vemos um catavento apontando numa certa direção, nossa atenção é atraída para essa direção e, quando vemos o catavento girando com o vento, somos forçados, por uma lei do espírito a pensar que essa direção tem uma relação com o vento. (PEIRCE, 2010, p.67)

Por fim, Peirce apresenta que é um símbolo é um Representâmen cujo caráter impõe uma regra ao seu Interpretante, em outras palavras não é possível que a interpretação de um símbolo não esteja condicionada a um modo de interpretar que o determina. “A palavra, em si mesma, não tem existência embora tenha um ser real que consiste no fato que os existentes se deverão conformar a ela” (PEIRCE, 2010, p.71).

Assim, um símbolo pode conformar um índice ou um ícone conforme as necessidades de interpretação do Objeto.

Ao nosso trabalho, a noção de símbolo dada por Peirce é importante no entendimento de como se dá a produção simbólica e a interpretação possível desses símbolos. Dado o entendimento de que a paisagem é dotada de símbolos e estes são construídos socialmente, esses símbolos remetem a Objetos outros que precisam ser imaginados e interpretados, processo análogo à leitura de uma palavra só fazer sentido após o processo imaginativo dar significado ao que foi lido. Além disso, Peirce (2010) argumenta que símbolos mesmo quando destruídos não destroem o Objeto e tampouco quem produziu esse símbolo é proprietário de fato desse Objeto. Por fim, é interessante a noção do autor de esvaziamento do caráter de signo do símbolo sem um interpretante, ou seja, sem algum indivíduo que possa compreender o que está sendo representado.

Em termos de paisagem, esta é dotada de textualidades através da construção de objetos técnicos e simbólicos, Duncan *et al* (2001) dizem que um grupo social é capaz de mobilizar capital cultural e econômico para criarem paisagens com poder de incorporar seus valores morais e identidades de forma a excluírem as demais⁵. Dessa forma, o grupo social com maior poder econômico é quem vai ter maior incorporação de seus valores morais e identidades e, dessa forma, dominará a produção da paisagem. Entendemos aqui que esse domínio acaba por comunicar e mobilizar indivíduos sobre o poder exercido por um grupo, o que espacialmente pode ser entendido como exercício de territorialidade.

James Duncan e Nancy Duncan (2004, p.334) exemplificam como os discursos empregados na paisagem mobilizam pessoas e ações com o caso de Bedford, uma cidade construída no século XVII na Nova Inglaterra. Segundo a descrição feita pelos autores, a cidade conserva até os dias atuais características paisagísticas das casas dos tempos da colônia, como forma de simbolizar o grau de pertencimento a uma cultura anglo-saxã de cunho protestante. Os principais pontos de socialização dessas pessoas são pontos específicos e valorizados como locais desejáveis de serem frequentados

⁵ Esse fenômeno também pode ser lido como uma estratégia de territorialização desse grupo social e, indo além, uma desterritorialização dos outros grupos, assunto que será abordado mais a frente, porém que aqui evidencia o fato de um grupo hegemônico, quando imprime sua identidade na paisagem, demonstra poder e tenta anular as demais identidades desterritorializando-as, restando a esses grupos postos como marginais uma reterritorialização (HAESBAERT, 2004) na forma de resistência ao processo que lhes foi imposto.

como escolas, igrejas (com maior destaque à igreja presbiteriana da cidade) e o clube de golfe.

Notavelmente, a cidade de Bedford é pequena dentro da rede urbana estadunidense cuja elite local estabeleceu-se durante o período colonial da América Anglo-Saxã. Assim, como apontam Duncan *et al.* (2004), os símbolos que remetem à independência dos Estados Unidos trazem uma narrativa tradicional capaz de reafirmar os valores e a narrativa impostos pela elite de Bedford. Esses símbolos produzem um discurso sobre os Estados Unidos e sobre sua própria comunidade, marginalizando grupos sociais, exemplificado no texto pelos italianos católicos vistos como pessoas de grau inferior. Dessa forma, é possível dizer que a cultura faz parte de toda a produção e reprodução da vida material, sendo um conjunto simbólico estabelecido de maneira pública em um determinado grupo social. Dito isso, em uma sociedade de classes o espaço se torna parte da reprodução tanto do capital quanto dos símbolos do grupo social hegemônico, no caso a burguesia, criando objetos técnicos e uma paisagem que reforçam o pensamento dominante e ajudam a esconder as contradições da produção.

A paisagem é um dos elementos centrais em um sistema cultural, por conta de agir como criador de signos “através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado” (DUNCAN, 2004, p.106). Portanto, a paisagem tem um caráter textual capaz de codificar e transmitir informações (DUNCAN, 2004), além de ser elemento ideológico ao esquecimento de algo. De modo a entender a paisagem, Duncan (2004, p.110) sugere uma investigação em frentes. A primeira explora o impacto de objetificação, a eficácia da paisagem como veículo concreto, visual, de sutil e gradual persuasão. A segunda examina os tropos que encontramos numa paisagem, que codificam e transmitem informações pelas quais os leitores podem ou não ser persuadidos da correção, do caráter natural, ou legitimidade dos discursos hegemônicos.

De forma a elucidar como a paisagem é dotada de textualidades através da construção de objetos técnicos e simbólicos, Duncan (2004, p.109) argumenta que um grupo social é capaz de mobilizar capital cultural e econômico para criarem paisagens com poder de incorporar seus valores morais e identidades para excluírem as demais:

Normalmente, as paisagens tendem a parecer naturais ou inevitáveis àqueles que vivem e trabalham nelas. Exceto sob circunstâncias excepcionais, (...), a tangibilidade e aparente transparência das características da paisagem tendem a convencer o observador local da paisagem de que as relações sociais,

políticas e econômicas permitidas pela sua organização são estabelecidas naturalmente, ou mesmo divinamente.

No caso de um estádio de futebol, e mais especificamente do Santos Futebol Clube, é possível pensar no risco de naturalização paisagística de quem se apropria do estádio e de seu entorno. Por exemplo, o Peixe é o único clube em divisão nacional de sua cidade, tendo então um caso peculiar onde a identidade da cidade não é partilhada por outros clubes e possibilitando à classe hegemônica da cidade se utilizar do clube e imputar uma série de discursos a seu favor. Discursos paisagísticos podem ser feitos de forma a mobilizar pessoas sem que essas realmente se atentem para esse caráter político, da mesma maneira como o processo de produção de mercadorias é alienador. É entendido nesse trabalho que há outros grupos capazes de modificar e criar símbolos paisagísticos. Portanto, grupos de torcedores com mesmo uniforme, faixas, bandeiras, símbolos próprios – e outros apropriados, são capazes de criarem seus discursos que, dependendo de sua influência dentro da comunidade urbana (BALE, 2000) do clube, têm força suficiente ou não de mobilização.

Os tropos da paisagem, então, são compostos primeiramente como uma alegoria, sendo que através dos signos, símbolos e ícones as pessoas, e especialmente dos grupos hegemônicos, contam uma história sobre si próprias, as relações dentro de seus grupos.

De acordo com essa perspectiva, as paisagens não satisfazem simplesmente os requisitos óbvios, mundanos, funcionais (as áreas residenciais suburbanas fornecem um ambiente no qual o trabalho pode se reproduzir), nem representam apenas as criações culturais localizadas. Em vez disso, através do vocabulário de várias formas convencionais – signos, símbolos, ícones e tropos especializados em paisagens –, as pessoas, particularmente as pessoas poderosas, contam histórias carregadas de moral sobre elas mesmas, sobre as relações sociais dentro de sua comunidade e sobre suas relações com a ordem divina. (DUNCAN, J. 2004, p.113)

Outro tropo de uma paisagem é a metonímia (DUNCAN, 2004), ou seja, símbolos não precisam representar fielmente algo, porém podem através da parte pelo todo dar significação que remeta a algo. Por fim, a paisagem pode ter como tropos a estrutura recorrente de uma narrativa, definida por um “sistema de repetições estrategicamente projetadas pelos construtores da cidade empregadas pelo rei para assegurar a máxima repetição da mensagem” (DUNCAN, 2004, p.116). Portanto, a paisagem carrega uma enorme quantidade de informações que nos permite elucidar fenômenos sociais e estruturas de poder presentes em um lugar. Lembrando que os elementos simbólicos na paisagem estão além dos elementos visuais, as construções e

pinturas, podendo ser observados através de elementos ritualísticos, cânticos e toda mensagem ou tradição⁶ que possam ser expressas.

Cosgrove (1983) e Duncan (2004) vão acrescentar elementos para a análise da paisagem e dos conjuntos simbólicos produzidos por um grupo social. Cosgrove aponta que é necessário estudar a formação socioeconômica de um lugar para apreender quais são os elementos simbólicos importantes. Em uma sociedade de classes, o espaço se torna parte da reprodução tanto do capital quanto dos símbolos do grupo social hegemônico, no caso a burguesia, criando objetos técnicos e uma paisagem que reforçam o pensamento dominante e ajudam a esconder as contradições da produção.

Essa análise de paisagem se difere de outras abordagens que mais se preocupavam com a forma, de cunho mais descritivo como é possível ser visto em Santos (2014, p.103) ao afirmar que “paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e a natureza. O espaço é essas formas mais a vida que as anima”. Santos, assim como La Blache, enxerga na paisagem as formas daquilo que as relações sociais, o conteúdo, reproduziu conforme o tempo. A centralidade da paisagem na análise se dá justamente ao entender que a reprodução material da vida e a reprodução simbólica se dão de forma na qual a paisagem é produzida com intencionalidades discursivas.

Essas intencionalidades são comunicadas e construídas através da paisagem. Assim como no exemplo de Bedford, a paisagem ajuda a influenciar e mobilizar pessoas conforme colocadas em uma área, o que podemos entender como estratégia de um grupo social. Essas intencionalidades estão dispostas em confronto com outras intencionalidades em um jogo de forças onde o poder político e econômico faz com que o domínio seja dos grupos hegemônicos. No caso estadunidense, é observável que a elite da cidade criou todo um código através da repetição de símbolos relacionados às 13 Colônias para justificar o domínio político histórico sobre Bedford.

Com isso, os símbolos dispostos na paisagem são comunicações possibilitadas a partir da mesma base cultural, ou seja, os indivíduos envolvidos têm ao menos uma aproximação com tema. Pensando no Santos FC, não haveria qualquer motivo a essa investigação caso o esporte ou o clube não tivessem qualquer significado a uma

⁶ Tradição entendida por Duncan como uma seleção de determinados rituais e festas que são escolhidos por agentes hegemônicos de modo a ser repetida por todo um grupo social.

comunidade, afinal perderia o sentido a comunicação, a territorialidade e a produção simbólica do espaço. Isso dá margem a pensar os motivos do futebol ter a relevância de forma a criar uma linguagem universal (CAMPOS *et al*, 2010) onde seus ícones, como uma trave, podem ser facilmente entendidos em qualquer parte do planeta assim como suas figuras de linguagem do cotidiano.

1.3 – O estádio: identidade, normatização e espaço cultural

Os estádios de futebol são proeminentes em meio urbano devido à discrepância paisagística em relação ao lugar onde se encontra mesmo quando sua capacidade é pequena. Suas arquibancadas, postes de iluminação, bilheterias destoam até mesmo de hipermercados e *shopping centers* com seus formatos em caixa, pois a parte inteira não é fechada e, quando utilizado, pode possibilitar a visão dos expectadores mesmo que não haja visão do campo de jogo. Não obstante, é relativamente comum que sejam pontos de referência à localização de uma residência ou um comércio, ou que seja confundido em nome com o bairro que o abriga. Assim é impossível não pensar na dupla possibilidade quando um indivíduo paulistano afirma “vou ao Pacaembu” ou “vou ao Morumbi”.

Em termos de formação identitária, o estádio é o *locus* onde os torcedores experimentam uma série de sociabilidades possíveis, assim como o estádio é o local de ser visto, onde as ritualizações irão ocorrer. Os mitos criados pelos torcedores, seguindo a lógica de Franco Jr. (2007), são criados e recriados a partir ao que ocorre dentro do estádio. No entanto, não se pode restringir a identidade criada com um estádio apenas ao que ele representa pelo interno senão como um símbolo local capaz de gerar, por conta de emoções e memórias, uma topofilia (BALE, 2000). O estádio vai além da simples representação local, sendo também que seu nome, ao ser falado em transmissões ou em notícias via Internet, ganha projeção em áreas distantes (BALE, 2000).

Pensando nas dimensões entre público e privado, Gaffney (2008) observa que os estádios são locais “*quasi-públicos*” (*quasi-publics*), ou seja, não expressam inteiramente características de um local público e tampouco as referentes a um espaço privado. Como espaço público, seu acesso não poderia ser restrito e seu uso não poderia ser condicionado a apenas um clube e um grupo (aquele que tem poder para custear seu ingresso). Assim, não há possibilidade de ser considerado inteiramente um espaço privado por conta de toda alteração que causa no planejamento urbano, na mobilização

de funcionários e em ser alvo de políticas públicas próprias. As normatizações que se sobrepõem ao estádio de futebol, incluindo as ruas próximas, têm duas origens: a primeira proveniente da esfera pública, como a prefeitura, a corporação policial, o departamento de trânsito; e a segunda proveniente da esfera privada como a federação responsável pelo evento, o clube ou ação de uma “patrocinadora”⁷.

Além do caráter cultural, o futebol também é um produto rentável e o estádio se insere nisso. Com a criação da *Football Association* (FA) em 1863 e da *FA Cup* em 1870, o futebol além de ser um esporte a ser praticado, passou a ser um esporte a ser assistido (AGOSTINO, 2012). Nesse momento, segundo Gonçalves (2011), o futebol tornou-se mercadoria, sendo que a estrutura que vai possibilitar isso é o estádio. O estádio é o lugar da espetacularização e começa espacialmente a denotar as diferenças econômicas da sociedade industrial através da distinção de setores destinada à elite e aos torcedores oriundos do operariado. Como aponta Mascarenhas (2014), nas duas primeiras décadas do século XX os clubes investiram na construção de seus próprios estádios visando maior lucratividade através da taxa de ingresso. Os primeiros estádios foram construídos em locais próximos ao centro das cidades ou em áreas nobres, pois uma parte significativa dos clubes era da elite. No Brasil, podemos citar o caso do Estádio das Laranjeiras, construído em 1919 pelo Fluminense, assim como o Estádio dos Eucaliptos em Porto Alegre e o Estádio Urbano Caldeira (Vila Belmiro), em Santos.

A partir dos anos 1930, a iniciativa dos clubes em construir estádios será suplantada em boa medida pela iniciativa dos Estados nas áreas urbanas. Agostino (2012) descreve como a Itália fascista de Mussolini empreendeu a construção de estádios de grande capacidade, acima de 30 mil torcedores, em estilo neoclássico remetendo ao Império Romano. Assim ocorreu também no Brasil, começando pelo Estádio Mário Filho, o Maracanã, em 1950, e com a construção de estádios por todo o país durante a Ditadura Militar (ALMEIDA, 2017). Esse novo formato de estádio, pensado como uma estrutura de exaltação à nação e aos seus valores, especialmente os vinculados aos regimes ditatoriais, fomentou ainda mais a ida da classe trabalhadora ao estádio. Sobre isso, Gaffney e Mascarenhas (2006, p. 6) dizem que:

Por conta do tamanho grande dos estádios, excessiva cobertura midiática, e subsídios governamentais, por décadas o futebol atraiu um grande número de

⁷ O adjetivo patrocinadora aparece entre aspas ali por conta de ser a maneira coloquial referente a uma empresa que pode desenvolver outros tipos contratuais fora do estabelecido como patrocínio. Exemplo claro é a distribuição e venda de cerveja exclusiva da Budweiser na Copa do Mundo do Brasil.

espectadores no Brasil e se tornou a principal forma de diversão popular. Nos estádios, frequentemente cheios até a capacidade, o público desenvolveu seus próprios rituais, comportamentos carnavalescos, cânticos e slogans. (...)

É interessante pensar em como surgiram esses comportamentos ditos como carnavalescos. Segundo Hollanda (2009)⁸, a festa das torcidas nos estádios começa com o fomento estatal durante o Estado Novo, onde se promoviam concursos entre as charangas e torcidas uniformizadas, que surgem nesse mesmo período (TOLEDO, 1996), seguindo padrões oriundos do carnaval. Embora tenham sofrido muitas modificações com o tempo, é notável que a origem da festa entre os torcedores nos estádios brasileiros tenha surgido com influência direta do Estado brasileiro como agente normatizador. Mascarenhas (2014) argumenta que a partir dos anos 1980 o advento do patrocínio nas camisas de futebol e o início das transmissões televisivas, o orçamento através do ingresso tornou-se complemento de renda. Se em um passado pouco distante era indispensável a ida do torcedor ao estádio, a partir desse momento ao menos aos clubes essa função já não era tão importante (MASCARENHAS, 2014). Da mesma forma, o encontro análogo ao carnavalesco dentro e fora dos estádios, confundidos com as brigas das torcidas organizadas, foi sendo substituído por outras formas de ocupar espaço.

Giulianotti (2004) aponta que na Inglaterra, a partir do aumento da violência dos *hooligans*⁹, o Estado mínimo inglês enxergou a possibilidade de uma política de transformações severas a partir das tragédias de Heysel (1985) e Hillsborough (1989). O primeiro episódio, segundo o autor, envolveu as firmas (organizações de torcedores *hooligans*) do Liverpool e torcedores da Juventus da Itália, causando 39 mortes entre os italianos. Já o caso de Hillsborough, em 1989, ocorreu superlotação e erro de posicionamento da polícia, fazendo com que torcedores fossem esmagados contra o alambrado, até que o mesmo se rompeu (GIULIANOTTI, 2004).

Naquela tarde em Sheffield morreram 96 torcedores do Liverpool, sendo que à época a culpa recaiu inteiramente sobre sua torcida, fato que seria reparado posteriormente com a reabertura das investigações. Segundo Giulianotti (2004), o Governo Thatcher considerava que o problema principal estava na baixa educação dos

⁸ Um dos pontos que Hollanda (2009) salienta é a mudança de comportamento entre as charangas, torcidas uniformizadas e torcidas jovens. Ao autor, essas três formas de torcer em conjunto, e de fazer festa, distinguem-se temporalmente e na maneira de se comportar, tendo as torcidas jovens atuais o caráter mais próximo à militarização.

⁹ Grupos de torcedores conhecidos pela violência e os constantes confrontos entre torcedores de agremiações diferentes.

torcedores ingleses das classes populares, sendo então necessário quebrar a hegemonia desse grupo social dos estádios, sendo a alternativa a criação dos programas de sócios (*memberships*), além da modificação estrutural dos estádios, retirando-se as arquibancadas e substituindo por setores com cadeiras. É interessante notar a característica *quasi-public* do futebol nesse ponto: utilizando a violência, evento real, o Governo Thatcher promove uma série de alterações nos estádios nos quais as ligas e os clubes têm de acatar. Essas alterações, como o fim das arquibancadas e a implantação de equipamentos eletrônicos de segurança, reorganizaram o futebol inglês e, seguindo na esteira da reorganização empresarial (AGLIETTA, 1986) e da desregulação de mercados (BELUZZO *et al.*, 2017), resultaram na abertura de clubes ao mercado financeiro.

Em termos normativos, o grande documento que fomentou as políticas públicas britânicas do período foi o *Taylor Report*, sendo esse o relatório final sobre as causas da tragédia ocorrida em Hillsborough confeccionado pela polícia de South Yorkshire. Em termos de conteúdo dessas modificações, o *Taylor Report* aponta que os estádios deveriam ser vigiados, seguros e higienizados. Era a porta de entrada de uma intervenção estatal de modo a fomentar o processo de arenização dos estádios ingleses. Como Mascarenhas (2014) evidencia, esse é o processo de arenização que se espalharia pelo mundo¹⁰, cujo principal intuito é a transformação de estruturas anteriores de expectativa em espaço destinado ao consumo em diversas frentes – desde o ingresso que é uma apólice de seguro aos restaurantes e lojas destinados a um indivíduo que tenha renda para tal. Essa discussão é pertinente por nos dar subsídios sobre o que é o estádio de futebol para além de sua forma arquitetônica, pensando em quais agentes estão exercendo influência e domínio sobre esse lugar. É inegável que os torcedores tenham importância ímpar tanto na construção identitária quanto em questões relativas à estrutura do estádio¹¹, porém é sensível como desde a década de 1980 os estádios foram locais onde políticas públicas e decretos foram aplicados, em especial no tocante à violência, tanto na Inglaterra quanto no Brasil¹². Essas ações modificaram esse fixo geográfico de forma a mudar, como mostrado acima, as relações sociais estabelecidas

¹⁰ Sendo um dos vetores a própria *Federation Internationale de Football Association*(FIFA) por conta dos padrões requisitados para a realização das partidas da Copa do Mundo de seleções masculinas.

¹¹ Como no caso ocorrido em 2013, quando a diretoria do Santos tentou fechar com blocos uma área ocupada historicamente por torcedores e estes não aceitarem, derrubando o muro com marretas. Fonte: FOLHA ONLINE, 2018.

¹² Atualmente, o Ministério Público do Estado de São Paulo proíbe bandeiras com mastros; assim como torcidas visitantes de clubes rivais paulistas. Fonte: REZENDE, 2016.

pelos expectadores. As consequências dessas incursões podem influenciar, dentre outras searas, na questão do estádio como um lugar simbólico. Antes de começar a discussão sobre espaço simbólico em si, Correa traz a reflexão sobre formas simbólicas e suas reações com o espaço.

As formas simbólicas tornam-se espaciais quando estão diretamente vinculadas ao espaço, constituindo-se em fixo e fluxos, isto é, localizações e itinerários, que são atributos primários da espacialidade. Palácios, templos, cemitérios, memoriais, nomes de ruas, shoppings, parques temáticos, montanhas, rios, cidades, bairros, ruas praças e prédios podem ser vistos como fixos simbólicos. (...) As relações entre formas simbólicas e espaço são complexas, de mão dupla. De um lado, localizações e itinerários simbólicos valorizam os locais e trajetos percorridos e, de outro, incorporam os atributos simbólicos que as localizações e os trajetos possuem. (CORREA, 2017, p. 137)

Portanto, entendemos que o estádio é um fixo simbólico que emite e recebe fluxos simbólicos dados pelos deslocamentos de torcedores, especialmente os torcedores organizados. Como já elucidado, as experiências vividas pelos torcedores dão ao estádio significados que o torna possível de classificar como lugar simbólico, sendo a característica mais latente de um lugar simbólico possuir significados políticos, religiosos, étnicos, ou associados ao passado (CORREA, 2017, p.138). Esses significados são produzidos socialmente com várias tensões entre os agentes criadores, sem contar que podem ou não ser mercantilizados. No caso do estádio do futebol, pensando na influência externa e na mercantilização dos jogos desde o século XIX, afirmamos que se trata de um lugar simbólico mercantilizado.¹³ Como último ponto aqui debatido, a questão do itinerário simbólico se distingue do itinerário rotineiro, normalmente devoto do tempo do trabalho, por ocorrerem em “datas previamente definidas, datas festivas, em comemoração a um evento político, a uma devoção religiosa ou a uma tradição local” (CORREA, 2017, p.146). Os locais, as formas de interação nesses locais e o percurso podem trazer alterações ao cotidiano e às narrativas que busquem, como em uma manifestação, dialogar com as pessoas e com o entorno.

1.4 – Escalação e tática: discussão metodológica

Uma das palavras chaves que aparecem nesse trabalho é o entorno. No senso comum, o entorno é uma palavra com significado relacionado a uma área expandida de um ponto. O quão expandido é difícil mensurar, podendo ter sentido diferente conforme

¹³ Conceito que dialoga com a festa-mercadoria pensada por Serpa (2007). A festa-mercadoria é o contrário à festa como construção e encontro popular, pois há uma apropriação do evento pelo mercado, especialmente o turismo, para torná-lo atrativo a visitantes e consumidores em geral.

a escala cartesiana. Aqui o sentido de entorno ganha diferentes proporções conforme a temporalidade analisada, ao que Duncan (2004), Correa (2017) e Toledo (2010) abordam sobre paisagem, símbolos e, no caso do último autor, ao futebol. Podemos afirmar que como elemento simbólico da paisagem, o entorno depende exclusivamente da espacialidade dos eventos culturais ocorridos na área próxima à Vila Belmiro. As relações socioespaciais ali presentes que definem seus contornos e limites, assim como seu conteúdo. Portanto, conforme as manifestações, a festa, a produção e a forma, o entorno ganha contornos nesse trabalho conforme a duração dos eventos estudados.

Na seara do processo de produção simbólica da paisagem, há um tempo perene, constante, visível quando as formas, os objetos simbólicos, dominam em uma paisagem mais vazia, sem o encontro dos torcedores. Esse tempo nos possibilita pensar que o estádio não pode ser dividido entre as áreas internas e externas. Aqui não se perdem de vista a exclusão, as mudanças estruturais e os interesses econômicos, porém pensando no ponto de vista da identidade, o estádio e seu entorno se exprimem como um único fixo simbólico. Vale ressaltar que as redes, os fluxos de pessoas mercadorias que envolvem a relação entre paisagem e espaço (SANTOS, 2014) estão presentes no entorno do estádio e influenciam nos processos que serão estudados, o que será evidenciado no capítulo seguinte na formação socioespacial de Santos.

Pensando na forma com a qual a NGC deveria olhar a dialética entre produção simbólica e material, Cosgrove (1983) aponta que elucidar a formação econômica e social (FES) como chave para elucidar o processo histórico que as produz e reproduz. Inclusive, o autor busca em Gramsci (1983, p.20) subsídios para pensar como é interessante ao pensamento marxista a análise da formação socioeconômica ao entendimento da hegemonia cultural da classe dominante. Para Cosgrove:

A hegemonia cultural é a imposição bem sucedida dessa cultura produzida a partir da experiência da classe dominante e é um dos pré-requisitos de sua posição dominante na FES (Anderson, 1976). O materialismo histórico, de acordo com a teoria e prática de Gramsci, é uma antropologia e os produtos da cultura (literatura, linguagem, artes, religião, folclore, etc.) todos são básicos para a luta de classes. O modo de produção material estabelece limites a idéias e crenças porque é a experiência principal dos seres humanos, e a sociedade nunca propõe problemas para os quais os meios de solução já não estejam desenvolvidos ou surgindo. (COSGROVE, 1983, p. 14)

Como o próprio Cosgrove aponta a Santos como referencial para pensar na formação econômica e social, concordamos que o movimento do espaço é condicionante e efeito do movimento da sociedade e cada novo estágio social há de se

adaptar as formas resultantes do estágio anterior (SANTOS, 2005, p.30). A formação social está condicionada ao espaço e suas dinâmicas, de modo que

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e seus movimentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas, e por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos. (SANTOS, 2005, p.33)

Concluimos então, que a categoria a ser utilizada é formação socioespacial em substituição ao termo formação social e econômica, como propõe Santos resumindo que há inseparabilidade das realidades e das noções de sociedade e espaço inerentes à categoria da formação social (SANTOS, 2005). Portanto, de forma a elucidar as bases culturais de Santos, da elite e dos torcedores do Santos, será necessário compreender a formação socioespacial da cidade, o que será feito no capítulo seguinte.

Lembrando que os elementos simbólicos na paisagem estão além dos elementos visuais, as construções e pinturas, podendo ser observados através de elementos ritualísticos, cânticos e toda mensagem ou tradição¹⁴ que possam ser expressas. Duncan *et al* (2004) defendem o trabalho de campo e as entrevistas, tanto questionários como questões abertas, como forma de apreender as noções e as sensações que os habitantes têm sobre a paisagem e suas narrativas, pois são eles que interpretam e, de certa forma, contribuem para a produção simbólica da paisagem. Nesse trabalho, foram feitas entrevistas nos trabalhos de campo de forma a entender como há a percepção e a produção de símbolos na paisagem do entorno da Vila Belmiro.

Com essa discussão, podemos dizer que o trabalho se baseia, primeiramente, em uma análise que surge a partir da formação socioespacial da cidade de Santos, de modo a entender suas dinâmicas econômicas, sociais, políticas e seu papel dentro da rede urbana nacional. Na sequência, o caminho metodológico adotado circunscreve-se nas questões relativas a análise da paisagem, a disposição dos símbolos, quais os tropos ali postos. Ao fim do processo, a metodologia associa quais as formas de comunicação que essa paisagem possibilita da territorialidade exercida pela elite santista ao redor do estádio. Assim, é possível entender como se espacializa esse discurso e se há grupos de torcedores excluídos por conta dessa espacialização.

¹⁴ Tradição entendida por Duncan como uma seleção de determinados rituais e festas que são escolhidos por agentes hegemônicos de modo a ser repetida por todo um grupo social.

CAPÍTULO 2 – A COMPOSIÇÃO PAISAGÍSTICA: A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA SOBRE SANTOS

Santos é uma cidade a 68 km de São Paulo, uma distância que caberia dentro do trajeto entre Osasco e Mogi das Cruzes, dois municípios da Região Metropolitana de São Paulo. Portanto, não seria nada irracional imaginar uma conurbação entre a cidade de Santos com a capital, caso não houvesse uma diferença altimétrica de 840 metros entre os dois municípios. Assim, a portuária cidade é distante do principal centro econômico do país por conta de se situar na Planície Costeira, enquanto a cidade de São Paulo está assentada no conjunto de origem cristalina dos Planaltos do Leste (ROSS, 2001).

Na realidade, na data de fundação de Santos em 1543 não havia qualquer necessidade de pensar em suas relações com São Paulo, pois o que viria a ser a capital do estado só seria fundada anos mais tarde, em 1554. Isso nos interessa, pois Santos é fundada pela posição privilegiada de seu estuário em substituição o antigo porto à frente do Mar Pequeno em São Vicente, cidade pioneira no Brasil, fundada em 1532. Assim, os povoados na Ilha de São Vicente sempre tiveram uma importância própria por conta da circulação de mercadorias e pessoas no fluxo entre colônia e metrópole. Isso nos dá subsídios a pensar que Santos começou sua história à parte de São Paulo e mesmo na atualidade, por conta do porto, há certa autonomia da cidade.

Nesse capítulo, buscamos elucidar como a elite de Santos produz um conjunto simbólico capaz de formar um discurso sobre si e sobre a cidade com intencionalidades que visam sua reprodução como grupo político e econômico. Não temos a pretensão de fazer uma geohistória total da cidade de Santos, nem mesmo de evocar a ordem da formação socioespacial em perfeita sintonia com a produção. Através da observação da paisagem, elucidada-se a hegemonia da elite santista na construção de narrativa, pois por intermédio do poder público, a construção simbólica da cidade se deu em boa medida atendendo a visão de sociedade proposta pela elite. A manipulação de elementos históricos, físicos e econômicos é realizada intencionalmente, a partir dos efeitos que se espera atingir por intermédio de uma paisagem. Isso é sensível nas poucas imagens produzidas em outras narrativas ou contra-narrativas, sendo que a escolha de figuras e nomes de ruas, monumentos e da história atendem a um padrão bem definido: são normalmente homens, da elite brasileira, retirando qualquer contradição do processo.

De modo a desenvolver essa análise, foi necessário elucidar quais os principais símbolos da cidade que participam das dinâmicas comunicativas e competitivas do Santos FC, suas localizações e analisar de maneira individual e coletiva os símbolos. Resgataram-se assim os estudos de signos de Pierce (2010) e a metodologia de análise da paisagem de Duncan (2004), assim como observar dados demográficos e econômicos para construir o quadro de estado da arte da cidade e possibilitar o entendimento sobre a produção simbólica da cidade junto à produção material. Assim, é necessário entender as relações amplas, tanto no campo econômico e político, como Santos (2010) propõe, quanto na análise simbólica como propõe Correa (2017). Vemos necessidade em discutir a formação física por conta de suas influências nas relações internas e externas, pelos motivos já apontados acima e outros, que serão tratados nesse capítulo. Além da abordagem física, há a necessidade de entender a formação santista, especialmente do Ciclo do Café até a atualidade, para dar subsídios à discussão final sobre os símbolos paisagísticos e os processos identitários do Santos FC.

Dentro das temporalidades apontadas no capítulo anterior, ressaltamos que se trata da temporalidade perene, aquela que o entorno do estádio se confunde com a própria cidade, pois entendemos que a produção simbólica se dá em via dupla, pois a cidade constrói simbolicamente o Santos FC e o Santos, a partir da Vila Belmiro, também constrói símbolos na área urbana da cidade. Essas são verificáveis em qualquer dia, não apenas nos momentos de jogos ou decisórios do clube. Assim, elucidamos o recorte desse capítulo dentro da proposta de pensar no entorno e, assim como Duncan *et al* (2004) apontam que os símbolos funcionam em conjunto dentro da cidade de Bedford (EUA), aqui também se faz necessário entender o conjunto simbólico na paisagem santista como um todo, pois está articulado a Vila Belmiro e ao Santos FC.

2.1 – A estética do isolamento: aspectos geomorfológicos da Baixada Santista

A paisagem remete, em certa medida, a uma composição da materialidade física, inclusive natural, e de uma sensação percebida da mesma. Tal percepção não seria entendida apenas como individual, mas como algo dividido por uma comunidade, partilhado como um decisivo marcador cultural. Assim, os elementos de uma paisagem natural de Santos, sobretudo geomorfológicos, são frequentemente evocados como elementos culturais. O município de Santos localiza-se no litoral de São Paulo dividido entre uma área insular e uma área continental. A área insular localiza-se na Ilha de São Vicente, separada entre Santos e São Vicente, onde se encontra toda a área urbana

santista. A área continental é composta por instalações industriais, vias de passagem como a Rodovia Cônego Domenico Rangoni (SP-055) e áreas de preservação ambiental por conta do Parque da Serra do Mar. A Ilha de São Vicente está separada do continente a oeste e a norte pelo Canal de São Vicente/Mar Pequeno; assim como está separada da Ilha de Santo Amaro, onde está localizado o município do Guarujá, pelo Estuário de Santos a leste. Por fim, vale ressaltar que a Ilha de São Vicente está recuada em relação à linha da costa.

O modelado do Planalto Atlântico é de morros cristalinos convexos, com alta densidade de canais de escoamento e vales profundos. Ab'Saber ([1958]2010) diz que o sítio urbano da Região Metropolitana de São Paulo, dentro do Planalto Atlântico, encontra-se em uma falha originando uma bacia sedimentar fluviolacustre, formada no fim do Terciário, dando origem a terrenos de amplitude altimétrica de topografia mais homogênea. No *front* da escarpa, a amplitude altimétrica é de 800 metros entre o nível do mar, na Baixada Santista, até o topo da escarpa no Planalto Atlântico, onde está situado o município de São Paulo. Trata-se aqui do primeiro grau de isolamento da cidade de Santos, pois o litoral paulista está separado do restante do estado por uma vertente de quase 1000 metros de altitude, o que levou séculos de circulação reduzida até a implantação de um meio técnico capaz de transpor essa barreira.

Antes do primeiro avanço marítimo, Ab'Saber ([1958]2010) aponta que a erosão da escarpa da Serra do Mar criou dois terraços, sendo o primeiro com altitudes entre 20-30 metros e o segundo por volta de 60 metros. Esses terraços e outeiros, como a Ilha Porchat em São Vicente, são visíveis em pontos específicos na ponta das praias em morros graníticos de topo arredondado. Em direção barlavento, o primeiro elemento de relevo se situa entre 2 e 4 metros de altitude (AB'SABER, [1958]2010, p.129), sendo formado por terraços de arenitos inconsolidados pertencentes a praias e restingas soerguidas, onde se assenta a área urbana do município de Santos. Além da separação da área urbana santista com o restante do estado de São Paulo, há a formação insular que a separa também do restante da própria Região Metropolitana da Baixada Santista. Embora haja conurbação, a vida do residente da cidade de Santos se concentra no próprio município, inclusive sem haver vias diretas de circulação senão com Cubatão e São Vicente.

Como último elemento aqui apontado, Ab'Saber ([1958]2010) descreve um nível topográfico e paisagístico situado entre 200-300 metros de altitude, efeito do

soerguimento epirogênico, na faixa central da Ilha de São Vicente, classificando-a como formação “Monte Serrat-Santa Teresa” que inclui uma série de morros com topos aplainados formando o Maciço de Santos. O Maciço de Santos separa a área urbana central da cidade de sua periferia e de São Vicente. Sobre o maciço:

Os topos aplainados dos morros que formam o maciço granítico-gnaissico de Santos conservam sinais inilidíveis de superfície de 200-300m. Pequenos e profundos vales incisos a partir desse nível estão dissecando ativamente a porção central do maciço. Há sinais de um alto terraço fluvial (strathterrace), a 180 m, nos flancos superiores do vale do Ribeirão Nova Cintra. (AB’SABER, [1958]2010, p.128)

A descrição geomorfológica do Prof. Aziz Ab’Saber nos aponta variados níveis de isolamento da área urbana de Santos. Primeiramente, a escarpa da Serra do Mar e suas falhas em formato de pinça de caranguejo separando a planície costeira santista do planalto paulistano; em um segundo plano, o fato da cidade estar assentada em uma ilha, o que a difere de municípios como Praia Grande, Mongaguá, Bertioga e Cubatão; e, em última escala, o Maciço de Santos que divide boa parte da área urbana de Santos tanto do município de São Vicente quanto da área periférica santista, ambos insulares.

Portanto, pensar na formação socioespacial de Santos passa por entender esse isolamento em relação ao restante da Região Metropolitana da Baixada Santista e ao restante do estado de São Paulo. Observando a paisagem a partir da zona portuária ou das praias, pouco se vê de qualquer outro município senão Santos ou áreas adjacentes, como o bairro de Vicente de Carvalho pertencente ao Guarujá. O horizonte aponta a escarpa da Serra do Mar ao norte, o conjunto de morros do Maciço de Santos e dos outeiros nas áreas continentais oceânicas vizinhas à Ilha de São Vicente. Isso gera uma identidade visual própria de Santos, que aliada às condições socioeconômicas e o horizonte geográfico a partir da cidade se dá a impressão de um lugar único.

Figura 1. SANTOS – Imagem de satélite com os limites municipais de Santos e a escarpa separando a Baixada Santista da RMSP

Figura: Área do município de Santos (SP) dividida entre parte insular e parte continental. A mancha urbana logo atrás de Santo André, no planalto, corresponde à Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Fonte: Prefeitura de Santos, 2020

Figura 2. SANTOS - Vista ao Porto de Santos e à escarpa da Serra do Mar a partir do Monte Serrat

Vista da escarpa da Serra do Mar a partir do Monte Serrat. Foto: ALMEIDA, R. 2013.

Figura 3. SANTOS: Maciço de Santos visto da Vila Belmiro.

Vila Belmiro com vista para o Morro do Jabaquara, integrante do Maciço de Santos. É possível notar na foto o Estádio Ulrico Mursa logo atrás da arquibancada alvinegra. Foto: ALMEIDA, R. 2019.

Figura 4. SANTOS - Vista do Monte Serrat e do Centro de Santos a partir do Estuário.

Foto: vista do Monte Serrat a partir do Estuário de Santos. O Monte Serrat faz parte do conjunto do Maciço de Santos, separando assim a Ilha de São Vicente. Foto: ALMEIDA, R., 2013

Figura 5. SANTOS – Imagem aerea da Ilha de São Vicente a partir do Estuário de Santos em posição SE-NE.

Ilha de São Vicente e do Estuário. É possível ver toda a área urbana de Santos e com o conjunto de morros do Maciço no alto da imagem. Abaixo, o bairro de Vicente de Carvalho, Guarujá-SP. Fonte: Prefeitura de Santos.

Figura 6. SANTOS – Terraços sedimentares a partir do Monte Serrat sentido N-S

Foto: visão dos terraços baixos sedimentares com destaque a Avenida Ana Costa ao centro. Foto: ALMEIDA, R. 2013.

2.2 – “Somos todos santistas”: elementos da formação socioespacial

Como já dito anteriormente, a investigação sobre a produção simbólica tem que partir de um estudo sobre sua formação socioespacial. Como Duncan (2004) e Cosgrove (1983) salientam, é através da formação socioespacial que se elucidam as escolhas a quais signos serão valorizados e qual o conteúdo da narrativa construída sobre uma paisagem. Por conta disso, faz-se necessário entender a formação socioespacial santista e quais pontos nos dão pistas sobre as narrativas criadas a partir dos símbolos presentes na paisagem. Faremos uma análise que pinça elementos da formação da vila de Santos desde o século XVI, entendendo que as relações com São Paulo e suas dinâmicas espaciais próprias se configuram mais claramente a partir do fim do século XIX.

É notável que Santos surgiu como um povoado atrelado a São Vicente e anterior em idade a São Paulo, afinal a exploração ao interior tinha como barreira a escarpa da Serra do Mar. Assim, ao contrário de cidades como Sorocaba, Campinas e Ribeirão Preto, Santos é anterior a São Paulo e desta seria por muitos séculos independente (MONBEIG, 1986). Essa independência se devia, para Monbeig, ao fato da cidade de Santos escoar toda a produção local e do estado de São Paulo, antes que a cidade de São Paulo tivesse *per se* uma produção destacada e forte. Por isso, é possível interpretar que a cidade de Santos conserva certo ar de importância próprio de quem não se entende na rede urbana como uma cidade de importância regional. A economia de Santos durante os tempos coloniais era em boa medida baseada em plantações de cana de açúcar, em especial nos séculos XVII e XVIII.

Petrone (1965) que a valorização do litoral sul durante o período colonial teve efeitos efêmeros, uma vez que a produção de cana de açúcar não era competitiva em relação à produção do atual Nordeste e houve um esvaziamento demográfico de São Paulo, Santos e São Vicente por conta do bandeirantismo. Petrone elucida que os séculos seguintes não apresentaram uma mudança significativa, por mais que a hinterlândia de Santos tenha sido ampliada para além de São Paulo. Inclusive, o autor diz que durante a retirada de ouro das Minas Gerais, a província de São Paulo servia como local de escoamento da produção mineira, no entanto Santos não foi utilizado da mesma forma como Ubatuba, Paraty e São Sebastião. O meio técnico disponível naquele período não havia sido suficiente para se sobrepor ao meio natural (SANTOS,

2014), especialmente na travessia da escarpa da Serra do Mar onde as condições da trilha eram péssimas no século XVIII (PETRONE, 1965).

Ao trabalho, um episódio importante desse período é a resolução da competição entre os comerciantes do bairro do Valongo e os comerciantes dos “Quartéis”, a zona próxima ao centro atual. Conta Mello (2008, p.19) que para resolução dos conflitos entre os dois grupos, em 1860 foi chamada a cavalaria provincial e, como reação ao ato governamental assim como a modificação da estrutura da Igreja de Santo Antonio para a construção da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, ambos os grupos se uniram com os dizeres “contra os estrangeiros que pretendem passar por cima de nossas tradições e nossos brios (...) somos todos santistas”. Dessa forma, já no século XIX podemos vislumbrar um sentimento de pertencimento à cidade, a ponto de dois grupos rivais se confrontarem por motivos econômicos e, no momento de intervenção provincial, se unir bradando que eram igualmente santistas.

Aliás, algo que está presente nessa ocasião e ressoa atualmente é a colocação daquilo que vem de São Paulo como “estrangeiro” ou, como diriam alguns dos atores políticos do Santos FC, “forasteiro”. Essa caracterização da figura do paulistano, assim como da cidade de São Paulo, como algo diferente e longínquo à cidade de Santos. O termo, como já discutido no tópico anterior, retrata muito bem a visão de uma cidade que se entende diferente e com uma formação e identidade totalmente próprios. Não tardará a surgir outros termos, como o paulista para designar aquele que utiliza a cidade de Santos como lugar de veraneio já no século XX. Outro evento no século XIX que não tardaria a cultivar o sentimento de intervenção “estrangeira” na cidade seria a expansão portuária ocorrida no século XIX.

As mudanças econômicas causadas pela expansão da plantação cafeeira paulista¹⁵ colocam Santos novamente como um fixo geográfico importante na economia nacional. Em termos demográficos, Carvalho (1944, p.43) diz que por volta de 1890 “a construção da estrada de ferro no Vale do Paraíba, a abolição dos escravos precipitando a decadência das zonas cafeeiras mais antigas, determina a evasão da população de Ubatuba” e isso é um marco da diminuição da importância dos outros portos do estado de São Paulo.

¹⁵ Petrone (1965) narra que a queda do ciclo aurífero fez renascer, por um breve período de tempo, as plantações canavieiras litorâneas no início do século XIX. No entanto, com a expansão do café ao Oeste Paulista, paulatinamente essas plantações foram sendo suplantadas pelas atividades ligadas à exportação, estoque e comercialização do café.

De modo a elucidar a formação identitária santista, é imprescindível observar o período onde a burguesia local encontra condições materiais de rivalizar com a elite da capital. Sobre o desenvolvimento de Santos nesse período, Carvalho (1944) salienta que não se deu por conta do desenvolvimento de São Paulo, tendo cada cidade um crescimento econômico e demográfico próprio a partir de 1850 por conta da expansão cafeeira pelo interior. No caso paulistano, além de capital da província, a cidade servia como grande entroncamento do modal ferroviário recém construído; no caso santista, a cidade tinha no porto sua grande centralidade. Sobre a economia cafeeira, destacamos que:

A economia cafeeira a partir de 1850 foi a principal atividade econômica do país. Inicialmente implantada no Rio de Janeiro, expandiu-se pelo Vale do Paraíba, abarcando também parte de São Paulo, estendendo-se ainda a Minas Gerais e Espírito Santo. Em bases escravistas, teve extraordinário desempenho até 1856 quando, a partir daí, graças ao término efetivo do tráfico negreiro, começa a sofrer o impacto do enorme aumento dos preços de seus escravos. (CANO, GUIMARÃES NETO, 1986, p.173)

A economia cafeeira se modificou no final do século XIX em São Paulo com a substituição da força de trabalho escravizada pela força de trabalho imigrante. Segundo Cano e Guimarães Neto (1986), a força de trabalho disponível também em meio urbano possibilitou a diversificação econômica, especialmente nos momentos de crise entre 1897-1908. Como aponta Monbeig (1986), o interior paulista foi totalmente explorado pela economia cafeeira, inclusive com o desmatamento de grandes áreas além das “bocas de sertão”. Dessa forma, o autor descreve o surgimento de cidades e patrimônios como Marília, Bauru, Botucatu dentre outras do Oeste Paulista. Fato comum apontado tanto por Cano e Guimarães quanto por Monbeig é a expansão da área de cultivo de café ser acompanhada pela expansão das linhas férreas, com entroncamentos em cidades como Sorocaba, Campinas e Bauru¹⁶. Monbeig salienta que esse processo esteve ligado também à especulação de terras, tanto em meio urbano quanto na compra de terras em áreas ainda não desbravadas para a posterior venda a fazendeiros e sitiantes. Toda essa malha ferroviária assentada no interior de São Paulo, a qual posteriormente também se liga ao interior do norte paranaense, tinha como destino único um porto: Santos.

Em Santos, o período de crescimento econômico e integração da circulação com o restante do estado foi visto por setores da burguesia local como pretexto de interferência do governo da província de São Paulo (MELLO, 2008). Visando a

¹⁶ A expansão da ferrovia causou o surgimento de times de trabalhadores do setor ferroviário como o Ituano (Itu), Primavera (Indaiatuba), Paulista (Jundiaí), Noroeste (Bauru), Ferroviária (Araraquara), etc.

melhoria estrutural do porto de Santos, é criada a Companhia das Docas de Santos, cuja empresa-sede era do Rio de Janeiro (CARREIRA, 2019). A primeira cisão entre a elite local e a Companhia das Docas se deu na insistência dos comerciantes na manutenção das pontes e dos trapiches para armazenamento e condução do café aos navios, uma vez que os comerciantes eram donos dos trapiches e controlavam a armazenagem de café (MELLO, 2008). No final, a Companhia das Docas acabou por estender a construção do cais por toda a área portuária destruindo assim as pontes e trapiches, inclusive ligando o porto à Estrada de Ferro Santos-Jundiaí efetivamente. Os embates seguiram:

A Companhia Docas teve papel decisivo na reconfiguração da cidade, pois ao se apropriar da faixa marinha, não só aterrou, como demoliu e reconstruiu trechos inteiros da área urbana, extrapolando os limites de sua função. Em virtude dessas ações, vários são os exemplos de frequentes tensões entre a Companhia Dcas e os interesses locais, representados pela Associação Comercial, que representava principalmente os interesses dos grupos ligados ao comércio do café. Sistemáticamente acusada de extrapolar o propósito para o qual havia sido constituída, a Companhia teve ainda ampliados seus poderes pelo governo estadual, que lhe concedeu o monopólio da Alfândega; a municipalidade protestou contra o que considerou perda de autonomia e submissão aos poderes estatais que estariam desrespeitando a tradição local. (MELLO, 2008, p.40-41)

Notemos o uso da palavra “tradição” novamente como forma da manutenção dos interesses da elite local, assim como no caso das brigas entre comerciantes com a cavalaria da antiga província. Como Mello (2008) explica, o conjunto de ações da Companhia das Docas estava atrelado aos interesses do governo estadual, dos cafeicultores e do capital internacional, sendo uma briga contra atores econômicos e políticos de esferas maiores não dando possibilidade de barganha à elite local. É interessante também pensar na perda de poder econômico da elite santista em relação ao próprio porto, uma vez que para além dos trapiches, agora a Alfândega não estava mais sob seu controle. As normatizações cafeeiras, que tanto enriqueciam a burguesia santista, também lhe causavam incômodo, pois havia a sensação da perda do monopólio do poder na cidade.

Em termos simbólicos, o momento da econômica cafeeira também se traduziu em uma mudança abrupta da paisagem. Carreira (2019) aponta que muitas referências aos tempos coloniais, como estátuas e nomes de rua, foram trocadas por símbolos republicanos durante o final do século XIX, especialmente com o novo arruamento sanitaria de Saturnino de Brito. Santos era expandida até a praia, criavam-se canais de modo a evitar alagamentos, inauguravam-se linhas de bonde. Entendemos aqui que o

discurso visava unir o progresso trazido pelo porto, a República recém instaurada e o sentimento de uma cidade dentro dos parâmetros da modernidade.

Além da canalização dos córregos centrais da cidade e da construção do cais do porto, houve a partir do final do século XIX o planejamento de Santos com todo um arruamento novo em formato quadriculado cobrindo desde o bairro do Macuco até a orla da praia. Esse processo começou, segundo Mello (2008), com a retirada do Outeiro de Santa Catarina para criar uma área nova da cidade já nesse formado quadriculado. Tanto Mello quanto Carreira apontam que as modificações visavam à transformação de uma cidade colonial em uma cidade tipicamente burguesa, onde se era desejável viver (MELLO, 2008) com praças, arborização, avenidas largas.

Assim, a Companhia Sanitarista, criada para resolver os problemas da cidade, não apenas debruçou-se sobre a questão das áreas pestilentas, pois procurou tirar do centro a população dos cortiços, removeu o outeiro, destruiu antigas estruturas como igrejas e casarões antigos em nome de uma modernização e adequação da cidade aos modelos europeu e estadunidense. Mello (2008) aponta que na década de 1890 começa uma migração dessa população abastada para a orla, onde era possível o lazer com *footing* a beira mar e uma vida longe das doenças do centro. Isso cria, em nossa visão, uma oportunidade única de ligação especulação sobre a área entre o centro e a orla. A cidade vai começar um processo de expansão não experimentado nos séculos anteriores com uma dupla agência: os planos sanitaristas e a ação dos grupos especuladores, cujo principal agente foi a Companhia Construtora de Santos, como aponta Carreira (2019). Não havia um “vazio demográfico” para além da zona portuária: a Zona Leste do município era ocupada tanto por sitiantes quanto por quilombos. De modo inclusive a evitar o apagamento histórico das populações negras, citamos aqui dois dos quilombos existentes na área insular de Santos, o Quilombo do Jabaquara¹⁷ e o Quilombo de Pai Felipe¹⁸.

¹⁷ O Quilombo do Jabaquara foi citado por Castro Alves e apoiado, e de certa forma gerido, pelos abolicionistas da elite local. Seu líder, Quintino da Fonseca, é apontado como um líder local responsável por tornar dóceis os negros refugiados, o que impulsionou sua nomeação como policial e membro da Câmara Municipal na primeira legislatura republicana (MACHADO, 2005, p.247-275).

¹⁸ O Quilombo de Pai Felipe, na atual Vila Matias, não tinha a mesma receptividade aos abolicionistas embora a abordagem não fosse agressiva. Pai Felipe era visto como um homem controlador e autoritário, características dadas como de liderança a Quintino. Pai Felipe é conhecido como um dos introdutores do samba na cidade de Santos (idem).

O planejamento passou por cima de todas as memórias, cursos d'água e de tudo aquilo que não fosse desejável. O grande plano sanitaria foi pensado por Saturnino de Brito em 1897. Sobre isso, diz Carreira (2020, p.27):

[Saturnino de] Brito preconizava o planejamento como modo de assegurar uma dinâmica de desenvolvimento harmônico para o crescimento das cidades. Na sua concepção, seria necessária uma mudança da cidade como um todo, redefinindo o conjunto de sua estrutura urbana. Seus projetos e obras de saneamento, dos quais se destacam os canais de drenagem das águas pluviais como elementos estruturadores do espaço urbano, não apenas propiciavam condições de salubridade ao meio físico, eliminando as causas das epidemias, mas, ao mesmo tempo, colocavam a necessidade de previsão sistemática do crescimento das cidades – daí a exigência dos chamados “planos gerais” apoiados em minuciosos levantamentos topográficos – e constituíam uma nova paisagem urbana, marcada pela presença de equipamentos sanitários e pela configuração de uma cidade ordenada e limpa, instaurando novos espaços públicos em uma nova cenografia urbana.

O plano de Saturnino de Brito consistia na construção de canais de escoamento de água com avenidas em suas margens, para evitar as enchentes e criar uma rede saneamento básico cujo emissário ficava na Praia do Forte (MELLO, 2008) no atual município da Praia Grande. Dentro do plano de Brito, foram construídos nove canais entre 1901 e 1927 na cidade de Santos, sendo que 7 desses canais se dirigiam à orla e são atualmente pontos de referência a qualquer morador na cidade. É notável a preocupação de Saturnino com a questão estética, porém ainda não havia nenhuma ponte ou parapeito com as famosas muretas. Araújo Filho (1965) diz que foram construídas duas grandes avenidas ligando áreas mais próximas ao centro até a praia. A primeira, a Avenida Dona Ana Costa, tornar-se-ia a avenida central próxima a orla e a Avenida Conselheiro Nébias, que de fato é a única avenida da orla que chega à região portuária. Segundo Mello (2008), a ligação entre a área balneária e o centro da cidade eram bondes, que também traziam os trabalhadores pobres dos morros e do centro ao serviço nas casas da elite recém-instalada à beira mar. Os canais, as avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias e os bondes fazem parte do atual conjunto simbólico da cidade, especialmente os canais e os bondes, os primeiros por darem a Santos um dos seus maiores pontos de atração à vista por conta da repetição e os segundos pelo resgate da história da cidade.

No início do século XX, começaram a surgir as primeiras casas para além do Valongo, na área atualmente chamada de Zona Noroeste da cidade de Santos compreendida entre o município de São Vicente e o estuário de Santos em seu ponto mais setentrional. Mello (2008) elucida uma expansão urbana a oeste muito diferente daquela experimentada na Zona leste da cidade. Primeiramente, o plano de ruas de

Saturnino de Brito, assim como as obras de infra-estrutura, não abarcavam aquela porção insular do município, o que podemos pensar em um atrelamento do plano sanitarista com as vontades e desejos do setor imobiliário santista. Estando longe da orla e do outro lado dos morros, a Zona Noroeste não era atrativa à especulação, que trabalhava com a compra de antigos sítios para loteamentos nas áreas recém assoreadas e drenadas pelos canais de Saturnino. As imagens de Araújo Filho (1965, p.37) revelam valas a céu aberto, ruas sem pavimentação e poucos serviços públicos disponíveis.

Essa diferenciação entre a Zona Noroeste e o restante da área insular continuou no decorrer do século XX, especialmente com a elevação de renda da Zona Leste, formando o padrão apontado sobre a atualidade. Assim, desde o início a Zona Noroeste foi relegada ao segundo plano de políticas públicas, o que podemos pensar como uma ausência da plena cidadania (SANTOS, 1987) ¹⁹. Obviamente, a narrativa construída sobre Santos levou em conta muito mais a área oriental da cidade, muito embora seja possível notar no quadro abaixo a evolução da população insular santista e o aumento demográfico na Zona Noroeste tendo a segunda maior população com 83 mil pessoas.

Tabela 1. Evolução da população na área Insular de Santos: (1950-2010)							
Regiões	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Centro (1)	44.401	44.130	31.942	18.566	10.552	6.982	4.307
Leste	134.700	177.888	242.924	309.731	308.732	293.088	295.788
Noroeste	4.194	18.095	37.867	60.588	66.985	81.589	83.095
Morros (2)	11.673	19.185	27.172	28.822	29.333	34.088	33.043
Total (3)	194.968	259.298	339.905	417.707	415.602	415.747	416.233

(1) Área central que inclui os bairros: Centro, Valongo, Paquetá, parte da Vila Nova e Monte Serrat.(2) Computadas áreas ocupadas e ocupáveis nos morros, exceto em 2010, em que estas foram consideradas.(3) Total de a área insular do município.

Fonte: Censos Demográficos FIBGE (1950 a 2010). Org.: CARRIÇO, 2015

Como centro do processo de industrialização, São Paulo se tornou o grande centro de negócios com influência em todo o território nacional. Isso demandou um fluxo de pessoas e mercadorias constante, nos quais Santos ainda era essencial por conta de ser o grande porto de ligação com o exterior e capitais distantes. Embora seja sensível que assim como data dessa década a construção da Via Anchieta (SP-150), há integração com outras capitais, como o Rio de Janeiro, pelas rodovias recém construídas

¹⁹A desigualdade entre os cidadãos também se dá no espaço, uma vez que o acesso aos equipamentos públicos e privados é diferente conforme o lugar de residência. A acessibilidade, para Santos, é fundamental na emancipação das populações e no exercício de sua voz e consciência democrática. Nem todos os cidadão são iguais aos olhos do Estado e da sociedade conforme os locais onde vivem.

em um processo que se acelera a partir da década de 1950. Sobre o desenvolvimento industrial paulistano nas décadas de 1910 e 1920, Carreira (2019) elucida uma propensão da elite santista a não querer que seus pares da capital continuassem o desenvolvimento industrial e a ampliação da hegemonia econômica paulistana.

Esse fato é compreensível uma vez que Santos tinha uma importância econômica em nível nacional, muito embora ainda não houvesse uma rede urbana desenvolvida. Em Santos estavam estabelecidas a Bolsa de Valores do Café, onde ocorria a corretagem que envolvia o produto, armazéns de estoque, comerciantes e toda uma série de atividades de uma elite que dependia do produto e do escoamento pelo porto para sua reprodução como classe. Citando novamente Monbeig (1965), na disputa pela capital da província entre Campinas e São Paulo ao final do século XIX e início do século XX, a cidade que não teria sua importância diminuída era Santos, pois sua influência econômica e geográfica estava garantida por ser a zona portuária.

Os interesses conflitantes geraram certa rivalidade entre as elites da capital e de Santos. Para além da insatisfação com as intervenções e o sentimento de perda de poder da municipalidade santista com as obras da Companhia Docas, Carreira (2019) elucida um posicionamento conflitante na Câmara Provincial entre os membros de Santos e São Paulo. É sensível o sentimento da elite santista como algo à parte de São Paulo, por mais que o escoamento do café as aproximasse a ponto de Araújo Filho (1965) chamar as duas cidades de “binômio Santos-São Paulo”. Além disso, uma vez que todas as mercadorias de São Paulo iam por Santos ao mundo, assim o faziam as pessoas que à capital paulista se dirigiam ou dela partiam em direção à Europa, por exemplo.

Em seu livro de memórias chamado “Aquele tempo que passou: fragmentos de memória de Santos nas décadas de 40 e 50”, Carvalho (2014) relembra os tempos em que cantores, personalidades internacionais e atores reconhecidos em *Hollywood* passavam por Santos. Pensando na questão da ligação com São Paulo e de estruturas capazes de abrigar pessoas com o padrão de conforto e luxo exigido, a cidade de Santos construiu uma narrativa sobre si como uma das mais importantes cidades do Brasil. Isso a difere de qualquer outra cidade do interior brasileiro, cujas elites normalmente estavam sob domínio da capital da província, como bem mostram Silveira e Santos (2011) e a põe, ao menos em nível de discurso, à frente de capitais brasileiras daquele período, “rivalizando” com São Paulo. Porém, Santos tem uma queda considerável de

influência no país por conta da desvalorização do café, o que acarretou na perda de negócios, especialmente na especulação da Bolsa de Café. Assim, uma série de empresas fechou ou mudou para outras cidades, da mesma maneira como especuladores e comerciantes também diminuíram. O grande fluxo de capital gerado na cidade regrediu, junto à necessidade de ir a Santos. Entendemos aqui a relevância do porto e do turismo de segunda residência na continuidade da cidade nas próximas décadas, sendo a primeira atividade de grande capital concentrado e a segunda de cunho secundário.

Para além da queima de café pelo Estado Novo, o que nos ajuda a explicar a mudança desse cenário de Santos como uma centralidade nacional é a instalação do modal aeroviário para transporte de passageiros com objetos técnicos capazes de retirar a necessidade da passagem por Santos a quem se deslocasse até São Paulo. Assim, como objeto técnico, a rede aeroportuária é um fator importante a nós, pois aproxima os fluxos internacionais de passageiros a São Paulo, encurtando a viagem e tornando Santos apenas *locus* de escoamento de mercadorias. Desse modo, Santos perde importância com a instalação do Aeroporto de Congonhas, pois deixa de ser necessária a existência de embaixadas e sedes de empresas na cidade, assim como reduz drasticamente o fluxo de pessoas, necessitando somente de um corpo de funcionários ou a burocracia a partir de São Paulo para satisfazer as necessidades dos industriais paulistas.

Todavia, isso não significa que Santos tenha entrado no mesmo marasmo verificado por Mello (2008) dos séculos XVII e XVIII. Os processos de acumulação de capital da elite local serão outros, sendo que Carreira (2019) nos dá indícios de uma dessas atividades: a especulação imobiliária. Sobre essa transferência da renda comercial e especulativa do café à renda da terra, observamos que o processo de arruamento de Santos havia sido totalmente implementado em 1927 (MELLO, 2008) com áreas a ser exploradas pelo mercado imobiliário entre o Centro, as avenidas de ligação e a orla. Outras empresas estavam nesse ramo de maneira marginal, como as empresas de bonde e de serviços que vão se instalando desde a década de 1890. Sobre isso, diz Carreira:

As constantes tentativas de interferir nos projetos de Brito, especialmente a partir do início dos anos 1910, demonstram que os sentidos dados aos novos caminhos da cidade passavam por interesses diversos, principalmente de agentes privados com relações próximas com o poder público local. Exemplo disso foi o caso envolvendo Francisco Teixeira da Silva Telles, diretor de obras da Prefeitura de Santos nos primeiros anos da década de 1910. Silva Telles tinha interesse em desenvolver planos de pequenos loteamentos na

cidade em parceria com Roberto Simonsen e o então prefeito Belmiro Ribeiro, com os quais monta, em 1912, a Companhia Construtora de Santos. Respalado por Belmiro Ribeiro, exerce o poder de sua função e seu poder de articulação para recusar a planta desenvolvida por Brito no mesmo ano. As boas relações com a cidade e com a Câmara, que permitiram a desapropriação de terrenos para a execução das obras nos primeiros anos, se transformariam entre o final da década de 1900 e os primeiros anos da década de 1910 em uma relação de conflito que impediria o governo estadual através da figura de Brito de complementarem o plano idealizado e proposto para a cidade. (CARREIRA, 2019, p.43).

É notável no trecho acima a relação de parceria entre o poder municipal e o mercado imobiliário. Não é nenhuma surpresa, portanto, que o bairro onde seria construído o estádio do Santos FC seja a Vila Belmiro, em homenagem a Belmiro Ribeiro, prefeito e especulador. Essas ações transformações são postas em agentes em solidariedade como a Companhia Docas, a Companhia Construtora de Santos e a Companhia de Simonsen, que aproveitam o projeto original de Saturnino de Brito e seus canais para loteamento e construções. Nesse processo, surgem bairros como a Vila Matias, o Campo Grande, a Vila Belmiro e o Marapé no ano de 1915. Quando o estádio foi inaugurado em 1916 já havia todo o traçado das ruas, tanto das grandes avenidas à beira dos canais quanto das ruas pequenas. Nesses bairros loteados era visado, com acréscimo ao bairro do Macuco, à construção de moradias da classe operária portuária e industrial de Santos.

Esse processo é diferente, segundo Mello (2008), ao que ocorreu na orla. Em um primeiro momento, a autora explicita a construção de palacetes da burguesia santista, com a construção de equipamentos públicos como o Jardim de Praia de forma atrair população para ali se estabelecer. Em um segundo momento, Mello (2008) descreve como o processo prosseguiu, especialmente após a construção da Via Anchieta, com a construção de casas de veraneio da elite paulistana, dando impulso à construção dos grandes hotéis da orla na Praia do Gonzaga.

Podemos dividir a cidade então em diferentes processos de expansão urbana:

- A Orla, cujo processo de expansão começa com o afastamento das elites do centro da cidade. Esse processo mostra a valorização da orla em relação à área urbana inicial, em especial por conta dos ideais sanitaristas e de lazer privilegiado propiciado pelos *footings* e banhos de mar. A partir da década de 1930, a orla será objeto de desejo da elite paulistana, cujas casas de veraneio serão construídas junto a outros equipamentos como os hotéis na Avenida Ana Costa e adjacências.

- Os loteamentos dos bairros operários da cidade fomentados pela especulação imobiliária junto ao poder público, situando-se em uma área propícia por ter vias de circulação próximas, transporte público e estarem entre as três centralidades empregadoras de Santos: o porto, o centro e a orla.
- Os morros, cuja dinâmica vai desde a expulsão de parte da população negra à ocupação de outros morros, como a Nova Cintra, pela população pobre imigrante, especialmente grupos de italianos, portugueses e espanhóis.
- A Zona Noroeste, cuja expansão urbana não teve o mesmo interesse público em relação à Orla e aos loteamentos, sendo um processo de construções de uma classe trabalhadora sem as mesmas condições financeiras de bancar um dos empreendimentos do outro lado do Maciço. As condições de reprodução da vida nessas localidades eram muito piores, especialmente por certo desprezo da administração municipal.
- O Centro, que perdeu parte de sua população tanto da elite quanto dos moradores mais pobres, esses por conta da expulsão e demolição de parte significativa dos cortiços. No entanto, Mello (2008) ressalta que persistem na região central da cidade os cortiços, resistindo aos processos de especulação imobiliária e às expulsões ocasionadas pelo poder público.

A Vila Belmiro atual conserva vilas e casas com um século de vida, normalmente sobrados germinados com janelas para a rua. Aliás, a Companhia Construtora de Santos, responsável pela construção das casas do bairro, também foi construtora do atual estádio do Santos e também do estádio da Portuguesa Santista, o Ulrico Mursa no vizinho bairro do Jabaquara em 1919 (CARREIRA, 2019). A paisagem da Vila Belmiro atual contém também casas mais recentes e alguns prédios residenciais, mais espaçosos, pertencentes a uma segunda leva de moradores, apontando novos processos de especulação imobiliária com a verticalização de imóveis residenciais como principal processo.

Araújo Filho (1965) valorização do preço de imóveis nas antigas áreas operárias, como a Vila Belmiro, resultado na ocupação dos morros pela população pobre. Assim, moradores de maior poder aquisitivo transformaram a paisagem da Vila Belmiro,

havendo reformas nas casas, construção de condomínios com apartamentos de mais de 100m² e equipamentos que não estavam previstos na época dos loteamentos. A periferia, segundo o mesmo autor, ficou restrita aos bairros do outro lado do Maciço de Santos, restando ao sítio original, chamado aqui de Zona Leste, uma ocupação predominantemente de classe média. O turismo, segundo Mello (2008), foi o responsável pela primeira onda de verticalização da orla da cidade. Devido à procura por uma casa de veraneio, a especulação imobiliária agiu na área dos antigos casarões e os substituiu por prédios altos. A partir da década de 1980, Santos perdeu parcialmente a característica de local de segunda moradia, começando a diminuir parcialmente a presença da elite paulistana, que migrou para praias de regiões menos urbanizadas no Litoral Norte do Estado de São Paulo. Essa é a década, por exemplo, dos acidentes industriais em Cubatão, vizinha a Santos, com consequências sociais e ambientais pesadas, como no caso da Vila Socó. É possível pensar que a urbanização e suas rugosidades na Baixada Santista afastaram a elite paulistana, uma vez que essa havia se instalado nas praias de Santos buscando um local “limpo”.

Para além do turismo, como visto nos dados da CODESP (2020), o Porto de Santos continua a ser o principal porto de exportação e importação do país. Aliás, aí reside uma contradição: Santos perdeu parte de sua importância, porém o Porto de Santos manteve-se como o principal fixo de circulação marítima com hinterlândia no Sul, Sudeste e no Centro-Oeste do Brasil. Como veremos adiante, as relações do porto com o restante do país não alteram significativamente a ida de pessoas a Santos, especialmente visando o turismo. A única correlação observada é o terminal de passageiros de cruzeiros marítimos, cujas rotas nacionais e internacionais geram circulação de pessoas.

Na figura do mapa de renda mensal por bairro, visualiza-se uma segunda onda de verticalização em Santos concentrada na orla e, em direção a barlavento, até Avenida Ana Costa a partir do Monte Serrat. Inclusive, esses prédios residenciais são torres mais altas que os anteriores, o que nos dá a entender que a densidade demográfica tende a aumentar ainda mais nas áreas onde há empreendimentos particulares. O cenário atual da cidade, então, é de sua centralidade econômica nas atividades portuárias e de serviços (IBGE, 2020), muitos relacionados às atividades portuárias e outros em serviços disponíveis a essa população com rendimentos que as colocam em uma classe média e também a população da Região Metropolitana da Baixada Santista, criada em

2013. Santos é a cidade-sede da RMBS, então concentra os serviços, postos de emprego estando à frente na hierarquia urbana da região.

Um elemento simbólico recorrente como elemento de qualificação da cidade de Santos e do Santos FC se encontra nos resultados de consultorias para avaliar a qualidade de vida, saneamento urbano e limpeza urbana. Considerada pela ONU e por consultorias privadas como uma das “melhores grandes cidades para se viver”, Santos é a sede da Região Metropolitana da Baixada Santista, que abrange também os municípios de Peruíbe, Itanhaém, Mongaguá e Praia Grande, São Vicente, Cubatão, Guarujá e Bertioga. Há conurbação entre todos os municípios com o maior adensamento urbano e populacional na área que compreende Cubatão, Santos e São Vicente. A Região Metropolitana da Baixada Santista, criada por decreto estadual em 2014, possui 1,8 milhões de habitantes com densidade demográfica de 754,25 hab/km²⁰. Santos possui 428.703 habitantes, concentrados em uma pequena faixa de terra localizada ao norte e ao leste da Ilha de São Vicente. A densidade demográfica é de 1525,47 habitantes por km²¹ e tem um dos maiores IDHMs (índice de desenvolvimento humano municipal) do Brasil (0,840)²² enquanto o IDH nacional é de aproximadamente 0,750.

Segundo a Prefeitura, Santos é a 17ª mais rica do Brasil, com Produto Interno Bruto de 27,616 bilhões de reais em 2010, sendo superior ao montante produzido por estados como Alagoas, Sergipe e Tocantins. O setor terciário tem um peso fundamental na produção municipal, porém o Porto do Santos, principal entrada e saída de mercadorias do Brasil, ainda representa a maior parte da receita e da renda da cidade, sendo Santos a cidade que tem maior arrecadação de impostos atrás de São Paulo (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTOS, 2020a).

Os índices sociais santistas apontam Santos sempre com valores acima da Baixada Santista e esse padrão se mantém em relação a São Paulo. No quesito longevidade (expectativa média de vida ao nascer), notamos a diferença entre Santos e os demais municípios da Baixada Santista. Esse índice é interessante, pois a média paulistana é maior que a média santista em termos decimais, o que faz o IDHM em longevidade da capital ser maior.

Gráfico 1. EST. SÃO PAULO – IDHM – Expectativa de vida (em anos)

²⁰ Fonte: SEADE, 2020.

²¹ Idem.

²² Fonte: IBGE, 2020.

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Org.: ALMEIDA, 2020

Esse quadro de índices maiores de Santos em relação à Baixada Santista são verificados na expectativa também é observado em termos de renda, pobreza e desigualdade. É interessante notar que Santos apresenta baixos índices de pobreza em relação a São Paulo e a Baixada Santista, enquanto sua renda *per capita* é maior e o índice Gini²³ menor que o de São Paulo. Portanto, é possível afirmar que Santos é uma cidade com índices socioeconômicos que propiciam ao seu morador condições materiais de vida superiores a outros lugares, o que impacta diretamente no IDHM. Esse dado é importante em nossa análise, uma vez que é um fator de diferenciação entre Santos e a Baixada Santista em índices socioeconômicos. Isso corrobora a visão de “cidade boa para viver” que o cidadão santista ostenta, especialmente por conta de rankings jornalísticos²⁴ e reportagens que apontam uma cidade plana, com boa “qualidade de vida”²⁵, praia. Esse é um elemento forte na discussão sobre a identidade santista, o quão bom é viver em Santos e será abordado com mais profundidade no decorrer do capítulo.

Outro índice econômico interessante é o de rendimento domiciliar *per capita*, Santos apresenta um índice de 78% dos domicílios com renda acima de 1 salário mínimo por morador, ou seja, quase 8 em cada 10 residências o morador recebe algo acima de 1042,71 reais (valores de janeiro de 2020), sendo 19% dos domicílios com valores acima de 5 salários mínimos por morador. A mesma estatística em nível nacional aponta apenas 43% dos domicílios brasileiros com rendimentos *per capita* acima de 1 salário mínimo e apenas 6% da população com rendimentos acima de 5 salários mínimos por morador (IBGE, 2020). Portanto, a população de Santos apresenta

²³ Usado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para medir a desigualdade de renda em um lugar com valores de 0 a 1, onde quanto mais próximo de 0, menor a desigualdade.

²⁴ Como exemplifica a reportagem da Revista Veja de BARROS (2015).

²⁵ Questionamos o que é bom ou ruim como qualidade de vida sem pensar em termos materiais como trabalho, divisão de riqueza, tempo de lazer, acessibilidade a serviços etc.

rendimentos *per capita* altos para a realidade do país, mostrando um padrão de vida diferente inclusive de seu entorno onde se encontra a maior favela de palafitas do Brasil.

Tabela 2. SÃO PAULO – Comparação de renda, pobreza e desigualdade entre RMBS, São Paulo e Santos

Renda, Pobreza e Desigualdade	Baixada Santista	São Paulo	Santos
Renda per capita	996,7	1.516,21	1.693,65
% de extremamente pobres	1,61	0,92	0,6
% de pobres	5,78	4,27	2,39
Índice de Gini	0,54	0,62	0,55

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Org.: ALMEIDA, 2020

Tabela 3. SÃO PAULO– Domicílios em Santos: rendimento nominal per capita (%)

Domicílios em Santos (SP) - rendimento nominal mensal per capita (%)	Número total de domicílios	Porcentagem em relação ao total de domicílios
Sem rendimento	3.873	3%
Até 1/4 de salário mínimo	1.946	1%
Mais de 1/4 a 1/2 salário mínimo	5.854	4%
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	20.628	14%
Mais de 1 a 2 salários mínimos	37.810	26%
Mais de 2 a 3 salários mínimos	23.205	16%
Mais de 3 a 5 salários mínimos	24.032	17%
Mais de 5 salários mínimos	27.240	19%
Total	144.588	

Fonte: IBGE, 2020. Org.: ALMEIDA, 2020.

Outra estatística relevante quando se discute pobreza é a questão da vulnerabilidade social, ou seja, os riscos e dificuldades de um indivíduo se desenvolver plenamente sejam por miséria, falta de estrutura familiar, mortalidade ou desemprego. A vulnerabilidade social em termos de trabalho e renda é menor também em Santos. A taxa de vulnerabilidade à pobreza em Santos está por volta de 8%, 10% abaixo da Baixada Santista e 6% abaixo de São Paulo. Assim como em termos de crianças vivendo em extrema pobreza (menos de ¼ do salário mínimo familiar) é 1,55% em Santos enquanto na Baixada Santista é 3,25%.

Tabela 4. SÃO PAULO – Quadro comparativo sobre vulnerabilidade social entre a RMBS, São Paulo e Santos

Vulnerabilidade Social de Crianças e Jovens	Baixada Santista	São Paulo	Santos
Mortalidade infantil	14	13,15	13,7
% de crianças de 0 a 5 anos fora da escola	51,61	45	36
% de crianças de 6 a 14 fora da escola	2,81	3,98	1,78
% de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e são vulneráveis	8,07	5,6	4,07
% de mulheres de 10 a 17 anos que tiveram filhos	2,61	1,98	1,99
Taxa de atividade - 10 a 14 anos	4,32	5,24	3,04

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano. Org.: ALMEIDA, 2020.

Tabela 5. SÃO PAULO – Quadro comparativo de vulnerabilidade (família, trabalho e renda) entre RMBS, São Paulo e Santos

Vulnerabilidade – Família, trabalho e renda	Baixada Santista	São Paulo	Santos
% de mães chefes de família sem fundamental e com filho menor, no total de mães chefes de família	14,97	13,4	6,92
% de vulneráveis e dependentes de idosos	1,17	1	0,76
% de crianças extremamente pobres	3,25	1,84	1,55
% de vulneráveis à pobreza	18,2	14,69	8,08
% de pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal	25,66	22,58	18,24
% da população em domicílios com banheiro e água encanada	97,29	96,69	98,42

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil. Org.: ALMEIDA, 2020.

Santos é uma cidade com índices socioeconômicos acima de boa parte do país, incluindo a principal metrópole nacional. Pensando nas fotos de seus cartões postais, a imagem que é passada realmente parece tratar de uma cidade cuja pobreza é residual. No entanto, há zonas periféricas na cidade no Maciço de Santos e, curiosamente, na área de Santos mais próxima a São Vicente. Com isso, não foi intuito aqui positivar Santos ou corroborar com os discursos de cidade com “boa qualidade” de vida. A pretensão foi elucidar a discrepância entre Santos e sua região de entorno de modo a conotar a possibilidade de separação discursiva entre esses lugares, pondo Santos como um lugar único, diferente e próspero aos seus habitantes acima ao que a capital ou sua região oferecem.

Podemos entender a cidade de Santos, em sua área insular, de característica socioeconômica mais homogênea onde se concentram os índices de desenvolvimento e renda altos em uma faixa da orla até as áreas mais próximas ao centro ou ao porto; o

centro com seus estabelecimentos comerciais e administrativos da Prefeitura de Santos; os morros, de população mais pobre com autoconstruções, inclusive; e a Zona Noroeste, onde se concentra a população mais pobre do município, inclusive palafitas na região do Estuário de Santos. Assim, podemos afirmar que Santos possui uma área maior ocupada por famílias com poder aquisitivo maior na área sudeste da cidade e, a partir dos morros em direção ao oeste, temos uma área ocupada por famílias com menor poder aquisitivo.

Observando a figura 8 (Santos - renda salarial por bairro) nota-se que a concentração de renda se dá nos bairros próximos à orla (Pompéia, Gonzaga, Boqueirão, Aparecida e Ponta da Praia) e em um morro específico (Santa Teresinha), onde há a aceleração do processo de verticalização através da especulação imobiliária. O Santa Teresinha é o morro onde há as maiores residências da cidade dada à possibilidade de visão da Baía de Santos e de toda a orla santista. Outro dado interessante trazido por essa imagem é o foco de empreendimentos planejados estatais na Zona Noroeste do município. Dessa forma, as áreas onde há estoque de terra e onde é possível a intervenção estatal na forma da construção de habitação popular está na área mais pobre da cidade, sendo que a área de população mais abastada é o local de intervenção de empreendimentos imobiliários da iniciativa privada.

A figura 9 (Santos – mapa do uso do solo) apresenta o uso do solo de Santos, com área central dominada pelo setor do comércio e as avenidas grandes que o ligam à orla como os canais, a Avenida Dona Ana Costa e a Avenida Conselheiro Nébias. É notável que a faixa da orla é verticalizada com ocupação residencial, e esse processo ocorre nos bairros cidade adentro, enquanto na Zona Noroeste e nos morros há a tendência à ocupação residencial horizontal. Outro uso do solo importante é de instalações portuárias, que ocupam parte significativa do leste e do norte da cidade. A imagem 10 apresenta a concentração de postos de trabalho em Santos, onde a concentração é proporcional à tonalidade da cor verde. Novamente, o centro, as avenidas de ligação com a orla e o bairro do Gonzaga são os pontos onde há maior oferta de emprego.

Essas imagens reforçam a visão de isolamento, praticamente uma bolha, na qual se encontra boa parte da cidade de Santos. À exceção dos morros, visíveis por conta da altitude acima do topo das construções, a paisagem de Santos parece ser um contínuo de construções onde a pobreza está distante ou dispersa em casarões antigos do centro e do bairro do Macuco. A área periférica da cidade está próxima à divisa com os municípios

de Cubatão ou São Vicente, especialmente São Vicente por conta de ocupar parte da ilha homônima. Isso ajuda a construir a narrativa de uma cidade próspera, de uma cidade com uma centralidade maior em discurso a realidade. A serra é conquistada por um discurso independente, a despeito da efetividade econômica da formação socioespacial.

Figura 7. SANTOS – Uso do solo

Figura de um mapa: mapa de uso do solo de Santos. É sensível a concentração das atividades comerciais no centro e no entorno da Avenida Ana Costa. Na Zona Leste, é perceptível o processo de verticalização residencial, enquanto na Zona Noroeste esse processo é muito pouco desenvolvido. Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos (2013).

Figura 8. SANTOS – Renda salarial familiar por bairro

Figura de um mapa: renda salarial familiar por bairro. Azul mais escuro, maior renda; azul mais claro, menor renda. É notável que a orla é disparada o local de maior concentração de renda. A Zona Noroeste concentra o maior número de blocos habitacionais. Fonte: Carriço & Barros, 2014.

Figura 9. BAIXADA SANTISTA – Empregos totais na RMBS

Figura de mapa: distribuição de empregos na Baixada Santista. É perceptível a concentração de empregos em Santos no centro e na área central da Zona Leste (especialmente, Avenida Ana Costa). Concentrações menores são verificadas no centro de São Vicente e no bairro do Boqueirão, na Praia Grande. Fonte: Projeto Prestes Maia: Estudos de Transporte e Tráfego (DERSA, 2011).

2.3 – “Cidade maravilhosa para se viver”: Santos enquanto discurso de uma elite

Como visto, Santos é uma cidade que tem um afastamento socioeconômico sensível em relação à Região Metropolitana da Baixada Santista. Esse afastamento se aflora ainda mais quando a maior área do município santista está isolada dos demais municípios por barreiras físicas: o estuário e o Maciço de Santos. Além disso, seu desenvolvimento forte no século XIX colocou sua elite em uma posição privilegiada por conta de todos os serviços e transações decorrentes do café, algo não experimentado por nenhuma outra cidade do interior paulista. Assim, a cidade de Santos construiu uma identidade própria pautada em sua característica de diferenciação em relação ao entorno e a São Paulo, e em seu período de maior acumulação, quando a elite tinha condições de rivalizar com a elite paulista em termos de influência socioeconômica em plano nacional. Esse discurso, como será abordado nesse tópico, é afirmado e reafirmado por um conjunto de símbolos postos na paisagem santista, assim como também estão em músicas, lema e hino da cidade.

Na construção do entendimento sobre esse conjunto simbólico sobre Santos, foram necessárias diversas aproximações. A primeira, o trabalho de campo com uso do caderno de campo, observação e registro da paisagem; sendo feitos por volta de sete campos englobando todas as áreas da cidade e observando estátuas, faixas e a toponímia das ruas. Por Santos não ser um município extenso, essa observação completa era possível de ser feita em apenas um final de semana, totalizando, ao máximo, 14 dias de campo segmentados conforme as necessidades de recolhimento de dados. Além disso, até de forma a embasar as observações de campo, utilizamos matérias de jornais ou sítios santistas sobre os símbolos abordados e as visões que nos chamam atenção. Por fim, a leitura de bibliografia sobre a cidade se tornou importante, assim como tecer a formação socioespacial, ao entendimento da produção simbólica da cidade através de como a produção material se desenvolveu.

Antes de uma descrição mais atenta desse conjunto de símbolos, é necessário afirmar qual o conteúdo desse discurso e quem o produz. Em termos teóricos, reafirmamos nossa metodologia baseada em Cosgrove (1983) e Duncan (2004) onde ambos apontam o entendimento da paisagem através da construção simbólica e das relações de domínio que a elite econômica exerce em um determinado lugar. Portanto, esse conjunto simbólico aqui apresentado relaciona-se com as intencionalidades de

quem a produziu, entendendo que o poder público e o privado estão intrinsecamente conectados, pois com raras exceções, o Executivo municipal esteve sob domínio de partidos cujos líderes pertencem à elite santista²⁶. Esse discurso então mostra uma cidade que não é interiorana ou provinciana como seria uma Campinas ou Piracicaba; sua elite a compara estaticamente à orla do Rio de Janeiro, especialmente por conta do Jardim de Praia; há uma identidade muito forte entre seus moradores, um *bairrismo*, que diferencia Santos das demais cidades da Baixada e dos *paulistas*, a forma pejorativa de chamar o paulistano; a qualidade de vida dada pelo IDHM sempre é exaltada como forma a provar que Santos é um município único no país; é entendida como uma cidade em nível nacional, por conta do “maior porto da América Latina”, “do maior jardim de praia do mundo” e dos tempos cafeeiros; de ser “terra da caridade e da liberdade”; de ser o local de berço de Pelé e do “maior time do século XX nas Américas segundo a FIFA”, o Santos FC.

A enumeração acima nos traz a imagem de uma cidade rica, próspera, palco de lutas abolicionistas e algo diferente ou contrário ao que é a capital do estado. Esse discurso positiva a elite da cidade no que diz respeito a ser uma elite que foi abolicionista e militante de causas nobres como o fim da escravidão; que não há motivos de grandes questionamentos sobre a existência de uma classe superior, uma vez que Santos “é um lugar bom para se viver”, ou seja, os problemas sociais brasileiros não são algo que assola a cidade com tanta força; traz uma importância a ela e à cidade como se estivéssemos no início do século XX; que São Paulo, por conta da macrocefalia urbana, é uma cidade com características desagradáveis ao santista no geral.

É importante ressaltar algumas contradições existentes nesse discurso: primeiro, questionar a narrativa da terra da liberdade ser realmente um local que apoiava a emancipação e a incorporação cidadã da população negra, especialmente no final do século XIX e início do século XX; o uso de índices como reveladores de uma totalidade de menores desigualdades sociais e econômicas dentro do município; a influência social, cultural e política de um capital regional nível 3 (IBGE, 2007) dentro do contexto estadual e nacional. Em relevância nacional, para além do porto, talvez o único

²⁶ Inclusive, é necessário frisar que Paulo Alexandre Barbosa (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB), atual prefeito, é filho de Paulo Gomes Barbosa, antigo corretor da Bolsa do Café e interventor colocado pelo Regime Militar (1964-1985) como interventor na cidade de Santos em 1979. O antecessor, João Paulo Papa era do Movimento da Democracia Brasileira (MDB) e hoje é do PSDB. Anterior a Papa, era Beto Mansur (Partido Progressista), filho de ex-deputado federal cassado em 1964, Paulo Jorge Mansur, hoje empresário membro da burguesia da cidade.

símbolo identitário que também é um fixo que atrai e emana fluxos de pessoas e informação em nível nacional e continental é o Santos FC, por conta de estar na elite do futebol nacional com participações como protagonista em torneios continentais também.

De início, comecemos pela Prefeitura Municipal na área de turismo na apresentação da identidade santista em seu sítio de características gerais da cidade:

Troca o pronome você por tu, mas mantém o verbo na 3ª pessoa do singular (tu vai – ao invés de tu vais); usa os canais como referência, ao invés de fornecer o nome da avenida ou rua; pede média, quando vai à padaria comprar pão ;(...) faz promessa para Nossa Senhora do Monte Serrat, a padroeira da cidade; sabe que o tamboréu é um esporte originário de Santos; tem orgulho em morar na cidade que possui o maior porto da América Latina; conhece os prédios tortos da orla; só vai à praia com tempo bom; chama de ‘paulista’ todos os que vão à praia em dia de chuva; (...) vai à Vila Belmiro para torcer pelo melhor time do mundo (há exceções, claro!); sabe diferenciar os canais que cruzam a cidade.

Esse texto nos revela alguns traços da formação identitária santista, assim como aponta alguns símbolos. Podemos entender como uma cidade com trejeitos linguísticos próprios; católica; de exaltação e torcida pelo Santos FC; com um código de significações sobre os lugares e comportamentos próprios, assim como adjetivação daquilo que é diferente e pertencente a outro lugar (o “paulista”). Aliás, é interessante notar que o morador nascido em Santos é, por gentílico estadual, paulista, no entanto o paulista é visto como o “paulistano”, turista que desde a década de 1930 utiliza a cidade como local balneário.

Pensando em uma a relação entre Eagleton e os localismos linguísticos de Santos, verifica-se uma formação identitária baseada na distinção daquele grupo, dos moradores da cidade, em relação aos demais. Em seus escritos sobre cultura, em diferenciação a Cultura, Eagleton (2011) aponta que há uma valorização dos elementos que se julgam cultura por ser diferente ou dotada de certo localismo não encontrado, segundo as pessoas pertencentes àquela cultura, em outro lugar. A Eagleton isso é uma visão errônea sobre cultura, uma vez que os códigos de entendimento e a formação cultural de cada localismo se dão através de bases comuns entre todos, dado que não seriam compreendidos ou passíveis de serem elementos identificadores de um grupo se não fossem entendíveis ao demais. Em qualquer padaria será possível encontrar o preço da *média* (pão francês) e do *cará* (pão próprio de Santos), assim como do *mistinho* (enroladinho de queijo e presunto). Esses pequenos trejeitos, como o uso do *tu* como terceira pessoa do singular ao invés de você, são coisas do jeito de se comunicar do santista. Obviamente, não há dificuldade de comunicação com quem é de fora, porém

esse pequeno traço cultural comum, que os distingue até mesmo de outras cidades da Baixada Santista, são um elemento valorizado por ser único e distinto. Inclusive, há dicionários na internet sobre palavras tipicamente santistas, como “errorex”, “mango”²⁷ e outros sinônimos a objetos que existem em todo o território nacional, como corretivo e dinheiro, respectivamente. Aliás, é interessante notar que algumas das expressões não são usadas somente em Santos como “da hora”, “embaçado” que são usadas em São Paulo também.

Os localismos permitem uma formação identitária através do consenso no uso de termos específicos. Essa construção direta da identidade também está presentes em símbolos paisagísticos da cidade, de estátuas a muretas. Alguns desses símbolos, segundo Carreira (2019), são dos tempos da reforma urbana vivenciada por Santos no início do século XX, quando nomes de ruas e praças ligados à colônia foram substituídos por outros remetentes ao período republicano nacional. Diz Carreira:

Nesse período, a antiga Igreja Matriz dá lugar ao novo prédio da Alfândega e à Praça da República. As antigas ruas Direita e Santo Antônio, importantes vias comerciais próximas ao porto, foram rebatizadas, respectivamente, de rua XV de Novembro e Rua do Comércio. Nesse período a cidade já possuía duas largas avenidas, a Ana Costa e a Conselheiro Nébias, essa última a única via a ligar diretamente a região das praias ao porto. A construção de novos símbolos, deslocando ou subjugando antigos monumentos, fazia parte de uma espécie de ressignificação e, em certa medida, negação do passado. (CARREIRA, A. 2019, p.31)

Observando as ruas de Santos, é notável que o padrão de nomes que remete ao período republicano, em especial ao período da Velha República (1889-1930) é majoritário. Entre os canais do projeto original de Saturnino de Brito, temos: Avenida Senador Pinheiro Machado (Canal 1), Avenida Bernardino de Campos (Canal 2), Avenida Washington Luís (Canal 3), Avenida Siqueira Campos (Canal 4), Avenida Almirante Cochrane (Canal 5), Avenida Coronel Joaquim Montenegro (Canal 6) e Avenida General San Martín (Canal 7). Entre as avenidas no sentido leste-oeste, em sentido perpendicular ao dos canais, observam-se os seguintes nomes: Avenida Pedro Lessa, Avenida Afonso Pena, Avenida General Francisco Glicério, Avenida Campos Sales e Avenida Cidade de Santos. A avenida da orla é composta por uma série de nomes distintos como Avenida Presidente Wilson, Avenida Vicente de Carvalho, Avenida Bartolomeu de Gusmão e Avenida Almirante Saldanha da Gama. Na Zona Noroeste temos a Avenida Nossa Senhora de Fátima, Avenida Brigadeiro Faria Lima, Avenida Eleanor Roosevelt, Avenida Francisco Ferreira Canto, Avenida Jovenino de

²⁷ Exemplificado pela reportagem feita por SAAD (2018);

Mello e Avenida Hugo Maia. O que é notável é a quantidade de nomes provenientes da República Velha, do passado de Santos e dois ligados à Presidência dos EUA. Não há nenhuma grande avenida com nomes de presidentes mais recentes como Juscelino Kubistchek ou Getúlio Vargas²⁸, tampouco nomes dos ditadores do período militar. O único nome mais recente é da Avenida Governador Mario Covas, sendo esse uma personalidade da cidade e também ex-membro da diretoria do Santos FC.

Sobre o nome das grandes avenidas de Santos e a possível relação com a formação de uma identidade, é importante notar que a cidade parece se voltar aos anos iniciais da República, os quais também são o período áureo do café e por consequência da cidade de Santos. Na Praça da Independência em Santos há um mosaico em homenagem a “Revolução de 1932²⁹” apontando dessa forma uma baixa receptividade à figura de Getúlio conservando assim o tradicionalismo paulista da antiga elite cafeeira. Pensando nas motivações da Revolução de 1930, é esperada essa postura de Santos quanto a 1932, afinal o Estado Novo é o fim do empreendimento cafeeiro e, com isso, a diminuição política e econômica da cidade.

A fim de concluir nossa reflexão sobre o nome das grandes avenidas de Santos, é possível entender que a elite da cidade tem apreço pela Velha República, mantendo assim um padrão de nomes de presidentes, senadores e pessoas ligadas à república oligárquica cafeeira. A República, dos períodos com desenhos políticos mais ou menos democráticos, não aparece senão no período no qual Santos tinha destaque no país todo. Outro fator interessante é a ausência de qualquer ídolo do passado do Santos FC, pois se o clube cumpre um papel de símbolo identitário, seria imaginável que alguma avenida grande pudesse ter o nome de um grande jogador ou dirigente do clube. No entanto, o único ídolo do Santos homenageado é Pelé, com o Museu Pelé no bairro do Valongo.

Nesse trabalho também foram observadas três canções sobre a cidade: o Hino Oficial de Santos, “Música Popular Caiçara – Homenagem ao Santos Futebol Clube” de Charlie Brown Junior e “Vem Comigo Você” de Marcelo Toti. A escolha das duas últimas canções obedeceu ao critério de serem artistas da cidade, assim como a temática abordar Santos. O hino da cidade³⁰ apresenta uma visão bastante elitista sobre Santos

²⁸ Essa até existe, fica no bairro do Valongo, porém sem qualquer destaque em relação às demais.

²⁹ Tentativa de levante de São Paulo contra Getúlio Vargas, celebrado como feriado todo dia 09 de julho.

³⁰ Letra: “Santos / Céu azul... uma ilha encantada / que nos prende e enfeitiça como magia de fada /

com adjetivos como “tradição e fidalguia”. Além disso, faz referência aos abolicionistas do final do século XIX ao falar que “Santos doou liberdade”. É notável que ao dizer que doou liberdade, retira qualquer protagonismo dos quilombos existentes na cidade³¹ e coloca toda agência na elite santista como um ato donatário, uma caridade. O hino da cidade também apresenta uma referência cristã ao dizer que “graças a Deus é santista”.

A *Música Popular Caiçara*, da banda de relevância nacional Charlie Brown Jr., traz também um videoclipe³² cujas características mais interessantes são os locais utilizados para representar a cidade de Santos: a pista de *skate* quebra-mar com o monumento de Tomie Ohtake ao fundo, a orla com seu jardim em destaque, a mureta da Ponta da Praia e, claro, a o estádio da Vila Belmiro. A letra³³ já tem em seu nome um fator identitário bastante claro ao se denominar *caiçara*. Da mesma forma que há uma estátua de um pescador no Jardim de Orla, a música toca nessa relação que há entre o santista, morador do litoral, e o *caiçara*. Ao menos no caso da letra, não há uma relação direta entre a palavra e o povo tradicional do litoral do Centro-Sul do país (DIEGUES, 2000).

Além do título da canção, chama atenção como há uma mistura de significados entre clube e cidade, às vezes ficando impreciso a quem o eu lírico está se referindo

Santos / Tradição, fidalguia./ Os seus dotes são tantos / de trabalho, de amor e poesia / O seu passado é de glória / com tantos filhos na História / Terra adorada e benquista / graças a Deus eu sou santista / Santos doou liberdade / Sempre ensinou caridade / Terra grandiosa e otimista / graças a Deus eu sou santista”

³¹ Sobre os quilombos e o movimento abolicionista, esses temas serão abordados de maneira aprofundada no tópico de formação socioespacial de Santos.

³² CHARLIE BROWN JR. **Música Popular Caiçara**. Youtube, 16 de maio de 2011. Disponível *in* sítio: <https://www.youtube.com/watch?v=yQvb-B7g0ng>, acesso 05/05/2019. 7:10.

³³ Letra: “Vinha pela rua / No meu passo sossegado / Quando alguém para do lado / Um belo carro importado / Eles pareciam rock stars / E ouviam um som bem alto, / Maloqueiro quando tem estilo / Rouba cena de assalto / Então desceram todos / Vieram me cumprimentar / Me convidaram pr’um jogão / Que lá na Vila rolar / Eu fui com fê e fui na vaga / Skate rock e futebol / Eu adoro uma mesa farta e varias garotas vão estar lá / Então, hoje eu vou na Vila ver o Peixe jogar / O nosso craque Elano e grande craque Neymar / Em Santos todos sabem e os de fora também / Que o Santos na Vila não tem pra ninguém / A resposta é muito fácil todos sabem qual que é / Qual é o time no Brasil que tem um Rei chamado Pelé / Fazemos nosso jogo respeitando adversário / Mas chega devagar porque aqui não tem otário / Jogamos com firmeza contra grandes campeões / Mas só temos a força de milhões de dragões / Torcida Jovem vai estar lá e a Sangue Jovem também / Com a força da torcida o time joga muito bem / Risadas no caminho sem perder o estilo / Santos é eterno Santos é de pai pra filho / Essa daqui é pra provar / Pra os que não acreditaram / Que essa p. vale ouro / Que minha arte é o meu tesouro / Conquistei o meu espaço com a bolada que eu faço / Num mundo paralelo exorcizado no compasso / Quem curte skate rock rua praia fuleiragem / Santos *mó* loucura essa cidade é *mó* viagem / Risadas no caminho sem perder o estilo / Aqui viveu meu pai aqui também nasceu meu filho / Camisa 10 joga bola na forquilha / Pros manos de Santos eu dedico essa trilha / Camisa 11 pegou na bola é gol / Pra cidade de Santos eu dedico esse som / Cidade grita gol dá pra ouvir daqui / Litoral sorri / Só Alegria na Baixada / Essa é minha cidade / Esse é meu time eu vim de Santos / Essa é a cidade do glorioso Santos/ Camisa 8 humildade total / Salve salve Elano / Família Charlie Brown / Só quem é bom vira eterno com o tempo / Salve família, salve cidade, salve torcida / Santos todo elenco”

formando um contínuo. Assim, há versos como “em Santos todos sabem e os de fora também / que o Santos na Vila não tem para ninguém” e “essa é a cidade do meu glorioso Santos”, onde claramente não há um recorte pela torcida geral do Santos FC e sim pelos moradores da cidade. O Santos é símbolo identitário de Santos na canção. Ao eu lírico tem função de ícone, índice e símbolo, pois é ícone enquanto um clube de futebol, sua finalidade são as competições esportivas e a identidade local é uma construção outra; como índice é um signo que aponta a cidade de Santos; e como símbolo, a interpretação passa pelo crivo de ter ciência sobre a importância do futebol na sociedade brasileira, da importância do clube no cenário nacional para entendê-lo na música como local de identidade e sociabilidade santista.

A última música, “Vem comigo você” de Marcelo Totti, é interessante por conta dos elementos que o autor resolve elencar sobre a cidade. No videoclipe³⁴, são escolhidos, como plano de fundo, locais simbólicos à cidade: novamente, o quebra-mar junto ao monumento feito por Tomie Ohtake, o Jardim da Orla, o estádio da Vila Belmiro e a mureta dos canais. Em termos de letra³⁵, assim como Música Popular Caiçara, não há separação entre Santos como cidade e como clube de futebol a ponto de utilizar o refrão da marchinha “Leão do Mar” do alvinegro praiano como algo em referência a cidade no verso “Santos, sempre Santos”.

A canção também cita os Jardins de Orla como os mais belos do planeta, assim como menciona o Porto de Santos como maior da América Latina. Há certo ufanismo sobre a cidade a ponto de dizer que é “consagrada no mundo inteiro” e compará-la ao Rio de Janeiro. Essa comparação entre Santos e Rio de Janeiro não é tão incomum, pois Carvalho (2014) também faz um paralelo entre as praias de Santos e as do Rio de Janeiro em seu livro de memórias intitulado “Aquele tempo que passou: fragmentos de memória Santos nas décadas de 40 e 50”, especialmente no capítulo “Rio de Janeiro, a montanha, o sol e o mar” onde a autora tece algumas similaridades entre as atividades à beira-mar em ambos os lugares, porém admitindo que as possibilidades de sociabilidade

³⁴ VEMCOMIGOVOCÊ. **Vem comigo, você!**. Youtube, 27 de janeiro de 2012. Disponível in sítio: <https://www.youtube.com/watch?v=k4UhxtcXHJI>, visualizado em 05/05/2019. 3:21.

³⁵ Letra: “Santos, cidade linda, maravilhosa pra se viver/ vem comigo você / Cidade de Rei Pelé / consagrada pelo mundo inteiro / igual Rio de Janeiro / Temos os jardins mais belos do planeta / Em cada cidadão, um cometa / Nosso porto, o maior da América Latina / Há! Eu já sabia! / Sabia também desse povo que trabalha / Gente humilde, do bem... Dos morros à periferia / Da orla da praia ao dia-a-dia / Gente feliz / Praia, futebol / Gente bonita / Há! Maioral / Como diz o ditado: 'Santos, sempre Santos' / Tá na veia, no orgulho e num pouco de barulho / Ser Santos é pra vida inteira / Um laço, um abraço, um amor aos pedaços... / De três corações, como o rei/ Eu vivi, e aqui caminhei”.

e a beleza paisagística em Copacabana eram maiores se comparadas à Praia do Gonzaga. Sobre ser consagrada no mundo todo, a impressão maior é que a consagração vem via os títulos mundiais do Santos FC, até pela filiação clubística do cantor.

As três canções elucidam alguns elementos que repetidamente aparecem quando se trata de Santos: do sítio da Secretaria de Turismo às fotos e reportagens sobre a cidade, os símbolos elencados se repetem de forma a dar maior enfoque àqueles que geram maior identificação do morador. Como será discutido abaixo, há elementos em comum entre os símbolos elencados que, em conjunto, formam uma narrativa sobre a cidade na qual claramente a elite é, assim como no hino, benfeitora e mobiliza esses outros símbolos para criar um discurso de uma cidade branca, sem problemas sociais grandes, homogênea, com a valorização de figuras históricas favoráveis a essa classe em detrimento de outras.

Em termos de paisagens, existem elementos simbólicos que são formadores de uma identidade da cidade. No caso, boa parte dos elementos é construída pelo poder público santista cujos representantes recentes, de modo geral, são representantes da classe dominante santista. Aliás, é interessante como o poder público exerce uma função preponderante na construção simbólica da cidade. Dessa forma, se valida o que diz Cosgrove (1983), pois realmente quem é preponderante na produção simbólica são os que dispõem dos meios materiais para produção material da vida.

Pensando em Lênin (2007), podemos inferir que a dominação da esfera municipal pela elite local exerce um efeito de confluência entre os elementos simbólicos construídos via poder público com os elementos simbólicos construídos pela elite local. Os nomes das avenidas também entram nesse escopo, pois como Duncan (2004) aponta a repetição de símbolos ou de discursos ocorre como forma de legitimação discursiva, sendo assim importante o conjunto simbólico como um todo e não apenas símbolos isolados com discursos pontuais. A indagação a partir disso é como uma produção simbólica com potencial de negar à hegemônica é possível, especialmente com elementos de constituição tofófica entre esses símbolos e os indivíduos.

2.3.1- As onipresentes muretas

Os parapeitos, conhecidos entre os santistas como “mureta” não foram colocados ali de maneira avulsa. A “mureta” é um símbolo identitário santista reconhecido pelo formato de inúmeros retângulos enfileirados ordenadamente cada qual medindo 50 cm

de largura com círculos menores ao meio. Essa marca paisagística está presente em boa parte da cidade³⁶: década de 1950, era possível observá-la apenas na orla do bairro da Ponta da Praia, ponto onde separa a Avenida Almirante Saldanha da Gama do Estuário de Santos. Com o tempo, a mureta foi implementada nas pontes sobre os canais da cidade, em parques e em outros pontos de Santos. Atualmente, é vista em decorações públicas de Natal, gradis e também nos detalhes do Jardim de Praia. Dessa forma, é difícil estar em algum ponto de Santos, mesmo na Zona Noroeste, e não se deparar com algo com o formato da mureta.

É interessante como atualmente há o fomento público do uso das muretas. Em um primeiro momento, é notável a padronização municipal de todos os parapeitos possíveis nas mais diversas áreas da cidade. Entretanto, a função de parapeito há muito deixou de ser a única utilizada pelo poder público. Durante as observações em campo, defrontamo-nos com o símbolo em locais pouco convencionais ao seu uso primário: decoração de pontos de ônibus, formato dos pés dos assentos em locais públicos, elemento na pintura de prédios públicos, uso de uma variação metálica para corrimãos no Jardim de Praia, objetos artísticos e enfeite no sinalizador da Avenida Ana Costa na orla. Ademais, pelo tipo de material e a forma de construção, esses novos usos da mureta são recentes, com poucas décadas de existência. A repetição no Jardim da Orla é exaustiva, não restando ao transeunte 500m sem a visualização desse símbolo em algum elemento paisagístico. Talvez o mais impressionante ao observador seja a mureta feita com mosaico de pedras portuguesas no piso da Praça Mauá, sendo necessário ascender às escadas da Prefeitura de modo a notar o formato no chão.

A intencionalidade na repetição das muretas deu certo o suficiente para tornar o símbolo apropriado pelos cidadãos da cidade. De trabalhos escolares a tatuagens³⁷, a mureta é vista pela população da cidade como um símbolo identitário que representa a cidade como um todo. A aceitação é tamanha que há lojas de *souvenires* especializadas³⁸ na fabricação e venda de muretas em tamanhos variados para enfeites de casa, assim como outras peças de decoração, uso em folders e símbolos privados de empresas e campanhas políticas. Sobre um dos artistas, Paulo Consentino, este também é o autor da pintura do Complexo Modesto Roma Júnior, onde se localizam a

³⁶ Fonte: reportagem *in* sitio da TV Tribuna (2014).

³⁷ Fonte: Pires (2018).

³⁸ *Idem* ao 15.

concentração e o centro de treinamento do Santos FC e também o grafiteiro Kobra, em sua recente obra no Mercado do Peixe na Ponta da Praia.

Tecendo um paralelo entre os signos de Peirce (2010) e as muretas, notamos que se trata de um ícone, pois a existência da mureta é anterior ao seu significado imaginário, e também de um símbolo, pois sua interpretação depende de uma base cognitiva pré-estabelecida, ou seja, um modo de interpretar esses símbolos constituídos. Assim, a mureta funciona como mureta (ícone) com seu uso cotidiano, porém constitui-se como um elemento identitário enquanto símbolo da cidade. Dessa forma, um indivíduo nascido no Brasil ou no estado de São Paulo não conseguiria visualizar através dos traços da mureta a cidade de Santos, isso é algo a quem foi criado e acostumado com essa ligação entre Representâmen e Interpretante.

Em termos da paisagem como figura de linguagem, entendemos que a mureta funciona como um objeto metonímico, cujo efeito simbólico se deu através da repetição: esse elemento que surgiu como detalhe da mureta da Ponta da Praia, foi construído também nos canais e em diversos pontos da cidade, inclusive nos canais de escoamento da Zona Noroeste. Claramente a intenção é de passar a sensação ao indivíduo do pertencimento daquele lugar a Santos, assim como a produção de um símbolo decorativo que seja capaz de aglutinar a visão da elite sobre a cidade e reproduzi-la de maneira sutil.

Por fim, pensando ainda na questão da eficácia do símbolo, é sensível a eficácia das muretas como símbolo identitário³⁹ a partir do momento em que se tornam *souvenires*, obras de artes, objetos de decoração residencial e comercial. Oras, caso não houvesse qualquer tipo de aceitação ou identificação simbólica, não haveria qualquer tipo de aceitação a esses produtos e tampouco tatuagens com essa temática.

2.3.2 – As boas vindas santistas: o Peixe e a camiseta de Pelé

O Peixe é um totem de 35 metros de um peixe em formato que dependendo do olhar pode ter significados distintos: o primeiro remete um símbolo cristão e o segundo remete ao Santos FC. Situado na entrada da cidade na Via Anchieta (FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS, 2019), foi concebido e construído pelo artista Ricardo Campos Mota. Segundo ele, a ideia era de fazer referência ao fato da cidade ser

³⁹ Mesmo o Santos FC, quando resolve homenagear a cidade, sempre recorre às muretas para colocar nas camisetas do clube em datas comemorativas como 27 de janeiro, aniversário da cidade.

litorânea e também ao peixe, este um dos totens clânicos do Santos FC. Então por que falamos em símbolo cristão? Observando as características do peixe, a forma é muito semelhante ao peixe da liturgia cristã, o que pode ser visto, por exemplo, no logo do Partido Social Cristão (PSC). Assim, a interpretação se torna ambígua e aberta para além do Santos FC ou do fato de ser uma cidade praiana, o que talvez pudesse ser representado como as estátuas de divindades como Netuno e Iemanjá o fazem no município de Praia Grande (SP).

Enquanto as muretas poderiam ser entendidas como paisagem metonímicas, o Peixe tem como característica propiciar uma paisagem metafórica, pois funciona como um símbolo cuja informação traz à tona coisas outras, como o Santos, a cidade ou mesmo Jesus Cristo. Pensando que nos itens de definição do morador da cidade expostos pela Secretaria de Turismo da Prefeitura de Santos, a questão cristã (de cunho católico) aparece clara no fato de ser devoto de Nossa Senhora do Monte Serrat e subir o morro em ocasiões religiosas, não é exagero pensar que o Peixe como símbolo exerce uma função religiosa para além da totêmica com o clube ou com a cidade.

Inclusive, entendemos que o Peixe em termos semióticos tenha função de um signo como índice se pensarmos como símbolo identitário da cidade: de forma a se remeter à cidade, o Peixe faz referência ou ao mar ou ao Santos FC para daí ser vinculado à cidade. O Peixe também é um símbolo, pois seu sentido simbólico só é eficaz quando o indivíduo tem algum contato com a cidade, o Santos FC ou a liturgia cristã⁴⁰. Ainda assim, pode ser visto como ícone, pois seu papel como elemento geográfico de entrada da cidade, semelhante a um portal, continuaria existindo mesmo se não houvesse qualquer signo para além de seu uso cotidiano ou de embelezamento.

A sua eficácia é relativa, pois por um lado é bastante abrangente em significado, porém seu sentido é modificado e há menos controle sobre a interpretação conforme o conjunto de informações de cada indivíduo. À cidade, o símbolo tem a função de ser o objeto de entrada à cidade, assim como remete ao Santos FC e ao mar. A um turista, o referencial dependerá daquilo que lhe é mais comum: a religião, o futebol como campo, o local balneário.

⁴⁰ Especialmente a evangélica, pois por mais que seja reconhecido como um símbolo cristão geral, tem origem no batismo e reconhecimento em outros setores do protestantismo cristão.

Em inauguração no ano de 2020, também na entrada da cidade encontra-se a “Camisa de Pelé”, uma escultura em formato de busto construída pela Prefeitura de Santos no ano do octagésimo aniversário de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. A escultura não apresenta o busto completo do jogador, privilegiando assim a camisa santista alva com o símbolo do clube e, na parte de trás, o número 10 em preto. Uma vez dito que a eficácia do Peixe era relativa, a camisa serve como reforço do caráter identitário entre clube e cidade, não deixando dúvidas do envolvimento subjetivo e objetivo da cidade com o Santos FC e a exposição disso a quem se aproxima por meio da Via Anchieta.

2.3.3 – Os bondes

Dentre todos os símbolos aqui descritos, os bondes de Santos são os que estabelecem relação direta com o passado da cidade. Como apontam Mello (2008), Carreira (2019) e Araújo Filho (1965), os bondes foram colocados em um período onde Santos estava inserida como centralidade na negociação e escoamento de café, período único de protagonismo da elite santista em âmbito nacional. Desse período também surgiram outras estruturas com função simbólica, como a Bolsa de Valores do Café (atual Museu do Café), o jornal “A Tribuna” (1894), a Associação Comercial de Santos e a reforma e construção do cais de pedra no Porto de Santos (SEC. TURISMO DE SANTOS, 2019). Há um bonde estacionado na Praça das Bandeiras, na orla da Praia do Gonzaga, como ponto de informação turística cidade. No bairro do Valongo, próximo ao centro, há uma linha turística com passeio de aproximadamente 30 minutos, com o intuito de apresentar o Centro Histórico da cidade, assim como produzir uma construção imaginária de Santos historicamente.

O Centro Velho basicamente foi remodelado a partir de 1880 dentro de um plano de “modernização” e sanitarismo (CARREIRA, 2019). Seus prédios variam entre construções do período colonial, como as igrejas, e os prédios do período da Velha República. Também há prédios posteriores, em especial por ser uma área comercial central da cidade, porém a idéia é claramente remeter ao passado dos tempos do café, tanto é assim que há uma composição específica para o passeio cuja função é, além da explicação dos guias, servir café aos passageiros. Novamente, observamos uma paisagem metafórica relacionando o bonde com o passado santista. Claramente, um sentido de passado harmonioso, como se não houvesse grandes contradições no final do

século XIX e início do século XX na sociedade santista. Sobre tal, uma reportagem do Diário do Litoral nos dá pistas sobre a visão posta sobre o bonde:

Tomar o bonde turístico na Estação do Valongo, em Santos, é o mesmo que pegar o “bonde da história”. Quem embarca nos bondes, que conservam suas características originais, na estação de trem entregue pela São Paulo Railway em 1867, tem logo a sensação de voltar no tempo. Ao longo de cinco quilômetros, os passageiros seguem viagem por um museu vivo, avistando cada monumento ou imóvel antigo do Centro Histórico. Um guia fala sobre cada ponto que conta um pouco dos 473 anos da cidade fundada por Brás Cubas em 1546. Quanta história tem a cidade que ergueu a primeira Santa Casa de Misericórdia de Todos os Santos (primeiro hospital das Américas), que construiu o maior e mais pujante porto da América Latina, foi protagonista no movimento abolicionista e sede da Bolsa Oficial do Café. Muitos dos principais acontecimentos dessa que é uma das primeiras vilas do Brasil estão resguardados em imóveis que hoje são pontos turísticos. Grande parte da história do município que se desenvolveu com o Brasil e que também foi berço do patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, é contada diariamente nos passeios da Linha Turística do Bonde. A Linha Turística foi inaugurada em 23 de setembro de 2000. O secretário de Turismo de Santos, Odair Gonzalez, ressalta a importância do Bonde Turístico para Santos. “O Bonde Turístico integra as comunidades italiana, portuguesa e japonesa à cidade. O bonde é integrado às festividades desses povos. O bonde é mais do que uma atração turística, é um equipamento cultural que leva as pessoas a viajarem pela história da cidade, através do passeio que passa pelos monumentos e prédios históricos de Santos.” (FARIAS, 2009. Disponível in [sítio: https://www.diariodolitoral.com.br/santos/santos-e-o-bonde-um-passeio-pela-historia/122418/](https://www.diariodolitoral.com.br/santos/santos-e-o-bonde-um-passeio-pela-historia/122418/))

A visão proporcionada pelo Diário do Litoral nos dá uma dimensão dos elementos valorizados: a Casa de Misericórdia, a Bolsa do Café, propriedades de José Bonifácio de Andrada e Silva. A reportagem não aponta, por exemplo, sobre os casarões que foram cortiços que ainda abrigam a população pobre no centro (MELLO, 2008) ou os cursos d’água presentes no centro da cidade. Assim como o jornal diz que “o bonde é integrado às festividades desses povos”, ou seja, das comunidades descendentes de europeus (italianos e portugueses) e da comunidade japonesa. Nesse trecho não são citadas a comunidade negra e a comunidade nordestina que vivem na cidade e na Baixada Santista.

2.3.4 - O Jardim de Orla

Segundo a Secretaria de Turismo de Santos, o Jardim de Orla foi idealizado por Saturnino de Brito, o engenheiro sanitário que projetou o plano de arruamento atual da cidade. A construção começou em 1936 e foi expandido até atingir toda a área de orla entre a Ponta da Praia e a divisa com São Vicente na praia do José Menino com 5.335 km de comprimento e a largura variada entre 45-50 metros. O jardim abriga mais de

1800 árvores de porte médio e 70 espécies ornamentais em mais de 1300 canteiros e foi eleito em 2002 pelo *Guinness' Book* como o maior jardim de orla do mundo.

Observando reportagens, clipes e músicas, é sensível a identificação da população de Santos com o jardim. Talvez haja uma supervalorização de ser o maior jardim de orla do mundo, porém de fato é um local de sociabilidade na cidade, estando cheio durante as primeiras horas da noite e conta com locais que exercem centralidade turística: o quebra-mar, a Praça das Bandeiras, o Aquário Municipal de Santos.

O interessante do jardim de praia é o número de 38 monumentos históricos distribuídos por toda a sua extensão, segundo a Secretaria de Turismo de Santos, com personagens históricos da cidade, do país e do mundo. São encontradas as esculturas do Padre José de Anchieta, jesuíta do século XVI, ao lado de um índio e de uma onça; Santos Dumont; Saturnino de Brito, engenheiro sanitário; Vicente de Carvalho, poeta local; Cristóvão Colombo; imigrantes japoneses junto a uma escultura de Tomie Ohtake; Osmar Gonçalves, surfista; O Pescador; o bonde; o totem do centenário do Santos FC, que ali permaneceu por anos após a data comemorativa.

A seleção dos objetos nos permite pensar que o jardim tem por si só uma narrativa sobre elementos da história de Santos e do Brasil a serem valorizados. Isso é revelador, por exemplo, quando a estátua do Padre José de Anchieta possui de um lado um índio e do outro uma onça cada qual de um lado com o catequizador no plano maior, como quem traz algo que “civilize” aquele ambiente natural e seus moradores nativos. Essa lógica de um discurso colonizador se replica na estátua de Cristóvão Colombo e a estrutura de um globo de ferro por de trás.

Outro ponto interessante é a valorização de Saturnino de Brito, responsável por um esforço higienista que retirou boa parte da população pobre do centro de Santos, assim como deu forças ao mercado imobiliário para agir sobre a área da cidade, apagando inclusive resquícios do antigo Quilombo de Pai Felipe. Como será apontado no tópico da formação socioespacial de Santos, especialmente a partir de Mello (2008) e Carreira (2020), os projetos sanitários em Santos, para além do arruamento em tabuleiro e a construção dos canais, foi responsável por diversas incursões e políticas públicas contra a população pobre, pois esta era vista como necessária de intervenção da mesma forma que o esgoto ao tratamento das pestes que assolavam a cidade no início do século XX.

Em uma cidade que se orgulha de ter sido parte do movimento abolicionista, é curioso que não haja nenhuma figura negra representada, especialmente a dos líderes Quintino do Quilombo do Jabaquara ou Pai Felipe. Machado (2005) revela que Quintino foi inspetor da polícia e primeiro vereador negro na cidade de Santos, o que o tornaria uma figura icônica em termos de uma suposta “emancipação” do negro na sociedade santista. No entanto, verificam-se duas esculturas sobre o centenário da imigração japonesa no Brasil, em 2008. A principal escultura tem 15 metros e simboliza a bandeira japonesa feita pela artista Tomie Ohtake, sendo um local visível em boa parte da orla santista devido ao seu tamanho e a localização junto ao quebra-mar⁴¹.

Outro fator interessante de análise das esculturas do Jardim de Orla é a imagem do morador de Santos trazida pela escultura d'O Pescador. O Pescador tem as feições de um senhor antigo, aparentando ser um homem velho, de feições caucasianas ou pardas, barba farta e rosto ossudo. Pelas vestimentas, aparenta ser pobre, como um “homem simples”, de poucas posses. Dá a impressão de ser uma espécie de romantização do morador do litoral, do *caiçara*⁴² e da vida frente ao mar. É a única figura que representa realmente alguém simples, pobre.

Pensando que essas estátuas e esculturas formam um conjunto simbólico construído pelo poder público santista, faz-se luz sobre parte do discurso existente sobre a cidade. Primeiro, a identidade tradicionalista caiçara de pescadores, trabalhando junto ao mar. Em um segundo ponto, das figuras valorizadas sejam aquelas que remetem ao “progresso e modernização”, como Saturnino de Brito, ou as que remetam a “Descoberta do Novo Mundo”, como Padre Anchieta e Cristóvão Colombo. A valorização de símbolos em detrimento de outros é clara e passa uma história contada pela elite totalmente positiva a si. Uma elite de origem branca, cujas origens remontam a comerciantes relacionados ao café e ao tráfego de cargas com a capital, portanto pouco interessada na figura dos estivadores, dos quilombolas ou outras figuras que remetam a outra esfera social. Esse discurso foi pautado sob um pretenso embelezamento paisagístico e significativo à cidade, com intencionalidade clara de uma narrativa sobre uma sociedade onde o homem branco foi o catequizador, o desbravador, o planejador, o poeta e até mesmo o homem simples trabalhador no mar. É sensível

⁴¹ Fonte: SILVA, 2015.

⁴² Caiçara, como define Antonio Diegues (1999), é um povo tradicional brasileiro com cultura de subsistência baseada na agricultura e na pesca.

também a dificuldade de observar na paisagem da orla monumentos em homenagem a figuras femininas.

2.4 – Parada técnica: algumas considerações

Os elementos simbólicos aqui elencados estão circunscritos a uma área da cidade onde a renda, o emprego e até mesmo o uso do solo apontam serviços mais sofisticados e incursões do mercado imobiliário em volume maior. Como o estudo da formação socioespacial aponta, essas áreas da cidade são ocupadas pelas classes mais abastadas da cidade desde meados do século XX, sendo os morros e a Zona Noroeste as áreas de população mais pobre. Esse fato aponta um favorecimento de um segmento social em relação aos demais, porém a escolha de figuras e eventos históricos e a padronização da construção pelo poder público sugerem que a elite constrói um discurso que é reafirmado a cada símbolo construído pelo poder público. Isso nos abre a possibilidade de pensar que o Santos FC, fundado pela elite da cidade, está conectado a esses símbolos, da mesma forma como o Peixe da entrada da cidade faz referência ao clube.

Isso significa que o Santos como Representamen é totalmente construído pela elite da cidade? Definitivamente, não. Por ser um clube com milhões de torcedores, inclusive fora da Baixada Santista, o Santos se tornou um clube com significado híbrido: um a quem o significado simbólico é construído dentro da cidade de Santos e outro por quem não está inserido nesse lugar simbólico. Isso significa que esses dois grupos têm cultura diferente? Não é o caso também. Aliás, esses torcedores tanto da Baixada Santista quanto da capital também inserem significados e constroem o clube cotidianamente. Na realidade, em termos de apropriação, o escudo de um clube de futebol pertence muito mais ao seu torcedor à elite que pode tê-lo confeccionado.

Após análise do processo de formação socioespacial de Santos, é possível pensar em uma cidade que é fundada antes da capital do estado e que, por conta do isolamento experimentado durante os séculos XVII, XVIII e parte do XIX, criou-se uma identidade preliminar de ser santista muito antes de se sentir paulista, com o episódio da união dos grupos de comerciantes contra as tropas da província como um episódio sensível desse momento. Com a expansão urbana e econômica ocasionada pelo café, notamos que a cidade expande sua elite e sua importância em todo o território nacional. Essa expansão reforça a identidade da cidade e, como apontado por Carreira e Mello, há uma rivalidade entre as elites de Santos para com as de São Paulo em termos político-administrativos.

No entanto, ao contrário da capital, cujo desenvolvimento industrial seria o centro da Região Concentrada e da integração dos mercados e de estruturas do país, a cidade de Santos teve um crescimento residual dentro do turismo, da indústria (em especial Cubatão) e do desenvolvimento regional através da RMBS. Além disso, a cidade que já foi conhecida como a Nova Barcelona (CARREIRA, 2019) por conta dos movimentos anarquistas nas décadas de 1900 e 1910, ou a Moscouzinha Brasileira (TAVARES, 2007) por conta dos movimentos comunistas entre 1930 e 1960, tornou-se uma cidade de serviços composta majoritariamente por uma população com rendimentos mais altos em relação à média nacional e a periferia dos morros e principalmente da Zona Noroeste da cidade.

O conjunto simbólico que foi construído na cidade cria uma narrativa elitista colocando-a como uma cidade grande na hierarquia urbana nacional, positivando e dando peso à importância dos colonizadores e da elite na cidade. O negativo desse processo são as expulsões da população pobre dos cortiços, o apagamento da história negra e de toda a violência para controle dos quilombos, as lutas entre estivadores e patrões por melhores condições de trabalho, a existência da Zona Noroeste com a segunda maior população do município. O Santos Futebol Clube, como será mostrado no próximo capítulo, está inserido nessa produção simbólica da elite de Santos, sendo um símbolo em disputa. Essa disputa se dá principalmente dentro das frações e interesses diferentes da elite da cidade, assim como pela interpretação de bases diferentes dentre os torcedores da cidade e os torcedores de fora, especialmente de São Paulo.

Figura 10. SANTOS – Visão da orla a partir da Ponta da Praia.

Paisagem a partir da Ponta da Praia, com apenas uma pequena parte da orla de São Vicente-SP visível. Foto: ALMEIDA, R.; LIMA, S.,2020.

Figura 11. SANTOS – Visão da orla a partir do Quebra Mar.

Paisagem a partir do Quebra-Mar, oposto a Ponta da Praia. Ao fundo, morros pertencentes à Ilha de Santo Amaro (Guarujá-SP). Foto: ALMEIDA, R.; LIMA, S.,2020.

Figura 12. SANTOS – A paisagem da Zona Noroeste.

Zona Noroeste, seus conjuntos habitacionais e o baixo índice verticalização dos imóveis. Destaque ao Estádio Hespánha, do Jabaquara. . Foto: ALMEIDA, R.; LIMA, S.,2020.

Figura 13. SANTOS – Prédio da Alfândega da Receita Federal no Porto de Santos.

Foto: ALMEIDA, R. LIMA, S.,2020.

Figura 14. SANTOS – Cais do Porto de Santos – Próximo ao embarque de passageiros da DERSA (Departamento de Estradas e Rodagem do Estado de S. Paulo).

Cais do porto e sua paisagem de pouca movimentação turística próximo ao Centro de Santos.
Foto: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 15. SANTOS – Rua Xavier Silveira, principal via de circulação do Porto de Santos. Ao lado, modal ferroviário pertencente ao Grupo COSAN.

Foto: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 16. SANTOS – Rua Xavier Silveira e os trilhos do bonde

Embora de muito potencial econômico e simbólico, o Porto de Santos não é utilizado como atração turística, embora tenha um terminal de passageiros para cruzeiros transatlânticos instalado em suas dependências e esteja na rota do bonde turístico da cidade. Fonte: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 17. SANTOS – Mosaico de obras artísticas referente às muretas no Jardim da Orla

Muretas estilizadas no Jardim da Orla de Santos. Na parte de cima, temos a figura de Iemanjá à esquerda e “Santos - um ovo de cidade” à direita. Abaixo, as temáticas com fotos históricas e desenhos representando banhistas. Foram vistas 10 dessas esculturas no trecho entre os bairros José Menino e Ponta da Praia, compreendendo toda a orla de Santos. O elemento de repetição do símbolo, junto às demais formas de muretas presentes, forma um conjunto simbólico visível em toda a orla e inteligível a qualquer observador. Fotos: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 18. SANTOS – Compilados de usos distintos do símbolo “mureta”

Compilado de imagens: (1) Foto da campanha à prefeitura de Santos feita por Rogério Santos (PSDB), (2) identidade visual de pré-vestibular privado; (3) sessão sobre a cidade de Santos da versão *online* do jornal “A Tribuna”. É notável o uso do elemento identitário como forma de comunicação nos mais diferentes ambientes. Tanto em uma candidatura ao cargo de prefeito, na logomarca de uma empresa privada do ramo de educação, quanto de forma a caracterizar o município, o uso da mureta transparece aquilo que a materialidade já apontava: sua repetição incansável aponta uma apropriação simbólica para além da prefeitura e seu modelo de parapeito na orla e nos canais. É notável que até de maneira a se desvencilhar de uma filiação clubística, as empresas e candidatos optem pela mureta como forma de mostrar uma filiação para com a cidade. Foto (1): PEREIRA, A., 2020. Imagem (2): Divulgação/Google; Imagem (3): A Tribuna.

Figura 19. Santos - Vestiário da Vila Belmiro com camiseta de jogo do Santos apresentando uma homenagem à cidade

Pelé e camiseta do Santos com estampa em homenagem ao aniversário da cidade. É notável além da inscrição de 424 anos, os símbolos presentes são a estátua do Peixe, o Mercado de Peixes e as muretas da Ponta da Praia com um Sol e gaivotas de fundo. Essa camiseta, de 2020, é parte da iniciativa desenvolvida por Peres após o seu primeiro processo de *impeachment* em tentar melhorar sua imagem com o torcedor santista no município. Fonte: Divulgação Santos.F.C/Facebook, 2020.

Figura 20. SANTOS – Embalagem de marca local de papel sulfite A4

Marca “San Paper” de papel A4 sulfite. Nota-se o uso das muretas, assim como as cores do Santos FC. Há aqui uma confluência entre o uso dos dois símbolos de identidade mais populares da cidade de Santos. Foto: BOM, G., 2020.

Figura 21. SANTOS – Cercado da área de recreação infantil no Quebra-Mar.

É sensível a reprodução fiel por parte da Prefeitura de Santos das muretas como forma a criar um cercado no Quebra-Mar. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S., 2020.

Figura 22. SANTOS – Escola de surfe municipal

Parede externa da escola de surfe municipal, no Quebra-Mar. A mureta está posta em horizontal circundando toda a construção. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S., 2020.

Figura 23. SANTOS – Mosaico de fotos de diferentes formas do uso do poder público da mureta

Mureta como formato do corrimão no Quebra-Mar, do banco no Jardim da Orla, como indicador do final da Avenida Ana Costa e detalhe de rodapé do Jardim da Orla. Fotos: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 24. SANTOS – Mosaico de fotos – Mureta no Canal 3, na Praça Mauá no ponto de ônibus e no chão e como decoração no Morro Nova Cintra

Fotos: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 25. SANTOS – Mureta como souvenir em loja na Avenida Ana Costa

Foto: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 26. SANTOS – Mureta original na Ponta da Praia, com vista para o Estuário e à Ilha de Santo Amaro

Figuras 22,23 e 24: apresentam o formato da mureta nas suas formas mais diversas em locais públicos de Santos e reproduzida em miniatura na loja de *souvenirs* da cidade. Isso mostra como o poder público reproduz esse símbolo de maneira consciente, repetindo-o de maneira a criar uma identidade visual em detalhes como o banco da orla ou a vista da Praça Mauá a partir da Prefeitura da cidade. Fotos: ALMEIDA,R, LIMA, S., 2020.

Figura 27. SANTOS – Visão lateral da estátua em homenagem a Cristóvão Colombo

Foto: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 28. SANTOS – Foto da estátua do “pescador” caiçara

Foto: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 29. SANTOS – Padre Anchieta, em primeiro plano, pregando a uma onça e a um índio, ambos em segundo plano.

Foto: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 30. SANTOS – Bonde turístico no Centro da cidade.

Figuras 25,26 e 27: nessas fotos é possível verificar o passado exaltado da cidade: o europeu “descobridor” das Américas, o jesuíta cristianizando e “domesticando” tanto o índio quanto a onça, o bonde das primeiras décadas do século passado. Fotos: ALMEIDA, R, LIMA, S., 2020.

Figura 31. SANTOS – Monumento na Praça da República em homenagem a abertura da Santa Casa de Santos

Estátua de Martim Afonso de Sousa, fundador da Vila de Santos e inscrições sobre indústria, comércio, agricultura e navegação. Além disso, o monumento comemora o fato de Santos ter a primeira Santa Casa do Brasil, o que lhe auto-inferiu o título de “Terra da Caridade”. Interessante notar que o símbolo da Praça da República é centrado na cidade e não em elementos nacionais. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S., 2020.

Figura 32. SANTOS – Vitral do Museu do Café

As duas fotos acima apresentam o mural da Bolsa do Café, sendo que na primeira parte é possível ver a inscrição “República” junto à figura feminina que a representa, um navio e pessoas brancas com uma engrenagem nas mãos, remetendo à imigração. Ao alto, há elementos do Brasil natural como a onça, também vista na estátua de Pe. Anchieta. Na segunda foto,

observam-se pessoas ajoelhadas em um ambiente que remete às feiras e à produção agrária com a inscrição “Império”. Todas as pessoas são brancas e o vitral tem ao seu redor figuras que dão ao estado o sentido de “liderar o país”, como o bandeirante Domingos Jorge Velho. Fotos: ALMEIDA, R., LIMA, S.,2020.

Figura 33. SANTOS – Santos Dumont e Jesus Cristo

Busto de Santos Dumont e estátua com Jesus Cristo crucificado, ambas no Jardim da Orla. Fotos: ALMEIDA, R., LIMA, S.,2020.

Figura 34. Santos - Monumento ao imigrante japonês

Foto: ALMEIDA, R. LIMA, S., 2020.

Figura 35. SANTOS – Escultura de Tomie Ohtake

Figuras 30 e 31. Fotos referentes à imigração japonesa em Santos. Primeiro, a escultura com uma família japonesa no desembarque no porto e, em segundo plano, a escultura que representa a bandeira do Japão. Localização: (30) Jardim da Orla, (31) Quebra-Mar. Fotos: ALMEIDA, R., LIMA, S., 2020.

CAPÍTULO 3 – O SANTOS É DE SANTOS: O CLUBE COMO OBJETO SIMBÓLICO DA ELITE DA CIDADE

Como visto no capítulo anterior, a elite santista produziu uma paisagem na área urbana de Santos com o intuito de garantir a si a hegemonia discursiva na cidade. Desse modo, a burguesia santista ocupa a paisagem com seus valores e narrativas naturalizando-as ao olhar de quem o interpreta através da repetição do mesmo discurso em símbolos diversos. Essa construção sai dos limites daquilo que é físico, sendo verificada também em elementos culturais outros, como a música.

Esse capítulo visa elucidar como o clube se insere dentro do discurso narrativo da cidade e a maneira que isso se torna observável na paisagem do entorno do estádio durante os dias comuns, os dias de jogos e os momentos decisórios do Santos FC. Para tal, primeiramente foi necessário entender o processo de formação do clube, observando suas relações com a cidade e quem ocupa sua diretoria. Essa reflexão possibilita entender as relações de poder dentro do clube atualmente e como se dá a produção simbólica da elite através do clube e como há apropriação do clube pela elite. Claro que a discussão não fica circunscrita à elite, porém a produção simbólica feita por essa classe nos interessa mais por conta da hegemonia dela na produção, coisa que empiricamente foi verificada, como será mostrado abaixo.

Esse estudo de caso traz elementos que possibilitam a expansão da discussão e o entendimento de algumas questões encontradas no cotidiano do clube na imprensa e nas discussões em grupos de redes sociais como é o caso da pretensa divisão entre torcedores da Baixada Santista e “forasteiros”. Aliás, o título desse capítulo é justamente o jargão utilizado por um desses grupos como forma de mobilizar a história do Santos como algo exclusivo da cidade. O que tentaremos mostrar é que para além das formas conflituosas, o conteúdo dessa divisão aponta uma mesma visão de clube, especialmente com o atrelamento dos interesses dos grupos dirigentes aos interesses dos grupos de especulação imobiliária e do ramo da construção tanto em Santos quanto em São Paulo.

3.1 – “O time dos céus”: agentes de reificação da paisagem

O Santos FC foi fundado em 14 de abril de 1912, em uma reunião ocorrida no Clube Concórdia. Segundo o próprio sítio do clube, “o Santos Futebol Clube foi fundado por iniciativa de três esportistas da cidade, Francisco Raymundo Marques, Mário Ferraz de Campos e Argemiro de Souza Júnior. Eles convidaram a todos os interessados para participar da reunião inaugural do novo clube, que foi constituído para ser destinado à prática do futebol, que no começo do século passado estava engatinhando no Brasil”. No início, o Santos jogava em campos na Avenida Ana Costa e depois no campo do Macuco (NASCIMENTO, 2012), sendo que só podiam ser utilizados no Campeonato Santista, pois a APSA não aprovava aos jogos de sua liga, o atual Campeonato Paulista. Para tal, um terreno foi comprado na Rua Princesa Isabel visando à construção daquilo que seria a Vila Belmiro, “a vila mais famosa do mundo”, em 12 de outubro de 1916.

Embora disputando o torneio da APSA desde 1913, o primeiro título “paulista” ocorre apenas em 1935. Sobre a final disputada contra o Corinthians, contam Jatene (2014) e Cunha *et al* (2012), que os torcedores santistas, amargurados com campanhas ótimas supostamente arruinadas pela arbitragem, resolveram levar litros de gasolina consigo até o estádio do Parque São Jorge para caso de uma nova desilusão. O uso de materiais inflamáveis não foi necessário nesse caso, pois o time comandado por Araken Patusca, filho do primeiro presidente do clube, com Feitiço e Friedenreich, não deixou o título escapar. Durante a leitura das descrições de Jatene e Nascimento sobre esse período, foi interessante notar que não há reflexões sobre a profissionalização e as disputas ocorridas na Confederação Brasileira de Desportos (SARMENTO, 2006). A descrição dos jogadores se assemelhava à metáfora religiosa sobre o futebol pensada por Franco Jr., pois o conteúdo histórico é retirado e a narrativa sobre o clube e seus grandes jogadores como heróis ou deuses.

No quesito construção religiosa sobre o clube, nada é mais significativo senão os anos 60, quando o Santos FC se afirma como força nacional. É sobre esse período onde encontramos o coração do livro “O Time dos Sonhos” de Odir Cunha, assim como é a parte central de boa parte das obras que se propõem a contar a história do clube. Essa dedicação maior ao período se deve ao fato do clube voltar a ser campeão paulista depois de 20 anos e começar um período de muito sucesso, viagens e títulos tanto em

âmbito nacional quanto internacional. Fala-se de um “time imbatível”, do “único a parar uma guerra”, do “maior time da Terra”. Esse período de títulos do clube começa em 1955 e vai até 1975, sendo então um ano anterior à chegada de Pelé ao Santos FC e encerra-se com a despedida dele. Nesse período, o clube conquista 11 títulos estaduais oficiais, 6 nacionais e 5 internacionais⁴³ além de uma série de outros títulos regionais e amistosos. Segundo a narrativa criada pelos livros e pelo clube, esse foi um período de *cracks* dentro e fora do campo com a presidência do ex-goleiro Athiê Jorge Cury, e jogadores como Gylmar, Lima, Calvet, Mauro, Dalmo, Mengálvio, Dorval, Pelé, Pepe, Coutinho, Edu, Carlos Alberto Torres, Ramos Delgado, Cejas, Clodoaldo, Toninho Guerreiro, Pagão, Vasconcelos, entre outros.

Dentre as principais obras sobre a história do clube, citamos os livros de Odir Cunha intitulados “O time dos sonhos”, “Santos: 100 anos, 100 jogos e 100 ídolos”, escrito com Celso Unzelte, e “O maior espetáculo da Terra”, esse último escrito junto a Marcelo L. Fernandes. Outras obras importantes são o “Almanaque do Santos FC” de Guilherme Nascimento; o livro Celso Jatene intitulado “Santos: 10 décadas”; “Santos: dicionário santista”, de José R. Torero; José Roberto Brandi dos Santos, autor de “Santos Futebol Clube x o mundo”, assim como os infantis “Santos desde menino” de Luís Pimentel e “Santos, o time dos céus” de Luís Bernardino.

É preciso entender a intencionalidade e a predisposição dos autores ao escrevê-las, pois é claro a nós que quando Gramsci (1999) aponta que os discursos hegemônicos são quebrados através da produção intelectual, dentro do futebol esse potencial contra-hegemônico caberia às obras publicadas sobre o Santos FC. No entanto, destacamos que a maioria dos autores tentou criar algo a partir de uma perspectiva passional, o que leva a uma narrativa romantizada, dando enfoque às glórias do clube e ao carinho por parte de quem escreve com a narrativa exposta. A leitura das obras esclarece a intenção de resgatar ídolos, histórias e feitos, o que nos recordou a metáfora antropológica e a metáfora religiosa do futebol elucidadas por Franco Júnior (2007). Há um rigor próprio de cada autor na pesquisa, nos feitos, nas fotografias. Trabalho difícil de pesquisa em memoriais, jornais e uma série de fontes documentais para trazer à tona aquilo que se deseja contar e de baixa perspectiva em termos de retorno financeiro ao autor.

⁴³ Campeonato Paulista (11 vezes campeão), Taça Brasil (5 vezes campeão), Torneio Roberto Gomes Pedrosa (campeão), Copa Libertadores da América (2 vezes campeão), Copa Intercontinental de Clubes (2 vezes campeão), Recopa Mundial (campeão).

Ao exaltar o clube e procurar uma visão positiva sobre os fatos, essas obras narrativas acabam por ajudar a criar a narrativa oficial, normalmente produzida ou endossada por um agente hegemônico. A descrição de Jatene (2014) sobre a figura de Athiê Jorge Cury nos dá a impressão de um homem irretocável: um grande presidente, um abnegado por seu clube desde os tempos como goleiro, visionário. Não há um questionamento sobre quais as intencionalidades em sua gestão, pois o mesmo Santos sob sua direção jogou contra a União Soviética no Pacaembu em 1962 e foi o clube que atuou no continente africano como exibição política de governos ditatoriais de direita. Cunha (2019) defende que o Santos parou uma guerra no continente africano e isso é exaltado até mesmo entre a torcida, pois a Torcida Jovem do Santos, a maior organizada do clube, tem um cântico exaltando esse evento⁴⁴.

Como elucida o antropólogo Florenzano (2019) em uma série de artigos ao portal Ludopédio, na realidade o Santos não parou uma guerra. No primeiro caso apontado por Cunha, o conflito seria entre o antigo Congo francês contra a República Democrática do Congo e não havia um conflito deflagrado à altura da excursão santista em 1969. Tanto que, conta Florenzano, o esquadrão liderado por Pelé pode desfilar em carro aberto em Brazzaville, jogar na cidade para depois ir a capital vizinha do outro lado do rio, em Kinshasa. No segundo caso, o antropólogo nos aponta que o *front* entre as tropas federais da Nigéria e os soldados da recém-proclamada República de Biafra estava a 135 km de distância da área do jogo, em Benin. Além das imprecisões históricas, a questão que fica é a motivação do Santos ao se deslocar de Kinshasa à Nigéria em meio a um regime militar e uma guerra civil.

Além dos livros, o Santos FC possui dois filmes originais recentes, produzidos em parceria com empresas do ramo da comunicação. O primeiro filme é o “Santos: 100 anos de futebol arte”⁴⁵ produzido no ano do centenário do clube, portanto gestão de Luis Álvaro de Oliveira Ribeiro. Este documentário narra a história do Santos FC, buscando apresentar certa essência do clube desde sua fundação até o momento da gravação do vídeo. Para tal, são utilizados ex-atletas, o *rapper* Mano Brown, escritores e jornalistas torcedores do clube. Tudo para conformar uma narrativa em comum do Santos como time do espetáculo, do futebol bonito, um guardião do futebol vistoso e

⁴⁴ “O meu Santos é sensacional/ Só o Santos parou a guerra/ Com Rei Pelé bi mundial/ O maior time da terra/ É meu amor, primeiro amor, eterno amor/ Santos”.

⁴⁵ O filme pode ser visto completo em: SANTOS SEMPRE SANTOS. Santos **Futebol Clube: 100 anos de futebol arte**. Youtube: 14 de janeiro de 2019. Disponível in sítio: <https://www.youtube.com/watch?v=HUQD2TR039w>, acesso em 20/12/2019. 1:35:00.

ofensivo do Brasil. Isso fazia sentido à época, em especial pensando na primeira gestão de Luís Álvaro Oliveira Ribeiro (2010-2012) quando o Santos foi campeão 6 vezes em 3 anos com os jogadores Neymar e Paulo Henrique Ganso como principais protagonistas. Tratava-se de uma tentativa de enfatizar como todo o aquele passado, apontado de forma gloriosa, ocorria na realidade do clube naquele momento. Aliás, aquela narrativa reforçava toda uma narrativa positiva da gestão Luis Álvaro em ano eleitoral. O clube é mostrado desde sua fundação em 1912, passando pelo título de 1935, a Era Pelé, os títulos de campeão paulista de 1978 e 1984, assim como a apoteose de 2002 e o período vitorioso no qual o time se encontrava. É interessante que, por mais que obviamente se fale na cidade de Santos, não há uma grande defesa da ligação entre cidade e clube, coisa que também não é comum encontrar nos livros sobre o time. A questão da localização é abordada, mas valorizando essa localidade e incluindo também a perspectiva de quem “viaja para ver o time jogar”, como diz um integrante da Torcida Jovem do Santos. O enfoque realmente posto é muito mais de torcer e se filiar a um clube cujo futebol vistoso e bonito está acima de tudo, até mesmo da vitória.

O segundo filme por nós estudado foi “Meninos da Vila: a magia do Santos”⁴⁶, lançado em 2019 porém com produção entre 2017-2019, portanto na transição entre as gestões de Modesto Roma Júnior e José Carlos Peres. Este documentário aborda a questão da formação de jogadores no Santos FC, encaixando-se na seara da formação de jogadores do clube e uma pretensa indicação de sucesso nesse processo através das gerações vitoriosas de “Meninos da Vila”, nome dado aos garotos formados na base do clube. O sucesso posto é o rendimento esportivo, os jogadores que alcançaram algum título ou proeminência no clube, como Robinho e Neymar Jr. Não há qualquer discussão dos Meninos da Vila que não se tornaram jogadores de grandes clubes, ou sobre a base educacional oferecida pelo clube a esses jogadores, as regiões do país vieram e como é a vida em Santos.

Portanto, os filmes produzidos pela diretoria do Santos estão em sintonia com aquilo que é posto nos livros e na história “oficial” do clube. Por mais que as diretorias e os autores sejam diferentes, os discursos e as imagens construídas sobre o Santos FC, seus dirigentes e principais jogadores seguem a mesma linha. Por consequência, há o reforço da imagem e do *status quo* no futebol brasileiro. Essa construção simbólica ao

⁴⁶ O filme pode ser visto completo em: SANTOS SEMPRE SANTOS. **Santos FC – Meninos da Vila “A Magia do Santos” documentário (filme completo) 2019**. Youtube. 15 de janeiro de 2019. Disponível in sítio <https://www.youtube.com/watch?v=GSxSCtRFK1k>, acesso em 20/12/2019. 1:23:05.

redor do Santos FC aponta que não é necessária a presença da elite para que seu discurso seja referendado como verdade. Através da análise dos livros e dos filmes relacionados ao Santos FC, é notável que a tentativa de uma narrativa histórica isenta e neutra de caráter subjetivo seja totalmente capturada por elementos narrativos e discursivos produzidos pela elite hegemônica.

O conceito de clube vitorioso, a romantização da história do clube, a exaltação de dirigentes e membros do clube no passado, a essencialização da Vila Belmiro e a consequente falta de produção de conteúdo crítico sobre o clube são exemplos dessa captura pelo discurso hegemônico. Não há nenhum conteúdo que vise a socialibilidade, influência e produção cultural dos torcedores no cotidiano do Santos FC, embora a Torcida Jovem esteja presente no filme “Santos: 100 anos de futebol arte”. A torcida no enredo da história serve para apontar e confirmar apenas o discurso hegemônico, não se dando de fato atenção ao fato dos diferentes tipos de torcer que também estão presentes nos 100 primeiros anos de história do clube.

Outro exemplo da falta de uma abordagem crítica está na narrativa sobre a compra da Vila Belmiro. Nas obras de Jatene (2014) e Nascimento (2012), a fundação do Santos FC e a construção de seu estádio são postos de uma maneira extremamente protocolar e pomposa: exaltam-se a fundação do clube e seus fundadores, criando a imagem de clube de todos na cidade e naturalmente vencedor a partir daquela fundação. A temática da biografia desses fundadores e suas intenções foi posta de lado, assim como se naturalizou o processo de compra do terreno da Vila Belmiro, não levando em consideração os interesses do mercado imobiliário e a valorização dos terrenos e o consequente deslocamento da população mais pobre em direção aos morros. Dessa forma, há o silêncio sobre fato de o Santos FC ter sido um projeto da burguesia local com fundos e intencionalidades para torná-lo competitivo com qualquer outro clube de São Paulo e do país.

Por fim, não se expõe o caráter periférico ocupado pelo clube dentro da divisão internacional do trabalho ao ter de vender seus principais jogadores formados na base ao exterior com pouco tempo de permanência entre os profissionais. Sem nenhuma exceção, os trabalhos sobre o Santos FC sempre exaltam a qualidade dos grandes elencos que o clube conseguiu montar, especialmente a Era Pelé, a mais vitoriosa do clube. Não há qualquer reflexão também sobre as condições materiais de formação desses elencos dos anos 1960 e a tentativa de entender as condições materiais atuais,

pois embora evitemos qualquer anacronismo é inegável a diferença entre o nível de importância dos jogadores nos dois momentos históricos apontados. Por exemplo, observando as escalações de todas as Seleções Brasileiras em Copas do Mundo, é notável que a partir de 1994 o número de jogadores atuando na Europa aumenta vertiginosamente (SILVA, 2010) e os clubes da primeira divisão nacional vão perdendo a proeminência nas escalações, pois seus jogadores já não mais se apresentam em nível de defender a Seleção em nível técnico mais alto.

Nesse quesito, deveria haver trabalhos que se debruçassem sobre as razões nas quais um clube do porte do Santos FC, de jogadores como Clodoaldo (campeão em 1970), Pelé, Pepe (campeão em 1958 e 1962, mesmo sem atuar), Zito (campeão com gol na final em 1962), Carlos Alberto Torres (campeão em 1970 com gol em final) dentre tantos outros, não tenha mais a mesma centralidade no cenário esportivo mundial, relegando-se ao papel de clube formador de jogadores hoje atuantes na Europa, caso de Neymar Jr. e Rodrygo, convocados pelo técnico Tite aos jogos das Eliminatórias da Copa do Mundo de 2022.

Portanto, os trabalhos tanto audiovisuais quanto literários são importantes em termos da memória afetiva do torcedor santista, necessários às ritualizações próprias da torcida e à formação de novos mitos clubísticos. Todavia, é fato que não houve nenhuma formação de uma contra-narrativa causando uma naturalização de discursos, como nos casos apontados acima, bem como da guerra civil na Nigéria. O resultado é uma alienação do torcedor sobre o processo histórico do próprio clube, por não se pensar nos meios materiais existentes, além da atual relação entre eles e esse distanciamento, então, entre um passado hegemônico mundial e o atual papel de potência regional dentro do futebol.

3.2 –A cidade, a Vila e o Santos

Andar pelas ruas de Santos e não encontrar um cidadão sequer com a camisa do time é difícil. De pessoas saindo de carros SUVs aos mendigos no Jardim de Praia, a camisa branca e preta com o símbolo do clube estampado é comum, sendo que em nenhum dia de trabalho de campo não houve registro de pessoas com a camisa do clube entre pelo menos 4 ou 5 pessoas em um espaço de 3 ou 4 horas. Obviamente, também apareceram pessoas trajando as camisas dos demais clubes com torcidas expressivas no estado, porém em aparições intermitentes. Em dias de jogos do time ou aos finais de

semana, esse número de aparições aumenta significativamente em todas as áreas da cidade.

Além disso, encontramos em toda a cidade uma ambiguidade em relação ao nome dos estabelecimentos. No caso da cidade, o gentílico da cidade é a mesma palavra designada ao torcedor do clube: santista. Muitos dos estabelecimentos identificados tinham por nome “Santista”: uma doceria, um cursinho pré-vestibular, uma drogaria, uma marca de roupas ou até mesmo uma padaria. Em alguns, não havia referência alguma ao clube, porém no caso da padaria “A Santista”, a relação do gentílico com a identidade torcedora é clara: há inúmeros elementos simbólicos referentes ao clube, como as cores, totem e escudo. Notavelmente, há uma estátua de Pelé com uma bandeira oficial do Santos FC no largo à frente da entrada do estabelecimento.

Seguindo o padrão da padaria, aqui e acolá a paisagem apresentava estabelecimentos com o símbolo do Santos pintado em faixas ou bandeiras. Foram vistas também muitas barracas de comida na praia, que usam o símbolo do clube ou pelo menos têm bandeira do Santos FC. Em algumas, até a cadeira de uso dos banhistas foi pintada nas cores alvinegras. Conclui-se que há uma naturalização do símbolo do por toda a cidade, mesmo nos comércios dependentes do turismo de segunda residência de pessoas residentes em São Paulo e filiadas clubisticamente aos rivais do Peixe. Isso não parece impedir ou mesmo inibir o consumo nesses estabelecimentos por parte dos turistas.

A sensação passada através da observação é da representatividade a do símbolo do clube da mesma forma como a mureta ou a bandeira oficial da cidade, pois gera uma identificação ambígua: o clube e a cidade têm o mesmo nome e o mesmo gentílico. Isso difere, por exemplo, do caso do São Paulo FC cujo torcedor é “são paulino” enquanto a capital tem como gentílico “paulistano” e o morador do estado por sua vez é o “paulista”. Aliás, vale ressaltar que essa ambiguidade toponímica abarca toda a Região Metropolitana da Baixada Santista, entre os municípios de Peruíbe e Bertioga.

Por que esse ruído toponímico e gentílico ocorre em Santos e não ocorre em São Paulo? Isso se deve ao fato do Santos ser símbolo identitário sem concorrentes em sua região, enquanto em São Paulo muitas agremiações disputam entre si o posto de “clube

da cidade”⁴⁷. No caso santista, houve junção simbólica entre clube e cidade, cujos exemplos nas ligas de primeira divisão do mundo são ínfimos, exceção talvez a Olympiakos e a cidade de Pireus na Grécia. No Brasil, temos nas capitais com clubes em primeira divisão ou segunda divisão do país ao menos dois clubes rivais⁴⁸⁴⁹, nenhum com a mesma relevância esportiva do Santos FC.

Na periferia de Santos, tanto no Morro da Nova Cintra quanto nos bairros do Bom Retiro e Caneleira na Zona Noroeste, foi possível observar pichações e grafites relacionados também às torcidas organizadas. Em um conjunto habitacional na Caneleira, registramos imagens de um muro grafitado com diversas imagens e, ao final, uma parte totalmente dedicada a Sangue Jovem do Santos. Nos bairros mais ricos da cidade, como a orla, esses símbolos de torcida não estão presentes em nenhuma das formas encontradas nos morros e na Zona Noroeste. Isso aponta que na área periférica há diferenciações tanto nas formas de expressão da relação clube-cidade, quanto nas territorialidades e suas comunicações por parte dos torcedores organizados.

Pensando na localização das sedes das organizadas, a Força Jovem do Santos está sediada no bairro do Marapé, próximo à Vila Belmiro e ao centro de treinamento do clube; a Sangue Jovem do Santos está localizada no Centro, próximo ao bairro do Valongo; e a Torcida Jovem do Santos é de origem paulistana e localiza-se no bairro do Aricanduva na capital. Nos arredores da Vila Belmiro, a Sangue Jovem dispõe de um imóvel ao lado do estádio na Rua Tiradentes, enquanto a Torcida Jovem do Santos tem sua sub-sede da Baixada Santista próxima ao estádio no cruzamento da Rua Princesa Isabel com a Rua Oliveira Lima. A Força Jovem, até pela proximidade do Marapé em relação à Vila Belmiro, não dispõe de nenhum imóvel nos arredores do estádio. No entorno da Vila, é visível que alguns imóveis residenciais seguem as cores do clube servindo as cores como símbolo e índice de localização do clube, especialmente sub-

⁴⁷ O São Paulo FC, por exemplo, surgiu apenas na década de 1930, enquanto Corinthians e Palmeiras são respectivamente de 1910 e 1914.

⁴⁸ Série A do Campeonato Brasileiro: Fortaleza (Ceará e Fortaleza), Recife (Sport Recife, Náutico, Santa Cruz), Salvador (Bahia e Vitória), Goiânia (At. Goianiense, Goiás e Vila Nova), Belo Horizonte (América Mineiro, Atlético Mineiro e Cruzeiro), Rio de Janeiro (Vasco, Botafogo, Flamengo e Fluminense), São Paulo (Corinthians, Palmeiras e São Paulo), Curitiba (At. Paranaense, Coritiba e Paraná), Porto Alegre (Grêmio e Internacional), exceção: Bragança Paulista com o novo Red Bull Bragantino, resultante da compra do Bragantino pela empresa de energéticos Red Bull.

⁴⁹ Série B do Campeonato Brasileiro: as exceções nessa divisão, assim como na anterior, se dão em clubes que não são da capital, sendo que todos são clubes recentes, pois o mais antigo é a Chapecoense de 1979. Assim, Cuiabá (MT) é um clube recém-formado por empresários em 2001 e o Oeste se mudou nessa década de Itápolis para Barueri.

sedes das organizadas e alguns outros estabelecimentos, como o Bar do Alemão⁵⁰ e o Bar da Social.

Essa dupla função como signo das cores se dá pelo seguinte motivo: enquanto índice, a pintura dos prédios serve a uma identidade que não remete àquela construção, o Representâmen é uma intermediação ao entendimento da proximidade com o estádio da Vila Belmiro. Pensando no quesito simbólico, ali estão as cores do clube com o predomínio branco com alguns detalhes pretos, o que diferencia o Santos de outros alvinegros no próprio estado de São Paulo. Trata-se então de um símbolo em repetição, pois as cores do clube vão se espalhando através de iniciativas particulares no entorno do estádio como forma de filiar aquele lugar, paisagisticamente, ao Santos FC.

O símbolo do Santos é onipresente na cidade e está em pichações, grafites, faixas, em quadros, paredes e muros dos mais diversos estabelecimentos comerciais e residenciais da cidade. Além disso, seu totem está representado na estátua do Peixe na entrada da cidade, comunicando a quem entra na cidade a relação da cidade e o Santos FC, gerando assim a primeira junção discursiva entre clube e cidade a quem está adentrando Santos. A repetição é constante por iniciativa do poder público e diversos grupos e classes sociais citadinos.

Além de todos os símbolos supracitados, no município há um museu público dedicado à memória de Pelé enquanto jogador. O Museu Pelé é formado por um conjunto de dois prédios históricos da cidade no bairro do Valongo em frente ao ponto inicial do passeio turístico de bonde. A construção do primeiro prédio data de 1867, por conta de uma tentativa de mudança da capital da província à cidade, o que nunca ocorreu. Nesse conjunto, também já funcionaram a Câmara e a Prefeitura, assim como a Faculdade de Farmácia e Odontologia da cidade, segundo a Secretaria de Turismo de Santos (2020). Assim, os prédios em ruínas foram reconstruídos e o museu inaugurado em 2014. Logo em sua entrada, antes da compra do bilhete, o *stand* de vendas do museu é dividido entre os produtos sobre o próprio e a cidade e aqueles licenciados e oficiais do Santos FC.

Dados todo o contexto de construção simbólica em Santos, não é nenhuma surpresa que a prefeitura tenha fomentado ou construído então outros equipamentos que fazem referência ao Santos FC. Listam-se aqui para além daqueles na entrada do

⁵⁰ Cujo dono tatuou o símbolo na testa, literalmente.

município o Museu Pelé, a estátua de Zito (ex-jogador do Santos) na esquina entre Rua Princesa Isabel com a Rua Tiradentes ao lado do estádio da Vila Belmiro e a estátua de Pelé a frente da panificadora “A Santista”. Inclusive, em reunião com a atual diretoria do Santos sobre reformas na Vila Belmiro, o prefeito Paulo Alexandre Barbosa endossou uma reconstrução do estádio justificando que esse isso “movimenta a economia da cidade”⁵¹. Portanto, a relação *quasi-public* explicitada por Gaffney (2008) dos estádios é reafirmada no caso de Santos, pois a Vila Belmiro recebe atenção do Executivo municipal, assim como há o compromisso institucional do atual prefeito para com a modernização do estádio visando um ganho de toda a população da cidade. Um questionamento levantado nesse momento seria a hipótese do mesmo fomento municipal caso os estádios a serem modernizados fossem o Estádio Hespánha (Jabaquara AC) no bairro da Caneleira ou o Estádio Ulrico Mursa (AA Portuguesa Santista) no bairro do Jabaquara, cuja resposta ao questionamento se encerre na diferença de fluxo de pessoas e a magnitude dos eventos entre jogos do Santos FC e dos demais clubes da cidade.

A relação paisagística entre clube e cidade também está presente nos principais canais de televisão da Baixada Santista. A TV Tribuna, filiada da Rede Globo local e parte do grupo homônimo de comunicação, tem como algo corriqueiro informar sobre o Santos FC no Jornal da Tribuna (equivalente aos jornais regionais da Rede Globo nos horários de meio-dia e 19h) em partidas importantes pela Copa Libertadores ou apresentação de algum jogador com relevância, assim como o programa Tribuna Esporte corriqueiramente tem um espaço ao Santos inclusive em dias sem notícias de nenhum outro clube de futebol. Até na previsão do tempo feita pela emissora a Vila Belmiro aparece com destaque sonoro. Já no caso da TV Santa Cecília, o programa Esporte por Esporte tem influência direta na política do clube, como será apontado no próximo tópico, além do dono da emissora e do grupo ser Marcelo Teixeira, ex-presidente do clube em diversos mandatos entre a década de 1990 e 2000, hoje Presidente do Conselho Deliberativo do Clube.

Assim, no que diz respeito à relação cidade-clube, é perceptível que em Santos o símbolo que a cidade exhibe ao que lhe é extrínseco é o Santos FC. Isso corrobora o entendimento de um entorno englobando toda a cidade de Santos, pois a relação clube-cidade é diferente de uma relação apenas de bairro ou do entorno próximo. Essa relação

⁵¹ Fonte: VALIM, 2020.

é criada através da própria criação do clube e dos presidentes que ali estiveram. Houve então uma alienação, nos termos de Engels e Marx (2007), do processo de construção simbólica do Santos FC e uma naturalização simbólica do clube. Isso nos ajuda a entender como em um prédio público, caso do Museu Pelé, é possível a venda de produtos licenciados de um ente privado mesmo que, em tese, toda a administração seja apenas do município.

3.3 – A tradição, o clube e seus donos: a paisagem da elite santista

A partir do que foi discutido acima sobre a produção literária e cinematográfica do clube, é necessário elucidar as relações entre o Santos FC e sua elite local. Para tal, é necessário um esforço de voltar a momentos da história do clube e entender as formas nas quais a elite santista se apropria objetivamente e subjetivamente do clube.

Como apontando por Carreira (2019), o Santos Futebol Clube foi fundado por setores da elite santista com profissionais liberais de modo a criar um clube cuja principal função seria a disputa com os clubes da capital em seu próprio certame. A APSA - Associação Paulista de *Sports Athleticos*, antecessora da atual FPF - Federação Paulista de Futebol, à época contava com times apenas da cidade de São Paulo, sendo que a única exceção em sua história foi o santista Americano, clube que após infortúnios esportivos resolveu subir ao planalto para ganhar o título da APSA, o que logrou fazer em 1912 e 1913. Assim, diz Carreira (2019, p.102,103):

Vejamos alguns exemplos: José Domingues Martins, dono do terreno concedido ao clube no bairro do Macuco, era comissário de café, havia sido presidente da Associação Comercial de Santos, vereador e presidente da Câmara Municipal de Santos nos últimos anos da década de 1900. Sizino Collatino Martins Patusca, aclamado como primeiro presidente do clube após sua fundação definitiva ocorrida no dia 14 de abril de 1912, era filho de um dos fundadores da Associação Comercial de Santos, Manuel José Martins Patusca. Sizino, que também havia sido presidente do Clube Éden Santista, dissidência do Clube XV e voltado para atividades culturais e carnavalescas, era um dos diretores da Patusca & Filho, empresa do ramo de sal sediada na Praça dos Andradas, centro da cidade. Sizino havia sido também, uma década antes, um dos fundadores do Sport Club Americano. Antonio Iguatemi Martins Júnior, um dos fundadores, era filho de Antonio Iguatemi Martins, presidente da Associação Comercial e da Câmara Municipal de Santos nos últimos anos do século XIX. Ele próprio seria prefeito de Santos na segunda metade da década de 1930. A edição do jornal *A Tribuna* do dia 15 de abril de 1912, dia seguinte ao ato de fundação do clube, enfatizava que “acaba de ser fundado nesta cidade um clube de *football* destinado, por certo, a uma vida longa e plena de vitórias, para o que conta com os melhores elementos desta terra”.

O trecho acima explicita a relação direta da diretoria do Santos com a elite local da cidade através das figuras de Sizino Patusca e José Domingues Martins. Sizino,

segundo Nascimento (2012), é o pai de Araken Patusca, atacante que fez nome no clube durante as décadas de 1920-1930⁵² e integrante do elenco do primeiro título estadual do clube em 1935. Isso não é surpreendente pensando no conceito de *sportmanship* comum das primeiras décadas do futebol (AGOSTINO, 2012), quando os filhos da elite participavam do jogo sendo majoritários entre os jogadores. No entanto, Carreira ressalva que dentre os espectadores do clube o alcance social era muito mais amplo abarcando a classe média de ofícios liberais e os trabalhadores tanto do porto quanto do comércio. Por conta disso, o Santos FC foi o clube que agregou diversos setores da sociedade santista nos primeiros anos de sua criação.

Outra evidência da relação intrínseca entre a elite da cidade e o Santos FC é a construção do atual Estádio Urbano Caldeira, no bairro da Vila Belmiro. Carreira (2019) elucida que o local do terreno na Rua Princesa Isabel e a construção do estádio se inseriam na especulação imobiliária da cidade entre a Companhia Construtora de Santos, o clube e a prefeitura. O prefeito, Belmiro Ribeiro era acionista da Companhia Construtora de Santos, cujo dono era Roberto Cochrane Simonsen. Simonsen era muito mais que apenas um empresário local. Segundo a Academia Brasileira de Letras, do qual fez parte, Simonsen foi deputado federal, empresário do ramo industrial, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, senador, membro da *National Geographic* dos Estados Unidos e da *Royal Geographic Academy* de Londres. Assim, trata-se de um especulador e industrial em nível nacional, com poder político e econômico grande, uma vez que como Carreira (2019) descreve, a Companhia Construtora de Santos fez uma série de obras por toda a cidade nesse período. Aliás, a família Cochrane, uma das famílias consideradas tradicionais em Santos, dá nome a avenida de um dos canais.

O acerto do clube com a subsidiária da Companhia Construtora de Santos observava o arruamento, as linhas de bonde, os canais próximos, que poderiam ser atrativos não mais ao operariado da cidade, porém “à classe média” (CARREIRA, 2019, p.129). Assim, a construção da Vila Belmiro é um negócio que envolve a estrutura dada pelo poder público, as necessidades do clube em ter um *field* que pudesse receber jogos dos torneios da APSA e a valorização dos terrenos para fins mercadológicos de Simonsen e Belmiro, daí inclusive o nome do bairro. Portanto, as negociações que

⁵² Inclusive, por brigas entre as federações carioca e paulista, Araken Patusca foi o único paulista convocado pela Seleção para a Copa do Mundo no Uruguai de 1930 (SILVA, 2010).

resultaram na construção da Vila Belmiro são negociações que envolvem interesses particulares de membros da elite, tratando-se de um caso onde os torcedores e o operariado santista nada tiveram com a construção ou a escolha do terreno. Na realidade, como já apontado na formação socioespacial do município, a construção da Vila Belmiro é parte do processo de aumento do valor da terra e a expulsão das camadas mais pobres das cidades aos morros e à Zona Noroeste.

A “Era Pelé” (1956-1974) também foi permeada por dirigentes santistas relacionados à elite. Um deles, o presidente Athiê Jorge Cury, nascido em Itu e com carreira no Santos desde a década de 1930, foi deputado federal pela MDB - Movimento pela Democracia Brasileira durante o Regime Militar. Embora do partido dito oposicionista ao regime, o mandatário tinha boas relações com o Executivo nacional, especialmente pela fase do Santos FC durante a década, tanto é assim que Athiê nos anos 1980 troca o MDB pelo PDS - Partido da Democracia Social, criado como a partir da Aliança Renovadora Nacional, o partido governista da Ditadura. Segundo Almeida (2017), a Ditadura Militar, a Confederação Brasileira de Desporto e os dirigentes de clubes tinham relações próximas e uma coesão ideológica em apoio ao regime, especialmente durante a gestão do Almirante Heleno Nunes (1975-1979) a frente da CBD – Confederação Brasileira de Desportos, atual CBF. O vice-presidente de Athiê, Modesto Roma⁵³, era empresário do ramo naval e tornou-se presidente após uma eleição ácida em 1975, inclusive com o envolvimento do Coronel Erasmo Dias⁵⁴.

Guilherme Nascimento, escritor do Almanaque do Santos FC, nos contou sobre as relações entre dirigentes santistas e as ditaduras do continente através episódio do confronto entre Santos e a Seleção do Chile, em 1973, no Estádio Nacional de Santiago. A versão oficial e disponibilizada pelo Almanaque, romantizada, conta como o Santos FC na diretoria de Vasco Faé, presidente pós-Athiê e pré-Modesto Roma, aceitou o convite da ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990) para jogar contra a seleção chilena, uma vez que a União Soviética havia declinado em jogar a repescagem valendo vaga para a Copa do Mundo de 1974 dadas as denúncias de encarceramento e tortura de inimigos políticos do regime abaixo das arquibancadas do local do jogo, o Estádio Nacional. O Santos aceitou o convite e, pós W.O. soviético, fez um jogo “festivo”

⁵³ Pai de Modesto Roma Júnior, ex-mandatário santista entre 2015 e 2017.

⁵⁴ Erasmo Dias, segundo Florenzano (2010), foi inserido pela Ditadura Militar no Santos FC como parte da militarização dos clubes de futebol.

contra o Chile, goleando-o. Nascimento (2012) contou como um eclipse à festa da Ditadura Chilena.

Na realidade, como o próprio autor refletiu durante a entrevista concedida a esse trabalho, o Santos FC foi chamado para afirmar a classificação do Chile à Copa do Mundo com público e festa por parte da Ditadura Chilena, muito embora tenha goleado a seleção anfitriã. Segundo o próprio, a paixão de torcedor transformou uma história de endosso da ditadura chilena em um contragolpe santista aos militares e seu projeto de país. Contudo, a versão que se encontra em sítios pela Internet e contada pela torcida, é a versão oficial sobre o assunto.

Durante a entrevista, Guilherme Nascimento também levantou uma questão importante a sobre a “política de boa vizinhança” do Brasil para com a África. Em seu livro (2012), é possível notar que a partir do final da década de 1960 e durante a década de 1970 o Santos fez incursões na África. O Santos FC possuía naquele período o principal jogador da história do futebol, por sinal negro. Claramente, refletiu Nascimento, esse episódio deveria ser estudado para elucidar um caso do uso do futebol como softpower das Relações Internacionais do Brasil através do Alvinegro Praiano nas gestões de Athiê Jorge Cury e Vasco Fae.

Um caso mais doméstico de produção narrativa entre a elite e o clube reside na história de Marcelo Teixeira, ex-mandatário e atual presidente do Conselho Deliberativo do clube. O primeiro membro da família Teixeira a chegar à presidência do Santos FC foi Milton Teixeira, pai de Marcelo, que hoje dá nome ao Memorial das Conquistas. Milton Teixeira, segundo a autobiografia de Marcelo Teixeira (2018), foi um empresário do ramo escolar fundador do Colégio Santa Cecília em Santos. Com o tempo, Milton Teixeira logrou a formação de um grande grupo local baseado nos ramos de comunicação e educação. Esse grupo é composto pelo colégio, por uma universidade, uma concessão pública de rádio e outra concessão pública de televisão. Influentes na cidade e influentes no clube, desde então a família Teixeira sempre exercem influência no clube.

Marcelo Teixeira se tornou presidente do Santos pela primeira vez em 1993, época de vazio em títulos. Os pontos mais importantes da autobiografia de Teixeira (2018) são as tentativas narrativas e imagéticas de ligar a sua história a de um torcedor comum do Santos FC. Desde um adolescente que mentia sobre as idas ao estádio até o presidente abnegado e fã de seus próprios jogadores, o livro sempre liga o empresário

ao clube de forma cumplicidade ao torcedor santista. Aliás, o prefácio escrito pelo ex-técnico Emerson Leão reafirma categoricamente o pertencimento do clube à cidade de Santos, como se o clube não tivesse alcançado o que alcançou mundialmente se não fosse o lugar onde foi formado. Já diria Carreira (2019), que os primeiros dirigentes santistas faziam questão dos jogos do clube com mando em Santos, pois era a cidade do clube.

O discurso de pertencimento do clube à cidade, a exaltação de seus membros e outros episódios em comum entre diversos momentos do Santos nos trazem à tona a questão da repetição discursiva na paisagem de Duncan (2004), assim como o fato da elite escrever uma narrativa de si e sobre o espaço onde exerce poder (COSGROVE, 1983). Desde sua criação, o Santos FC teve como norte discursivo ser o clube da cidade em um duplo-sentido: o primeiro, a representação da elite santista frente a elite paulistana; o segundo, o clube como agregador do “espírito” da cidade, algo que unia toda a cidade e dava o sentimento de pertencimento social às classes mais pobres. Conforme o passar do tempo, algumas lógicas mudaram, porém o que Teixeira aponta em seu livro em essência é um pensamento tributário àquilo que a elite santista pensava no início do século passado. Isso nos remete a Engels e Marx (2007, p.45) em “A Ideologia Alemã,” quando dizem:

As ideias da classe dominante são em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes (...).

Assim, quando a elite santista se utiliza do futebol e da criação de um novo clube, pós-Americano, o intuito é justamente o reforço espiritual, do qual chamados de simbólico, do ideal de sociedade que não é simplesmente algo local. Mascarenhas (2014), Agostino (2012) nos mostram que o futebol serviu como forma de manutenção e reprodução do poder das elites durante o século XX, sendo que a questão da presidência do clube ser muito maior que a simples gestão de um “bem comunitário”. Agostino elucida como o Estado brasileiro fez inúmeras políticas públicas de cunho normativo à vida da população com o uso dos esportes e do futebol: a construção da identidade nacional do Governo Vargas; as políticas de Educação Física e regramento do corpo tanto do Estado Novo quanto da Ditadura Militar; o projeto Brasil Grande e o

futebol pós-Copa de 1970, criando a narrativa de um futebol vencedor através dos ideais do Golpe de 1964. Não à toa Athiê Jorge Cury, dentre tantos outros dirigentes, tinham alguma ligação ao Regime Militar: o plano cultural, o plano econômico e o plano político são intrínsecos. Trata-se de uma construção de classe com diferenciações e casos específicos nos mais diferentes lugares, como verificamos em Santos.

Em todo momento autobiografia de Teixeira (2018), inclusive na capa e na formatação das letras, faz referência ao Santos FC. A presidência de Marcelo Teixeira ficou marcada pela conquista do Campeonato Brasileiro de 2002, apontada como momento de ressurgimento esportivo do Santos FC após 18 anos sem nenhum título considerado de expressão. Com intenções evidentes, a capa do livro é o momento em que ele, junto aos jogadores, ergueu a taça no gramado do Morumbi. Por conta de 2002 e de sua influência, Teixeira emplacou mandatos seguidos até 2009, quando perdeu a eleição para Luís Álvaro de Oliveira Ribeiro, também com passado ligado ao clube, pois era neto do ex-presidente Álvaro Ribeiro (década de 1910).

Dentro do período de mandato de Teixeira, a identidade entre clube e cidade foi fortalecida, especialmente em 2008. Isso é evidenciado, por exemplo, quando Teixeira resolve resgatar as tradições do clube em uma série de ações de firmar o Santos em suas raízes. O discurso de Teixeira tornar-se-ia uma verdade, em termos de Gramsci e Foucault, ao ponto de ser repetido por diretorias vindouras. Em 2009, as empresas de material esportivo começaram a investir na confecção de kits de jogo alternativos, o terceiro uniforme. Nesse momento, o Santos FC lançou uma nova camisa de jogo como um resgate histórico das cores de um suposto primeiro uniforme nas cores de azul, branco e amarelo (FERRARI, 2008). Segundo Teixeira, tratava-se do primeiro esboço de uniforme do clube: mantendo o azul do antigo clube Concórdia, local da fundação do Santos FC, junto a listas em amarelo e branco. À época, o mandatário afirmou que “o torcedor precisava conhecer a história do clube”, claramente tentando resgatar – ou inventar – uma tradição que na realidade não faz sentido prático, pois mesmo pressupondo a existência desse projeto,⁵⁵ o Santos desde a primeira partida adotou as cores alvinegras como uniforme oficial. Além do *marketing* de venda, Teixeira deixou uma marca própria no clube: desde então bandeirões da torcida, agasalhos, blusas e toda história sobre o Santos sempre fazem alguma referência ao uniforme junto a um símbolo azul com as letras “SFC” entrelaçadas.

⁵⁵ Segundo Guilherme Nascimento, não é algo comprovado.

Essas cores foram usadas novamente naquele ano, no segundo semestre. O Santos FC flertou com a zona de rebaixamento do Campeonato Brasileiro da Série A até as últimas rodadas⁵⁶ por conta de um baixo rendimento esportivo. Para movimentar as finanças do clube e gerar uma atmosfera de união, até para evitar as cobranças das torcidas organizadas, Marcelo Teixeira lançou uma série de produtos chamada “o time da virada” cujas cores foram justamente o tricolor dourado, azul e branco. Assim, o discurso de união durante um período duro veio nas cores de Teixeira ao invés de vir nas cores totêmicas do clube praiano.

Como já dito, Marcelo Teixeira perdeu a eleição para Luis Alvaro de Oliveira Ribeiro. No período de “Laor”, como era conhecido o ex-presidente, o clube voltou a usar o azul como uniforme durante o Ano do Centenário. Esse uniforme remetia à fonte do Itororó, ponto histórico da cidade. Dessa maneira, o que foi lançado como discurso de Marcelo Teixeira, tornou-se algo corriqueiro em diversos fornecimentos de materiais esportivos do clube e em diferentes diretorias: o fornecimento da Nike do período Laor e Odílio Ribeiro (2012-2014), da Kappa no período Modesto Roma Júnior (2015-2017) e da Umbro com José Carlos Peres até 2020. As arquibancadas antes monocromáticas da Vila Belmiro e do Pacaembu foram tingidas pela cor azul em seus mais variados tons. O discurso de Teixeira, outrora de aproximação com a cidade natal do clube, tornou-se visível na paisagem após seu mandato de forma a sempre corroborar com sua narrativa inicial sobre o clube.

Teixeira (2018) afirma que emprestou capital do Grupo Santa Cecília ao Santos durante o período na presidência, com juros. Essa não seria a última vez, pois em 2014 é eleito Modesto Roma Júnior, filho do antigo mandatário Modesto Roma, cuja plataforma “Santos Gigante” remetia ao passado glorioso, às raízes do clube e à cidade. Modesto foi apoiado por Marcelo Teixeira durante seus três anos de mandato, inclusive com novos empréstimos ao clube.

O período de Modesto Roma Júnior foi marcado pelo fechamento do clube em relação à capital, com baixa utilização do Pacaembu e discursos do presidente com o *slogan* “o Santos é de Santos”. Aliás, aqui entramos em um ponto interessante da discussão, pois todo o trabalho aponta uma visão autocentrada de Santos construída pela elite santista e com aversão à capital, na gestão de Modesto Roma Júnior isso se tornou uma forma de legitimação das ações do mandatário. Dentro de campo, a contratação de

⁵⁶ Sendo salvo por um gol que bate nas nádegas do defensor do SC Internacional, Gustavo Nery.

jogadores do grupo de 2002-2003 como Robinho, Ricardo Oliveira e Renato foram um indicativo da aproximação de narrativa de Modesto com o título daquele ano e a gestão de Marcelo Teixeira. Além disso, sua diretoria pretendia a construção de uma nova arena na cidade (DIAS *et al.*, 2016), em uma junção com a AA Portuguesa Santista e o Clube dos Portuários.

Ademais, Modesto Roma Júnior aprofundou ainda mais a alteridade já existente entre santistas da capital e santistas da cidade de Santos. Um episódio central foi a ida de Modesto ao programa Esporte por Esporte, da TV Santa Cecília, onde defendeu veementemente a ligação entre Santos-cidade e Santos-clube, como se os demais fossem simplesmente admiradores daquilo que aquela cidade havia alcançado. Modesto Roma Júnior claramente jogava com o mercado imobiliário, pois o projeto não tinha nenhum estudo aprofundado sobre a preferência do público, deslocamentos e afins (DIAS *et al.*, 2016). O planejamento da diretoria envolvia o terreno de um clube social (o Clube dos Portuários), um estádio já existente (o Ulrico Mursa, da Portuguesa Santista) e um terreno baldio no sopé do Morro do Jabaquara. Toda essa área seria comprada por um consórcio de investidores e, *a posteriori*, a administração seria do mesmo consórcio com porcentagem dos lucros revertidos ao Santos FC. O planejamento seguia o modelo razoavelmente parecido com outras arenas construídas na esteira da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, como a Arena Grêmio (Porto Alegre)⁵⁷ e o Allianz Parque (São Paulo)⁵⁸, porém sem nenhum levantamento geográfico sobre as possibilidades de retorno e nenhuma consulta prévia aos torcedores e sócios do clube. Por fim, o projeto foi engavetado dado sua baixa viabilidade e as recusas da diretoria da Portuguesa Santista em participar do negócio.

Durante o período eleitoral de 2017, Modesto Roma Júnior acirrou ainda mais a narrativa de união entre torcedores da Baixada Santista contra aqueles chamados de “forasteiros”. Os resultados medíocres do clube, a baixa viabilidade do projeto da arena e o aumento na dívida do clube agravaram a situação do mandatário que, durante o dia da eleição, apelou inclusive a “sócios” chineses, todos com filiação suspeita, e mesmo

⁵⁷ No caso do Grêmio, houve a troca de terrenos: a OAS ficou com o Estádio Olímpico Monumental para especulação e, ao mesmo tempo, deixou ao Grêmio a posse da nova arena. No entanto, a OAS ainda possui a administração da arena e o dinheiro proveniente do estacionamento. Fonte: **Zero Hora** (2019).

⁵⁸ No caso do Palmeiras, o negócio previa a remodelagem do antigo Estádio Palestra Itália com construção e administração da arena pela WTorre. O Palmeiras recebe 100% da renda dos jogos e tem fatias significativas dos eventos corporativos e espetáculos musicais/culturais geridos pela administradora. Fonte: LAVIEIRI, MIRANDA, 2019.

assim perdeu a eleição para José Carlos Peres, empresário paulistano⁵⁹. Durante a gestão de Peres (2018-2020), Marcelo Teixeira voltou a ter cargo no clube como chefe do Conselho Deliberativo.

Em maior ou menor grau, o Santos FC tem relações intrínsecas com a elite de sua cidade, especialmente através das ações da diretoria do clube e da prefeitura municipal. Desde sua fundação até a influência atual de Marcelo Teixeira na vida do clube, os movimentos que o clube dá estão ligados diretamente ou indiretamente às vontades de setores da elite santista. Embora José Carlos Peres seja paulistano, por pressões locais o mandatário teve que construir simbolicamente um vínculo da gestão dele com a cidade de Santos, o que começou ser realizado após o processo de *impeachment* ocorrido no segundo semestre de 2018.

Em setembro de 2020, o presidente José Carlos Peres foi afastado por problemas fiscais do clube e, após seu afastamento assumiu o vice-presidente Orlando Rollo. O clube punido pela FIFA recorreu a Marcelo Teixeira e Andrés Rueda como credores do clube para tornar possível pagar parcialmente as dívidas e possibilitar ao Santos contratar novos jogadores. A punição se deu por negligência no pagamento dos direitos federativos dos zagueiros Cléber e Aguilar respectivamente junto ao Hamburgo (Alemanha) e ao Atlético Nacional (Colômbia), assim como ao não depositar sequer um real junto ao Huachipato (Chile) pela transferência do meia-atacante Soteldo. Durante as negociações, Caio França, filho do ex-governador Márcio França e deputado estadual pelo PSB- Partido Socialista Brasileiro, foi citado como parte integrante dos juristas que acompanharam o clube na CBF. Aliás, Marcelo Teixeira não descartou até quase o último momento sua candidatura à presidência do Santos FC em 2020, o que coube a seu irmão Milton Teixeira Filho com o *slogan* “tradição e inovação”. Aliás, nessa eleição há uma candidatura em duas frentes: a um posto no clube e a outro na cidade. O jornalista Ademir Quintino concorre ao cargo de vice-presidente do Santos FC na chapa de Rodrigo Marino, enquanto lança sua candidatura ao Legislativo municipal pelo PSL – Partido Social Liberal, inclusive usando as cores do Santos em seu material de campanha.

Em nossas observações, foi sensível a ausência de qualquer contra-narrativa dentro do Santos FC, pois embora haja disputas discursivas sobre supostos desvios de dinheiro ou assuntos mais corriqueiros, a finalidade do discurso hegemônico sobre o

⁵⁹ Fonte: Globoesporte.com, 2017.

clube se mantém e é reproduzida na próxima diretoria. Desse modo, parte significativa da tradição do clube, de suas histórias e mitos são construções de uma mesma narrativa que exclui alguns fatos em favor de outros mais confortáveis ao mandatário da hora e a elite em si. Isso ficou evidenciado em todas as contradições e produções de discursos que retiram o conteúdo crítico sobre a história do clube. Assim, ao passo que há a exaltação de certos jogadores, momentos e figuras históricas do clube, essa exaltação tem um teor enviesado que exclui a elucidação do processo de construção do Santos FC e suas contradições. O discurso, no qual a paisagem do entorno se insere, traz a comunicação do domínio da elite e de seus valores sobre o clube e, portanto, apontam a uma territorialidade. Essa territorialidade será detalhada nos próximos itens desse capítulo, de modo a elucidar como a narrativa da elite se transforma em elementos concretos nos arredores da Vila Belmiro.

3.4 – Os outros Meninos da Vila: símbolos e ritualizações nos arredores da Vila Belmiro em dias de jogos

Primeiramente, é importante pensar nas diferenças entre a temporalidade perene do capítulo anterior e as aqui observadas. Esse tópico discute as temporalidades mais intermitentes, os momentos de encontro e sociabilidade entre torcedores no entorno do estádio. Inclusive, é necessário frisar uma diferença de entorno percebida enquanto realizávamos os trabalhos de campo em termos da liberdade de movimentação e expressão nos arredores da Vila Belmiro. Até o ano de 2019, as ruas próximas ao estádio (Tiradentes, D. Pedro I e Princesa Isabel) eram de livre acesso a qualquer cidadão, com exceção à Rua José de Alencar, cujas barreiras limitavam o acesso apenas aos torcedores da agremiação visitante. Assim, vendedores, torcedores organizados, torcedores comuns, faixas, bandeiras e barracas eram comuns na paisagem no entorno do estádio. Aliás, bandeiras de protesto contra preço de ingressos, sobre episódios políticos também eram vistas frequentemente, especialmente no cruzamento entre as ruas Tiradentes e Princesa Isabel, local de entrada da Torcida Jovem do Santos e ponto de concentração de torcedores por conta dos bares e da confluência de ruas provenientes do Canal 1 e do Canal 2.

Durante os campos, a movimentação de torcedores começava por volta de 2:30 antes da partida, quando algumas caravanas já haviam desembarcado nas sedes das torcidas organizadas e outros santistas se agrupavam para socializar nos bares próximos.

Em termos do pequeno comércio, ou circuito inferior da economia (SANTOS, 2008), a movimentação de torcedores era concomitante ao aparecimento dos “flanelinhas” nas ruas mais distantes, da mesma forma garagens particulares vazias começavam a serem alugadas por preços fixos (de 20 a 50 reais, dependendo do morador), outras áreas frontais de residências se transformavam em pequenas lanchonetes e os primeiros vendedores ambulantes se instalavam próximos ao meio-fio.

Os produtos relacionados ao clube vendidos nos bares, nas garagens e via ambulantes não eram provenientes dos patrocinadores ou fornecedores de materiais esportivos do Santos, pois a confecção e comercialização desses produtos eram feitas sem qualquer autorização prévia. O que garantia a venda a esses vendedores eram preços acessíveis: 30 reais uma camisa de qualidade razoável perante os 240 reais da camisa de torcedor original na loja oficial a 150 metros dali. Esse dado é importante, pois com as mudanças ocorridas no entorno do estádio a partir de 2018, a comercialização de produtos não oficiais foi coibida através de ações diretas da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Sobre as lanchonetes de garagem, algumas eram fixas há anos e boa parte tinha nome ou alguma logomarca. Em uma delas, chamada “A Santista”, além do nome em referência ambígua entre cidade e clube, também possuía como logo as muretas da cidade. Esse não foi o único caso de muretas avistadas, pois houve também outro carrinho de lanches com o símbolo desenhado. Essa ligação entre símbolos da cidade e símbolos do clube aponta que aos moradores, o discurso de cidade e clube como algo único ganha legitimidade mesmo quando em meio a torcedores de outras regiões do estado de São Paulo. Aliás, foi observado que ao torcedor do Santos da capital esses símbolos fazem menos sentido, afinal a retórica de time da cidade existe, no entanto tem menos força dado o Santos ser considerado também uma “força da capital”, como será discutido no último capítulo.

As ruas estreitas nos arredores começavam a se apinhar de gente conforme o momento da partida se aproximava. Torcedores solitários, em família, em grupelhos se encontram, enchem os bares e as ruas regados a cerveja e os tradicionais sanduíches de pernil. Durante os campos, era comum a rua se mostrar como um espaço de sociabilidade, especialmente com a diminuição do tráfego normalmente restrito aos ônibus com os jogadores e um ou outro carro transportando alguém com necessidades especiais. Assim, nesse primeiro período era comum que a Companhia de Engenharia

de Tráfego (CET – Santos) interditasse parcialmente o trânsito em um triângulo formado entre a rua Carvalho de Mendonça e os canais 1 e 2, porém sem impedir o acesso de veículos em direção ao estádio. A rua se transformava em espaço de sociabilidade sem perder sua função de objeto técnico de circulação, embora o trânsito ali fosse baixo por conta do volume de pessoas. Havia então uma transformação parcial da ordem: a troca lógica da cidade aos automóveis para a circulação de mercadorias, tal como apontada por Lefebvre (2017), pela lógica do encontro, das trocas não pautadas no consumo muito embora o espetáculo de futebol tenha suas feições capitalizadas.

Nesse lugar, pudemos verificar a existência da rua como *locus* do encontro e da alteridade, a mesma que Toledo (2012) nos aponta com cada torcedor buscando uma diferenciação dentro das padronizações de cores e uniformes. Adereços, brincos, bonés ou uma camisa especial do clube são alguns dos adereços que marcavam a individualidade nesse lugar, porém é notável que a maioria das diferenciações visava apresentar algum coletivo interno à torcida: as torcidas organizadas e suas “quebradas”⁶⁰, coletivos de torcedores mais amplos como grupos ou páginas nascidos na Internet.

A paisagem apresentava as ritualizações próprias da Vila Belmiro. Durante os trabalhos de campo, foi possível observar que uma série de itens proibidos dentro dos estádios como bandeiras com mastros e instrumentos musicais se fazem presentes antes dos jogos. Os torcedores utilizavam os espaços públicos para fazerem a festa que era costumeira na área interna dos estádios nos anos 1980 e 1990 (HOLLANDA, 2009; TOLEDO, 1996), com ritmo baseado nas baterias de escolas de samba. Nada mais propício, uma vez que a relação entre escolas de samba e baterias de torcidas organizadas vem de longa data (TOLEDO, 1996) e as torcidas organizadas do Santos desfilam nos carnavais de Santos, caso da Sangue Jovem do Santos, e de São Paulo, caso da Torcida Jovem do Santos.

A ideia de Hollanda (2009) de uma festa diferente do Carnaval nos fez sentido, pois há uma ordem pré-estabelecida: as músicas, as roupas, as gestualidades, os espaços ocupados obedecem a uma construção, ou a uma tradição inventada, de antigas gerações de torcedores do próprio clube. Portanto, as músicas tocadas exaltam o clube, seus feitos e seus ídolos, sendo que algumas são passadas de geração em geração. O futebol como metáfora religiosa e social de Franco Jr. (2007) explica essa mistura de símbolos

⁶⁰ Subdivisões locais ou regionais de uma determinada torcida organizada.

clônicos: o totem do peixe e da baleia, trajes nas cores do clube, os ritos de antes e durante as partidas com a exaltação dos mitos, do lugar sagrado.

Sobre os ritos no entorno, há diferenciação entre a competição e o adversário a ser enfrentado. Em partidas da Copa Libertadores da América ou nas fases decisivas da Copa do Brasil, o comum é haver uma concentração maior de torcedores por volta de duas horas antes do início do jogo. Nesse momento, o ônibus do clube sai do Centro de Treinamento, distante por menos de uma dezena de quadras, e se dirige ao estádio com todos os jogadores e a comissão técnica. De forma a apoiar a equipe, os torcedores se aglomeram nas ruas apertadas da Vila Belmiro com bandeiras, fogos de artifício, sinalizadores e entoando seus cânticos. O ônibus e os torcedores somem em meio as luzes e fumaça produzidas, dando ares surreais ao momento. A festa, os fogos e o barulho não diminuem até poucos minutos antes da partida, conforme os torcedores vão se acomodando dentro do estádio. Lá, as ritualizações se transformam, uma vez que o espaço reduzido, as proibições do Ministério Público do Estado de São Paulo, da Confederação Brasileira de Futebol e, mais recentemente, da própria Confederação Sul-Americana de Futebol tornam as possibilidades dos torcedores extremamente reduzidas.

Em partidas contra clubes rivais, há semelhanças em relação aos jogos de Copa Libertadores, com exceção ao menor número de pessoas à espera do ônibus e a introdução de cânticos que visem provocar os torcedores do outro clube. Durante os campos realizados nesse trabalho, a alteridade do encontro entre torcedores descrita por Toledo (1996) não pôde ser observada, pois vigora em todo o estado de São Paulo a Lei nº15.868 de 23 de julho de 2015, que determina torcidas únicas em caso de partidas envolvendo algum dos quatro maiores clubes paulistas ou Ponte Preta e Guarani na cidade de Campinas. Nesses dias dos “clássicos”, foi possível notar que o número de pessoas trajando a camisa alvinegra do clube e bandeiras aumenta por toda a cidade, tanto na frente das casas e em janelas de prédios residenciais, quanto pelas ruas especialmente se a partida acontece durante um final de semana.

Em dias de partidas mais rotineiras do certame nacional ou do Campeonato Paulista, o entorno é mais propício a encontros tranquilos entre torcedores com uma ou outra maior agitação conforme alguma subdivisão de alguma organizada esteja chegando ao estádio. Ao trabalho, serviu para conversar com torcedores e observar situações como de uma senhora, por volta dos 80 anos de idade, cuja casa fica de frente ao portão principal do estádio. Em dias de jogos, foi comum vê-la na janela saudando os

torcedores com certa pompa, como se representasse oficialmente ao clube que acompanha provavelmente há décadas.

As torcidas organizadas têm toda uma ritualização de entrar no momento próximo ao início da partida, cada qual com sua bateria ritmando a entrada em seus lugares específicos nos estádios: a Sangue Jovem do Santos, durante boa parte de nossos campos, adentrava pelos portões da Rua Dom Pedro II, em lado diametralmente oposto ao da Torcida Jovem do Santos, cuja entrada fica na Rua Princesa Isabel próximo a esquina com a Rua Tiradentes. A Força Jovem se manteve na mesma arquibancada da Jovem. Durante a pesquisa, houve a formalização da Camisa 10 Santista como torcida organizada também, porém de poucos membros e apenas com a faixa de forma a reconhecê-los, assim como pouco foi avistado sobre o Bonde dos Braços Finos (BBF), cuja representação se vê mais claramente em jogos fora de casa ou nas “pistas”, ou seja, nos confrontos entre torcidas organizadas de outros clubes. Sobre esses espaços dentro dos estádios, Toledo (1996) já chamava atenção ao espaço reservados às torcidas organizadas e por elas mantidos, justificando a tardia entrada em relação aos demais torcedores.

Dentre o conjunto simbólico no entorno, o maior elemento além do próprio estádio é a estátua de Zito, em um largo recém construído no cruzamento da Tiradentes com a Princesa Isabel, justamente onde se concentra a maioria dos torcedores. Zito foi jogador e capitão do time durante a Era Pelé, além de ser meio-campista pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1962, trabalhando posteriormente como foi gerente das categorias de base do clube. Aliás, fato curioso é abraçadeira de capitão do Santos, ao invés da letra “C”, apresentar a letra “Z” em homenagem ao jogador. A obra foi realizada pela Prefeitura de Santos, sendo esta a segunda estátua homenageando um jogador do clube. A primeira, como descrito previamente, é a de Pelé no Canal 5.

Em um dos trabalhos de campo, realizado em novembro de 2019, nos deparamos com uma viatura da Secretaria de Educação Municipal, algumas crianças, um agente e um coordenador de escola pública. Conversando com o agente, funcionário da secretaria, fomos informados que aquele era um projeto de parceria entre o clube e a prefeitura, onde através da realização de projetos pedagógicos as escolas recebiam ingressos gratuitos para levarem algumas crianças participantes desses projetos aos jogos, assim como faziam outras atividades programadas nas dependências do clube. Isso foi interessante, pois mostra que o clube tem projetos envolvidos em sua

comunidade urbana, assim como também é uma forma de trazer novos torcedores ou implantar a idéia de junção entre a cidade e a agremiação de futebol, uma vez que provavelmente parte considerável dos alunos ali presentes não serem, devido às proporções de torcida na cidade, realmente torcedores do Santos FC.

Assim, tirando uma coisa ou outra, a paisagem dos arredores em boa parte dos jogos do Santos FC não possuía grandes elementos que tornasse possível, à primeira vista, apreender a narrativa da elite naquele lugar. Com exceção aos donos de lanchonetes improvisadas, não há dentro do entorno do estádio grandes elementos dessa narrativa. O comum é que alguns prédios e casas tenham enfeites relacionados ao clube ou até mesmo as cores expressas em azulejos ou na pintura das estruturas. Isso significa que o discurso da elite não se propaga nesses momentos? Não exatamente. Como Duncan (2004) aponta, a paisagem também engloba cânticos, ritualizações e manifestações outras se não a construída diretamente através de um signo. Assim, os cânticos, os mitos, os ritos se fazem presentes e, a cada partida, reafirmam o discurso oficial sobre o clube. Podemos entender a estátua de Zito dessa forma, por exemplo. Assim como o grande objeto simbólico desse lugar é a própria Vila Belmiro que, a partir das memórias e significações individuais e coletivas, acaba reproduzindo as idéias ali postas.

Esse espaço de ritualizações, de encontros e festa foi totalmente alterado pelo poder público em parceria com a diretoria do Santos FC. A partir do dia 8 de setembro de 2019, a Polícia Militar do Estado de São Paulo restringiu com cavaletes a circulação no entorno próximo ao estádio⁶¹. Como disse Vinicius, membro da Torcida Jovem que encontramos em um dos últimos trabalhos de campo, “todo o entorno desde perto da escola (E.E. Prof. Primo Ferreira, cruzamento da Rua Dom Pedro I com a Rua Pedro Álvares Cabral) até o cruzamento do Canal 1 com o Canal 2 estão fechados desde as 8 da manhã. Hoje foi dia de ENEM, inclusive e as pessoas tiveram dificuldade em chegar lá”. De fato, no último trabalho de campo realizado no dia 7 de março de 2020, foi possível constatar bloqueios durante a manhã em um dia cuja partida ocorreria no período noturno.

Os bloqueios consistem em barreiras físicas de metal com efetivo da Polícia Militar, responsável pela segurança das partidas em qualquer jogo da Confederação Brasileira de Futebol, de guarda. A circulação fica restrita desde as primeiras horas do

⁶¹ Fonte: Jornal A Tribuna, 2019.

dia e a circulação de automóveis só pode ser feita por moradores identificados nesse perímetro que, em boa medida, é maior que os locais de aglomeração de torcedores locais e visitantes. Além da circulação interrompida, não é permitido o estacionamento de veículos, a entrada de vendedores ambulantes, a ação dos “flanelinhas”, tampouco o aluguel de vagas de garagem ou uso das mesmas como estabelecimentos comerciais. Durante o período de restrição, mantiveram-se abertos apenas bares e padarias com alvará de funcionamento.

A partir de então, a paisagem do entorno do estádio mudou radicalmente. A aglomeração de torcedores continuou, pois não houve restrição a quem tivesse ingresso ou estivesse ali caminhando, porém as semelhanças param nesse ponto. A primeira mudança foi de cunho subjetivo no quesito da sensação de maior policiamento e de claustro causada por barras de separação presentes nos bloqueios do entorno até a entrada ao estádio. Isso não deixa de ser uma forma de tornar corpos mais dóceis (ELIAS, 1996) e também produzir um discurso de poder (FOUCAULT, 2010) cuja base material é extremamente ostensiva e lembra um gradil. Há um espaço de controle do torcer, de suas ritualizações e manifestações, especialmente por parte das torcidas organizadas. Os corredores de fogo, por exemplo, foram proibidos e são passíveis de multa ao clube em competições continentais. A base argumentativa é a da segurança dos torcedores, porém em todos os trabalhos de campo realizados durante a pesquisa não houve um incidente sequer relacionado à violência, especialmente que justificasse a proibição de vendedores ambulantes e o aluguel de garagens, especialmente tratando-se de propriedades privadas regularizadas.

Isso nos faz pensar em um discurso de força por parte do Estado, através da Prefeitura e da PMESP, e por parte da diretoria atual do Santos FC. Como nos mostra Giulianotti (1994), desde a década de 1980 os estádios de futebol e seus entornos passam a fazer parte de políticas públicas com base na vigilância constante dos torcedores e na mudança do padrão dos estádios de modo a mudar o comportamento dos torcedores. Foi dessa forma que surgiu o fenômeno da arenização, sendo que como diz Mascarenhas (2014), não de serem levados em conta os interesses econômicos em termos de incentivo ao consumo propiciado por esse novo padrão nos estádios. Assim, parafraseando Bertold Brecht, primeiro sumiram as bandeiras dos estádios, depois sumiram o espaço das gerais, depois o acesso irrestrito à arquibancada, agora sumiram com o direito da livre circulação em seus entornos.

Como lugar simbólico (CORRÊA, 2017), nos parece uma passagem de dois momentos de produção simbólica diferentes: o primeiro, a produção simbólica se dava em torno do clube, com uma produção hegemônica mesmo sem a elite de fato precisar construir *per se* os símbolos, pois a narrativa oficial já o fazia. Esse primeiro momento tinha certa permissividade, pois possibilitava encontros com teores políticos, manifestações e uma série de possibilidades que aproximavam, em certo grau, os encontros anteriores aos jogos em uma festa⁶², além de sempre haver aqueles que assistiam aos jogos nos bares e padaria ao redor do estádio. É claro que não podemos romantizar e dizer que não havia coerção, pois tanto a polícia, quanto grupos de torcedores exerciam esse poder.

Se antes a simbologia girava totalmente em torno do clube, o lugar foi alterado para uma simbologia de ordem. A estrutura montada passa a demonstrar um poder outro e muito além do Santos FC. É uma força coercitiva da elite através do uso da força policial e endossada pelo clube e pela prefeitura. Primeiro, extingue os encontros com motivação política, seja a restrita ao clube ou de âmbito mais geral, pois a Polícia Militar coíbe até a aproximação com faixas ou dizeres, por mais que isso seja inconstitucional. Segundo, restringe a possibilidade de vendas e de uso de imóveis privados para complemento de renda, uma vez que ambulantes só podem ficar nos canais ou em áreas afastadas do estádio, assim como os moradores não podem alugar suas garagens. Com isso, os policiais ficam mais visíveis e mais atuantes, assim como o número de grades aumenta, dando a impressão que o indivíduo adentra a um cercado. É um ambiente de constrangimento e vigilância constante, sendo que os cruzamentos entre as ruas servem como locais propícios ao controle total da situação, pensando na questão da vigilância como abordada por Foucault. Se outrora havia uma sensação de menor poder público e uma agência por parte principalmente das torcidas organizadas, isso hoje não existe mais. Toda a estrutura e a paisagem indicam o poder onipresente de coerção, dos quais engloba inclusive a sub-sede da Torcida Jovem, colocando-a sem qualquer força de reação a esses momentos, pois além da força policial ser muito maior, inclusive com cavalaria, ainda há punições de acesso ao estádio através do Ministério Público estadual.

⁶² Festa, nesse caso, em sentido lefebvriano, ou seja, reunião entre pessoas com o intuito de socializar cuja mediação não seja pelo capital.

É interessante notar que, em outros momentos sem gradis, reuniões do Conselho Deliberativo ou mesmo por parte dos coletivos e das organizadas, não houve grandes manifestações em relação a essas barreiras. Entendemos que isso parte de dois posicionamentos: o primeiro, a banalização e o discurso de segurança proveniente desde os tempos da Copa do Mundo de futebol masculino organizada pela FIFA no Brasil⁶³. Assim como ocorre no Allianz Parque, estádio do Palmeiras na capital, as grades podem até serem vistas como incômodo, porém são poucos os movimentos que lutam ou realmente questionam severamente esse tipo de repressão.

O segundo posicionamento, das torcidas organizadas, tem de ser observado pelo prisma da relação dessas com o Ministério Público nos últimos anos. Em *“Football violence and social identity”*, Giulianotti (1994) diz que a violência é um fator realmente presente nos grupos de torcedores de futebol, porém que isso não pode ser considerado algo à parte ao que ocorre na sociedade onde as torcidas estão inseridas. Portanto, a violência entre as torcidas, mesmo no Brasil, ocorre frente a um jogo de alianças, enfrentamentos e deslocamentos por todo o território nacional (TOLEDO, 1996). Aqui não aprofundaremos nas causas da violência, porém no uso político dessa violência. Se na Inglaterra de Thatcher a violência no futebol serviu à expulsão das camadas mais pobres e na abertura do esporte ao mercado financeiro, no Brasil isso serviu, em conjunto com a Copa do Mundo, à arenização (MASCARENHAS, 2014) e ao processo de tornar as ritualizações dentro do estádio mais dóceis e controladas. No caso das torcidas paulistas, temos que lembrar que os protestos contra Fernando Capez, deputado estadual (PSDB) ex-promotor do Ministério Público atuante nas proibições das organizadas, resultaram a estas instituições em proibição de adentrar ao estádio com seus pertences, batidas policiais em quadras, assim como a colocação das torcidas em um único setor do estádio, o que ocorreu na Vila Belmiro com a mudança da Sangue Jovem ao setor da Torcida Jovem do Santos.

Assim, paulatinamente o comportamento dos torcedores e a possibilidade de entrada com objetos outros, como bandeiras com mastro, cartazes de manifestação política, instrumentos musicais e uma série de liberdades foram retiradas e as que ainda existem, precisam de autorização da Federação Paulista de Futebol para adentrarem ao

⁶³ À época, o Governo Federal cedeu um raio de 2 km em torno de cada estádio durante a realização da Copa do Mundo, de modo onde somente vendedores e marcas pertencentes ao evento podiam comercializar produtos, assim como houve a restrição de circulação apenas aos que haviam comprado ingressos ou, no mínimo, fossem autorizados pela entidade do futebol. Fonte: Portal UOL, 2011.

estádio. Da mesma forma, mesmo na Vila Belmiro, boa parte de suas arquibancadas e espaços de geral foram substituídos por cadeiras custando pelo menos o triplo do preço anterior. As cadeiras e a arquibancada nos remetem a alegoria entre ágora e fórum pensada por Foucault: ambos tem a mesma finalidade, a discussão política, porém um é um espaço de livre circulação, fala e gesticulações; o outro, o fórum, é um espaço de comportamentos controlados, com fala específica a um orador e uma série de elementos construídos para o controle de quem está ali debatendo.

As arquibancadas e a geral, por serem espaços de concreto mais amplos, permitiam ritualizações, gestualidades muito amplas e que caracterizaram por um longo período as torcidas brasileiras (HOLLANDA, 2009). As cadeiras retiram esse espaço, torna o torcedor imobilizado e obrigado a permanecer sentado. Por fim, houve o confinamento das torcidas organizadas na arquibancada do placar, que já abrigava a Torcida Jovem e a Força Jovem. Assim, retirou-se a Sangue Jovem de seu espaço tradicional no estádio, alijando seus componentes de realizarem seus cânticos no local onde estiveram por décadas.

Portanto, antes das proibições pudemos notar que havia uma pluralidade maior de agentes no entorno do estádio e o discurso identitário da elite santista se fazia presente ali em nuances, pequenos signos espaçados. No cotidiano citadino de Santos, o clube se insere como um grande objeto simbólico da cidade, porém em suas partidas o entorno próximo apresenta apenas pequenos signos e não uma repetição visual perceptível como as muretas, por exemplo. A explicação disso parte do fato do Santos já ser um símbolo em si, não necessitando então ser rodeado de símbolos para fazer sentido àquela população, a da cidade, sobre a formação identitária possibilitada pela narrativa de sua elite. Esses discursos ficam mais claros em outros meios, como programas televisivos, entrevistas de dirigentes, as músicas, a maneira de lidar com a questão dos jogos em São Paulo, o próprio hino oficial do Santos FC e a história que se construiu do clube.

No segundo momento, houve uma interferência direta dos dirigentes e do poder público no entorno da Vila Belmiro. Em um processo que nos lembra o higienismo na retirada dos cortiços da cidade (MELLO, 2008; CARREIRA, 2019), o entorno próximo do estádio passou pela retirada de vendedores, além de um novo ordenamento daquilo que pode ser feito, escrito e organizado nesse lugar. Assim, nos dias de jogos, o lugar simbólico de toda a topofilia causada pelas memórias individuais e coletivas, as

ritualizações possíveis e da alteridade foi transformado em um local de movimentação mais tranquila, socialização controlada, vigilância o tempo todo. O discurso que se passa está além de uma narrativa a favor da elite, porém uma adequação comportamental e política aos seus ensejos. A questão se dá no devir desse processo e as consequências disso na relação entre o indivíduo e o futebol, dadas todas as ritualizações e a identificação, apontada por DaMatta (1982), com o jogo. Há de se pensar na intensificação das manifestações pela retirada dos direitos políticos e a promulgação de um novo Ato Institucional Nº 5, especialmente pelos setores da classe média alta e da burguesia, com a naturalização do policiamento ostensivo e segregador no entorno da Vila Belmiro e em outros estádios Brasil afora.

Mapa 2. SANTOS – Delimitação do entorno da Vila Belmiro nos dias de jogos do Santos FC.

Figura 36. SANTOS – Setores e ruas ao redor da Vila Belmiro

Croqui: Ruas dos arredores da Vila Belmiro. Fonte: Globoesporte.com

Figura 37. SANTOS – Estátua da camisa de Pelé

Entrada da cidade pela Via Anchieta (SP-150) com a estátua em homenagem a Pelé. Acima, bandeiras e membros da Torcida Jovem no viaduto. Fonte: Facebook/Torcida Jovem do Santos

Figura 38.SANTOS – Estátua do Peixe na Via Anchieta (SP-150)

Estátua do Peixe na Via Anchieta (SP-150) remetendo ao Santos FC. Fonte: Portal Novo Milênio, 2020

Figura 39.SANTOS – Estátua de Pelé de frente a padaria “A Santista”

Estátua de Pelé junto à bandeira do Santos FC no Canal 5, de frente à padaria “A Santista”. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S.,2020.

Figura 40. SANTOS – Padaria “A Santista”

Padaria “A Santista” com seus azulejos, cores, mascote e símbolo em homenagem ao Santos FC. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S.,2020

Figura 41 SANTOS – Barraca de praia do Santos FC

Barraca oficial do Santos FC na faixa de areia. Serve especialmente aos sócios do clube, porém é referência aos torcedores comuns durante o verão santista. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S.2020.

Figura 42. SANTOS – Bandeira em barraca de praia

Bandeira em barraca de comes e bebes na praia. É comum ver bandeiras e as cores dos estabelecimentos em referência ao Peixe. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S, 2020.

Figura 43. SANTOS – Loja oficial do Museu Pelé

Loja oficial do museu Pelé com camisetas com estampas do próprio museu (as brancas em destaque), oficiais do Santos FC (ao fundo) e com temática da cidade (primeira, centralizada). Em um museu público, camisetas oficiais do clube. Da mesma forma, claro, mureta como estampa. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S, 2020.

Figura 44.SANTOS – Muro grafitado com o símbolo do Santos e a sigla da Sangue Jovem

Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S, 2020.

Figura 45. SANTOS – Grafite na Caneleira com o símbolo da Sangue Jovem

Figuras 39 e 40: fotos referentes a dois grafites no muro do conjunto habitacional no bairro da Caneleira. No primeiro grafite, temos o símbolo do clube, a sigla da Sangue Jovem do Santos e o tubarão, uma variação da baleia (totem do clube). O segundo grafite tem o símbolo da Sangue Jovem: a mão segurando o escudo do time e o sangue, elemento que dá nome à torcida. Atrás, as duas estrelas que representam o bicampeonato mundial em 1962/1963. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S., 2020.

Figura 46.SANTOS – Jovino’s Restaurante, Zona Noroeste

Fachada do restaurante “Jovino’s” na Areia Branca, Zona Noroeste da cidade. O símbolo do Santos FC é perceptível no canto superior esquerdo. Foto: ALMEIDA, R., LIMA, S.,2020.

Figura 47.SANTOS – Sub-sede Baixada da Torcida Jovem do Santos FC

Sub-sede da Torcida Jovem aberta aos membros no período anterior a uma partida do Santos FC. Membros e torcedores conversam na Rua Princesa Isabel com seu tráfego para veículos interrompido. Foto: ALMEIDA, R., 2019.

Figura 48. SANTOS – Moradora de frente ao portão principal da Vila Belmiro

Fonte: ALMEIDA,R.2020.

Figura 49.SANTOS – Ritualizações no momento da passagem do ônibus da equipe

Bandeiras, fumaça amarela, bateria e cânticos enquanto o ônibus do clube passa. Foto: ALMEIDA,R.2020.

Figura 50. SANTOS – Faixa em frente à residência

Foto: ALMEIDA,R.2019.

Figura 51.SANTOS – A sociabilidade no entorno do estádio

Foto: ALMEIDA,R.2019.

Figura 52.SANTOS – A sociabilidade no entorno do estádio (2)

Sociabilidade da torcida na Rua Princesa Isabel no sentido Norte (figura 52) e sentido Sul (figura 53). Nota-se na segunda foto o estádio à esquerda, a estátua de Zito com a Confraria do Alemão de fundo. Foto: ALMEIDA,R,2019.

Figura 53. SANTOS – Estátua de Zito

Estátua de Zito, capitão do Santos durante o fim da década de 1950 e início da década de 1960. Foto: ALMEIDA, R.,2020.

54. SANTOS – Barraca de Empadas no entorno da Vila Belmiro

Barraca montada antes próxima ao estádio antes do cerco da Polícia Militar no entorno do estádio. O gentílico ambíguo “santista” e as muretas estão presentes de modo a evocar a cidade. Foto: ALMEIDA,R.,2020.

Figura 55. SANTOS – A Vila e a farda

Foto: ALMEIDA,R.2019.

Figura 56. SANTOS – A Vila e as cercas

Diferentes pontos do cerco feito pela Polícia Militar e pela Companhia de Engenharia de Tráfego de Santos (CET-Santos) com suas barreiras de ferro. Na primeira foto, uma vendedora trabalha na área não-demarcada.
Fotos:ALMEIDA,R.2019.

Figura 57. SANTOS – Cavalaria da PMESP no entorno da Vila

Foto: ALMEIDA,R.2019.

CAPÍTULO 4 – O DIFÍCIL DESLOCAMENTO DA PAISAGEM: USOS DA TORCIDA SANTISTA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Nos capítulos anteriores, a dissertação buscou evidenciar a construção simbólica da cidade de Santos por sua elite, o papel simbólico exercido pelo Santos FC e as disputas “palacianas” por esse símbolo. Nesse último capítulo, visamos discutir a mobilidade simbólica do clube em São Paulo. Assim, é possível pensar as formas de organização e sociabilidade dos torcedores em meio a um quadro de alteridade evidente⁶⁴, assim como pensar nas formas de mobilização da capital como símbolo pela elite de Santos e as narrativas possíveis. São Paulo tem três clubes com torcidas em tamanhos milionários, sendo o Corinthians o preferido de 14% da população brasileira, o São Paulo de 8% da mesma população, seguido pelo Palmeiras com 6%. O Santos é o quarto paulista, com 3% total da população do país⁶⁵. Em pesquisa feita apenas para a cidade de São Paulo, o Corinthians apresenta 36% da preferência entre os paulistanos, o São Paulo 18%, o Palmeiras 12% e o Santos 5%.

Com isso, na grande metrópole nacional (IBGE, 2020) há três clubes locais com torcidas nacionais, grandes títulos e grande influência no futebol nacional e internacional. No entanto, é interessante que nesse espaço extremamente competitivo e com times locais fortes, um clube do interior tenha se destacado a ponto de ter significativa parcela dentre os torcedores. Arredondando, São Paulo tem aproximadamente 12 milhões de habitantes (SEADE, 2019), 5% são 600 mil torcedores e, ampliando para a região metropolitana, seriam por volta de 1 milhão de torcedores em 20 milhões habitantes. Assim, a quarta torcida da cidade tem influência na construção simbólica do futebol na metrópole e disputa com os outros três esse lugar simbólico citadino, especialmente com parte significativa de seus jogadores na capital entre as décadas de 1960 e 1990. Não à toa, jogos inesquecíveis na memória do torcedor santistas foram realizados na capital: a virada em 5-2 diante do Fluminense em 1995 foi no Pacaembu, da mesma forma como o título de campeão brasileiro de 2002 foi no estádio do Morumbi, assim como os campeonatos paulistas de 1978 e 1983.

⁶⁴ O Santos tem menos de 10% de preferência entre os residentes paulistanos. As torcidas de Corinthians, São Paulo e Palmeiras são mais numerosas. Fonte: PEREIRA, 2012.

⁶⁵ Segundo pesquisa Datafolha, um em cada cinco brasileiros é torcedor do Flamengo. Fonte: Globoesporte.com, 2019.

Além de momentos históricos importantes, a principal torcida organizada do clube, a Torcida Jovem do Santos, é paulistana. Aliás, Toledo (1996) em seu estudo sobre torcidas organizadas coloca o torcedor do Santos também como integrante da capital por conta da necessária análise da Torcida Jovem no contexto da cidade. Afinal, além do mando de partidas em estádios da capital, há também os dias de jogos contra rivais da cidade e os deslocamentos necessários aos estádios. Pensando na questão da territorialidade das torcidas organizadas do Rio de Janeiro, diz Valverde (2004, p.125):

Nesse sentido, não é mais no ponto de fixação que se dá a plenitude do seu comportamento territorial: é no trajeto que os leva aos estádios em que seus participantes alcançam esse clímax. De diversos pontos da cidade partem pequenos grupos de torcedores, sub-grupos das torcidas organizadas que se dividem de acordo com a contigüidade dos bairros (são os comandos, pelotões, famílias, núcleos etc.), rumo ao Estádio do Maracanã. Muitas vezes, tais grupos se valem do poder de intimidação para não pagar as passagens nos ônibus e/ou nos trens e também tentam convencer o motorista a ignorar as paradas de ônibus e as estações de trem. O meio de transporte se torna a expressão territorial daquele sub-grupo, no qual os torcedores expõem suas bandeiras e faixas nas janelas, cantam e coagem os torcedores adversários que passam pelas ruas.

Portanto, não tem como um trabalho sério sobre torcidas organizadas em São Paulo não levar em conta a Torcida Jovem e seus deslocamentos pelo sistema viário e de transportes. Da mesma maneira como não é possível entender o contexto do futebol em São Paulo sem falar da torcida do Santos FC presente, pois de fato qualquer reflexão estaria incompleta. Dentro do objetivo proposto nesse trabalho, analisar a territorialização da torcida do Santos em São Paulo é um olhar geográfico ao que está, ao menos em termos de localização, fora do espaço hegemônico da elite de Santos. É a oportunidade de também analisar o que há de material para além do discurso e a visão sobre a torcida em São Paulo, seus espaços de sociabilidade, a questão da alteridade na cidade e a disputa simbólica que há com os outros clubes da capital.

Para tal, analisaremos aqui esses espaços de territorialização, assim como o discurso simbólico que carregam. Em um primeiro momento, falar do Santos FC na construção cultural da cidade, especialmente na música periférica. Em um segundo momento, analisar como a cidade de São Paulo foi evocada por diferentes grupos políticos santistas durante a crise institucional vivenciada pela gestão José Carlos Peres durante o ano de 2018.

4.1– Os locais de sociabilidade santista em São Paulo

Nesse tópico, o trabalho visa apontar os lugares de sociabilidade santista na cidade, ou seja, os lugares onde há de alguma forma o encontro entre torcedores, ritualizações e exaltação de elementos clubísticos comuns. Nesse ponto será retomada a discussão sobre a quadra da Torcida Jovem e o Pacaembu, assim como também se discutirá as estratégias do clube e de alguns grupos em torno da questão da união dos torcedores do clube na cidade.

A principal forma do clube em tratar de organizar os torcedores, especialmente os sócios, que não necessariamente estão ligados às torcidas organizadas foi a fundação das Embaixadas. Segundo o próprio clube em seu sítio oficial:

O Projeto de Embaixadas do Peixe visa aproximar o Santos FC dos seus torcedores que estão longe da Vila Belmiro, disseminando a cultura do clube e aumentando o quadro social. As Embaixadas representam os associados do Clube em suas localidades e funcionam como canal de comunicação do Santos FC com os seus associados. Elas são organizadas e dirigidas de forma voluntária pelos associados interessados, sob forma de entidade legal distinta e sem fins lucrativos. O projeto tem o objetivo de incentivar campanhas sociais do Santos FC, incluindo promoções junto a entidades assistenciais; promover campanhas de novos associados; realizar eventos esportivos ou sociais dentro de sua base territorial; reunir e aproximar os associados de sua região; promover os fins do Estatuto Social do Clube; zelar pela imagem e pelo bom nome do Santos FC; organizar excursões e viagens para assistir aos jogos do time e indicar atletas de qualquer modalidade esportiva de interesse do Santos FC.

Assim, o clube chancela um determinado grupo de torcedores, dentro das condições estabelecidas pelo clube, a promover campanhas e eventos sociais em nome do Santos FC. Segundo o próprio clube, são 28 embaixadas, sendo 7 definitivas e 21 provisórias. Na Região Metropolitana de São Paulo, o clube possui a embaixada de São Paulo e a embaixada de São Bernardo do Campo e Diadema como definitivas, além das embaixadas de Osasco e Guarulhos como provisórias. São essas embaixadas, com apoio do clube, que são responsáveis por parte significativa dos eventos, especialmente a da capital.

Como foi possível acompanhar em campo, durante o aniversário do clube em 2019 organizado pela Embaixada de São Paulo em conjunto com a ASSOPHIS – Associação de Pesquisadores e Historiadores do Santos FC, os eventos da embaixada tentam atrair o torcedor a uma partida ou data comemorativa contando com a participação de algum jogador importante da história do clube. Com isso, o rito de

torcer pelo clube e a sociabilidade ganham o peso de se aproximar de um dos jogadores no panteão de ídolos do passado. Os eventos da Embaixada de São Paulo foram muitos eventos durante os anos de 2018 e 2019 cujas realizações se deram em um bar na Vila Madalena, bairro central paulistano.

No caso do campo, foi escolhido o dia do aniversário do clube por conta de ser um evento aberto gratuito com itens colecionados por membros da ASSOPHIS, uma partida envolvendo um torneio de equipes de futebol amador formados por torcedores do Santos FC e o fato do evento ocorrer no Pacaembu durante todo o processo de cessão de sua administração a iniciativa privada. Nesse campo, além das bandeiras do clube com nome dos bairros, a venda de livros e artigos sobre o passado do clube, o que chamou atenção foi a ida do prefeito da cidade, Bruno Covas (PSDB). Aliás, esse evento não foi uma simples reunião da embaixada, pois contou com a reunião de antigos jogadores do Santos FC enfrentando a equipe campeã do torneio amador, assim como o uso do estádio e de parte de seus funcionários, como o locutor Edson Sorriso. Embora o prefeito seja torcedor do Santos FC, esse fragmento aponta que as relações políticas envolvem atores políticos de esferas que vão além do próprio município de Santos dada a magnitude da torcida e as possibilidades de tornar favorável politicamente ou lucrativo economicamente.

Em termos de encontro entre um grupo, o evento foi interessante por trazer ao torcedor da cidade uma chance de comemorar de perto o aniversário do clube. Assim, camisas, bandeiras, artigos colecionáveis, possibilidade de uma foto com um ídolo da década dos anos 1990 atraiu centenas de torcedores no dia 13 de abril de 2019 durante um dia agradável de outono. Além disso, o evento também chamou a atenção dos visitantes do Museu do Futebol, cuja porta de entrada é ao lado do portão principal do estádio, onde se encontravam alguns *food trucks*, vendedores e a exposição principal sobre o clube.

A alteridade das ruas apontada por Toledo (1996) (2010) foi expressa ali de maneira diferente, pois quem se deslocava ao portão ia com camisetas de outras agremiações do Brasil e da América do Sul apontando, perguntando e ensinando aos filhos e filhas um pouco sobre algum jogo ou jogador específicos do passado santista. A memória e o passado em comum entre os torcedores através de partidas e campeonatos do passado acabaram por aproximar as pessoas ali presentes. Como disse Franco Jr.

(2007), o que variam entre os clubes de futebol são seus sentidos clânicos e religiosos, pois partem de uma mesma lógica comum de construção simbólica e afetiva. Assim, ao invés de haver uma comunicação belicosa, a forma e o conteúdo da comemoração demarcavam uma territorialidade santista, porém de maneira amistosa e convidativa aos torcedores de outras agremiações, cujo deslocamento de certa forma era em busca de um aprendizado, memória ou reverência ao futebol brasileiro através das exposições do museu.

Além da embaixada santista na capital, há a quadra da Torcida Jovem na capital. Aliás, a embaixada e a Torcida Jovem são os maiores agregadores de torcedores do Santos, cada qual com sua forma de organização. No caso da torcida, o primeiro elemento de concentração de torcedores são para suas atividades normais: caravanas a outras cidades e estados, festas comemorativas, eventos culturais e também assistência social à comunidade. Muitos desses eventos também atraem o torcedor santista em geral, pois a torcida se torna uma centralidade em um espaço onde nem sempre é possível encontrar outros torcedores ou assistir a um jogo do clube, pois há horários conflitantes entre jogos do Santos FC e de outro clube da capital e nem sempre os bares têm televisões suficientes, por exemplo. Assim como, dentre as relações de afeto através da associação totêmica de um clube de futebol, a quadra da torcida é uma forma de reunir os indivíduos que partilham das mesmas cores, ídolos, alegrias e frustrações futebolísticas.

Há na identidade das torcidas organizadas um potencial agregador possível de ser utilizado em questões políticas mais amplas. Não à toa, a Torcida Jovem em outubro de 2018 soltou um manifesto afirmando que devido às lutas pela democratização do país e os interesses populares, a torcida não votaria em Jair Bolsonaro, atual presidente e autor de defesas espúrias ao Col. Brilhante Ulstra, torturador durante a Ditadura Militar (1964-1985) segundo o relatório da Comissão Nacional da Verdade da Câmara dos Deputados de 2014. Da mesma forma, é notável que alguns membros da torcida, em suas vocações políticas outras, se utilizem da identidade da torcida na tentativa de eleição a um cargo aos poderes Legislativo ou Executivo. Esse é de Flávio Pires (Democratas), cuja candidatura à Câmara dos Vereadores de São Paulo é apoiada oficialmente pela Torcida Jovem do Santos com o lema “*TJ vota em TJ*” Portanto, embora não haja a mesma potência discursiva e simbólica como em Santos, os locais de

grande número de santistas na capital também são utilizados por políticos profissionais e permeados de relações que vão além das subjetividades clubísticas.

O lugar de encontro da torcida santista é o Pacaembu nos dias de jogos do clube. As publicações do Santos quando do aniversário da cidade ou da data de inauguração do estádio referenciam o estádio como a “segunda casa”. Até 30 anos atrás, talvez o Pacaembu tivesse a concorrência do Morumbi como segunda casa do clube na capital, devido ao número de jogos, especialmente jogos decisivos e finais disputados no estádio durante as décadas de 1970 e 1980, como aponta Nascimento (2012). Assim, o próprio clube fomenta a ligação entre o estádio e sua torcida, embora seja um equipamento público atualmente administrado pelo consórcio Allegra Pacaembu. Atualmente, não há qualquer garantia que o Santos FC volte a mandar jogos no Pacaembu devido à destruição da arquibancada conhecida como Tobogã por não fazer parte da estrutura original e tombada do estádio pelo Condephaat. Assim, o estádio perde aproximadamente 12 mil lugares, ficando com aproximadamente 28 mil lugares.

Em trabalhos de campo realizados nos dias 5 de março de 2018 e no dia 6 de junho de 2019, respectivamente nas partidas do Santos FC contra São Paulo e Atlético Mineiro na capital, foi possível observar que a torcida santista começa a se aglomerar no transporte público em direção ao estádio. Ao campo, foram utilizadas as linhas 9-Esmeralda da CPTM e as linhas 2-Verde e 4-Amarela da Companhia do Metropolitano de São Paulo. Já no sistema metro-ferroviário foi possível encontrar com grupos de torcedores comuns e organizados que utilizam o deslocamento às estações próximas ao estádio para cantarem. Esse trajeto apresenta a demarcação de territorialidade das torcidas como exposta por Valverde (2004), especialmente com pessoas comuns e torcedores de outros clubes ali presentes em silêncio. Quanto mais próximo ao estádio, maior o volume dos cânticos e maior o número de torcedores aglomerados, sendo a Estação Clínicas da Linha 2 um grande ponto de encontro àqueles que rumam ao Pacaembu.

No trajeto entre a estação e a Praça Charles Miller, distando além de 500m, vendedores ambulantes estacionam suas pequenas barracas, varais e carrinhos de comida destinados ao consumo dos torcedores. O mesmo ocorre na Praça Charles Miller e nas ruas próximas ao estádio, algumas adentrando ao bairro de Higienópolis onde se encontra o estádio. A Praça Charles Miller, pelo seu tamanho alongado e as beiradas dos

gramados passíveis do papel de assento, torna-se um grande local de sociabilidade entre os torcedores do Santos FC. Ali amigos, famílias, torcedores organizados e caravanas de cidades do interior de São Paulo e do Brasil (foi avistada uma bandeira de Blumenau-SC) se encontram, comem, bebem e conversam desde horas antes das partidas despreocupadamente.

Assim como ocorre na Vila Belmiro, as proibições de bandeiras com mastros, instrumentos e uma série de outros artefatos fazem com que a festa mais livre ocorra na praça, especialmente com a Torcida Jovem do Santos ocupando o canteiro central próximo ao portão principal para entoar seus cânticos, que ecoam pelo vale onde a praça está situada. Além disso, as dimensões maiores do estádio, com a capacidade de 40 mil torcedores, e da praça proporcionam uma multidão de torcedores que fervilham entre o canteiro central e as ruas laterais do estádio. Novas experiências são vividas enquanto memórias anteriores são ativadas durante as conversas, cânticos e os encontros causados pela partida na cidade. Devido ao menor número de torcedores e as dificuldades financeiras para deslocarem-se sempre até Santos, muitos torcedores aproveitam os jogos na capital para se encontrarem e viverem a experiência de estarem com os seus durante esse período de tempo.

Durante a partida entre Santos e Atlético Mineiro verificamos uma alteração na divisão da praça: a área mais próxima ao portão principal se tornou exclusiva aos torcedores, não podendo haver venda de qualquer produto senão por parte do próprio Santos FC. Isso levou a diminuição da área de atuação dos vendedores informais, além da criação de barreiras físicas e o policiamento mais ostensivo dessa área. Isso reforça o caráter de ordem que se deseja passar nos estádios brasileiros, como também foi verificado na Vila Belmiro. O policiamento e a delimitação de uma área contra o vendedor “ilegal” criam na paisagem um discurso autoritário e, pensando em Foucault (2010), de adequação das pessoas como corpos dóceis, pois “tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, seus gestos e seus comportamentos” (FOUCAULT, 2010, p.133).

As ritualizações são as mesmas encontradas na Vila Belmiro, uma vez que a filiação clubística é a mesma. O que muda é o acessibilidade do torcedor, uma vez que o Tobogã, área que se deseja demolir, é o setor mais barato do estádio e com capacidade

para 12 mil pessoas. Assim, a grande diferença do Pacaembu em relação à Vila Belmiro é sua capacidade de acessibilidade ao torcedor periférico. Enquanto a Vila Belmiro, antes de sua reforma mais recente⁶⁶, possuía apenas 3 setores de arquibancadas: o setor da arquibancada do placar, o setor destinado ao torcedor visitante e o antigo setor “da Sangue Jovem do Santos”. O Pacaembu, por outro lado, possui duas grandes arquibancadas populares, além do Tobogã e dos setores Lilás e do setor destinado ao torcedor visitante. Somente o Tobogã possuía a capacidade de aproximadamente 85% da capacidade de toda a Vila Belmiro.

Assim como a Vila Belmiro deverá ser totalmente modificada nos próximos anos, o Pacaembu perdeu seu caráter 100% público por contar agora com uma administração privatizada. Os efeitos dessa mudança deverão alterar sensivelmente a relação do torcedor do Santos, assim como das demais torcidas de futebol, para com o estádio. Muito em breve, as ritualizações e memórias afetivas provavelmente não poderão ser ressignificadas e novamente ritualizadas no estádio.

⁶⁶ No início de 2019 construiu-se um pequeno setor de geral na área térrea atrás do gol contrário ao placar. Em 2020, foi aumentada a área de arquibancada logo acima do novo setor de geral, porém pouco utilizado devido à pandemia.

Mapa 3. SÃO PAULO – Área observada nos arredores do Estádio do Pacaembu em São Paulo-SP

4.2- Discursos e mobilizações da paisagem na crise institucional durante a gestão José Carlos Peres

Neste tópico tratamos da produção simbólica na paisagem em um momento de ruptura interna entre os membros de diretoria e oposição do clube envolvendo a cidade de Santos e a capital. O que será analisado nesse tópico se insere nas questões políticas enfrentadas pela gestão José Carlos Peres e o ápice destas com a abertura do processo de *impeachment*, aceito pelo Conselho Deliberativo e posto à votação da assembléia geral de sócios do clube.

De modo a entender como funciona a distribuição de cargos no Santos FC, é necessário observar que a diretoria do clube é formada por uma chapa composta por um presidente e um vice-presidente. O presidente tem poder para nomear os cargos de responsabilidade, tais como o departamento de futebol profissional, definir patrocinadores, contratar e dispensar funcionários. Outra atribuição da diretoria é a formação de um Conselho Gestor, uma espécie de órgão consultivo de 7 membros pertencentes ao Conselho Deliberativo do clube.

O Conselho Deliberativo por sua vez é eleito através das listas de votos proporcionais da assembléia de sócios. De maneira simplificada, o processo privilegia o número de votos de cada chapa em relação ao total, um processo de lista fechada para que os melhores ranqueados em cada chapa sejam empossados como conselheiros⁶⁷. Os sócios que possuem direito a voto no Santos FC são aqueles com cadastro regular e pelo menos 2 anos de associação ao clube no momento da eleição nos planos de associação “Silver”, “Gold” e “Black”, perfazendo quase a totalidade dos sócios do clube⁶⁸. Assim, paga-se uma mensalidade com direito a descontos em partidas e produtos e a partir do tempo mínimo também se garante o direito de voto.

Em dezembro de 2017, houve a assembléia de sócios para a eleição da nova diretoria do clube onde concorreram quatro chapas: a de Luis Carlos Peres com Orlando Rollo de vice; a de Modesto Roma Júnior, tentando a reeleição com apoio de Marcelo Teixeira; a de Nabil Khaznadar; e a de Andrés Rueda⁶⁹. Em uma eleição marcada por episódios inusitados, inclusive com um grupo de chineses supostamente colocados

⁶⁷ No Santos FC, a cláusula de proporção esbarra no limite mínimo de 20% dos votos válidos para uma chapa conseguir uma cadeira no Conselho Deliberativo.

⁶⁸ Sócios da categoria TOP não têm direito ao voto.

⁶⁹Fonte: Globoesporte.com, 2020.

como sócios de última hora pela gestão Modesto Roma Júnior⁷⁰, a vitória foi de José Carlos Peres.

A chapa de José Carlos Peres começou como uma tríplice aliança para derrotar Modesto Roma Júnior e Marcelo Teixeira com a abdicação da candidatura por parte de Odir Cunha e Orlando Rollo. Rollo, inclusive, já havia sido candidato na eleição anterior em 2014, possuindo uma base própria e consolidada. Portanto, a chapa tinha em tese uma cabeça, porém a disputa interna já existia. Odir Cunha ganhou cargo como diretor do clube e ficou de fora de atritos aparentes. No entanto, José Carlos Peres e Orlando Rollo entraram em conflito em diversos episódios durante o ano de 2018, chegando realmente ao ápice no mês de setembro⁷¹. Nesse momento, Rollo acusou Peres de irregularidades na compra do meio-campista Carlos Sánchez citando a possibilidade daquilo se configurar um crime. Peres reagiu citando a postura inadequada de seu vice. A crise interna à diretoria começou a se agravar com o apoio da oposição a Orlando Rollo. O conselheiro Alexandre Santos e Silva foi o autor do primeiro pedido de impedimento, sendo que ainda houve um segundo pedido, pedido por Esmeraldo Tarquínio Neto. A reportagem assinada por Ana Canhedo no jornal Lance nos elucida a motivação jurídica do *impeachment*:

De maneira simplificada, os questionamentos dos conselheiros se baseiam nas duas empresas ligadas a Peres, a Saga Talent Sports &Marketing e a Peres Sports & Marketing. O dirigente é acusado de usá-las para gerenciamento de atletas - algo que nega com veemência. Tal ato é proibido pelo Estatuto Social do clube. Um dos sócios de Peres na Saga teria, inclusive, exigido 10% da venda de Gabigol à Inter de Milão, da Itália, em 2016. Já que tal empresa teria trazido o jogador ao Santos "de graça". Ricardo Marco Crivelli, o Lica, gerente da base do Peixe em 2018 e afastado do cargo por acusação de abuso sexual, é também sócio de Peres na Saga Talent Sports &Marketing, que, segundo o dirigente, já foi encerrada. Em 2015, Lica criou a HiTalent Ltda. Um relatório da Comissão Fiscal do clube sobre a movimentação financeira no primeiro trimestre mostrou que o Alvinegro comprou em fevereiro 100% dos direitos econômicos do zagueiro equatoriano Jackson Porozo, de 17 anos, para o time sub-20 e que passaria 20% de uma futura venda ao Manta (EQU) e 30% do lucro à HiTalent. A negociação foi refeita, tirando a HiTalent dos lucros. (CANHEDO, 2018, *in* [sítio https://www.terra.com.br/esportes/lance/conselheiros-protocolam-novo-pedido-de-impeachment-de-peres-no-santos,a6d3929aa8abd7c1bcc7cc0b164d1d7d94](https://www.terra.com.br/esportes/lance/conselheiros-protocolam-novo-pedido-de-impeachment-de-peres-no-santos,a6d3929aa8abd7c1bcc7cc0b164d1d7d94))

Não entrando no mérito jurídico, foi constatado que Orlando Rollo se aproximou do grupo de Marcelo Teixeira contra José Carlos Peres. Para além da disputa política corriqueira, há algo aí importante em termos de intencionalidades: a possibilidade de construção de uma nova arena e as tentativas de formar consórcio com a privatização do

⁷⁰ Fonte: Globoesporte.com, 2017.

⁷¹ Fonte: Diário do Peixe, 2018.

estádio do Pacaembu iniciado na prefeitura de João Dória Júnior, declaradamente santista. A gestão Modesto Roma tentou a construção de uma nova arena em Santos, porém José Carlos Peres sempre foi a favor de mais jogos na capital. Isso, como será mostrado à frente, criou a dicotomia entre uma diretoria de “forasteiros” contra uma oposição “santista”, sendo essa palavra no sentido ambíguo.

Como visto, grupo da oposição era composto no entorno de Marcelo Teixeira, ex-presidente do clube, dono do grupo Santa Cecília e à época recém-filiado ao Partido Social-Democrata (PSD); e por Orlando Rollo, vice-presidente do Santos FC e ex-candidato a vereador pelo Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB) em Santos. Dentro do grupo da oposição está parte considerável das famílias mais tradicionais da cidade de Santos, incluindo o ex-presidente Modesto Roma Júnior, atrelados a uma política de valorização das tradições do clube quanto patrimônio dos cidadãos santistas. O grupo situacionista, liderado por Peres, reúne correligionários de uma visão de um clube mais aberto ao mercado nacional e alguns nomes fortes como Odir Cunha, porém sem a mesma força local em Santos quanto o grupo teixeirista.

De modo a tornar possível a análise da paisagem, foi necessária a obtenção de materiais prévios ligados ao tema, assim como planejar um trabalho de campo próprio a esse momento. Os materiais foram coletados em forma de áudios de conselheiros teixeirista e uma entrevista do ex-mandatário Modesto Roma Júnior ao programa Esporte por Esporte da TV Santa Cecília. Dado o contexto de exceção dentro do clube, o trabalho de campo realizado resultou em uma coleta única e suficientemente rica para ser narrada em separado. Essa riqueza de detalhes foi possível devido a sua realização no dia da assembléia dos sócios chamada de forma a deliberar sobre os processos de impedimento do presidente José Carlos Peres. Esse campo, então, foi realizado no dia 29 de setembro de 2018, começou às 09 horas da manhã e terminou por volta de 21h30min, sendo que não houve utilização de gravadores ou qualquer aparelho eletrônico além da câmera fotográfica por conta do ambiente de tensão em todo o entorno do estádio. Assim como as entrevistas feitas, com exceção a Odir Cunha, normalmente eram entrevistas abertas, sem questionários, e com o nome da pessoa entrevistada ocultado. O objetivo das entrevistas foi captar o maior número de fontes possíveis conforme os grupos que fossem aparecendo: trabalhadores, motoristas, seguranças, membros da diretoria e membros da oposição. Como James e Nancy Duncan (2004) dizem, a importância dos relatos está na forma de entender a percepção

sobre a paisagem, as estratégias de produção simbólica e o sentido dessa produção naquele momento. Além das entrevistas, foi realizada uma ampla observação das ruas do entorno da Vila Belmiro, a movimentação das pessoas, policiais e dirigentes.

Devido à gravidade da situação e seus antecedentes, foi possível fazer uma análise ampla da produção da paisagem no entorno do estádio apontando os agentes produtores e suas intencionalidades. Os resultados abaixo apontaram que realmente foram criados discursos com teor territorial durante o processo que culminou na votação de *impeachment* do presidente José Carlos Peres, assim como foram encontrados elementos simbólicos na paisagem que mobilização grupos de maneira a criar diferentes estratégias de uso do espaço.

4.2.1 – Os Antecedentes

O estopim da crise foram os dois pedidos de *impeachment*, um deles focado em uma suposta relação de José C. Peres com uma empresa do ramo esportivo, o que supostamente fere o estatuto do clube e a posterior acusação de não zelar pela imagem do clube e de seu patrimônio ao afirmar que “a Vila Belmiro é um puxadinho”⁷². O processo foi ao Conselho Deliberativo, cujo presidente é Marcelo Teixeira, e este decidiu por prosseguir com as denúncias levando à assembléia de sócios, um pleito onde os sócios deveriam informar se as causas apontadas eram suficientes para o impedimento de Peres do cargo da presidência do Santos.

O que nos levou ao campo, além da crise *per se*, foi o recolhimento de áudios, notícias, faixas e posicionamentos tanto de torcedores quanto de dirigentes sobre a necessidade de o Santos FC ser apenas da cidade de Santos em detrimento aos interesses dos torcedores da capital. Uma questão levantada seria a validade desses recursos, por conta de serem expressões utilizadas especialmente em redes sociais (WhatsApp, Facebook, Twitter). A utilização desses recursos se deu por conta da espontaneidade oferecida, assim como o embate de idéias entre grupos divergentes – sem contar a grande recorrência conforme, por exemplo, as publicações da página oficial do clube diante da alternância de partidas na Vila Belmiro e no Pacaembu. Ademais, alguns desses áudios, como o do conselheiro Márcio Rosas⁷³, nos chegam de

⁷²Fonte: ESPN, 2018.

⁷³ Fala disponível no áudio em: BLOG DO PAULINHO. **Marcio Rosas, conselheiro do Santos, ameaça associados do clube em São Paulo**. Youtube. 2 de setembro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SL_mEelpXSU. Visualizado em 01/12/2018. 1:11.

maneira muito espontânea e de forma que, conforme fosse realizada uma entrevista, jamais seria exposto de tal forma.

Essa ideia esteve pautada na administração anterior de Modesto Roma Júnior, especialmente com o presidente afastando qualquer possibilidade de jogos em São Paulo, pois “o Santos nasceu e foi glorioso na cidade de Santos”. Armando Gomes, conselheiro do clube e apresentador da TV Santa Cecília, indagou em seu programa Esporte por Esporte que “o Santos é de Santos. O Corinthians tem torcida na Praia Grande, por que o Corinthians não faz um estádio lá”⁷⁴. Dessa forma, era muito provável que uma disputa de narrativas pautadas em discursos de identidade local permearia os embates do grupo de Modesto Roma Jr. e o grupo político da situação liderado por José Carlos Peres. Os materiais recolhidos apontaram um discurso segregacionista entre dois grupos supostamente distintos: os torcedores do Santos da capital, apoiadores de José Carlos Peres e os torcedores do Santos da Baixada Santista, liderados por Marcelo Teixeira e Modesto Roma Jr..

Dentro do material coletado previamente, encontram-se áudios de conselheiros do clube, como o Sr. Márcio Rosas dizendo “*quem fosse votar saindo da capital contra o impeachment seria impedido na [Rodovia] Imigrantes (sic)*”; assim como faixas com o conteúdo “*fora turistas*”, além de discussões em redes sociais nos quais há oposição entre torcedores residentes na cidade de Santos e da cidade de São Paulo. Em outro material pesquisado são frequentes as recusas do ex-presidente, hoje membro da oposição, Modesto Roma Júnior em realizar jogos do Santos na capital, especialmente em um discurso do apresentador Armando Gomes durante o programa “Esporte por Esporte” da TV Santa Cecília, cujo dono é Marcelo Teixeira, sobre como o torcedor de São Paulo se quisesse torcer por um time que jogasse perto deveria escolher o Corinthians.

As peças de pedido de *impeachment* também foram analisadas, constando que são dois processos independentes: (I) apontando fraude eleitoral por parte de Peres, uma vez que o presidente era membro de uma empresa ligada ao ramo esportivo, o que o estatuto do Santos não permite⁷⁵; (II) apontando infração por parte de José Carlos Peres

⁷⁴ Trecho do programa Esporte por Esporte de 28/08/2016 com a participação de Modesto Roma Júnior, ainda presidente do clube. GOMES, Armando. **Modesto Roma defende Santos como sede do Santos FC**. Youtube. Data: 28/08/2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=L9C_B_b4uNA. Visualizado em 01/11/2019.

⁷⁵ Como pode ser verificado na reportagem do Diário do Litoral de RATTON (2018).

ao não zelar pela imagem do clube ao declarar em uma entrevista que “o Estádio Urbano Caldeira foi construído como um puxadinho”.

Dessa maneira, acompanhar o processo de votação se justificava pela possibilidade de observar a paisagem, a movimentação dos grupos sociais e políticos envolvidos, além de ter facilitar entrevistas com atores reunidos em um mesmo local. Ademais, os elementos encontrados previamente apontavam que o fator decisivo desse processo se daria, para além das questões jurídicas, na aceitação da tese oposicionista segundo a qual Peres supostamente ansiava por poder retirar o Santos FC da Baixada Santista e transferi-lo à capital. Outro ponto importante foi acompanhar como a narrativa oposicionista pautou estratégias e mobilizou o grupo da situação e qual o conteúdo em defesa da gestão.

4.2.2 O esquema tático: como ler o teor simbólico da paisagem em campo?

O trabalho de campo teve como objetivo geral a observação da paisagem e analisar os teores simbólicos produzidos na mesma, através dos discursos proferidos pelos grupos de oposição e situação, durante a votação sobre o pedido de *impeachment* do presidente José Carlos Peres.

A metodologia utilizada foi baseada na forma empregada por James Duncan e Nancy Duncan (2004) para descrever como a paisagem é produzida por grupos hegemônicos dentro da cidade de Bedford, na Nova Inglaterra. Por conta disso, o trabalho de campo foi organizado de forma a entender quais os grupos que estavam presentes, em quais pontos estavam distribuídos, qual o nível de filiação ao clube (funcionários, empregados terceirizados, sócios, torcedores organizados, conselheiros), como estavam ocupados os bares da região e as ruas.

Para tal, restringiu-se o entorno do estádio às ruas mais próximas e a locais de estacionamento ou de costumeira reunião de torcedores – caso do estacionamento da Associação Atlética do Clube dos Portuários de Santos. O horário de realização das entrevistas e observações se deu entre 15h e 21h, horário de maiores tensões por estar entre a votação e a apuração dos resultados – o período ideal desenhado seria de início um pouco anterior, às 13h, porém o transporte rodoviário de passageiros atrasou a viagem.

Oito entrevistas foram realizadas em um universo composto por um policial militar, um membro da oposição, dois grupos de trabalhadoras terceirizadas, um

membro da diretoria do Santos FC, um motorista de ônibus contratado pela diretoria, um motorista de van contratado pela diretoria e com o responsável pelo estacionamento do Clube dos Portuários. A escolha das pessoas se deu conforme a importância no local (oposição e situação), além dos trabalhadores escolhidos devido a necessidade de entender a quem atendiam naquele contexto. Não foi utilizado gravador eletrônico, tendo os registros sendo feitos à mão após o aceite dos entrevistados.

Além das entrevistas, foi buscado verificar na paisagem elementos que pudessem remeter a um discurso, ou algo do gênero. Os elementos mais visíveis, além de camisetas e assessorios, foram as faixas postas na Rua Princesa Isabel, a rua principal de frente ao estádio e ao ginásio desportivo, local da votação. Por fim, também foram feitos trabalhos de observação em bares nas ruas conforme havia algum conteúdo de interesse à pesquisa – discussão entre funcionários, membros de determinado grupo se reunindo.

Na realidade, a territorialidade mais sensível, a que realmente organizou e deu suporte a ações de ambos os grupos, foi criada pelo discurso da oposição amarrando a identidade do clube ao pertencimento à cidade de Santos. Esse discurso parte de uma essencialização, nos termos de Tuan, do estádio da Vila Belmiro, construindo uma narrativa onde o clube só poderia alcançar resultados dentro dos limites de Santos. Uma narrativa pautada na legitimação através da tradição do clube, como a “casa do Rei Pelé”, o lugar “onde o Santos conquistou o mundo”.

As duas faixas que melhor expressavam a territorialidade da oposição o faziam de maneira explícita: ambas tinham em suas bases o desenho das muretas se estendendo horizontalmente de modo a serem facilmente reconhecidas com dizeres contra o presidente. Na primeira faixa se destacava a mensagem “Cidade x José Carlos Peres”, como forma a posicionar o presidente do clube como um inimigo dos interesses do cidadão santista. A segunda faixa, nos mesmos moldes da primeira, tinha como dizeres “José Carlos Peres devolva o título de cidadão santista”, também pondo o presidente como uma ameaça não só ao clube como a toda Santos.

As muretas foram discutidas no capítulo anterior como um dos símbolos na paisagem de Santos que, através do princípio da metonímia, representam a cidade. Portanto, quando o grupo da oposição se utiliza da mureta nas faixas, claramente é uma tentativa de legitimação discursiva da posição tomada por esse grupo visando mobilizar a identidade local. A mensagem é clara ao interlocutor: o presidente não atende aos

interesses da cidade de Santos e, por consequência, aos interesses do próprio Santos Futebol Clube. É notável que aos demais sócios, de outras partes do país, o símbolo pode ter passado quase despercebido, pois se trata de um elemento cujo conteúdo só é significativo ao morador da cidade. Assim, a mobilização desejada pela oposição era de colocar o presidente do Santos como alheio à sociedade santista, embora José Carlos Peres possua o título de cidadão honorário da cidade.

A escolha do lugar das faixas atendia ao ponto de encontro dos opositoristas: um bar na Rua Princesa Isabel, próximo à entrada do local de votação. Ali, mulheres, homens com as camisas escritas “eu voto sim por um Santos melhor” confraternizavam, conversavam. Havia alguns poucos membros da Torcida Jovem do Santos, principal organizada do clube, sendo que não havia nenhum membro de outra torcida organizada. A pessoa que me sugeriu a observação das faixas foi o senhor Odir Cunha, conselheiro e diretor do Santos Futebol Clube. À frente na Rua Princesa Isabel está localizada Confraria do Alemão, bar tradicional de frente a entrada principal do estádio. Seu dono, o Alemão, é reconhecido entre a torcida do Santos pelo fato de ter mais de oito símbolos do Santos tatuados entre membros superiores e a face do rosto. Na Confraria estavam os apoiadores de José Carlos Peres, estes sem nenhuma camisa que os diferenciasses dos santistas comuns – mais tarde o grupo de Odir Cunha se reuniu com os demais presentes para assistir à apuração dos votos.

A distribuição de apoiadores de ambos os grupos se dava por todo o entorno da Vila Belmiro, em especial na Rua Princesa Isabel. Como dito anteriormente, o grupo da oposição estava com camisas diferenciando-os dos demais, enquanto o grupo da situação, além de alguns conselheiros e membros da diretoria, claramente se resumia a seguranças contratados. Um dos membros da oposição foi perguntado sobre quais as motivações do grupo em propor o *impeachment* de Peres, respondendo este que não poderia falar naquele momento por conta de “muitos olhos e ouvidos presentes”. Com o tempo, foi possível notar que boa parte dos apoiadores da oposição também eram seguranças e a distribuição estava parelha aos seguranças da situação.

Além dos seguranças, o primeiro grupo de trabalhadoras avistado era composto por três moças com sacolas grandes. Não estavam identificadas como trabalhadoras, na verdade apenas trajavam vestes da oposição e, quando notavam alguém a favor do *impeachment* sorriam e ofereciam uma camisa, com opções variadas de tamanho, à pessoa. Assim que perguntadas quais pessoas poderiam receber uma camisa,

prontamente responderam que qualquer um poderia obter uma peça. Em sequência, perguntamos qual a motivação sobre o *impeachment*, coisa que responderam dizendo “moço, desculpa, somos contratadas e não podemos conversar muito”. Devido ao clima pesado, aos seguranças e até mesmo à inquietação das trabalhadoras, não realizamos outras perguntas.

Em uma praça próxima à Avenida Senador Pinheiro Machado, o Canal 1, foi conversado com um grupo de cinco policiais sobre possíveis incidentes durante o período da votação, o que foi prontamente negado. Sobre um efetivo maior, os policiais confirmaram, porém em termos de números sugeriram procurar a tenente responsável pelo policiamento, “a única de quepe com ponta amarela”. Em anotações próprias, foram contabilizados 12 policiais em pontos ao redor do estádio, como forma de inibir qualquer confronto direto entre os grupos.

Odir Cunha foi encontrado dentro da loja “Santos Store”, talvez o único ponto pacífico relacionado ao Santos durante aquele dia. Estava ali conversando com sócios de maneira amigável, provavelmente pessoas afinadas com a posição da diretoria. Torcedores compravam camisas, outros passeavam entre as gôndolas de produtos. Em rápida aceitação, Odir sentou-se e esperou a abertura do caderno e as perguntas. A pergunta inicial foi relacionada a questão da divisão entre torcedores da Baixada e torcedores da capital e se isso havia chegado de alguma forma ao processo do *impeachment*. Em linhas gerais, Odir Cunha nos deu boa parte dos subsídios ao entendimento sobre a posição dos apoiadores de José Carlos Peres. Sobre a questão territorial, ele declarou que:

Com certeza essa votação tem um caráter especial movimento por um sentimento territorial. Veja bem, o Santos é visto como o time da cidade por parte dos habitantes de Santos. A cidade tem um passado muito presente com Plínio, Pagú, as lutas contra a escravidão. Então... tem fundamento, uma cidade com uma alta qualidade de vida, tem uma importância grande no estado de São Paulo e para os habitantes daqui o Santos faz parte disso. (CUNHA, O. Entrevista concedida a Rodrigo A. Almeida. Santos, 2018)

Ao conselheiro e membro da diretoria, há “xenofobia contra os torcedores da capital”, além da necessidade dos grupos políticos da cidade de Santos fazerem isso de forma a manterem seu capital político intacto. Sua fala também foi em defesa da política de aproximação com São Paulo, assim como mandar o máximo de partidas possíveis no Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu. Podemos inferir a partir de sua fala que há por parte da diretoria realmente a intenção de diminuir a influência dos grupos políticos da Baixada Santista no clube, assim como uma tentativa de espraiamento de

políticas do clube, como a abertura do voto à distância, visando aumentar o número de eleitores. Não entendemos que seja algo realmente contra a cidade de Santos, porém uma estratégia distinta de manutenção no poder que visa o afastamento com o grupo de Marcelo Teixeira.

Além de Odir, foi difícil encontrar algum conselheiro opositor, pois poucos saíam do local de votação no qual só entravam sócios. Por conta disso, o trabalho rumou para entender qual a movimentação das organizadas em suas sedes – se estavam abertas, se participavam ativamente do processo. Obviamente, tanto a Sangue Jovem do Santos quanto a Torcida Jovem do Santos estavam com suas sedes abertas; no primeiro caso, a Sangue aproveitou a alta movimentação para promover seus produtos e organizar um pequeno samba na frente de sua sede na Rua Tiradentes, ao lado do estádio; no segundo caso, a Torcida Jovem não tinha grande movimentação, apenas alguns poucos membros ouvindo música e conversando tranquilamente. Isso condiz com o posicionamento de ambas ao não indicarem um lado a ser apoiado e deixarem seus membros livres para participarem da maneira que melhor lhes conviesse. Orlando Rollo, vice-presidente do Santos FC e um dos protagonistas na crise institucional do clube, foi membro da Torcida Jovem do Santos, além de ser ex-investigador da Polícia Civil e candidato a vereador pela cidade de Santos pelo PSDB - Partido da Social-Democracia Brasileira.

Aliás, o PSDB esteve representado por trabalhadoras distribuindo santinhos do candidato a deputado estadual Augusto Duarte, apontado como sócio do Santos e ligado à oposição. Segundo as trabalhadoras, elas eram contratadas por todo o período eleitoral para estarem em “todos os eventos importantes da cidade”. Foi possível notar que as trabalhadoras relacionadas ao candidato do PSDB somente conversavam com membros da oposição e estavam sendo coordenadas por um destes. Avistamos nos arredores do estádio também o presidente da Câmara de Vereadores de Cubatão, município vizinho a Santos, Fábio Alves Moreira do MDB.

Quase ao término do pleito, por volta das 16:30, em um bar na Rua Tiradentes nos deparamos com um conjunto de trabalhadores do Santos FC ligados à diretoria. Pelo número de garrafas de cerveja vazias na mesa, não estavam sóbrios e discutiam muito alto sobre o que ocorria nas dependências do estádio naquele dia. “Por mim, a gente demolia essa m...”, esbravejou um “se eles acham que essa porcaria aí é um estádio, eles estão enganados. Só demolir que acaba a farra deles”. Outro respondeu “vê

só o exemplo do [[Luiz Antônio]⁷⁶ Belluzzo: um dos melhores economistas do país, deixou um estádio perto do metrô. Agora o Palmeiras está como? Com um estádio novo, vende lugar pra caramba, tem show, tem tudo. Isso é presidência, isso é futuro. E o Santos tem o que? O Santos tem esse bando de provinciano”.

Alguns falavam impropérios aos representantes da oposição, ao estádio da Vila Belmiro e havia um tom de incredulidade na mesa em relação ao *impeachment*. A eles, a votação era um circo armado pela oposição, onde não acreditavam que o “presidente estava sendo acusado de não ser santista só por preferir jogar no Pacaembu por conta de uma renda e exposição” maiores. Portanto, o discurso da oposição de certa forma mobilizou os membros da diretoria fiéis a José Carlos Peres, pois resultou no posicionamento em um apoio à capital a ponto de falarem mal sobre o próprio estádio – coisa que em qualquer outro contexto seria impensável, especialmente tão próximo à Vila Belmiro.

Antes de acompanhar a apuração, resolvemos sair da zona próxima em busca de conversar com os motoristas dos ônibus e das vans a fim de saber quem eram os passageiros, assim como local de saída e de retorno. Por experiências anteriores, sabíamos que o maior estacionamento para esse tipo de veículo pertencia a Associação Atlética dos Portuários, conhecido como Clube dos Portuários, a alguns quarteirões do estádio. Nas ruas do entorno, perguntamos às pessoas se sabiam o que ocorria na Vila Belmiro. Muitas não souberam opinar, achando que era alguma partida ou festejo do clube.

Chegando ao estacionamento, verificamos que havia aproximadamente 20 carros estacionados, sendo que 2/3 possuíam placas de cidades da Baixada Santista e 1/3 se dividiam entre Região Metropolitana de São Paulo e interior, sendo ampla maioria da Grande São Paulo. Ali encontramos 2 ônibus e 3 vans, número abaixo do relatado por Odir Cunha, porém talvez menor por conta do horário. A primeira entrevista foi com o motorista de um dos ônibus, sendo perguntado a ele sobre a possibilidade do frete ter sido apenas aos sócios. Porém, sua resposta foi negativa, “pois o ônibus estava reservado para levar os seguranças de volta a São Paulo”. A pergunta seguinte foi em relação ao local sede da empresa de segurança, cuja resposta foi “eles são todos de São Paulo”. Dessa forma, parte significativa da segurança feita no pleito não foi realizada apenas por seguranças do clube ou por empresas contratadas fora da Baixada Santista.

⁷⁶ Grifo nosso.

Ao entrevistar os motoristas de van, outros dados importantes nos foram relatados: as vans serviam para levar o pessoal dos conselheiros ligados ao Peres, cujo ponto de encontro foi cedo na frente do Santos Business Center. Boa parte dos sócios que tinham saído em conjunto do Pacaembu já haviam retornado, restando poucos ônibus somente para o traslado de sócios, segundo os motoristas.

O que notamos ao entrevistarmos os motoristas foi uma estratégia da situação em vir em conjunto de São Paulo. O Santos Business Center serviu aos correligionários de José Carlos Peres como local de organização, sendo que para evitar qualquer tipo de dano ao pleito contratou-se uma empresa paulistana. Portanto, ao menos em termos organizacionais houve um afastamento da diretoria em relação à cidade de Santos, mostrando como um discurso criado por um grupo político logrou mobilizar diversos grupos de formas diferentes. Se o Conselho Deliberativo havia decidido que as urnas seriam postas apenas na cidade de Santos, diferentemente dos pleitos eletivos quando há urnas na sede da Federação Paulista de Futebol, a diretoria agiu para que os sócios e todo um grupo de assessores e seguranças reforçassem a manutenção de José Carlos Peres.

O início da apuração das urnas começou próximo das 19h com promessa de término antes das 22h mantendo a transmissão ao vivo da TV Santa Cecília com audiência cativa tanto na Confraria do Alemão quanto no bar onde os opositores estavam reunidos. De início, havia bastante movimentação de pessoas conversando com alguns grupos políticos vez ou outra conversando entre si. Em frente ao bar do Alemão há uma estátua de Zito, um dos maiores ídolos do Santos FC, circulada por bancos onde algumas pessoas conversavam. Entre elas, dois torcedores da Torcida Jovem do Santos moradores da Baixada Santista conversando entre si sobre o *impeachment*. Ao que estava sentado ao meu lado, o impeachment não era OK, pois quem havia pedido seria tão ruim quanto. Ao outro, mais afastado, “qualquer um que roubou ou errou devia perder o cargo”. Segundo esse torcedor, “o Rollo [vice-presidente] seria tão ruim quanto, porém tinha que ser dada a chance. O presidente não podia estar na empresa”. Esse argumento foi rebatido pelo meu vizinho de banco quando questionou se isso não era comum a todos os presidentes, se todos haviam de fato roubado e se o Peres nem roubado tinha.

Os detalhes da conversa então levam a uma discussão que nos remeteu muito ao processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff por conta do centro da

discussão ser algo relacionado ao verbo “roubar”. Até onde havia sido averiguado nos pedidos de *impeachment* não houve nenhuma lesão ao patrimônio financeiro do clube. Não há como não pensar que, em uma sociedade fragmentada pós-golpe em 2016, a narrativa contra a corrupção feita pela grande mídia e o apoio às ações do Poder Judiciário não tenham influência no pensamento desses torcedores e de parte daqueles que tinham ido às urnas votar durante o domingo.

Conforme as urnas foram sendo apuradas, a situação foi abrindo distância no número de votos em ambos os processos, o que resultou no esvaziamento do bar da oposição. Depois de 1h30min de apuração, só as faixas indicavam qualquer discurso contra o presidente. No mesmo momento, da Confraria do Alemão partiu uma comitiva ao estádio para esperar o fim da contagem e o arquivamento dos processos de *impeachment*.

4.2.3 – Desdobramentos e a aproximação simbólica da diretoria com a cidade

Após se ver livre dos pedidos de impedimento, José Carlos Peres finalmente teve a diretoria sob seu controle. Nesse processo, Orlando Rollo foi escanteado e pediu 10 meses de afastamento⁷⁷ de seu cargo. A derrota simbólica, que pegou a oposição de surpresa, deixou Peres livre para continuar os negócios do clube na capital⁷⁸, continuar as negociações para ser parceiro de uma pretensa administração privada do Pacaembu, assim como se reaproximar da cidade de Santos.

Das três ações, a análise mais cara a esse trabalho é a terceira, pois as ações da diretoria de José Carlos Peres foram ao intuito de atrelar o clube mais à cidade, agradando assim setores da oposição e aos torcedores locais do Santos FC. Essa reaproximação primeiramente se deu pelo baixo número de jogos cujo mando foi o estádio do Pacaembu em São Paulo, ação foi endossada à época pelo técnico Jorge Sampaoli (TRASKINI, 2019), especialmente com declarações do treinador dizendo que o estádio e a gente do Santos FC estão na Vila Belmiro e não na capital. Em segundo lugar, o Santos FC começou a partir de 2019 a criar camisas comemorativas ao aniversário da cidade em 26 de janeiro.

A homenagem, uma arte adesivada no centro da camisa de jogo, trazia alguns símbolos já discutidos no capítulo anterior: o navio simbolizando o porto, a escultura de

⁷⁷ Fonte: Portal Terra, 2019.

⁷⁸ Ações exemplificadas na negociação e assinatura do contrato com o técnico argentino Jorge Sampaoli no Santos Business Center na Avenida Pacaembu. Fonte: CARVALHO, 2018.

Tomie Ohtake no Quebra-Mar, os coqueiros simbolizando a praia, o Sol e, claro, a mureta estilizada no nome da cidade. Em 2020, a ação foi repetida por parte do clube com a troca de alguns elementos na arte central da camiseta como a saída dos coqueiros, da escultura e do navio e a troca pela estátua do Peixe centralizada com a mureta à direita e o Mercado do Peixe, localizado na Ponta da Praia, à esquerda. Na ação de 2020, foram feitos shows no gramado da Vila Belmiro no dia da partida entre Santos e Bragantino válida pela abertura do Campeonato Paulista assim como a entrega de uma camisa comemorativa ao prefeito Paulo Alexandre Barbosa. Nas palavras de José Carlos Peres, “o Santos Futebol Clube nasceu nesta cidade que sempre nos acolheu. Nada mais justo que prestar essa homenagem”⁷⁹. É notável que a fala do presidente teve como tom a conciliação com a cidade sem exaltar a cidade em primeiro plano, como Modesto Roma Júnior, assim como também não atrela o clube à cidade senão em seu nascimento e acolhimento. Por outro lado, a leitura possível desse evento todo é a junção da estreia do clube no primeiro compromisso oficial da temporada 2020 com o aniversário da cidade, algo não explorado durante as gestões anteriores. A intenção de integração é clara e serve ao propósito de mostrar que não há uma dicotomia entre Peres e a cidade, algo que agradou parte da oposição.

Por fim, as estratégias de oposição e situação jogaram com elementos de territorialidade no episódio do impedimento do presidente. A oposição apostou em atrelar Peres a um forasteiro, especialmente sabendo que não haveria urnas em São Paulo. Peres, por outro lado, em um primeiro momento se defendeu das acusações com um pé em elementos jurídicos e outro pé em possibilitar uma organização na capital de modo a evitar um planejamento mais próximo da oposição. Assim, ônibus, vans, seguranças e assessores se aglomeraram nos arredores do estádio do Pacaembu e do Santos Business Center de modo a fazer caravanas para a votação. O resultado avassalador a favor de Peres, mais de 2/3 dos votos, apontam que o santista observou mais os elementos de *impeachment* em detrimento à campanha da oposição que apostava no caráter identitário local. Por outro lado, a estratégia adotada pela oposição se justificava por conta da posição simbólica exercida pelo Santos FC na construção de identidade da população santista. Esse nosso argumento é corroborado por Peres, pois assim que as crises internas amenizam, a diretoria do Santos empreendeu a estratégia de aproximação com a cidade e seus elementos simbólicos mais importantes.

⁷⁹ Fonte: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTOS, 2020b.

Discutiremos no último tópico desse capítulo a face real da disputa política entre diretoria, oposição, Santos e São Paulo. Adiantamos que assim como toda a construção simbólica discutida até aqui, é necessário uma separação entre discurso e realidade. As ações dos dirigentes santistas, com relações entre si de longa data, não poderiam indicar em projetos tão distintos entre si.

4.3 –Dicotomia nos discursos, interesses iguais

As ações entre os dirigentes parecem apontar uma segregação sobre a visão de pertencimento do Santos FC à Baixada Santista e a necessidade de transferência à capital por questões financeiras. De um ponto meramente clubístico, parece nascer uma divisão política pautada em uma defesa de “modernização” do clube em contraposição a denúncia de descaso para com a cidade de Santos retirando-lhe um de seus principais símbolos.

Não se pode ignorar todo o contexto da globalização e sua intencionalidade cujo viés é totalizante, como diria Santos (2014). Por ser totalizante, não é possível pensar o futebol fora da tentativa incessante de novas formas de expandir o mercado em sua busca incessante pelos 3% de lucro composto (HARVEY, 2009) Na atualidade, o futebol se apresenta de diversas formas como *locus* da reprodução do capital: especulação imobiliária através da construção de arenas esportivas, vendas de direitos de transmissão, transferências dos direitos federativos de jogadores, patrocínios, dentre outros. Podemos então apontar que:

O futebol aparece, então, como uma potente forma de reprodução do capital em níveis inimagináveis. Momento em que a sociedade espetacular se aprimorou na captação de sentimentos e emoções provenientes dos jogos – em especial do futebol, por sua potência – para transformá-los em produtos consumíveis. O futebol é maquinaria do capital na sociedade espetacular. E se apresenta como um caminho de extrema importância para compreender como o espetáculo transforma emoção em mercadoria (GONÇALVES, 2016, p.47).

Um clube do porte do Santos FC, na primeira divisão do campeonato nacional, tem certa capacidade atrativa à reprodução de capital e as sucessivas diretorias do clube sabem disso. Na realidade, claramente os dirigentes santistas anseiam por isso: desde a gestão Marcelo Teixeira, todas as diretorias eleitas acenam com a possibilidade um no estádio ao Santos FC. Os lugares, os mais diversos nas regiões metropolitanas de São Paulo e da Baixada Santista: Diadema, São Paulo, Santos e até mesmo Praia Grande. As gestões de Modesto Roma Jr. e José Carlos Peres, até o momento da votação do

impeachment pareciam ir a direções e objetivos opostos: Modesto Roma Jr. apresentou seu projeto de uma nova arena em Santos, com base discursiva em sua defesa do clube como pertencente à cidade. José Carlos Peres, por outro lado, utilizou sua argumentação de “modernização” e aproximação com a capital para pôr o clube como participante de um consórcio visando a transferência da administração do Estádio Municipal Paulo de Machado de Carvalho, o Pacaembu em São Paulo, para a iniciativa privada.

O que se tem em comum em ambos os casos é uma diferença discursiva a um objetivo hegemônico comum. Esse objetivo hegemônico parte de um consenso forçado da necessidade de modernização dos estádios e o surgimento de novas arenas de futebol no Brasil. A imprensa esportiva, por exemplo, criou uma psicofera (SANTOS, 2014) positiva aos empreendimentos da Copa do Mundo de 2014 assim como os dados brutos das arenas e a necessidade incessante de competição financeira por parte dos clubes brasileiros faz coro a essa iniciativa. Assim, a briga dos torcedores se fecha em torno de onde será realizado o empreendimento e não em suas consequências sociais. Afinal, os preços de ingressos das arenas paulistanas são em média superiores aos preços oferecidos por estádios mais antigos como Vila Belmiro e Morumbi, o que ocasiona uma quebra da acessibilidade⁸⁰ da população mais pobre, tornando a ida ao estádio algo segmentado a quem possa pagar pelo “espetáculo”.

Além da questão da acessibilidade reduzida, os estádios atendem aos interesses do capital financeiro através dos grupos imobiliários. Gonçalves (2016) apresenta uma série de despejos ocorridos em locais tanto de construção de novas arenas quanto em outros de apenas reformas estruturais visando a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Em sua tese, o autor descreve como as grandes empreiteiras como OAS, Camargo Correa, Odebrecht, Queiroz Galvão estavam entre as consorciadas para a construção e administração *a posteriori* dos estádios⁸¹ contando com a compra de terrenos ao redor das arenas para construção e especulação, além de obras de outros equipamentos públicos, como re-estruturação viária, faculdades, calçadas e passarelas.

⁸⁰ Acessibilidade como pensada por David Harvey em *Spacial Justice and the City* (1973), ou seja, a acessibilidade discutida para além da questão arquitetônica, porém com os custos econômicos, sociais e psicológicos que levam a pessoa a se deslocar ou não até determinado local.

⁸¹ São esses: Arena Corinthians (São Paulo), Arena Castelão (Fortaleza), Arena Fonte Nova (Bahia), Estádio do Mineirão (Minas Gerais), Estádio do Maracanã (Rio de Janeiro), Arena do Pantanal (Mato Grosso), Arena da Floresta (Manaus), Arena Pernambuco (São Lourenço da Mata), Arena das Dunas (Natal), Estádio Mané Garrincha (Brasília) e Arena da Baixada (Curitiba).

Observando as principais construções de arenas, tanto públicas quanto particulares, o modelo de negócio invariavelmente envolve a construção ou remodelação com a administração parcial ou total sendo da construtora. Esse é o modelo de negócio da Allianz Parque (São Paulo), Arena Grêmio (Porto Alegre) e a remodelação do Estádio Moisés Lucarelli (Campinas). Assim, não é surpreendente que as gestões de Modesto Roma Jr. e José Carlos Peres tenham tentado, cada qual a sua maneira, tentaram negociar uma alternativa de uma arena. Enquanto isso, tanto os cartazes postos na Vila Belmiro durante o *impeachment*, quanto movimentos como “Vem pra Sampa, Peixão”, refletem de alguma forma como os torcedores entraram na dicotomia entre Baixada ou Litoral.

Sobre essa aparente dicotomia, as discussões em redes sociais dão o panorama da influência no pensamento do torcedor. No dia 2 de abril de 2017, em partida válida pelas quartas-de-final do Campeonato Paulista de 2017, Santos e Ponte Preta se enfrentaram no Estádio do Pacaembu, em São Paulo. Antes mesmo da eliminação, já era possível ver torcedores do clube ironizando a escolha do local para o certame na postagem do clube na rede social supracitada. Seguem algumas falas: “agora senta e chora! Na Vila seria fácil, já no Pacaembu... eliminado” (PASQUERELLI, 2017)⁸². “Se fosse na Vila com certeza não encontraríamos dificuldades. Vai Venu (sic)” (LIMA, 2017). “Cuidado com o gramado pois podemos perder para os buracos, sendo que o gramado da Vila está um tapete (...) uma descisao(sic) dessa tinha que ser na Vila pois é onde eles gostam de jogar em casa” (GOMEZ, 2017). “Comprar ingresso pra que pra passar vergonha. Se ainda fosse em Santos talvez.Quem sabe esse timinho mostraria Boa vontade em jogar.Mas fora de casa fazem nada não é só vergonha pura” (MERCUSO, 2017).

A postagem do Santos FC no dia da partida, 7 de abril de 2017, apresenta um número maior de torcedores defendendo a mudança do clube de Santos para São Paulo, como é possível perceber a seguir: “agora o Presidente já sabe , se for para construir uma arena aonde tem que construir” (LEDGER, 2017); “segunda casa [porque] não temos ninguém que pensa grande se não seria à primeira” (COELHO, 2017); “#SantosNaCapital #PacaembuJá” (GOUVEIA, 2017).

⁸² Todos os comentários foram retirados das postagens do Santos FC no Facebook. Para mais informações, consultar a sessão de postagens nas Referências Bibliográficas.

Em 2018, em partida válida pelo Campeonato Paulista no dia 30 de março, o Santos recebeu o Corinthians em São Paulo. Foi o primeiro clássico da presidência da José Carlos Peres a ser disputado fora da Vila Belmiro. Além disso, o Corinthians até 2013 costumava jogar como mandante no Pacaembu e isso foi matéria de discussão entre os torcedores. Houve os que louvaram a capacidade do clube e o número total de torcedores que o estádio abriga, assim como outros que sentiam que, por ser no antigo palco corintiano, o Santos iria perder: “contra o Corinthians, o jogo jamais seria no Pacaembu, e sim na Vila Belmiro, diretoria incompetente, vamos perder esse jogo” (GABRIELLI, 2018); “39.000 pessoas, Renato já sai no banco. Rodrygo titular.. só não pode colocar o Copete. Vamos apoiar do começo ao fim” (CARVALHO, 2018).

Recentemente, o Santos enfrentou o Palmeiras pela primeira fase do Campeonato Paulista de 2020, novamente no Estádio do Pacaembu. Novamente, a dualidade “capital – Baixada” foi evidenciada nas postagens do clube no dia 29 de fevereiro de 2020: “20.000 pessoas no estádio é assim q vcs querem ve o Santos jogar em São Paulo” (DAN, 2020). Assim como:

Já passou da hora do mítico Santos FC ter uma arena ou estádio novo, moderno e para 60, 70 ou 80 mil torcedores em São Paulo que é a maior e mais rica cidade da América Latina e onde está a sua maior torcida. O Flamengo desde sempre vendeu sua imagem para o Mundo de um clube grande e de um Maracanã, estádio esse mais famoso do mundo, sempre lotado com 60 ou 70 mil torcedores. O Boca Juniors e o River Plate sempre venderam suas imagens de Estádios Grandes e cheios, principalmente La Bombonera. Com todo o respeito a Vila Belmiro, mas já não dá mais. Parem de defender esse estádio, se realmente amam o mítico Santos FC deixem que tirem as correntes que o tem amarrado em Santos e em um estádio pequeno, ultrapassado e que sempre tem 3 Mil pessoas e ainda por cima longe de sua maior torcida. O Boca Juniors está planejando construir uma nova Bombonera que se chamará "La Super Bombonera 360" para 90 mil torcedores, simplesmente porque os torcedores estão exigindo, repito, os torcedores estão exigindo um estádio maior para poder entrar mais sócios e torcedores comuns. O River Plate também está planejando remodelar o seu estádio "Monumental" de 90 mil lugares para deixar as arquibancadas perto do gramado porque o estádio é defasado e ultrapassado como o morumbi. Pensem grande galera. (RODRIGUES, J, 2018, Facebook: Santos Futebol Clube)

Obviamente, as reclamações sobre o palco da partida dependem muito do resultado final, o que ocorreu, por exemplo, na eliminação de 2017 do clube frente à Ponte Preta, quando os torcedores aproveitaram a postagem pós-jogo do clube para criticarem a escolha do Estádio do Pacaembu. Quando observado o comportamento e as postagens do torcedor santista em dias de jogos importantes na Vila Belmiro, é notável

o mesmo tipo de dicotomia por parte de alguns torcedores, como nas postagens do clássico contra o São Paulo FC em 15 de agosto de 2017 pelo Campeonato Paulista: “7 mil pessoas hoje. Diretoria arcaica e provinciana. Marketing fajuto” (FONTOURA, 2017); “pessoal dá baixada pelo amor de Deus vamos lotar essa vila(sic) Belmiro hoje, fui nos dois jogos na capital esse ano e a torcida representou , chega de 5 mil , 6 mil pessoas” (AUGUSTO, 2017).

Nesse quesito de fracionamento da torcida por conta do local de mando das partidas, havia um grupo cujo interesse era claro de levar o Santos ao Pacaembu. Em partidas realizadas durante o ano de 2017 contra o São Paulo FC, foi possível ver faixas pedindo mais jogos do clube no estádio. Dentro desse grupo de torcedores a favor da mudança da sede do clube está o “Vem Pra Sampa Peixão”, cuja maior atuação era no meio digital. Todas as postagens do grupo exaltam o Pacaembu com sua capacidade máxima de 40 mil torcedores, pondo como um trunfo do estádio sua capacidade e os títulos conquistados pelo Santos no estádio. As postagens eram mais intensas entre 2018, quando foi fundada, e 2019, porém mesmo hoje está ativa com um número médio baixo de curtidas.

A última postagem da página “Vem Pra Sampa Peixão”, inclusive, é um manifesto para as eleições de 2020 chamado “Movimento de Santistas” nos quais antigos candidatos e rivais políticos como Marcelo Teixeira, Milton Teixeira Filho, Nabil Khaznadar e Andrés Rueda pedem união em prol do clube após o afastamento em definitivo de José Carlos Peres da presidência do clube⁸³:

Importante frisar que não existe contrapartida pelo apoio ou adesão. Chega de aventureiros. O que se busca são gestores preparados para administrar o clube e que estejam prontos para isso, sem interesses pessoais. Inicialmente assinam o Movimento de Santistas Andrés Rueda, Celso Jatene, Eduardo Vassimon, José Berenguer, José Renato Quaresma, Marcelo Teixeira, Marcelo Teixeira Filho, Nabil Khaznadar e Walter Schalka. Outros santistas são bem-vindos para colaborar para a transformação do Clube. Importante frisar que não existe contrapartida pelo apoio ou adesão. Muitos falarão das divergências entre esses membros. Existem de fato! Cada um tem seu estilo, estiveram em campos políticos distintos, mas todos agora estão abrindo mão dessas diferenças para colocar o Santos acima de tudo e provocar uma aglutinação em torno de ideias fundamentais, que possam fazer essa transformação acontecer.

É observada no trecho acima uma suposta união entre santistas defensores do clube da capital e da Baixada Santista em um sentido único de gestão de clube. Para além do manifesto e da repentina resolução das disputas entre locais, podemos afirmar

⁸³ Atualmente, Andrés Rueda e Milton Teixeira Filho lançaram suas candidaturas à presidência do clube.

que é assim que se apresenta no real a questão do pertencimento do clube a um lugar ou a outro, pois o predomínio é dos interesses imobiliários aliados a possíveis vantagens aos mandatários do clube ora promovendo partidas na capital, ora na Baixada Santista. O projeto em comum, fomentado pelo mercado imobiliário, é a construção de uma arena, sendo o lugar apenas uma formalidade circunstancial, afinal Marcelo Teixeira mesmo cogitara Diadema-SP às margens da Rodovia dos Imigrantes. Pensando em forma e conteúdo (ENGELS *et al*, 2017), é entendível que os discursos se inserem dentro da forma, cada qual com seus símbolos evocados, seus discursos territorializados conforme os interesses puramente mercadológicos. Portanto, o conteúdo é a arenização em seu sentido mais estrito, com a modificação do espaço do torcedor ao espaço de um consumidor (MASCARENHAS, 2014) com o clube refém das vontades da administradora do estádio e todos os espaços tendendo ao consumo ao invés da socialização, da festa (LEFEBVRE, 2016).

Assim, não é estranho que antes de sua deposição final, ocorrida no mês de outubro de 2020, José Carlos Peres tenha conseguido um contrato com a construtora WTorre visando a construção de um novo estádio no mesmo terreno onde se encontra atualmente a Vila Belmiro. Segundo o mandatário, em um dos seus últimos dias a frente do clube:

O novo projeto foi desenvolvido em parceria com a WTorre, com a finalidade de agregar características únicas e muito valorizadas pelo mercado de investidores, que atenderá ainda mais as expectativas do torcedor santista, sendo estes fatores decisivos para sua escolha. O arquiteto responsável pela sua elaboração é um dos mais renomados da América Latina, com grande expertise em estádios e arenas multi-eventos, gozando de total confiança e credibilidade no mercado – disse Peres. (GIUFRIDA, 2020. Disponível *in* <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/noticias-santos-entrevista-ceo-arena-santos-video.ghtml>, acesso em 10/10/2020.

Nesse trecho ficam evidentes as preocupações de Peres com o mercado financeiro: “características valorizadas pelo mercado de investidores” e “confiança e credibilidade do mercado”. Há também uma sinalização às necessidades do torcedor, porém não há demarcação ou qualquer pesquisa entre os torcedores sobre quais seriam essas necessidades. O que se tem no vídeo de apresentação do projeto é um estádio para 25 mil lugares⁸⁴ com espaço para 80 lojas, 900 vagas de estacionamento, áreas privativas e a transformação da Vila Belmiro em *locus* de *shows*. Pensando no estádio como elemento simbólico da cidade e de sua comunidade urbana (BALE, 2000), a

⁸⁴ 9 mil lugares a mais que a Vila Belmiro atual.

reforma da Vila Belmiro poderia ser debatida entre diversos agentes interessados: moradores, torcedores comuns, sócios, torcedores organizados, agentes municipais. Porém, não foi o que ocorreu, sendo que o próprio projeto enxerga apenas os pontos fundamentais ao mercado, inclusive ao dizer que o projeto é um “vetor de renovação”⁸⁵ na região.

Portanto, subitamente a dicotomia Baixada Santista e São Paulo foi resolvida entre os dirigentes, especialmente com a aprovação por parte do Conselho Deliberativo do projeto de construção da arena. Esse evento é importante, pois mostra como os dirigentes santistas criaram narrativas que, assim que não lhes interessam mais, são totalmente desfeitas. Os torcedores não conseguem se desvencilhar dessas armadilhas discursivas, assim como no geral a narrativa identitária de cidade se fortalece, inclusive com artistas de fora reproduzindo a mesma lógica. Com isso, é possível afirmar que boa parte daquilo que se produz sobre o conteúdo simbólico do clube, mesmo quando realizado por outros fora do grupo da elite econômica local, reafirma os mesmos padrões e narrativas que interessa diretamente a esse grupo. As contradições e as contra-narrativas acabam sendo residuais, pondo o clube como um símbolo identitário da cidade nos moldes pensados pela burguesia: fruto de um passado romantizado da cidade, detentor de uma tradição e, de certa forma, mantenedor da boa imagem de parte da elite santista para com o povo da própria cidade.

4.4 – A privatização da administração do Estádio do Pacaembu

O caso da concessão do Estádio do Pacaembu a administração privada mostra como dependendo dos interesses do mercado imobiliário, não há qualquer defesa da real função social de um equipamento público. O consórcio Allegra Pacaembu é composto pelas empresas Progen - Projetos Gerenciamento e Engenharia S.A. com o Savona Fundo de Investimento em Participações tendo vencido a concorrência sem um projeto completo ao que será construído e modificado no estádio, assim como com o valor de 111 milhões para operar no estádio pelos próximos 35 anos.

Segundo Vecchioli (2019) em reportagem no blog “Olhar Olímpico” do portal UOL, a Allegra foi fundada em 2018 com o nome de Aderlan Participações contando com 2 acionistas: LB1 Participações e LB2 Participações, com 1,2 mil reais de capital.

⁸⁵ Renovações urbanas, nesse sentido, tendem a satisfazer a vontade do mercado imobiliário, geralmente provocando a gentrificação da área “renovada”.

A frente, a empresa passou a ter como acionista a Savona e o nome mudou para Mantová Participações. Com a entrada da Progen no grupo, o presidente dessa empresa, Eduardo Barella, tornou-se também presidente do Consórcio Allegra Pacaembu S/A. A Savona é de propriedade de David João Abdala Júnior, que segundo o *blog* possui apenas capital declarado de 1,08 milhão. A Allegra para realizar o pagamento à vista ao município de São Paulo precisou recorrer ao banco “BTG Pactual” para um empréstimo no valor de 46,6 milhões de reais com as garantias de bens da Progen, da Savona, de uma incorporadora de Alfenas-MG chamada Freitas Neto Incorporadora e de seu proprietário, Frederico Augusto de Freitas Neto. Vecchioli aponta que Frederico Augusto de Freitas Neto, através de outra empresa sua, a “DMLD Montagem de Stands”, doou 261 mil reais ao camarote da Prefeitura de São Paulo ao carnaval de 2017, uma das primeiras doações da gestão de João Dória Jr. (PSDB).

Além disso, pensando no conceito de redes sociais (BERTONCELO *et al*,2015), é possível entender como os interesses de classe se fazem presentes na privatização da administração do estádio. Vecchioli (2019) aponta que Rafael Carneiro Bastos Carvalho é diretor da Progen, casado com Claudia Kassab e dono da “RCL2 Corretora de Seguros, Consultoria e Participações”, tendo essa empresa passado por muitas mãos, inclusive Eduardo Barella e Eduardo Ferranty Mac Lennan, além de funcionar no primeiro endereço da Allegra Pacaembu em Taubaté-SP. Mac Lennan foi quem vendeu as ações da RCL2 ao casal Bastos. Claudia Kassab é sócia da Yape Transportes, Comércio e Participação, cujo sócio majoritário, segundo Vecchioli, é o ex-prefeito e primeiro Secretário da Casa Civil de João Dória Jr., Gilberto Kassab – PSD. Kassab havia anteriormente sido ministro das cidades no Gov. Dilma Rousseff (2015-2016) e ficou no cargo de secretário de João Dória por apenas 3 dias. É necessário frisar que estava no plano de governo de João Dória Jr. a privatização do estádio em sua propaganda de campanha.

Pensando na questão da arenização, o Pacaembu além de ter sua estrutura modificada para ser rentável a empresas que pagaram pela exclusividade de venda de produtos alimentícios, como Cinemark, Patroni e Bob’s, ainda vai ter retirada parte de sua capacidade de público a um prédio de 5 andares cuja finalidade não foi debatida com a cidade e tampouco consta no projeto apresentado quais suas especificidades. Segundo o sítio *online* da própria Progen:

O novo edifício terá um programa amplo contendo: cafés, restaurantes, lojas, escritórios, espaços multifuncionais e o centro de convenções e eventos, construído no subsolo junto ao novo estacionamento. O térreo será permeável, com suas áreas cobertas interligadas a uma esplanada, ao ar livre, com vista para o gramado e ao boulevard que será criado no local onde hoje fica o estacionamento do clube esportivo. Fechando o programa haverá uma praça pública elevada, que irá conectar às ruas Desembargador Paulo Passaláqua e Itápolis.

Claramente, como mostra reportagem da IstoÉ (2020) e como apontado por Vecchioli (2019), a principal preocupação do consórcio é “fazer o estádio dar lucro”. O discurso de modernização, de adequação a novos padrões e até mesmo de melhoria da estrutura, quando feitos pela Prefeitura de São Paulo, nada mais é que acobertador das reais intencionalidades em relação àquele objeto. O complexo do Pacaembu oferece atividades físicas gratuitas ao morador de São Paulo e tem equipamentos complexos como piscinas, quadras de tênis e um ginásio poliesportivo. Além disso, é um lugar simbólico para toda a cidade de São Paulo, uma vez que reúne memórias afetivas e experiências de torcedores de inúmeros clubes de futebol, assim como a população em geral em eventos musicais, cívicos e históricos, como os discursos presidenciais de Getúlio Vargas (1930-1945/1951-1954) e o anúncio do assassinato de Carlos Marighella (AGOSTINO, 2012), ocorridos no estádio desde sua fundação. Assim, o poder público junto aos interesses do mercado financeiro são os responsáveis pela perda de um equipamento com uso público, acabando a festa – afinal, o Santos FC reformando a Vila Belmiro para quase a mesma capacidade do Pacaembu, o Corinthians, São Paulo e Palmeiras tendo arenas próprias inviabilizam o uso do estádio municipal.

Isso vai além da captura das festas populares e a transformação das mesmas em festas mercadorias, como aponta Serpa (2017) sobre festas populares em Salvador-BA. É a substituição da espetacularização da partida de futebol, dos ganhos através das cotas de televisão e bilhetagem por outra forma de lucro: a especulação imobiliária e a valorização das empresas envolvidas no consórcio. A intencionalidade não é melhorar o uso do equipamento público aos seus cidadãos⁸⁶ senão gerar lucro aos seus acionistas dentro de uma lógica que Mascarenhas (2014) aponta o nascimento nas modificações dos estádios ingleses no início dos anos 1990. A arenização é um fruto da financeirização, cujas intencionalidades são a absorção e a capitalização de todos os

⁸⁶ O livro “O espaço do cidadão” de Milton Santos apresenta como a palavra “usuário” submete o cidadão, dono em coletivo de um determinado bem público, a função de um mero cliente ou consumidor.

serviços públicos de modo a tornar rentável aquilo que é indispensável à população (HARVEY, 2009). Chesnais (2005) diz que para tal façanha dos mercados, é necessário o aumento da repressão e a demolição das liberdades democráticas. Pensando nos casos do Pacaembu e da Vila Belmiro, é interessante notar como o policiamento ostensivo aumentou, assim como a discussão sobre equipamentos de interesse públicos é suplantada por narrativas de modernização ou até mesmo de identidade para levar a cabo projetos que visem a exclusão social, a perda da festa no sentido lefebvriano e a adequação dos espaços ao menor movimento possível, com câmeras, vigilância e a sinalização dessa vigilância como forma de reforçá-la formando assim aquilo que se apresenta como corpos dóceis (FOUCAULT, 2010).

Figura 58. SANTOS – Projeto de renovação da Vila Belmiro

Arte pertencente ao projeto de reconstrução do estádio da Vila Belmiro. A fachada do novo estádio é posta em uma foto aérea noturna da cidade privilegiando a vista da Rua Princesa Isabel e a Rua José de Alencar ao lado. Fonte: Reprodução/Gazeta Press

Figura 59. SANTOS – Fachada da Rua Princesa Isabel do projeto de reconstrução da Vila Belmiro

Fonte: Reprodução/Globoesporte.com

Figura 60. SANTOS – Dia da votação do impeachment: fachada da Rua Princesa Isabel

Reunião de sócios durante a votação do *impeachment* José Carlos Peres em 2018. Foto: ALMEIDA, R.,2018.

Figura 61. SANTOS – Faixa da oposição (1)

Faixa da oposição opondo a cidade e suas muretas a José Carlos Peres em frente ao Bar da Social. Foto: ALMEIDA,R.,2018.

Figura 62. SANTOS – Faixa da oposição (2)

Mesma intencionalidade da faixa anterior, porém pedindo a saída do presidente do clube, da cidade e a revogação de seu título de cidadão santista. Foto: ALMEIDA,R.,2018.

Figura 63. SANTOS – Torcedores da oposição concentrados no Bar da Social durante a apuração do impeachment.

Foto: ALMEIDA,R.,2018.

Figura 64. SANTOS – Torcedores da situação concentrados na Confraria do Alemão durante a apuração do impeachment.

Didi, cabeleireiro do Pelé, acompanha o movimento calmamente enquanto membros da oposição se aglomeram durante o início da apuração. Foto: ALMEIDA,R.,2018.

Figura 65. SANTOS – Seguranças do clube e da oposição na Rua Princesa Isabel durante a primeira assembléia de impedimento de José Carlos Peres

Seguranças contratados pela situação (preto) e pela oposição (branco) dividem espaço na mesma calçada durante a votação do *impeachment*. Foto: ALMEIDA,R., 2018.

Figura 66. SANTOS – “Santinho” do candidato a deputado estadual Augusto Duarte (PSDB)

Santinho recolhido durante a votação do *impeachment* do candidato Augusto Duarte. As trabalhadoras faziam parte do mesmo grupo que distribuía camisetas da oposição. Foto: ALMEIDA, R.,2018

Figura 67. SÃO PAULO – Bandeiras de torcedores da Zona Sul durante aniversário do clube no Estádio do Pacaembu

Alguns torcedores e faixas durante o aniversário do clube no Estádio do Pacaembu. Foto: ALMEIDA, R.,2019.

Figura 68. SÃO PAULO – Placa em homenagem a todos os gols marcados por Pelé no estádio

Foto: ALMEIDA, R.,2019.

Figura 69. SÃO PAULO – Exposição da Embaixada do Santos na capital e da ASSOPHIS

Exposição de camisetas da ASSOPHIS durante o aniversário do clube. Foto: ALMEIDA,R., 2019.

Figura 70. SÃO PAULO – Única propaganda de clube em frente ao estádio do Pacaembu

Propaganda do Santos FC e de sua fornecedora de materiais esportivos, Umbro, única comunicação de algum clube em frente ao Pacaembu. Fonte: ALMEIDA,R.,2019.

Figura 71. SÃO PAULO – Bandeira da Torcida Jovem do Santos no Estádio do Pacaembu

Bandeira da Torcida Jovem com Netuno ao fundo e os dizeres “realidade que incomoda” e “com o Santos onde e como ele estiver”. O segundo dizer, lema da torcida, também está nos versos de Mano Brown em Umbabaraúma de Jorge Ben. Foto: ALMEIDA, 2019.

Figura 72. SÃO PAULO – Fachada do Estádio do Pacaembu

Torcedores e ambulantes se misturam na Praça Charles Miller, antes da demarcação da área como restrita apenas a torcedores. Os comeres e bebidas dos torcedores são todos provenientes desses vendedores, que utilizam os jogos esporádicos como forma de garantir alguma renda. A aglomeração de torcedores pode começar horas antes e terminar apenas horas depois de uma partida no estádio. Foto: ALMEIDA,R.,2019.

Figura 73. SÃO PAULO – Faixas de torcedores no Estádio do Pacaembu

Faixas de torcedores, daquelas que não adentram ao estádio por não terem autorização da Federação Paulista de Futebol, expostas antes de uma partida do Santos FC no Pacaembu. A

figura de Pelé aparece em duas faixas, uma em cada canto da exposição. Foto: ALMEIDA,R. 2019.

Figura 74. SÃO PAULO – Estação Santos-Imigrantes da Linha 2-Verde do Metrô

Escultura de uma esfera metálica, representando uma bola de futebol na plataforma da estação. Fonte GARROT, M./Pinterest, 2009.

Figura 75. SÃO PAULO – Busto Pelé – Estádio Conde Rodolfo Crespi (Rua Javari)

Foto: Brasil Online/UOL,2016.

Figura 76. SÃO PAULO – Desfile da Torcida Jovem do Santos no Anhembi

Carro abre-alas e comissão de frente da Torcida Jovem do Santos desfilando pelo Grupo de Acesso 2 pela Liga de Escolas de Samba de São Paulo. Foto: DIAS,R./SASP,2019.

Figura 77. SÃO PAULO – Quadra da Torcida Jovem do Santos

Área interna da quadra da Torcida Jovem durante partida no exterior. Foto: OLIVEIRA,D./Youtube,2011.

Figura 78. SÃO PAULO – Prefeito de São Paulo, Bruno Covas e membro da Embaixada do Santos FC em São Paulo e atual candidato a presidente do clube, Ricardo Agostinho.

Aparição do prefeito durante as comemorações do aniversário do clube. Fonte: ASSOPHIS/Facebook, 2019⁸⁷.

Figura 79. SÃO PAULO – Santos Business Center

Foto: Reprodução/SANTOS FC, 2018.

⁸⁷ Corte do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de investigação sobre a construção simbólica na paisagem santista não seria possível sem discutir a formação socioespacial da cidade, o estado da arte municipal em dados socioeconômicos, as territorialidades exercidas pela classe dominante santista, os elementos da financeirização econômica brasileira, as abordagens sobre lugar e paisagem. A temática do futebol não eclipsou a centralidade do debate geográfico, em especial porque sua metodologia e objeto assim demandaram.

Milton Santos em “A Natureza do Espaço” disse que o objeto da Geografia não está completo ou encerrado em um conjunto de temas, especialmente levando em consideração o espaço como totalidade. Essa totalidade abrange searas outras cruzando a fronteira do debate econômico e político, sem perder o materialismo histórico como horizonte. A materialidade vem na elucidação do processo histórico observando as questões de classe, partindo do pressuposto da cultura e seus elementos como construções sociais. Assim, embora a paisagem seja o conceito central, a discussão não se encerra em uma análise subjetiva ou perdendo de vista o espaço geográfico.

O trabalho apontou como o papel simbólico exercido por um clube de futebol em sua comunidade urbana só tem sua complexidade revelada ao abordar as questões socioespaciais locais. Não se trata de um abandono ao encantamento do mundo, da paixão ou daquilo que nos põe em suspenso dos problemas cotidianos por um período tempo. O que mais moveria um pesquisador senão sua paixão por determinada discussão metodológica ou temática? No entanto, a paixão é dosada de modo a possibilitar observar como ações e intencionalidades objetivas de quem detém os meios de produção simbólicos dentro de algo capaz de mobilizar tantos sentimentos quanto uma partida de futebol e seus clubes.

A temática de pensar na questão das paisagens e territorialidades nos entornos de um estádio de futebol nos levou a uma frutífera investigação sobre questões políticas e econômicas da cidade de Santos, sua ideologia hegemônica, a ocupação e uso do solo urbano e seus índices sociais acima de sua região ou mesmo da capital. A temática sobre

as relações entre indivíduos e a produção simbólica no entorno da Vila Belmiro resultou por elucidar muito daquilo que a classe dominante santista narra sobre si e sobre sua própria cidade. Quando o Santos FC joga em qualquer lugar do Brasil, sua elite econômica deseja que esse seja o time que represente as glórias de uma centralidade no período do Ciclo Econômico do Café, do Maior Porto da América Latina, assim como a cidade de personalidades históricas pertencentes ao seu meio como José Bonifácio. Esse projeto narrativo visa o apagamento e o esquecimento da Santos como “moscouzinha brasileira” durante as décadas de 1920, 1930 e 1940; dos quilombolas do Jabaquara e do atual bairro da Encruzilhada; dos estivadores do porto, dos imigrantes chegados à cidade durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 moradores dos morros e da Zona Noroeste. Entendemos que a visão construída por sua elite em nada se assenta na realidade material de Santos, tendo no máximo uma base narrativa construída em uma romantização do passado e em uma essencialização do Santos FC.

De modo a entender essas contra-narrativas, outra pesquisa seria necessária para entender os locais onde resistem essas memórias culturais e urbanas na cidade de Santos. Uma possibilidade, para além de museus e órgãos institucionais, seria uma aproximação com as escolas de samba da cidade, com os terreiros, com partidos de esquerda tradicionais e sindicatos ligados aos trabalhadores do porto. Em outras territorialidades talvez a construção da narrativa e até mesmo uma produção outra da paisagem são possíveis de serem estudados, apontando outros conjuntos simbólicos de grande interesse ao debate sobre a cidade. Nesse trabalho, esse limite não foi ultrapassado devido ao intuito de elucidar qual a mobilização da paisagem a qual o Santos FC está inserido.

Assim, novas temáticas e novos objetos por parte da Geografia possibilitam o entendimento para além das estruturas materiais. Não se trata de um abandono aos trabalhos desenvolvidos sobre temáticas caras à disciplina, porém mais elementos a serem discutidos e com potencial de agregar a essas outras discussões em seu conteúdo crítico.

É necessário também valorizar a formação socioespacial como forma de investigar um lugar. Uma vez que Engels e Marx, em “A Ideologia Alemã”, apontam que há a necessidade de elucidar os processos históricos de forma a entender a realidade, até em contraposição ao idealismo dos neohegelianos, o modo de se fazer isso

sob o viés geográfico passa pelo entendimento sobre o processo de ocupação e apropriação daquele lugar pelos grupos que ali o dominam. Em um primeiro olhar, a realidade, se apresentava com sua paisagem naturalizada, símbolos construídos apenas de modo a identificar personagens importantes e elementos culturais válidos àquela sociedade. Através da investigação, houve o reconhecimento sobre os personagens que produziram essa paisagem e assim se tornou inevitável a análise do processo histórico dessa produção, assim como compreender sobre os elementos históricos e espaciais mobilizados por essa produção simbólica na cidade. Portanto, a formação socioespacial estruturou a maneira de analisar o processo histórico sem a perda do óculo geográfico sobre o objeto.

A partir da formação socioespacial, houve o esclarecimento sobre Santos como uma cidade que romantiza, sempre que possível, os tempos da Velha República e uma centralidade econômica já não mais existente. Assim como, há entre os moradores uma identidade construída para com sua cidade, dotando assim a caracterização de “santista” uma separação objetiva a caracterização de ser “paulista”, posto como o indivíduo proveniente da capital. Elucidou-se também a formação do Santos FC por membros da elite santista como uma forma de ritualizar os atritos políticos e econômicos com a elite paulistana, especialmente em uma época onde essa elite disputava campeonatos através de clubes como o São Paulo Athletic, o Paulistano, o Mackenzie e a Associação Atlética das Palmeiras. O clube era mais uma forma de demarcar o poderio e a influência da classe dominante local através dos certames quase exclusivos da elite paulistana. Aliás, uma distinção observada entre intencionalidades da elite santista em relação à paulistana foi a integração da cidade em torno de um único clube, ao contrário de São Paulo onde os clubes populares tiveram fundações à parte e não havia nenhum estímulo a formação de um caráter produtor de uma identidade única na capital.

Claramente, há inúmeras apropriações simbólicas sobre o Santos FC, inclusive dentro da própria torcida, porém em termos institucionais é visível que a ideia de Mascarenhas da ausência da elite nos espaços de espetação atuais, porém de permanência estratégica dessa classe na presidência das principais equipes brasileiras persiste no Santos FC. De maneira direta ou indireta, a classe hegemônica cidadina comanda o clube desde 1912, atribuindo-lhe características dentro e fora das quatro linhas que lhe asseguram a manutenção desse poder político e cultural. Essas intencionalidades visam também à alienação da torcida sobre o processo de formação do

próprio clube, retirando qualquer intenção política em seu ato de fundação romantizando-o, tornando-o como mais um ato bem sucedido da cidade.

Na paisagem santista, o escudo do Santos FC é repetido através das camisetas, bandeiras e monumentos presentes tanto de maneira fixa quanto como vestimenta do cotidiano. A intencionalidade dessa repetição é a construção da relação identitária entre clube e cidade que funciona de maneira recíproca. No entanto, nada é mais repetitivo na paisagem santista senão as muretas. Esse símbolo está presente em diferentes pontos da cidade e em diferentes escalas: objetos em pequenas lojas de *souvenir*, grafia do nome de candidato à prefeitura municipal, logo de estabelecimentos, objetos de arte no Jardim da Orla, assim como a identidade da cidade no principal portal de notícias assim como da Mostra de Cinema municipal. A mureta é um símbolo exclusivo ao morador santista, uma relação subjetiva mais íntima do morador com sua cidade, ao contrário do clube dividido com milhões de torcedores Brasil afora. Em nossos campos, a impressão mais impactante foi subir as escadarias da prefeitura para notar que o mosaico do chão da Praça Mauá visto do alto tem o formato da mureta. Isso aponta a necessidade por parte do discurso hegemônico de reafirmar sempre sua territorialidade através desse símbolo e o sucesso absoluto dessa estratégia, pois foi incorporado ao gosto do munícipe a ponto de tornar-se tatuagem.

Os demais símbolos expressos na paisagem santista eram diversos e foi preciso entendê-los em conjunto de maneira metonímica. Assim, por exemplo, foram analisados os monumentos por toda a cidade, assim como o próprio porto e o estádio. Há uma escolha clara sobre essa produção simbólica: os personagens históricos do período colonial sempre remetiam aos colonizadores portugueses, como Padre Anchieta ou a membros da elite portuguesa local. No período do Brasil Independente, desde 1822 até a atualidade, a referência se faz às figuras públicas locais, todas da elite santista. O pouco que não se enquadrava a esse padrão eram romantizações, como o caso do monumento ao caíçara na Ponta da Praia. Pensando na estratégia utilizada pelos grupos opositores durante a votação do *impeachment* de José Carlos Peres, a partir da percepção que até mesmo as barracas de lanches próximas ao estádio apresentavam as muretas, não é insensato pensar na estratégia de usá-las como forma de comunicar uma ação desagradável por parte do presidente a todo munícipe do Santos, como se as ações do presidente não ferissem somente ao estatuto do clube senão a toda a cidade.

Sobre as intencionalidades de construção simbólica, é interessante notar essas ações visando essencializar e naturalizar padrões comportamentais, morais e de classe no Santos FC e na cidade em geral. No clube, a essencialização se dá a partir da naturalização do Santos FC como uma entidade vencedora por conta de sua localização histórica, capaz de levar o nome da cidade a todos os cantos do mundo. O estádio também se torna essencializado, pois supostamente qualquer adversário tem uma experiência de derrota iminente contra o Santos FC ali sem levar em consideração qualquer outro ponto objetivo senão o fato da partida ser realizada na Vila Belmiro. O estádio como essência se relaciona com a criação de mitos e toda a simbologia religiosa que o futebol consegue ter e o Santos FC tem isso significativamente por mandar seus jogos no mesmo endereço desde 1916, assim como ter grandes ídolos ligados a história do futebol masculino mundial como Pelé, Zito, Pepe, Coutinho, Carlos Alberto Torres, Gylmar, dentre outros.

O discurso hegemônico aponta o que se espera de um clube de futebol: apenas vitórias, grandes ídolos. Não se trata de uma visão de clube voltado às questões sociais ou que realmente esteja presente na vida da população de fato. Não há aqui uma negação da natureza competitiva de uma instituição como o Santos FC, porém o questionamento reside no ponto em que essa seja sua única natureza, especialmente porque quando é necessário o Santos FC é posto como algo de todos os cidadãos e a Vila Belmiro como algo a ser defendido por toda a cidade. Então não é irrisório pensar maneiras da população realmente se apropriar de seu clube de futebol, com ele assumindo um compromisso social de fato com sua comunidade urbana.

Sobre a questão de pertencimento do clube, foi sensível a produção de uma narrativa dicotômica entre o discurso da necessidade da modernização do estádio, sua completa alteração, visando à competitividade financeira que isso possa dar ao clube; e o discurso da Vila Belmiro como um templo religioso imutável. Ambos os discursos visaram alienar e tornar o debate sobre o clube e o próprio estádio árido em seu conteúdo social. Em primeiro lugar, a modernização é caminho à arenização, sendo a exclusão social evidente em termos de acesso ao campo de jogo. Em segundo lugar, a Vila Belmiro como essência dá um sentido atemporal ao estádio, assim como acrítico, como se toda a discussão sobre acessibilidade ou até mesmo sobre a quem pertence ao clube ficasse menor, pois religiosamente os problemas do clube se resolvem através de um “raio” ou qualquer milagre que possa acontecer.

Por sinal, essa essência dá margem aos discursos de tradição, pois o que se fez no passado romantizado do clube é a meta a ser feita no presente e no futuro para garantir um suposto resultado. Seria como uma receita infalível dentro de todos os percalços que o clube possa ter. Assim, ao contrário de um questionamento da história oficializada do clube e de sua tradição, há uma defesa inquestionável das mesmas. Defesa que muito à elite da cidade, pois as tradições e os valores postos no clube são de sua autoria e interesse, assim como favorecem figuras e famílias que historicamente se relacionam com o clube.

Na cidade de Santos, o discurso que visa dar uma essência à cidade vem no sentido de se atrelar um caráter próspero, de homogeneidade em toda sua área urbana, de viés tradicionalista e de primeira importância em todo o território nacional. Além disso, seu discurso sobre seu processo histórico visa apresentar uma cidade essencialmente cristã e que valoriza seus antepassados dos tempos da colonização portuguesa. As demais religiosidades, as autoconstruções nos morros e nas palafitas no estuário, as populações indígenas e a população negra, as escolas de samba e o passado combativo da classe trabalhadora santista simplesmente não entram nessa narrativa. Esse discurso aliena o cidadão santista do debate histórico de sua cidade e também naturaliza as contradições socioespaciais. Esse discurso tem como objetivo dificultar a percepção do munícipe sobre sua cidade e sua região através de uma narrativa oficial, tornando as contradições invisíveis, especialmente em uma cidade onde sua área central está separada paisagisticamente de sua própria periferia e das demais cidades de sua região metropolitana.

Essas essências e naturalizações influenciam no clube de futebol de modo a manter um debate sempre superficial sobre os próximos passos a serem dados no clube, silenciando qualquer iniciativa de democratização nos processos decisórios do clube, de acessibilidade aos espaços de espetação, ou de apropriação do espaço do clube por sua torcida. Tampouco, é posta a discussão sobre a interferência do Ministério Público sobre as localizações e dos torcedores organizados na parte interna da Vila Belmiro, assim como um debate cidadão sobre as torcidas e seu papel no clube. Esse silêncio sobre debates de democratização do clube possibilita o ecoar mais forte de discursos interessantes à elite econômica. Podemos citar a defesa da modificação no *status* jurídico do clube como organização sem fins lucrativos para uma empresa privada. Ao

invés de se pensar em maneiras de inserção social no clube, esse visaria apenas o lucro e o ganho esportivo sem qualquer possibilidade de interferência do torcedor.

Aliás, a disputa discursiva entre incentivos ao Santos ter o mando de seus jogos em São Paulo ou a manter-se em Santos mostrou-se permeada por interesses de especuladores e agentes imobiliários tanto na capital quanto no litoral. Até o presente momento, Vila Belmiro e Pacaembu deverão ter suas estruturas modificadas ao sabor da arenização, sendo passada à população e aos torcedores a justificativa de maior segurança, conforto, comodidade. Foi possível observar que nomes da política institucional como Gilberto Kassab, João Dória Jr. estão presentes na privatização do Pacaembu, com interesses objetivos para além da gestão pública. No caso de Santos, a posse do terreno é do clube, portanto os interesses em uma nova Vila Belmiro não se ligaram tão diretamente a quadros da gestão municipal. De toda forma, não há qualquer debate público sobre a validade e a necessidade dessas reformas e qual o resultado dessas operações a grande maioria da população da cidade e sua região, composta por uma classe assalariada que não atende aos requisitos ao consumo das grandes arenas.

Há um desdobramento possível a partir da discussão sobre acessibilidade e arenização a partir do questionamento da imagem ideal de torcedor construída pelos agentes econômicos e como a estrutura interna das arenas pode reafirmar essa imagem ideal e todo um padrão de consumo e comportamento. Analisar a estrutura física, a disposição das lojas, os cheiros, o tipo de público e a organização interna de uma arena podem render uma investigação interessante sobre como esses discursos podem se materializar e validar o quadro social apresentado dentro do estádio. Todos esses elementos são discutíveis pensando na acessibilidade a esses espaços “quasi-públicos”.

Outra reflexão importante é sobre as ligações tanto das torcidas organizadas quanto dos diretores do Santos com partidos da direita tradicional. Marcelo Teixeira (PSD) é o exemplo mais claro dessas relações, porém o apoio da principal organizada do clube em 2020 a candidatos ao cargo de vereador pelos partidos dos Democratas e PSDB aponta uma aproximação tanto de torcidas quanto dirigentes com o campo conservador da sociedade brasileira. Essa discussão auxilia na reflexão sobre a permeabilidade da ideologia hegemônica na cidade e no clube, pois é sintomático observar que não há ligação de dirigentes com partidos da esquerda institucional ou provenientes de grandes movimentos sociais. Essas relações se reforçam quanto Bruno

Covas, atual prefeito de São Paulo, e Caio França, filho do ex-governador Márcio França, circulam entre os diretores santistas. Além, claro, do fomento por parte da diretoria de José Carlos Peres a ida do presidente Jair Bolsonaro à Vila Belmiro.

Por fim, é interessante notar que a mobilização da paisagem na metrópole aos santistas é um grande desafio cotidiano, assim como uma maneira de se territorializar na cidade. Embora seja o time de menor torcida e cuja sede encontra-se no litoral, o torcedor do Santos FC utiliza de sua identidade de forma a criar uma sociabilidade com os demais torcedores da capital. A comunicação através de adereços corporais ou cânticos não visa somente o entendimento dentro do grupo composto por torcedores da mesma agremiação, pois a mobilização dos símbolos remetentes ao Peixe é uma forma de ser identificado e também de evocar o clube em meio a população da capital. Há uma demarcação, através da paisagem construída tanto individualmente quanto coletivamente durante os momentos de comemoração ou reuniões por conta de partidas com mando no Pacaembu.

Em Santos, o símbolo do clube remete a uma filiação local e clubística, pois há torcedores dos clubes paulistanos e essa alteridade existe em menor quantidade. Ali, a identidade relacionada ao clube é a majoritária e defende uma ideia que engloba todos os que vivem em Santos. Em São Paulo, a mobilização da paisagem se dá em condições materiais díspares, pois é a menor torcida dos ditos clubes grandes. Dessa forma, os torcedores santistas na capital têm de viver como a torcida minoritária, sendo que usar algo relacionado ao clube, realizar um encontro de torcedores ou assistir à partida diretamente do estádio são formas de reafirmar a existência de territorialidades santistas na cidade. Essa territorialidade pode ser ouvida através do *rap*, vista e sentida no transporte público em dias de jogos do clube, assim como carnavalizada durante os desfiles no Anhembi da Torcida Jovem. Ao contrário de Santos, onde há a captura desses símbolos pela elite da cidade, em São Paulo o que simboliza o Santos propriamente dito não tem tamanha potência, servindo apenas como vinculação a um esporte popular, interesses pontuais do mercado imobiliário ou candidatos que visem representar uma torcida organizada.

Conclui-se que a paisagem dos entornos da Vila Belmiro é dotada de sentidos e significados através da construção simbólica realizada. Essa construção produzida pela classe hegemônica local, coloca o clube e seu estádio como peças integrantes de um

discurso sobre essa classe e sobre a visão desta sobre a cidade de Santos. Assim, as disputas políticas do clube não fogem ao domínio da elite santista, sendo que as disputas entre grupos políticos hegemônicos têm como palco o clube, as ruas e a prefeitura da cidade. O mesmo pode ser dito sobre o futebol profissional em geral, uma vez que suas lógicas foram construídas através de discursos hegemônicos e intencionalidades hoje confluentes com a financeirização econômica e a competição exigente sempre de maior capital de investimento em jogadores, estrutura e propaganda. O clube de futebol é reflexo de sua sociedade, pois quem produz o espaço também produz o espetáculo e também a possibilidade de torcer e pertencer a um clube de futebol. Olhar a paisagem é observar profundamente a sociedade que a constrói com todas suas sociabilidades, festas e territorialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, A. Contribuição à geomorfologia do litoral paulista. In: BARTORELLI, A; GAUTTIERI, C; MATENSSO NETO, V; CARNEIRO, C; LISBOA, M. (org). **A Vida e a Obra de Aziz Nacib Ab'Saber**. São Paulo: Beca-Ball Edições, 2010, p.126-145;
- AGLIETTA, M. Segunda parte. Cap. IV – Concentración y centralización del capital. In: **Regulación y crisis del capitalismo**. 3ª EDIÇÃO. México: Veintiuno Editores, 1986;
- AGNEW, J. SCOTT, A., SOJA, E., STORPER, . Cidades-regiões globais. In: **Espaços e debates**. N 41, Ano XVII, p.11-25, 2001.
- AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Ed. Mauad, 2002. 2.ed;
- ALMEIDA, R. **Canários e condores: a configuração territorial do futebol no Brasil durante a Ditadura Militar (1964-1985)**. Trabalho de Graduação Individual em Geografia do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2017, 94f;
- ARAÚJO FILHO, J. R. A expansão urbana de Santos. In: AZEVEDO, A. **A Baixada Santista: Aspectos Geográficos–Volume III**. São Paulo: EDUSP –1964;
- AUGUSTIN, J. P.. **Espaces Urbains et pratiques sociales**. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 1988;
- BALE, J. The changing face of football: soccer and community. In: **Soccer and Society**, vol.1, n.1, p.91-101, 2000;
- _____. In the shadow of the stadium: football grounds as urban nuisances. In: **Geography**, vol. 75, n.4, 325-334, outubro de 1990;
- BERNARDINO, A. **Santos, um time dos céus**. São Paulo: Via Lettera, 2015.
- BERTONCELLO, V., VELHO, A., VERMELHO, S. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.41, n.4, p.863-881, out/dez.2015;
- BRAGUETO, Claudio R.; HÖFIG, Pedro. Considerações sobre geografia e futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. In: **Terra Plural**. Ponta Grossa: v.7, n.1, p.79-92, jun.2013;
- CAMPOS, F. A política no pódio: episódios de tensões e conflitos nos Jogos Olímpicos da Era Moderna. In: **Revista USP – Jogos Olímpicos: o que a universidade tem a dizer sobre o maior evento esportivo do planeta**. Superintendência de Comunicação Social da Universidade de São Paulo, nº93, 2012, p. 11-20;
- _____. MORAES, J.G. Como o Brasil entra em campo. In: **Revista de História: Dossiê História e Futebol**. Revista de História/ Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. N 163, julho/dezembro de 2010, p. 129-139;
- CAMPOS, H. **Polarização urbana, identidade territorial e futebol: a Zona da Mata e Juiz de Fora (MG) entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte**. Tese apresentada a FFLCH-USP para obtenção do título de Doutor em Geografia Humana. Orientador: Profa. Dra. Amália Inés Geraiges de Lemos. São Paulo: 2016;
- CANO, W.; GUIMARÃES NETO, L. A questão regional no Brasil: traços gerais de sua evolução histórica. Desarrollo regional, nuevos desafios. **Pensamiento Iberoamericano**, Economía Política, Madrid, Instituto de Cooperación Iberoamericana, nº 10, p. 167-184, 1986.
- CARREIRA, Andre. MELLO, A **rua, a luta e o lúdico: urbanização, trabalho e futebol na cidade de Santos (1892 - 1920)**. 2019. 170p. Tese de Doutorado – Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- CARVALHO, L. **Aquele tempo que passou: fragmentos de memória: Santos nas décadas de 40 e 50**. São Paulo: Scortecci, 2014;
- CARVALHO, M. Santos e a Geografia Humana do litoral paulista. 1944. 219 p. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1944.

- CASTRO, I. O problema da escala. In: _____, CORRÊA, Roberto L., GOMES, Paulo C da C (org). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, 8ª edição, 352 p.
- CHASE, James; HEALEY, Mick. The spatial externality effects of football matches and rock concerts: The case of Portman Road Stadium, Ipswich, Suffolk. In: **Applied Geography**. Vol. 15, Issue 1, jan. 1995, p. 18-24;
- CHESNAIS, F. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: CHESNAIS, F. (org.). **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências**. São Paulo: Boitempo, 2005b;
- CORRÊA, R.L. **Caminhos Paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- _____. Olhares geográficos modos de ver e viver o espaço. In: CASTRO, I., CORREA, R.L., GOMES, P.C. **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2012, p.7-18.
- COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: **Antípode – A Radical Journal Of Geography**. Worcester, n.15, 1983, p. 1-11;
- _____. Teaching geographical thought through student interviews. In: **Journal of Geography in High Education**, Vo.5, 1981, 19-22;
- _____; JACKSON, P. “*Novos Rumos da Geografia Cultural*”. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- COSTA, M. Os gramados do catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: DA SILVA, Francisco C. T. DOS SANTOS, Ricardo P. **Memória social dos esportes – Futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006;v. 2.p. 393-423;
- CUNHA, O. **O time dos sonhos: a história completa do Santos FC**, São Paulo: Editora Codex, 2003;
- _____. FERNANDES, M.L. **O maior espetáculo da Terra**. São Paulo: Editora Onze Cultural, 2018;
- _____. UNZELTE, C. **Santos: 100 anos, 100 jogos, 100 ídolos**. São Paulo: Ed. Gutenberg, 2012;
- DAMO, A. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998;
- DIEGUES, A. C (org). **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. São Paulo: NUPAUB/USP, CNPq, 1999;
- DOS SANTOS, J.R.B. **Santos Futebol Clube x o mundo**. Santos: Editora: Assecom, 2013;
- DOS SANTOS, D. **Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. - 2012.148;
- _____. Urnas e nos gramados – as eleições e o Campeonato Brasileiro durante a Ditadura Civil – Militar. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH)**. São Paulo: Julho de 2011;
- DOS SANTOS, R. P. Uma breve história social do esporte no Rio de Janeiro. In: DA SILVA, Francisco C. T. _____ **Memória social dos esportes – Futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006;
- DOWBOR, L. **A era do capital improdutivo: q nova arquitetura do poder: dominação financeira, seqüestro da democracia e a destruição do planeta**. São Paulo: autonomia literária, 2017;
- DUNNING, E. ELIAS, N. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL, 1985; _____.
- SHEARD, K. **Barbarians, gentlemen and players: a sociological study of the development of rugby football**. London: Routledge, 2005, 2ª edição;

- _____. ROJEK, C. **Sport and leisure in the civilizing process**: critique and counter-critique. Hong Kong: University of Toronto Press, 1993;
- _____. SHEARD, K. **Barbarians, Players and Gentlemen**: a sociological study of the development of rugby football. Nova Iorque: Routledge, 2005, 2ª edição;
- DUNCAN, J. Landscape taste as a symbol of group identity: a Westchester County village. In: **Geographical Review**, vol 63, n.3 (JUL), 1973, p.334-355;
- _____. O supraorgânico na geografia cultural americana. In: **Revista Espaço e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n.13, JAN/JUN, 2002, p.7-33;
- _____. DUNCAN, Nancy. The aestheticization of politics of landscape preservation. In: **Annals of Association of American Geography**. V.91, ano 2, 2001, p.387-409;
- DA MATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado do futebol brasileiro. In: **Revista USP**, n.22, 1994, p.10-17;
- _____. O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. BRANCO, S. (trad.). São Paulo: Editora Unesp, 2011;
- ELIAS, N. **The process of civilization**. JEPHCOTT, Ed. (trad. ing.). OXFORD: Blackwell Publishers, 1996, 3ª reimpressão;
- ENGELS, F. MARX, K. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1844-1846). São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, 1ª edição, 7ª reimpressão;
- FAVERO, P. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. Dissertação apresentada a FFLCH-USP para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana. Orientador: Prof. Dr. André R. Martin. São Paulo: 2009;
- FERNANDES, B.M. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, M., SPOSITO, E. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Consequência Editora, 2015, p.195-214;
- FINN, G. Football violence: a societal psychological perspective. In: _____; BONNEY, N; HEPWORTH, M. **Football, violence and social identity**. London: Routledge, 1994; p.90-127;
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014;
- _____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, 38ª edição;
- FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2010. 1.reimpr. 209p.;
- _____. A guerra do Santos: 50 anos de uma histórica guerra civil – partes I,II e III. **Portal Ludopédio**. São Paulo, 23 de janeiro de 2019. Disponível in sítio: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/a-guerra-do-santos-50-anos-de-uma-viagem-historica-a-guerra-civil-parte-iii/>, acesso em 20/03/2019.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007;
- FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Perfil Municipal**: Santos. Disponível em: <<http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/perfil>>. Acesso em 20/10/2019;
- GAFFNEY, C., MASCARENHAS, G.. The soccer stadium as a disciplinary space. In: **Esporte e Sociedade**, nº1, Nov/2005-Fev/2006, p.1-16, disponível em: <<http://www.lazer.cefd.ufrj.br/espsoc/>>. Acesso em 20/02/2017;
- _____. **Temples of earthbound gods**: stadiums in cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. Austin: University of Texas Press, 2008, 1st ed.;
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989;
- GIULIANOTTI, R. Social identity and public order: political and academic discourses on football violence. In: _____; BONNEY, N; HEPWORTH, M. **Football, violence and social identity**. London: Routledge, 1994; p.10-36;
- GONÇALVES, C. W. A invenção de novas geografias: a natureza e o homem novos paradigmas. In: BERTHA, B. SANTOS, M (orgs). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, 3ed

- GONÇALVES, G. **A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão em ruas da Penha**, 2011.160p. Dissertação de mestrado –Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011;
- _____. **A produção espetacular do espaço: as cidades como cenário da Copa do Mundo de 2014**. Tese para obtenção do título de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2016,170f;
- GRAMSCI, A. Volume 1: introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce. In: _____. **Cadernos do cárcere**. COUTINHO, C.N. (trad.). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- HARVEY, D. **Spaces of capital: towards a Critical Geography**. Edimburgo: Edinburgh University Press Ltd, 2001;
- _____. **Social Justice and the city**. London: Edward Arnold, 1973, 336p.;
- _____. **The enigma of capital**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010;
- HAESBAERT R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 400p;
- _____. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002, 186p;
- HOBBSBAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;
- _____. **Mundos do Trabalho**. São Paulo: Paz e Terra, 1987;
- HOLGADO, F.; TORINI, I. M. As paisagens e o futebol. In: **Revista de Geografia**. Juiz de Fora: PPGeo, v.2, nº1, 2012. Disponível em: <www.ufjf.br/revistageografia>. Acesso em 20/02/2017;
- HOLLANDA, B. Futebol, arte e política: a catarse na representação do torcedor. In: O&S, v.16, n.48, p.123-140, Janeiro/Março 2009;
- _____. **Torcidas organizadas de futebol: entre memória e história**. X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos: História e Política. Recife, abril de 2010;
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Santos**. Disponível in *sítio*: <http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/3548500>, visualizado em 20/12/2019;
- JACKSON, P. Geography and the cultural turn. In: **Scottish Geographical Magazine**. n. 113, ano 3, 1997, p.186-188;
- JATENE, C. **10 décadas: a história do Santos Futebol Clube**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2012;
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2016, 6ª Reimpressão;
- LENCIONI, S. **Metrópole, Metropolização e Regionalização**. São Paulo: Editora Consequência, 2017.
- LENIN, V. I. **O Estado e a revolução**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007;
- MASCARENHAS, G. **A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese (doutorado) – Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001;
- _____. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 256p.;
- _____. Futebol e modernidade: a geografia histórica de uma inovação. In: **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Año 3, Nº 10. Buenos Aires: Maio, 1998. Disponível in *sítio*: <http://www.efdeportes.com>;
- MEDEIROS, R.M. Território, espaço e identidade. In: SAQUET, M., SPOSITO, E. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Consequência Editora, 2015, p.215-226;
- MELLO, G. H. **Expansão e estrutura urbana de Santos (SP): aspectos da periferização, da deterioração, da intervenção urbana, da verticalização e da sociabilidade**. 2008. 206p. Dissertação de mestrado –Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008;

- MONBEIG, P. O surgimento da metrópole –Paisagens e problemas da metrópole. In: SZMRÉCSÁNYI, T. **História econômica da cidade de São Paulo**. São Paulo: Ed. Globo, 2004, p.15-115);
- _____. O crescimento da cidade de São Paulo. SZMRÉCSÁNYI, T(org). **História econômica da cidade de São Paulo**. São Paulo: Ed. Globo, p. 14-115, 2004.
- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE DE SANTOS. Conheça Santos. Disponível in sítio: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=hotsite/conheca-santos>, acesso em 24/01/2020a
- _____. Santos FC homenageia a cidade na estreia do Paulistão. Santos: 21 de janeiro de 2020. <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/santos-fc-homenageia-a-cidade-na-estreia-do-paulistao>, acesso em 25/01/2020b.
- NASCIMENTO, G. **Almanaque do Santos FC: 1912-2012**. São Paulo: Magma Cultural e Editora, 2012;
- PEIRCE, C. **Semiótica**. COELHO NETO, J. (trad.) São Paulo: Editora Perspectiva, 2010, 4ed., 3ª edição;
- PETRONE, P. Santos nos séculos XVIII e XIX. In: AZEVEDO, A. **A Baixada Santista: Aspectos Geográficos–Volume III**. São Paulo: EDUSP –1964;
- PIMENTEL, L. **Santos desde menino**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2012.
- PRONI, F., ZAIA F. **Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado**. In: RIBEIRO, L. (org) Futebol e Globalização. Jundiaí: Editora Fontoura, 2007;
- RAFFESTIN. C. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993;
- REZENDE, A. **Estudo sobre as decisões identificadas na gestão de contratos de jogadores de futebol: o caso do Clube Atlético Paranaense**. Dissertação apresentada a FEA-USP para obtenção do título de Mestre em Contabilidade. Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Pereira. São Paulo: 2004;
- ROSS, J (org). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2001;
- SACK, Robert. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986;
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2014, 4 ed, 8 reimpr.;
- _____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2005;
- _____. **Economia espacial: críticas e alternativas**. 2.ed., 2.reimpr. São Paulo: Edusp, 2011.
- _____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. 2.ed., 2.reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Coleção Espaços, Nobel, 1987;
- _____. **Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 6ª. Edição, 2001;
- _____. SILVA, M.L. **O Brasil: território e sociedade no século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 18ª Ed., 2014;
- SARMENTO, C. E. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF** /Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 176 f;
- SAQUET, M.A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M., SPOSITO, E. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Consequência Editora, 2015, p.69-91;
- SCHIMMEL, Kimberly. Sports matters: urban regimetheory and regeneration. In: **Sports in the city: the role of the sport in economic and social regeneration**. Ed. 1., Cap. 14. Routlege, p.259,277, 2001,;
- SERPA, A. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: Editora Contexto, 2ed, 2017;
- SERRA, O. **O simbolismo da cultura**. Salvador: EDUFBA, 2019, 2ed. rev. e aum.;
- SILVA, M. **O Brasil nas Copas**. São Paulo: Editora Alameda, 2010.

- SOUZA, M. J.L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de., CORRÊA, Roberto L., GOMES, Paulo C da C (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, 8ª edição, 352 p.
- STANISLAWSKI, D. **Origem e Difusão da Cidade Em Tabuleiro de Xadrez**. In: CÔRREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (org.). **Cultura, Espaço e o Urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006;
- TAVARES, R. A **“Moscovizinha” brasileira**: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2007;
- TEIXEIRA, M. **Das arquibancadas à presidência**: 2002. Santos: Editora Unisanta, 2018;
- TIEPPO, L. **Burger King inaugura loja dentro do Allianz Parque**. In *sítio*: <<http://torcedores.uol.com.br/noticias/2015/08/burger-king-inaugura-restaurant-dentro-do-allianz-parque>>, visto em 20/09/2017;
- TOLEDO, L. H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2000;
- _____. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996;
- _____. Torcer: a metafísica do homem comum. In: **Revista de História: Dossiê História e Futebol**. Revista de História/ Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. N 163, julho/dezembro de 2010, p. 175-190;
- TORERO, J. **Santos**: dicionário santista. São Paulo: Editora Ediouro, 2005;
- VALVERDE, R. Transformações no conceito de território: competição e mobilidade na cidade. In: **Revista GeoUSP – Espaço e Tempo**. São Paulo: nº15, pp 119-126, 2004;
- WILLIAMS, R. **Cultura**. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, 1992;
- YORKSHIRE POLICE DEPT. **Interim report**: The Hillsborough stadium disaster, April 15th 1989. London: Her Majesty's Stationary Office, 1989.

Artigos de revistas e sítios na Internet

- BARROS, M. Santos lidera ranking das melhores cidades brasileiras; Duque de Caixas é a pior entre cem analisadas. **Revista Veja**, Cidades sem Fronteiras. São Paulo, 8 de dezembro de 2015. Disponível *in* sítio: <https://veja.abril.com.br/blog/cidades-sem-fronteiras/santos-lidera-ranking-das-melhores-cidades-brasileiras-duque-de-caixas-e-a-pior-entre-cem-analisadas/>, acesso em 20/01/2019;
- Bloqueios na Vila Belmiro têm início hoje. **Jornal A Tribuna**. Sessão Santos. Santos: 08 de setembro de 2019. Disponível *in* sítio: <https://www.atribuna.com.br/cidades/santos/bloqueios-em-dias-de-jogos-na-vila-belmiro-t%C3%AAm-in%C3%ADcio-hoje-1.66582>, acesso em 10/09/2019.
- CANHEDO, A. Conselheiros protocolam novo pedido de impeachment de Peres no Santos. **Jornal Lance!** São Paulo, 13 de junho de 2018. Disponível *in* sítio https://www.terra.com.br/esportes/lance/conselheiros-protocolam-novo-pedido-de-impeachment-de-per-es-no-santos,a6d3929aa8abd7c1bcc7cc_0b164d1d7dijnz94_lvc.html, acesso em 05/05/2019.
- CARVALHO, S. Santos espera Sampaoli no domingo e tem dois planos para apresentar técnico. **Portal UOL**. Sessão UOL Esportes. São Paulo: 14 de dezembro de 2018. Disponível *in* sítio: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2018/12/14/santos-espera-sampaoli-no-domingo-e-tem-dois-planos-para-apresentar-tecnico.htm?cpVersion=instant-article>, acesso em 05/09/2019.
- Consórcio administrador do Pacaembu tenta fazer estádio dar lucro. **Revista ISTOÉ**. São Paulo: 25 de janeiro de 2020. Disponível *in* sítio: <https://istoe.com.br/consorcio-administrador-do-pacaembu-tenta-fazer-estadio-dar-lucro/>, acesso em 01/03/2020.
- CUNHA, O. O de maior história e maior torcida. **Santos FC**. Santos: 07 de dezembro de 2019. Disponível *in* sítio: <https://www.santosfc.com.br/o-de-maior-historia-e-o-de-maior-torcida/>, acesso em 10/01/2020

- Desenho das Muretas de Santos tornou-se símbolo da cidade. TV Tribuna, Santos, 01/01/2014. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/sp/tvtribuna/noticia/2014/01/desenho-das-muretas-de-santos-tornou-se-cimbolo-da-cidade.html>. Visualizado em 20/11/2018.
- DIAS, R. SAUEIA, L. Nova arena: Santos apresenta projeto e espera faturamento de R\$ 70 mi. **Portal Lancenet!**. Sessão Santos FC. São Paulo e Santos: 23 de agosto de 2016. Disponível in sítio: <https://www.lance.com.br/santos/nova-arena-apresenta-projeto-espera-faturamento.html>, acesso em 02/02/2019.
- Eleições Santos FC. **Globoesporte.com**. Sessão Santos e Região. Santos: 05 de janeiro de 2018. Disponível in sítio: <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/ao-vivo/eleicoes-santos-fc-2017.ghtml>, acesso em 20/02/2020.
- FARIAS, B. **Diário do Litoral**. Sessão Santos. Santos: 03/02/2019. Disponível in sítio: <https://www.diariodolitoral.com.br/santos/santos-e-o-bonde-um-passeio-pela-historia/122418/>), acesso em 03/02/2019.
- FERRARI, C.A. Santos lança uniforme azul: nova camisa é homenagem à fundação do clube em 1912. **Globoesporte.com**. Sessão Santos FC, 03/03/2008. Disponível in sítio: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Santos/0,,MUL335073-4404,00.html>, acesso em 01/09/2019;
- FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS. **Monumento do Peixe**. Santos, data indisponível. Disponível em: <http://www.fundasantos.org.br/xvicba/page.php?22>. Visualizado em 10/11/2019.
- GIUFRIDA, B. CEO de construtora explica projeto de arena para o Santos: "É uma verdade, não só um vídeo". **Globoesporte.com**. Sessão Santos FC. Santos: 01 de outubro de 2020. Disponível in sítio: <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/noticias-santos-entrevista-ceo-arena-santos-video.ghtml>, acesso em 10/10/2020.
- Grêmio assina com OAS projeto para construção da Arena. **Zero Hora**. Disponível in sítio: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/qualidade-de-vida-sc/19,0,2340370,Gremio-assina-com-OAS-projeto-para-construcao-da-Arena.html>, acesso em 01/12/2019.
- Grupo de chineses levanta suspeita da oposição do Santos e deixa fila de votação. **Globoesporte.com**. Sessão Santos FC. Santos: 09 de dezembro de 2017. Disponível in sítio: <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/grupo-de-chineses-levanta-suspeita-da-oposicao-do-santos-e-deixa-fila-de-votacao.ghtml>, acesso em 05/12/2019.
- HERBERT, Wilson; MANIAUDET, Guilherme; SILVA, Leandro. Veja o ranking de média de público dos 128 clubes das Séries A, B, C e D. **Globoesporte.com**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/numerologos/noticia/2016/12/veja-o-ranking-de-media-de-publico-dos-128-clubes-das-series-b-c-e-d.html>>. Acesso em: 01/03/2017;
- Hillsborough: investigação inocenta torcedores, sessão de esportes. **Deutsche Welle**. São Paulo, 26/04/2016. Disponível in sítio: <https://www.dw.com/pt-br/hillsborough-investiga%C3%A7%C3%A3o-inocenta-torcedores/a-19215737>, acesso em 10/12/2018.
- LAVIEIRI, D. MIRANDA, L. Cinco anos de Allianz Parque. **Portal UOL**. Sessão UOL Esporte. São Paulo: 19 de novembro de 2019. Disponível in sítio: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/cinco-anos-do-allianz-parque/#tematico-3>, acesso em 05/12/2019.
- LUAN, Douglas. Mais de um terço dos moradores da Baixada torce para o Santos FC, diz pesquisa. **Boqueirão News**. Santos, 14 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://www.boqnews.com/esportes/mais-de-um-terco-dos-moradores-da-baixada-torcempara-osantosfc/>>. Acesso em 20/02/2017;

Medida da Fifa faz com que comércio perto dos estádios da Copa deixe de lucrar. **Portal UOL**. Sessão UOL Esportes. São Paulo: 14 de novembro de 2011. Disponível *in* sítio: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/11/14/medida-da-fifa-faz-com-que-comercio-perto-dos-estadios-da-copa-deixe-de-lucrar.htm>, acesso em 05/10/2019.

PEREIRA, Mauro C. Em São Paulo, Corinthians tem mais torcida que São Paulo e Palmeiras juntos. Fla é o 5º. São Paulo, ESPN, 09/10/2012. Disponível em: http://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/286264_ESPNem-sp-corinthians-tem-mais-torcida-que-sao-paulo-e-palmeiras-juntos-fla-e-o-5-BR. Acesso em 05/05/2020

Peres declara guerra a seu vice, Orlando Rollo. **Diário do Peixe**. Santos: 12 de dezembro de 2018. Disponível *in* sítio: <https://www.diariodopeixe.com.br/noticias/peres-declara-guerra-aberta-a-seu-vice-orlando-rollo/>, acesso em 05/03/2019.

Peres promete cordialidade na provável volta de Rollo ao Santos. **Portal Terra**. Disponível *in* sítio: <https://www.terra.com.br/esportes/santos/peres-promete-cordialidade-na-provavel-volta-de-rollo-ao-santos,6ffc9c3fe9ed971f1a6f55d4aad0bb5vg4f9f67.html>, acesso em 01/09/2019.

PIRES, Orion. Moradores tatuam símbolos da cidade para demonstrar amor por Santos (SP). Portal G1, Santos, 26/01/2016. Seção “Santos e Região”. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/01/moradores-tatuam-simbolos-da-cidade-para-demonstrar-amor-por-santos-sp.html>. Visualizado em 20/11/2018.

Presidente do Santos Critica Vila Belmiro “Estádio puxadinho. Eu vou para lá e fico angustiado”. **ESPN**. Sessão Santos. São Paulo, 18/05/2018, Disponível em: http://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/4317791/presidente-do-santos-critica-vila-belmiro-estadio-puxadinho-eu-vou-para-la-e-fico-angustiado. Visualizado em 10/10/2018.

RATTON, C. Conselheiros protocolam pedido de impeachment de José Carlos Peres. **Diário do Litoral**. Últimas Notícias. Santos: 18 de junho de 2018. Disponível *in* sítio: <http://m.diariodolitoral.com.br/esportes/conselheiros-protocolam-pedido-de-impeachment-de-jose-carlos-peres/113975/>, acesso em 07/11/2018.

REZENDE, Y. Clássicos no estado terão torcida única até o final desse ano. **Globoesporte.com**, sessão de Futebol. São Paulo: 04/04/2016. Disponível *in* sítio: <http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/04/classicos-em-sao-paulo-terao-torcida-unica-ate-o-fim-deste-ano.html>, acesso em 01/02/2018;

SAAD, F. Dicionário de gírias santistas. **Juicy Santos**. Sessão Nostalgia Santista. Santos, 10/10/2012. Disponível *in* sítio: <https://www.juicysantos.com.br/vida-013/nostalgia-santista/dicionario-de-girias-santistas/>, acesso em 05/01/2018;

SILVA, V. Tomie Ohtake e o Monumento do Emissário Submarino. **Juicy Santos**. Sessão O que fazer em Santos. Santos, 12 de fevereiro de 2015. Disponível *in* sítio: <https://www.juicysantos.com.br/diversao/o-que-fazer-em-santos/tomie-ohtake-e-o-monumento-do-emissario-submarino/>, acesso em 16/12/2019

Segundo pesquisa Datafolha um em cada cinco brasileiros é torcedor do Flamengo. **Globoesporte.com**. Sessão Futebol. São Paulo: 17 de setembro de 2019. Disponível *in* sítio: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/segundo-pesquisa-datafolha-um-em-cada-cinco-brasileiros-e-torcedor-do-flamengo.ghtml>, acesso em 20/10/2019.

Torcida do Santos derruba muro e interrompe obra na Vila Belmiro. **Folha de São Paulo**. São Paulo: sessão de esporte, 10/01/2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/1213096-torcida-do-santos-derruba-muro-e-interrompe-obra-na-vila-belmiro.shtml>, acesso em 10/10/2018;

TRASKINI, E. Sampaoli pede, Peres cede e Santos terá mais jogos na Vila Belmiro. **Portal UOL**. Sessão UOL Esportes. São Paulo: 10 de julho de 2019. Disponível *in* sítio: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/07/10/sampaoli-pede-peres-cede-e-santos-tera-mais-jogos-na-vila-belmiro.htm>, acesso em 15/10/2019.

VALIM, E. “Ao lado de Peres, prefeito de Santos promete apoio irrestrito para retrofit na Vila Belmiro”. **Globoesporte.com**. Sessão Santos FC. Santos: 21 de janeiro de 2020. Disponível *in* sítio: <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e->

regiao/futebol/times/santos/noticia/ao-lado-de-peres-prefeito-de-santos-promete-apoio-irrestrito-para-retrofit-na-vila-belmiro.ghml, acesso em 05/02/2020 .

VECCHIOLI, D. Conheça a rede de empresas que ganhou a concessão do Pacaembu. Portal UOL. Blog “Olhar Olímpico”. São Paulo, 22 de outubro de 2019. Disponível *in* sítio: <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2019/10/22/conheca-a-rede-de-empresas-que-ganhou-a-concessao-do-pacaembu/>, acesso em 25/10/2019.

Um após Modesto negar, Marcelo Teixeira revla empréstimo ao Santos. **GazetaPress.net**. Sessão Santos FC. São Paulo: 23 de janeiro de 2015. Disponível *in* sítio: <https://www.gazetaesportiva.com/times/santos/um-dia-apos-modesto-negar-marcelo-teixeira-revela-emprestimo-ao-santos/>, acesso em 07 de julho de 2020.

Postagens em redes sociais

AUGUSTO, S. Postagem antes do clássico Santos e São Paulo. Santos, 15 de agosto de 2017. Facebook: Santos Futebol Clube.

COELHO, F. Post sobre a partida Santos x Ponte Preta. Santos, 7 de abril de 2017. Facebook: Santos Futebol Clube.

CARVALHO, F. Postagem antes do clássico Santos e Corinthians. Santos 30 de março de 2018. Facebook: Santos Futebol Clube.

DAN, D. Postagem antes do clássico Santos e Palmeiras. Santos, 29 de fevereiro de 2020. Facebook: Santos Futebol Clube.

FONTOURA, M. Postagem antes do clássico Santos e São Paulo. Santos, 15 de agosto de 2017. Facebook: Santos Futebol Clube.

GABRIELLI, M. Postagem antes do clássico Santos e Corinthians. Santos 30 de março de 2018. Facebook: Santos Futebol Clube.

GOMEZ, V. Anúncio das vendas de ingressos para Santos x Ponte Preta. Santos, 2 de abril de 2017. Facebook: Santos Futebol Clube.

GOUVEIA, L. Post sobre a partida Santos x Ponte Preta. Santos, 7 de abril de 2017. Facebook: Santos Futebol Clube.

LEDGER, R. Post sobre a partida Santos x Ponte Preta. Santos, 7 de abril de 2017. Facebook: Santos Futebol Clube.

LIMA, Carlos Alberto de. Anúncio das vendas de ingressos para Santos x Ponte Preta. Santos, 2 de abril de 2017. Facebook: Santos Futebol Clube.

MARCUSSO, N. Anúncio das vendas de ingressos para Santos x Ponte Preta. Santos, 2 de abril de 2017. Facebook: Santos Futebol Clube.

PASQUARELLI, B. Anúncio das vendas de ingressos para Santos x Ponte Preta. Santos, 2 de abril de 2017. Facebook: Santos Futebol Clube.

RODRIGUES, J. Postagem antes do clássico Santos e Palmeiras. Santos, 29 de fevereiro de 2020. Facebook: Santos Futebol Clube.